



Class PQ9198

Book A2

1868  
copy 2





26

J 2330  

---

4374

OS

# LUSIADAS

POEMA EPICO

20

LESIADAS

JOHN ELIOT





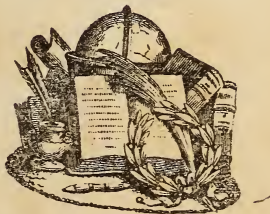


OS  
LUSIADAS

POEMA EPICO  
DE LUIZ DE CAMÕES

NOVA EDIÇÃO  
PARA USO DAS ESCOLAS

FEITA DEBAIXO DAS VISTAS DA MAIS ACCURADA CRITICA  
EM PRESENÇA DAS DUAS EDIÇÕES PRIMORDIAES  
E DAS POSTERIORES DE MAIOR CREDITO E REPUTAÇÃO



**RIO DE JANEIRO**

Em casa dos Editores

**EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT**

68, Rua do Ouvidor, 68

1868

*Copy 2*

PQ 9198  
A2  
1868  
COPY 2

387270

'29

AMK 16 F 34

# OS LUSIADAS



CANTO I



# OS LUSIADAS



## CANTO PRIMEIRO

---

### I

As armas, e os Barões assignalados,  
Que da occidental praia Lusitana  
Por mares nunca d'antes navegados  
Passarão ainda além da Taprobana,  
Em perigos, e guerras esforçados  
Mais, do que prometia a força humana:  
E entre gente remota edificarão  
Novo reino, que tanto sublimarão:

### II

E tambem as memorias gloriosas  
Daquelles Reis, que forão dilatando  
A Fé, o imperio; e as terras viciosas  
De Africa, e de Asia andarão devastando:  
E aquelles, que por obras valerosas  
Se vão da lei da morte libertando:  
Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

## III

Cessem do sabio Grego, e do Troiano  
As navegações grandes, que fizerão:  
Cale-se de Alexandre, e de Trajano  
A fama das victorias, que tiverão;  
Que eu canto o peito illustre Lusitano,  
A quem Neptuno, e Marte obedecêrão:  
Cesse tudo o que a Musa antiqua canta;  
Que outro valor mais alto se alevanta.

## IV

E vós, Tagides minhas, pois creado  
Tendes em mi um novo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde celebrado  
Foi de mi vosso rio alegremente:  
Dai-me agora um som alto, e sublimado,  
Um estylo grandiloquo, e corrente;  
Porque de vossas aguas Phebo ordene,  
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

## V

Dai-me uma furia grande, e sonora,  
E não de agreste avena, ou frauta ruda;  
Mas de tuba canora, e bellicosa,  
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:  
Dai-me igual Canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que Marte tanto ajuda;  
Que se espalhe, e se cante no Universo:  
Se tão sublime preço cabe em verso.

## VI

E vós, ó bem nascida segurança  
Da Lusitana antiga liberdade,  
E não menos certissima esperança  
De augmento da pequena Christandade :  
Vós, ó novo temor da Maura lança ,  
Maravilha fatal da nossa idade ,  
Dada ao mundo por Deos , que todo o mande ;  
Para do mundo a Deos dar parte grande :

## VII

Vós, tenro e novo ramo florescente  
De uma arvore de Christo mais amada ,  
Que nenhuma nascida no Occidente ,  
Cesárea , ou Christianissima chamada :  
Vêde-o no vosso escudo , que presente  
Vos amostra a victoria já passada ,  
Na qual vos deu por armas, e deixou  
As que elle para si na cruz tomou :

## VIII

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio  
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro ,  
Vê-o tambem no meio do hemispherio ,  
E, quando desce, o deixa derradeiro :  
Vós, que esperamos jugo, e vituperio  
Do torpe Ismaelita cavalleiro ,  
Do Turco oriental, e do Gentio ,  
Que inda bebe o licôr do santo Rio :

## IX

Inclinaí por um pouco a magestade,  
 Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
 Que já se mostra, qual na inteira idade,  
 Quando subindo ireis ao eterno templo.  
 Os olhos da Real benignidade  
 Ponde no chão: vereis um novo exemplo  
 De amor dos patrios feitos valerosos,  
 Em versos divulgado numerosos.

## X

Vereis amor da patria, não movido  
 De premio vil, mas alto, e quasi eterno;  
 Que não é premio vil ser conhecido  
 Por um pregão do ninho meu paterno.  
 Ouvi: vereis o nome engrandecido  
 Daquelles, de quem sois senhor superno:  
 E julgareis, qual é mais excellente,  
 Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

## XI

Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,  
 Phantasticas, fingidas, mentirosas,  
 Lvouar os vossos, como nas estranhas  
 Musas, de engrandecer-se desejosas:  
 As verdadeiras vossas são tamanhas,  
 Que excedem as sonhadas, fabulosas,  
 Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,  
 E Orlando, inda que fôra verdadeiro.



## XII

Por estes vos darei um Nuno fero ,  
Que fez ao Rei , e ao reino tal serviço :  
Um Egas, e um Dom Fuas, que de Homero  
A cithara para elle só cobiço.  
Pois pelos doze pares, dar-vos quero  
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço:  
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama ,  
Que para si de Eneas toma a fama.

## XIII

Pois se, a troco de Carlos Rei de França,  
Ou de Cesar, quereis igual memoria ,  
Vêde o primeiro Affonso , cuja lança  
Escura faz qualquer estranha gloria :  
E aquelle , que a seu reino a segurança  
Deixou co'a grande , e prospera victoria :  
Outro Joanne invicto cavalleiro ,  
O quarto e quinto Affonsos, e o terceiro.

## XIV

Nem deixaráõ meus versos esquecidos  
Aquelles, que nos reinos lá da Aurora  
Se fizerão por armas tão subidos ,  
Vossa bandeira sempre vencedora :  
Um Pacheco fortissimo , e os temidos  
Almeidas , por quem sempre o Tejo chora :  
Albuquerque terribil , Castro Forte,  
E outros, em quem poder não teve a morte.

## XV

E enquanto eu estes canto, e a vós não posso,  
Sublime Rei; que não me atrevo a tanto,  
Tomai as rédeas vós do reino vosso,  
Dareis materia a nunca ouvido canto:  
Comecem a sentir o peso grosso  
(Que pelo mundo todo faça espanto)  
De exercitos, e feitos singulares  
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

## XVI

Em vós os olhos tem o Mouro frio,  
Em quem vê seu exicio afigurado:  
Só com vos ver o barbaro Gentio  
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:  
Tethys todo o ceruleo senhorio  
Tem para vós por dote aparelhado;  
Que, affeioada ao gesto bello, e tenro,  
Deseja de comprar-vos para genro.

## XVII

Em vós se vem da Olympica morada  
Dos dous Avós as almas cá famosas,  
Uma na paz angelica dourada,  
Outra pelas batalhas sanguinosas:  
Em vós esperão ver-se renovada  
Sua memoria, e obras valerosas,  
E lá vos tem lugar no fim da idade  
No templo da suprema eternidade.

## XVIII

Mas enquanto este tempo passa lento  
De regerdes os povos que o desejão,  
Dai vós favor ao novo atrevimento;  
Para que estes meus versos vossos sejam:  
E vereis ir cortando o salso argento  
Os vossos Argonautas; porque vejão,  
Que são vistos de vós no mar irado:  
E costumai-vos já a ser invocado.

## XIX

Já no largo Oceano navegavão,  
As inquietas ondas apartando,  
Os ventos brandamente respiravão,  
Das náos as velas concavas inchando:  
Da branca escuma os mares se mostravão  
Cobertos, onde as prôas vão cortando  
As maritimas aguas consagradas,  
Que do gado de Próteo são cortadas.

## XX

Quando os deoses no Olympo luminoso,  
Onde o governo está da humana gente,  
Se ajuntão em concilio glorioso  
Sobre as cousas futuras do Oriente:  
Pisando o crystallino céo formoso,  
Vem pela via lactea juntamente,  
Convocados da parte do Tonante  
Pelo neto gentil do velho Atlante.

## XXI

Deixão dos sete céos o regimento,  
Que do poder mais alto lhe foi dado,  
Alto poder que só co'o pensamento  
Governa o céu, a terra, e o mar irado:  
Alli se achárão juntos n'um momento  
Os que habitão o Arcturo congelado,  
E os que o Austro tem, e as partes, onde  
A aurora nasce, e o claro sol se esconde.

## XXII

Estava o padre alli sublime, e dino,  
Que vibra os feros raios de Vulcano,  
N'um assento de estrellas crystallino,  
Com gesto alto, sevêro e soberano:  
Do rosto respirava um ar divino,  
Que divino tornára um corpo humano,  
Com uma corôa e sceptro rutilante  
De outra pedra mais clara que diamante.

## XXIII

Em luzentes assentos, marchetados  
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam  
Os outros deoses todos assentados,  
Como a razão e a ordem concertavão:  
Precedem os antiguos mais honrados,  
Mais abaixo os menores se assentavão:  
Quando Jupiter alto assim dizendo,  
C'um tom de voz começa grave e horrendo.

## XXIV

Eternos moradores do luzente  
Estellifero pólo e claro assento,  
Se do grande valor da forte gente  
De Luso não perdeis o pensamento,  
Deveis de ter sabido claramente,  
Como é dos fados grandes certo intento,  
Que por ella se esqueção os humanos  
De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos.

## XXV

Já lhe foi, bem o vistes, concedido  
C'um poder tão singelo e tão pequeno  
Tomar ao Mouro forte e guarnecido  
Toda a terra que rega o Tejo ameno:  
Pois contra o Castelhana tão temido  
Sempre alcançou favor do céo sereno:  
Assim que sempre emfim com fama e gloria  
Teve os trophéos pendentes da victoria.

## XXVI

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,  
Que co'a gente de Romulo alcançarão,  
Quando com Viriáto na inimiga  
Guerra romana tanto se afamárão:  
Tambem deixo a memoria que os obriga  
A grande nome, quando alevantárão  
Um por seu capitão que peregrino  
Fingio na Cerva espirito divino.

## XXVII

Agora vêdes bem que commettendo  
O duvidoso mar n'um lenho leve  
Por vias nunca usadas, não temendo  
De Africo e Noto a força, a mais se atreve:  
Que, havendo tanto já que as partes vendo,  
Onde o dia é comprido, e onde breve,  
Inclinão seu proposito e porfia,  
A ver os berços onde nasce o dia.

## XXVIII

Promettido lhe está do Fado eterno,  
Cuja alta lei não póde ser quebrada,  
Que tenham longos tempos o governo  
Do mar que vê do sol a rôxa entrada:  
Nas aguas tem passado o duro inverno,  
A gente vem perdida e trabalhada;  
Já parece bem feito que lhe seja  
Mostrada a nova terra, que deseja.

## XXIX

E porque, como vistes, tem passados  
Na viagem tão asperos perigos,  
Tantos climas e céos experimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos:  
Que sejam, determino, agasalhados  
Nesta costa africana, como amigos,  
E, tendo guarneçada a lassa frota,  
Tornaráõ a seguir sua longa rota.

## XXX

Estas palavras Jupiter dizia :  
Quando os deoses, por ordem respondendo,  
Na sentença um do outro differia,  
Razões diversas dando e recebendo.  
O padre Baccho alli não consentia  
No que Jupiter disse ; conheçendo  
Que esquecerão seus feitos no Oriente,  
Se lá passar a Lusitana gente.

## XXXI

Ouvido tinha aos fados que viria  
Uma gente fortissima de Hespanha  
Pelo mar alto, a qual sujeitaria  
Da India tudo quanto Doris banha :  
E com novas victorias venceria  
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha :  
Altamente lhe dóe perder a gloria,  
De que Nysa célebra inda a memoria.

## XXXII

Vê que já teve o Indo subjugado,  
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,  
Por vencedor da India ser cantado  
De quantos bebem a agua do Parnaso :  
Teme agora que seja sepultado  
Seu tão célebre nome em negro vaso  
Da agua do esquecimento, se lá chegão  
Os fortes Portuguezes que navegão.

## XXXIII

Sustentava contra elle Venus bella,  
Afeiçãoada á gente Lusitana  
Por quantas qualidades via nella  
Da antigua tão amada sua Romana :  
Nos fortes corações, na grande estrella,  
Que mostrarão na terra Tingitana :  
E na lingua, na qual quando imagina,  
Com pouca corrupção crê que é latina.

## XXXIV

Estas causas movião Cytherea,  
E mais, porque das Parcas claro entende,  
Que ha de ser celebrada a clara dea,  
Onde a gente belligera se estende.  
Assi que, um pela infamia que arrecêa,  
E o outro pelas que pretende,  
Debatem, e na porfia permanecem :  
A qualquer seus amigos favorecem.

## XXXV

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,  
De sylvestre arvoredos abastecida,  
Rompendo os ramos vão da mata escura  
Com impeto e braveza desmedida,  
Brama toda a montanha, o som murmura,  
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida :  
Tal andava o tumulto levantado,  
Entre os deoses no Olympto consagrado.



## XXXVI

Mas Marte, que da deosa sustentava  
Entre todas as partes em porfia,  
Ou porque o amor antigo o obrigava,  
Ou porque a gente forte o merecia ;  
De entre os deoses em pé se levantava :  
Merencorio no gesto parecia :  
O forte escudo ao collo pendurado  
Deitando para traz, medonho irado :

## XXXVII

A viseira do elmo de diamante  
Alevantando um pouco, mui seguro  
Por dar seu parecer se pôz diante  
De Jupiter, armado, forte e duro:  
E dando uma pancada penetrante  
Co' o conto do bastão no sólio puro,  
O céu tremeu, e Apollo de torvado  
Um pouco a luz perdeu, como enfiado.

## XXXVIII

E disse assi: O' padre, a cujo imperio  
Tudo aquillo obedece que creaste,  
Se esta gente que busca outro hemispherio,  
Cuja valia e obras tanto amaste,  
Não queres que padeção vituperio,  
Como ha já tanto tempo que ordenaste,  
Não ouças mais, pois és juiz direito,  
Razões de quem parece que é suspeito :

## XXXIX

Que, se aqui a razão se não mostrasse  
 Vencida do temor demasiado,  
 Bem fôra que Baccho os sustentasse;  
 Pois que de Luso vem, seu tão privado:  
 Mas esta tenção sua agora passe,  
 Porque emfim vem de estomago damnado;  
 Que nunca tirará alheia inveja  
 O bem que outrem merece, e o céo deseja.

## XL

E tu, padre de grande fortaleza,  
 Da determinação que tens tomada,  
 Não tornes por detraz; pois é fraqueza  
 Desistir-se da cousa começada.  
 Mercurio, pois excede em ligeireza  
 Ao vento leve e á setta bem talhada,  
 Lhe vá mostrar a terra onde se informe  
 Da India, e onde a gente se reforme.

## XLI

Como isto disse, o padre poderoso,  
 A cabeça inclinando, consentio  
 No que disse Mavorte valeroso,  
 E nectar sobre todos esparzio.  
 Pelo caminho Lacteo glorioso  
 Logo cada um dos deoses se partio,  
 Fazendo seus reaes acatamentos,  
 Para os determinados aposentos.

## XLII

Emquanto isto se passa na formosa  
Casa etherea do Olympo omnipotente,  
Cortava o mar a gente bellicosa  
Já lá da banda do Austro, e do Oriente,  
Entre a costa Ethiopica, e a famosa  
Ilha de S. Lourenço; e o sol ardente  
Queimava então os deoses que Typhêo  
Co' o temor grande em peixes converteu.

## XLIII

Tão brandamente os ventos os levavão,  
Como quem o céo tinha por amigo:  
Serenos o ar, e os tempos se mostravão  
Sem nuvens, sem receio de perigo:  
O promontorio Prasso já passavão  
Na costa da Ethiopia, nome antigo;  
Quando o mar descobrindo lhe mostrava  
Novas ilhas que em torno cerca e lava.

## XLIV

Vasco da Gama, o forte capitão,  
Que a tamanhas empresas se offerece,  
De soberbo e altivo coração,  
A quem fortuna sempre favorece,  
Para se aqui deter não vê razão;  
Que inhabitada a terra lhe parece:  
Por diante passar determinava;  
Mas não lhe succedeu como cuidava.

## XLV

Eis apparecem logo em companhia  
Uns pequenos bateis que vem daquella  
Que mais chegada á terra parecia,  
Cortando o longo mar com larga véla :  
A gente se alvoraça, e de alegria,  
Não sabe mais que olhar a causa della.  
Que gente será esta? em si dizião :  
Que costumes, que lei, que rei terão?

## XLVI

As embarcações são na maneira  
Mui veloces, estreitas e compridas :  
As vélas com que vem são de esteira  
D'umas folhas de palma mui tecidas :  
A gente da côrtera verdadeira,  
Que Phaeton nas terras accendidas  
Ao mundo deu, de ousado, e não prudente :  
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

## XLVII

De pannos de algodão vinhão vestidos  
De varias côres, brancos e listrados :  
Uns trazem derredor de si cingidos,  
Outros em modo airoso sobraçados :  
Das cintas para cima vem despidos :  
Por armas tem adagas e terçados,  
Com toucas na cabeça, e navegando,  
Anafis sonorosos vão tocando.

## XLVIII

Co'os pannos e co'os braços acenavão  
Às gentes lusitanas que esperassem :  
Mas já as prôas ligeiras se inclinavão,  
Para que junto ás ilhas amainassem :  
A gente, e marinheiros trabalhavão,  
Como se aqui os trabalhos s'acabassem :  
Tomão vélas, amaina-se a verga alta,  
Da ancora o mar ferido emcima salta.

## XLIX

Não erão ancorados, quando a gente  
Estranha pelas cordas já subia,  
No gesto ledos vem, e humanamente  
O Capitão sublime os recebia,  
As mesas manda pôr incontinente :  
Do licôr que Lyeo prantado havia,  
Enchem vasos de vidro, e do que deitão  
Os de Phaeton queimados nada engeitão.

## L

Comendo alegremente perguntavão  
Pela arabica lingua, donde vinhão :  
Quem erão : de que terra : que buscavão :  
Ou que partes do mar corrido tinhão.  
Os fortes Lusitanos lhe tornavão  
As discretas respostas que convinhão :  
Os Portuguezes somos do Occidente,  
Imos buscando as terras do Oriente.

## LI

Do mar temos corrido e navegado  
Toda a parte do Antartico e Callisto,  
Toda a costa africana rodeado,  
Diversos céos e terras temos visto:  
D'um Rei potente somos, tão amado,  
Tão querido de todos e bemquisto,  
Que não no largo mar, com leda fronte  
Mas no lago entraremos de Acheronte.

## LII

E por mandado seu buscando andamos  
A terra oriental que o Indo rega:  
Por elle o mar remoto navegamos,  
Que só dos feos phocas se navega.  
Mas já razão parece que saibamos,  
Se entre vós a verdade não se nega,  
Quem sois: que terra é esta que habitais:  
Ou se tendes da India alguns signais.

## LIII

Somos, um dos das ilhas lhe tornou,  
Estrangeiros na terra, lei e nação:  
Que os proprios são aquelles que criou  
A natura sem lei e sem razão:  
Nós temos a lei certa, que ensinou  
O claro descendente de Abrahão,  
Que agora tem do mundo o senhorio,  
A mãe Hebreia teve e o pai gentio.

## LIV

Esta ilha pequena que habitamos ,  
É em toda esta terra certa escala  
De todos os que as ondas navegamos  
De Quíloa , de Mombaça e de Sofala :  
E , por ser necessaria , procuramos ,  
Como proprios da terra , de habita-la :  
E , porque tudo emfim vos notifique ,  
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

## LV

E já que de tão longe navegais ,  
Buscando o Indo Hydaspe e terra ardente ,  
Piloto aqui tereis , por quem sejais  
Guiados pelas ondas sabiamente :  
Tambem será bem feito que tenhais  
Da terra algum refresco , e que o Regente ,  
Que esta terra governa , que vos veja ,  
E do mais necessario vos proveja.

## LVI

Isto dizendo , o Mouro se tornou  
A seus bateis com toda a companhia .  
Do capitão e gente se apartou  
Com mostras de devida cortezia .  
Nisto Phebo nas aguas encerrou  
Co'o carro de crystal o claro dia ,  
Dando cargo á irmã que allumiasse  
O largo mundo emquanto repousasse .

## LVII

A noite se passou na lassa frota  
 Com estranha alegria e não cuidada ;  
 Por acharem da terra tão remota  
 Nova de tanto tempo desejada.  
 Qualquer então comsigo cuida e nota  
 Na gente e na maneira desusada ,  
 E como os que na errada seita crêrão ,  
 Tanto por todo o mundo se estendêrão.

## LVIII

Da lua os claros raios rutilavão  
 Pelas argenteas ondas neptuninas ,  
 As estrellas os céos acompanhavão ,  
 Qual campo revestido de boninas :  
 Os furiosos ventos repousavão  
 Pelas covas escuras peregrinas :  
 Porém da armada a gente vigiava ,  
 Como por longo tempo costumava.

## LIX

Mas, assi como a aurora marchetada  
 Os formosos cabellos espalhou  
 No céu sereno , abrindo a rôxa entrada  
 Ao claro Hyperionio que acordou ,  
 Começa a embandeirar-se toda a armada ,  
 E de toldos alegres se adornou ,  
 Por receber com festas e alegria ,  
 O Regedor das ilhas que partia :



## LX

Partia alegremente navegando,  
A ver as náos ligeiras lusitanas,  
Com refresco da terra em si cuidando,  
Que são aquellas gentes inhumanas,  
Que os aposentos caspios habitando,  
A conquistar as terras asianas  
Vierão, e por ordem do destino  
O imperio tomárão a Constantino.

## LXI

Recebe o capitão alegremente  
O Mouro e toda sua companhia:  
Dá-lhe de ricas peças um presente  
Que só para este effeito já trazia:  
Dá-lhe conserva doce e dá-lhe o ardente  
Não usado licôr que alegria.  
Tudo o Mouro contente bem recebe,  
E muito mais contente come e bebe.

## LXII

Está a gente marítima de Luso  
Subida pela enxarcia, de admirada,  
Notando o estrangeiro modo e uso,  
E a linguagem tão barbara e enleada.  
Tambem o Mouro astuto está confuso,  
Olhando a côr, o traje e a forte armada,  
E perguntando tudo, lhe dizia  
Se por ventura vinhão de Turquia.

## LXIII

E mais lhe diz tambem que ver deseja  
Os livros de sua lei, preceito, ou fé ;  
Para ver se conforme á sua seja,  
Ou se são dos de Christo , como crê:  
E porque tudo note e tudo veja ,  
Ao Capitão pedia, que lhe dê  
Mostra das fortes armas, de que usavão,  
Quando co'os inimigos pelejavão.

## LXIV

Responde o valeroso Capitão  
Por um, que a lingua escura bem sabia :  
Dar-te-hei , senhor illustre , relação  
De mi , da lei, das armas , que trazia.  
Nem sou da terra , nem da geração  
Das gentes enojosas de Turquia ;  
Mas sou da forte Europa bellicosa ,  
Busco as terras da India tão famosa.

## LXV

A lei tenho daquelle , a cujo imperio  
Obedece o visibil , e invisibil ,  
Aquelle , que creou todo o hemispherio ,  
Tudo o que sente, e todo o insensibil :  
Que padeceu deshonra , e vituperio,  
Soffrendo morte injusta , e insoffribil :  
E que do céo á terra emfim desceu ,  
Por subir os mortaes da terra ao céo.

## LXVI

Deste DEOS-Homem, alto, e infinito  
 Os livros, que tu pedes, não trazia ;  
 Que bem posso escusar trazer escripto  
 Em papel, o que na alma andar devia.  
 Se as armas queres ver, como tens dito,  
 Cumprido esse desejo te seria :  
 Como amigo as verás ; porque eu me obrigo,  
 Que nunca as queiras ver como inimigo.

## LXVII

Isto dizendo, manda os diligentes  
 Ministros amostrar as armaduras :  
 Vem arnezes, e peitos reluzentes,  
 Malhas finas, e laminas seguras,  
 Escudos de pinturas differentes,  
 Pelouros, espingardas de aço puras,  
 Arcos, e sagittiferas aljavas,  
 Partazanas agudas, chuças bravas :

## LXVIII

As bombas vem de fogo, e juntamente  
 As panellas sulphureas, tão damnosas :  
 Porém aos de Vulcano não consente,  
 Que dêm fogo ás bombardas temerosas ;  
 Porque o generoso animo, e valente,  
 Entre gentes tão poucas, e medrosas,  
 Não mostra quanto póde : e com razão :  
 Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

## LXIX

Porém disto, que o Mouro aqui notou,  
E de tudo o, que vio com olho attento,  
Um odio certo na alma lhe ficou,  
Uma vontade má de pensamento :  
Nas mostras, e no gesto o não mostrou ;  
Mas com risonho, e ledo fingimento  
Trata-los brandamente determina,  
Até que mostrar possa o, que imagina.

## LXX

Pilotos lhe pedia o capitão,  
Por quem pudesse á India ser levado :  
Diz-lhe, que o largo premio levarão  
Do trabalho, que nisso fôr tomado.  
Promette-lh'os o Mouro com tenção  
De peito venenoso, e tão damnado,  
Que a morte, se pudesse, neste dia  
Em lugar de pilotos lhe daria.

## LXXI

Tamanho o odio foi, e a má vontade,  
Que aos estrangeiros subito tomou ;  
Sabendo ser sequazes da verdade,  
Que o filho de David nos ensinou.  
Oh segredos daquella Eternidade,  
A quem juizo algum não alcançou !  
Que nunca falte um perfido inimigo  
Áquelles, de quem foste tanto amigo!

## LXXII

Partio-se nisto emfim co'a companhia,  
Das náos o falso Mouro despedido,  
Com enganosa, e grande cortezia,  
Com gesto ledo a todos, e fingido.  
Cortarão os bateis a curta via  
Das aguas de Neptuno, e recebido  
Na terra do obsequente ajuntamento,  
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

## LXXIII

Do claro assento ethereo o grão Thebano,  
Que da paternal côxa foi nascido,  
Olhando o ajuntamento lusitano  
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,  
No pensamento cuida um falso engano,  
Com que seja de todo destruido :  
E emquanto isto só na alma imaginava,  
Comsigo estas palavras praticava.

## LXXIV

Está do fado já determinado,  
Que tamanhas victorias, tão famosas  
Hajão os Portuguezes alcançado  
Das indianas gentes bellicosas :  
E eu só, filho do Padre sublimado,  
Com tantas qualidades generosas,  
Hei de soffrer, que o fado favoreça  
Outrem, por quem meu nome se escureça?

## LXXV

Já quizerão os deoses, que tivesse  
O filho de Philippo nesta parte  
Tanto poder, que tudo submettesse  
Debaixo do seu jugo o féro Marte :  
Mas ha se de soffrer, que o fado désse  
A tão poucos tamanho esforço, e arte,  
Que eu co'o grão Macedonio, e co'o Romano  
Demos lugar ao nome lusitano?

## LXXVI

Não será assi ; porque, antes que chegado  
Seja este capitão, astutamente  
Lhe será tanto engano fabricado,  
Que nunca veja as partes do Oriente :  
Eu descerei á terra, e o indignado  
Peito revolverei da Maura gente ;  
Porque sempre por via irá direita,  
Quem do opportuno tempo se aproveita.

## LXXVII

Isto dizendo irado, e quasi insano,  
Sobre a terra africana descendeu,  
Onle vestindo a fórma, e gesto humano,  
Para o Prasso sabido se moveu :  
E, por melhor tecer o astuto engano,  
No gesto natural se converteu  
D'um Mouro em Moçambique conhecido,  
Velho, sabio, e co'o Xequé mui valido.

## LXXVIII

E entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas  
Á sua falsidade accommodadas,  
Lhe diz, como erão gentes roubadoras  
Estas, que ora de novo são chegadas :  
Que das nações na costa moradoras  
Correndo a fama veio, que roubadas  
Forão por estes homens, que passavão,  
Que com pactos de paz sempre ancoravão.

## LXXIX

E sabe mais, lhe diz, como entendido  
Tenho destes Christãos sanguinolentos,  
Que quasi todo o mar tem destruido  
Com roubos, com incendios violentos :  
E trazem já de longe engano urdido  
Contra nós, e que todos seus intentos  
São para nos matarem e roubarem,  
E mulheres, e filhos captivarem.

## LXXX

E tambem sei, que tem determinado  
De vir por agua á terra mui cedo  
O capitão dos seus acompanhado ;  
Que da tenção damnada nasce o medo.  
Tu debes de ir tambem co'os teus armado  
Espera-lo em cilada, occulto e queço ;  
Porque, sahindo a gente descuidada,  
Cahiráõ facilmente na cilada.

## LXXXI

E se inda não ficarem deste geito  
Destruídos, ou mortos totalmente,  
Eu tenho imaginada no conceito  
Outra manha, e ardil, que te contente :  
Manda-lhe dar piloto, que dé geito  
Seja astuto no engano, e tão prudente,  
Que os leve onde sejam destruídos,  
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

## LXXXII

Tanto que estas palavras acabou :  
O Mouro nos taes casos sabio, e velho  
Os braços pelo collo lhe lançou,  
Agradecendo muito o tal conselho :  
E logo nesse instante concertou  
Para a guerra o belligero apparelho ;  
Para que ao Portuguez se lhe tornasse  
Em rôxo sangue a agua, que buscasse.

## LXXXIII

E busca mais para o cuidado engano  
Mouro, que por piloto á não lhe mande,  
Sagaz, astuto, e sabio em todo o damno,  
De quem fiar-se possa um feito grande :  
Diz-lhe que acompanhando o Lusitano,  
Por taes costas, e mares co'elle ande,  
Que, se daqui escapar, que lá diante  
Vá cahir, donde nunca se alevante.



## LXXXIV

Já o raio Apollineo visitava  
Os montes Nabathêos accendido,  
Quando o Gama co'os seus determinava  
De vir por agua á terra apercebido :  
A gente nos bateis se concertava ,  
Como se fosse o engano já sabido :  
Mas póde suspeitar-se facilmente ;  
Que o coração presago nunca mente.

## LXXXV

E mais tambem mandado tinha á terra  
De antes pelo piloto necessario ,  
E foi-lhe respondido em som de guerra :  
Caso do que cuidava mui contrario.  
Por isto , e porque sabe quanto erra ,  
Quem se crê de seu perfido adversario ;  
Apercebido vai , como podia ,  
Em tres bateis sómente , que trazia.

## LXXXVI

Mas os Mouros , que andavão pela praia ,  
Por lhe defender a agua desejada ,  
Um de escudo abraçado , e de azagaia ,  
Outro de arco encurvado , e setta ervada ,  
Esperão , que a guerreira gente sáia :  
Outros muitos já postos em cilada :  
E , porque o caso leve se lhe faça ,  
Poem uns poucos diante por negaça.

## LXXXVII

Andão pela ribeira alva arenosa  
 Os bellicosos Mouros acenando  
 Com a adarga , e co'a hastea perigosa  
 Os fortes Portuguezes incitando.  
 Não soffre muito a gente generosa  
 Andar-lhe os cães os dentes amostrando :  
 Qualquer em terra salta tão ligeiro ,  
 Que nenhum dizer póde , que é primeiro.

## LXXXVIII

Qual no corro sanguino o ledo amante ,  
 Vendo a formosa dama desejada ,  
 O touro busca , e pondo-se diante,  
 Salta , corre, sibila, acena, e brada :  
 Mas o animal atroz nesse instante ,  
 Com a fronte cornigera inclinada ,  
 Bramando duro corre , e os olhos cerra ,  
 Derriba , fere , e mata e põe por terra :

## LXXXIX

Eis nos bateis o fogo se levanta  
 Na furiosa , e dura artilheria :  
 A plumbea pella mata, o brado espanta ,  
 Ferido o ar retumba , e assovia :  
 O coração dos Mouros se quebranta ,  
 O temor grande o sangue lhe resfria :  
 Já foge o escondido de medroso ,  
 E morre o descoberto aventureoso.

## XC

Não se contenta a gente Portugueza :  
 Mas seguindo a victoria estrue, e mata ;  
 A povoação sem muro, e sem defesa ,  
 Esbombardêa, accende, e desbarata.  
 Da cavalgada ao Mouro já lhe peza ;  
 Que bem cuidou compra-la mais barata:  
 Já blasphema da guerra, e maldizia  
 O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

## XCI

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando  
 Sem força, de covarde, e de apressado,  
 A pedra, o páo, e o canto arremessando ;  
 Dá-lhe armas o furor desatinado (23) :  
 Já a ilha, e todo o mais desamparando,  
 Á terra firme foge amedrontado :  
 Passa, e corta do mar o estreito braço ,  
 Que a ilha em torno cerca em pouco espaço.

## XCII

Uns vão nas almadias carregadas,  
 Um corta o mar a nado diligente,  
 Quem se afoga nas ondas encurvadas,  
 Quem bebe o mar, e o deita juntamente.  
 Arrobão as miudas bombardadas  
 Os pangaios subtis da bruta gente :  
 Desta arte o Portuguez emfim castiga  
 A vil malicia, perfida, inimiga.

## XCIII

Tornão victoriosos para a armada  
Co' o despojo da guerra e rica presa ,  
E vão a seu prazer fazer aguada ,  
Sem achar resistencia, nem defesa.  
Ficava a Maura gente magoada ,  
No odio antigo , mais que nunca , accêsa :  
E, vendo sem vingança tanto damno ,  
Sómente estriba no segundo engano.

## XCIV

Pazes commetter manda arrependido  
O Regedor daquella iniqua terra ,  
Sem ser dos Lusitanos entendido ,  
Que em figura de paz lhe manda guerra :  
Porque o piloto falso promettido ,  
Que toda a má tenção no peito encerra ,  
Para os guiar á morte lhe mandava ,  
Como em signal das pazes , que tratava.

## XCV

O Capitão , que já lhe então convinha  
Tornar a seu caminho acostumado ;  
Que tempo concertado , e ventos tinha ,  
Para ir buscar o Indo desejado ;  
Recebendo o piloto , que lhe vinha ,  
(Foi d'elle alegremente agasalhado)  
E respondendo ao mensageiro , attento ,  
As vélas, manda dar ao largo vento.

## XCVI

Desta arte despedida a forte armada,  
As ondas de Amphitrite dividia,  
Das filhas de Nereo acompanhada,  
Fiel, alegre, e doce companhia:  
O Capitão, que não cahia em nada  
Do enganoso ardil, que o Mouro urdia,  
Delle mui largamente se informava  
Da India toda e costas, que passava.

## XCVII

Mas o Mouro, instruido nos enganos,  
Que o malevolo Baccho lhe ensinára,  
De morte, ou captiveiro, novos damnos,  
Antes que á India chegue, lhe prepara;  
Dando razão dos portos Indianos,  
Tambem tudo o, que pede lhe declara;  
Que havendo por verdade o, que dizia,  
De nada a forte gente se temia.

## XCVIII

E diz-lhe mais co'o falso pensamento,  
Com que Sinon os Phrygios enganou,  
Que perto está uma ilha, cujo assento  
Povo antiguo Christão sempre habitou.  
O Capitão, que a tudo estava attento,  
Tanto com estas novas se allegrou,  
Que com dadivas grandes lhe rogava,  
Que o leve á terra, onde esta gente estava.

## XCIX

O mesmo o falso Mouro determina ,  
Que o seguro Christão lhe manda , e pede :  
Que a ilha é possuida da malina  
Gente , que sêgue o torpe Mafamede :  
Aqui o engano , e morte lhe imagina ;  
Porque em poder e forças muito excede  
Moçambique esta ilha , que se chama  
Quiloa . mui conhecida pela fama.

## C

Para lá se inclinava a leda frota :  
Mas a deosa em Cythere celebrada ,  
Vendo como deixava a certa rota ,  
Por ir buscar a morte não cuidada :  
Não consente, que em terra tão remota  
Se perca a gente della tanto amada ;  
E com ventos contrarios a desvia ,  
Donde o piloto falso a leva , e guia.

## CI

Mas o malvado Mouro, não podendo  
Tal determinação levar ávante ,  
Outra maldade iniqua commettendo,  
Ainda em seu proposito constante ;  
Lhe diz, que , pois as aguas discorrendo,  
Os levárão por força por diante ,  
Que outra ilha tem perto , cuja gente  
Erão Christãos com Mouros juntamente.

## CII

Tambem nestas palavras lhe mentia.  
Como por regimento emfim levava ;  
Que aqui gente de Christo não havia.  
Mas a, que a Mafamede celebrava ,  
O Capitão, que em tudo o Mouro cria.  
Virando as vélas , a ilha demandava :  
Mas, não querendo a deosa guardadora,  
Não entra pela barra, e surge fóra.

## CIII

Estava a ilha à terra tão chegada,  
Que um estreito pequeno a dividia.  
Uma cidade nella situada,  
Que na frente do mar apparecia,  
De nobres edificios fabricada.  
Como por fóra ao longe descobria,  
Regida por um Rei de antigua idade,  
Mombaça é o nome da ilha, e da cidade.

## CIV

E sendo a ella o Capitão chegado.  
Estranhamente ledó ; porque espera  
De poder ver o povo baptisado ,  
Como o falso piloto lhe dissera :  
Eis vem bateis da terra com recado  
Do Rei, que já sabia a gente que era ;  
Que Baccho muito de antes o avisára  
Na fórma d'outro Mouro , que tomára.

## CV

O recado, que trazem, é de amigos,  
Mas debaixo o veneno vem coberto ;  
Que os pensamentos erão de inimigos,  
Segundo foi o engano descoberto.  
Oh grandes, e gravissimos perigos !  
Oh caminho de vida nunca certo !  
Que, aonde a gente põe sua esperança,  
Tenha a vida tão pouca segurança !

## CVI

No mar tanta tormenta, e tanto damno ,  
Tantas vezes a morte apercebida !  
Na terra tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade aborrecida !  
Onde póde acolher-se um fraco humano ,  
Onde terá segura a curta vida ?  
Que não se arme, e se indigne o céo sereno  
Contra um bicho da terra tão pequeno ?

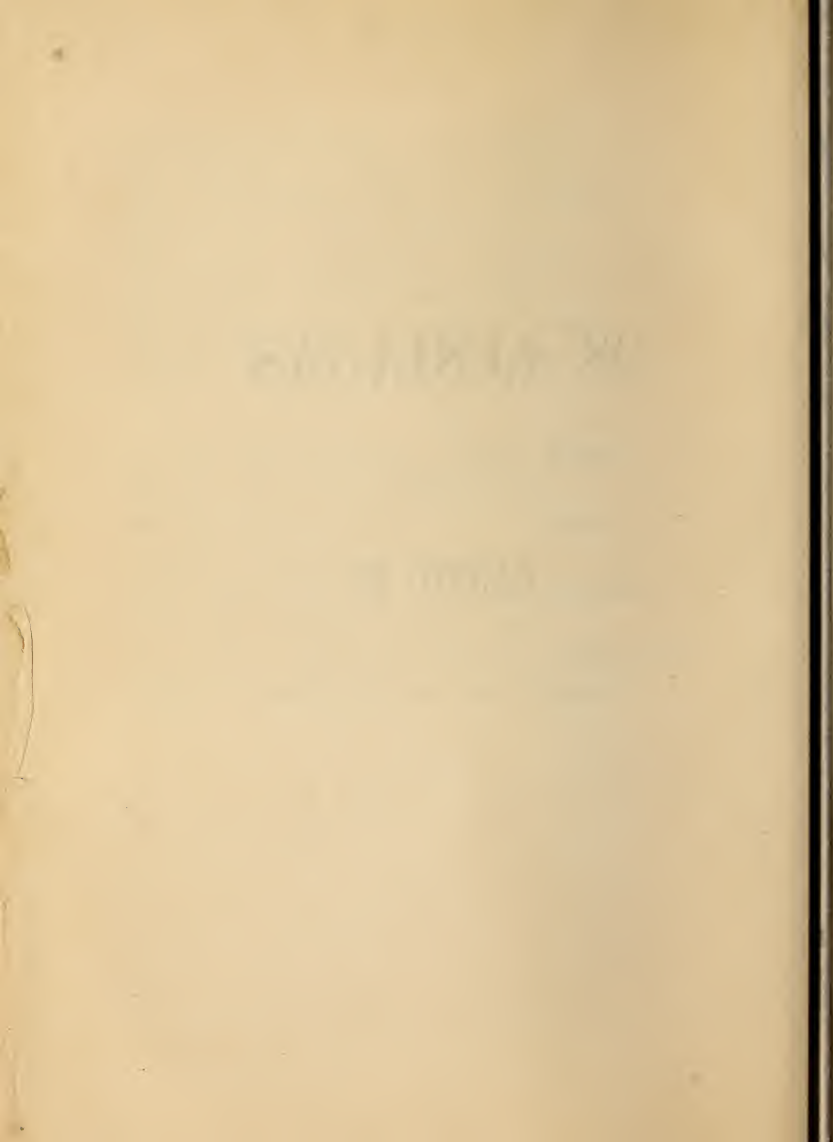
---



# OS LUSIADAS

---

CANTO II



# OS LUSIADAS



## CANTO SEGUNDO

---

I

Já neste tempo o lucido planeta,  
Que as horas vai do dia distinguindo,  
Chegava á desejada e lenta meta,  
A luz celeste ás gentes encobrando,  
E da casa maritima secreta  
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo;  
Quando as infidas gentes se chegarão  
Ás náos, que pouco havia que ancorárão.

II

D'entre elles um, que traz encomendado  
O mortifero engano, assi dizia:  
Capitão valeroso, que cortado  
Tens de Neptuno o reino e salsa via,  
O Rei, que manda esta ilha, alvorçoado  
Da vinda tua, tem tanta alegria,  
Que não deseja mais, que agasalhar-te,  
Ver-te, e do necessario reformar-te.

## III

E, porque está em extremo desejoso  
De te ver como cousa nomeada,  
Te roga que, de nada receioso,  
Entres a barra tu, com toda armada:  
E porque do caminho trabalhoso  
Trarás a gente debil, e cansada,  
Diz, que na terra pódes reforma-la;  
Que a natureza obriga a deseja-la.

## IV

E, se buscando vás mercadoria,  
Que produce o aurifero Levante,  
Canella, cravo, ardente especiaria,  
Ou droga salutifera, e prestante:  
Ou se queres luzente pedraria,  
O rubi fino, o rigido diamante:  
Daqui levarás tudo tão sobejo,  
Com que faças o fim a teu desejo.

## V

Ao mensageiro o Capitão responde,  
As palavras do Rei agradecendo:  
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,  
Não entra para dentro, obedecendo:  
Porém que, como a luz mostrar por onde  
Vá sem perigo a frota, não temendo,  
Cumprirá sem receio seu mandado;  
Que a mais por tal senhor está obrigado.

## VI

Pergunta-lhe depois, se estão na terra  
Christãos, como o piloto lhe dizia :  
O mensageiro astuto , que não erra ,  
Lhe diz , que a mais da gente em Christo cria.  
Desta sorte do peito lhe desterra  
Toda a suspeita, e cauta phantasia ;  
Por onde o Capitão seguramente  
Se fia da infiel , e falsa gente.

## VII

E de alguns, que trazia condemnados  
Por culpas, e por feitos vergonhosos ;  
Porque podessem ser aventurados  
Em casos desta sorte duvidosos,  
Manda dous mais sagazes , ensaiados ;  
Porque notem dos Mouros enganosos  
A cidade, e poder ; e porque vejam  
Os Christãos, que só tanto ver desejão.

## VIII

E por estes ao Rei presentes manda ;  
Porque a boa vontade , que mostrava ,  
Tenha firme , segura , limpa e branda ,  
A qual bem ao contrario em tudo estava.  
Já a companhia perfida , e nefanda ,  
Das náos se despedia, e o mar cortava :  
Forão com gestos ledos, e fingidos ,  
Os dous da frota em terra recebidos.

## IX

E, depois que ao Rei apresentarão  
Co'o recado os presentes, que trazião,  
A cidade corrêrão, e notárão  
Muito menos daquillo, que querião;  
Que os Mouros cautelosos se guardarão  
De lhe mostrarem tudo o, que pedião;  
Que, onde reina a malicia, está o receio,  
Que a faz imaginar no peito alheio.

## X

Mas aquelle, que sempre a mocidade  
Tem no rosto perpetua, e foi nascido  
De duas mãis, que urdia a falsidade,  
Por ver o navegante destruido;  
Estava n'uma casa da cidade,  
Com rosto humano, e habito fingido,  
Mostrando-se Christão, e fabricava  
Um altar sumptuoso, que adorava.

## XI

Ali tinha em retrato afigurada  
Do alto e Santo Espirito a pintura,  
A candida pombiaha debuxada,  
Sobre a unica phenix Virgem pura:  
A companhia santa está pintada  
Dos doze, tão torvados na figura,  
Como os que, só das linguas, que cahirão,  
De fogo, varias linguas referirão.

## XII

Aqui os dous companheiros conduzidos,  
Onde com este engano Baccho estava,  
Põem em terra os joelhos, e os sentidos  
Naquelle Deos, que o mundo governava.  
Os cheiros excellentes produzidos  
Na Panchaia odorifera queimava  
O Thyoneo; e assi por derradeiro  
O falso deos adora o verdadeiro.

## XIII

Aqui forão de noite agasalhados  
Com todo o bom e honesto tratamento  
Os dous Christãos, não vendo que enganados  
Os tinha o falso, e santo fingimento.  
Mas assi como os raios espalhados  
Do sol forão no mundo, e n'um momento  
Appareceu no rubido horizonte  
Da moça de Titão a rôxa fronte:

## XIV

Tornão da terra os Mouros co'o recado  
Do Rei, para que entrassem, e consigo  
Os dous, que o Capitão tinha mandado,  
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:  
E sendo o Portuguez certificado  
De não haver receio de perigo,  
E que gente de Christo em terra havia;  
Dentro no salso rio entrar queria.

## XV

Dizem-lhe os, que mandou, que em terra virão  
Sacras aras, e sacerdote santo :  
Que ali se agasalhárão, e dormirão,  
Emquanto a luz cobrio o escuro manto :  
E que no Rei e gentes não sentirão  
Senão contentamento, e gosto tanto,  
Que não podia certo haver suspeita  
N'uma mostra tão clara, e tão perfeita.

## XVI

Com isto o nobre Gama recebia  
Alegremente os Mouros, que subião ;  
Que levemente um animo se fia  
De mostras, que tão certas parecião.  
A náó da gente perfida se enchia,  
Deixando a bordo os barcos, que trazião :  
Alegres vinhão todos ; porque crêm,  
Que a presa desejada certa tem.

## XVII

Na terra cautamente apparelhavão  
Armas, e munições ; que como vissem,  
Que no rio os navios ancoravão,  
Nelles ousadamente se subissem :  
E nesta traição determinavão,  
Que os de Luso de todo destruíssem,  
E que incautos pagassem deste geito  
O mal, que em Moçambique tinhão feito.



## XVIII

As ancoras tenaces vão levando  
Com a nautica grita costumada,  
Da prôa as vélas sós ao vento dando,  
Inclinão para a barra abalisada.  
Mas a linda Erycina, que guardando  
Andava sempre a gente assignalada,  
Vendo a cilada grande, e tão secreta,  
Vôa do céo ao mar como uma setta.

## XIX

Convoca as alvas filhas de Nereo,  
Com toda a mais cerulea companhia ;  
Que, porque no salgado mar nasceu,  
Das aguas o poder lhe obedecia :  
E propondo-lhe a causa, a que desceu,  
Com todos juntamente se partia,  
Para estorvar que a armada não chegasse,  
Aonde para sempre se acabasse.

## XX

Já na agua erguendo vão com grande pressa  
Com as argenteas caudas branca escuma :  
Doto co'o peito corta, e atravessa  
Com mais furor o mar, do que costuma :  
Salta Nise, Nerine se arremessa  
Por cima da agua crespas em força summa :  
Abrem caminho as ondas encurvadas,  
De temor das Nereidas apressadas.

## XXI

Nos hombros de um Tritão com gesto acceso  
Vai a linda Dióne furiosa :  
Não sente, quem a leva, o doce peso,  
De soberbo com carga tão formosa :  
Já chegão perto, donde o vento teso  
Enche as vélas da frota bellicosa :  
Repartem-se, e rodêão nesse instante  
As náos ligeiras, que ião por diante.

## XXII

Põe-se a deosa com outras em direito  
Da prôa capitaina, e ali fechando  
O caminho da barra, estão de geito,  
Que em vão assopra o vento, a véla inchando :  
Põe no madeiro duro o brando peito,  
Para detrás a forte não forçando :  
Outras, em derredor, levando-a estavão,  
E da barra inimiga a desviavão.

## XXIII

Quaes para a cova as providas formigas,  
Levando o peso grande accomodado,  
As forças exercitão, de inimigas  
Do inimigo inverno congelado ;  
Ali são seus trabalhos, e fadigas,  
Ali mostrão vigor nunca esperado :  
Taes andavão as nymphas estorvando  
Á gente Portugueza o fim nefando.

## XXIV

Torna para detrás a não forçada,  
 Apezar dos que leva, que gritando  
 Marêão vélas, ferve a gente irada,  
 O leme a um bordo, e a outro atravessando :  
 O mestre astuto em vão da pôpa brada,  
 Vendo como diante ameaçando  
 Os estava um marítimo penedo,  
 Que de quebrar-lhe a não lhe mette medo.

## XXV

A celeuma medonha se alevanta  
 No rudo marinheiro, que trabalha :  
 O grande estrondo a Maura gente espanta,  
 Como se vissem horrida batalha :  
 Não sabem a razão de furia tanta,  
 Não sabem nesta pressa, quem lhe valha ;  
 Cuidão, que seus enganos são sabidos,  
 E que hão de ser por isso aqui punidos.

## XXVI

Ei-los subitamente se lançavão  
 A seus bateis veloces, que trazião :  
 Outros emcima o mar alevantavão,  
 Saltando n'agua, e a nado se acolhião :  
 De um bordo e d'outro subito saltavão ;  
 Que o medo os compellia do, que vião ;  
 Que antes querem ao mar aventurar-se,  
 Que nas mãos inimigas entregar-se.

## XXVII

Assi como em selvatica alagôa  
As rãas, no tempo antiguo Lycia gente.  
Se sentem por ventura vir pessoa,  
Estando fóra da agua incautamente ;  
Daqui e dali saltando, o charco sôa,  
Por fugir do perigo que se sente ;  
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,  
Sós as cabeças na agua lhe apparecem :

## XXVIII

Assi fogem os Mouros : e o piloto,  
Que ao perigo grande as náos guiára,  
Crendo que seu engano estava noto,  
Tambem foge, saltando na agua amara.  
Mas por não darem no penedo immoto,  
Onde percão a vida doce e chara,  
A ancora solta logo a capitaina,  
Qualquer das outras junto della amaina.

## XXIX

Vendo o Gama attentado a estranheza  
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente  
O piloto fugir-lhe com presteza ;  
Entende o, que ordenava a bruta gente :  
E vendo sem contraste, e sem braveza  
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,  
Que a não passar avante não podia,  
Havendo-o por milagre, assi dizia :

## XXX

Oh caso grande, estranho, e não cuidado!  
Oh milagre clarissimo, e evidente!  
Oh descoberto engano inopinado!  
Oh perfida, inimiga, e falsa gente!  
Quem poderá do mal aparelhado  
Livrar-se sem perigo sabiamente,  
Se lá de cima a guarda soberana  
Não acudir á fraca força humana?

## XXXI

Bem nos mostra a divina Providencia  
Destes portos a pouca segurança:  
Bem claro temos visto na apparencia,  
Que era enganada a nossa confiança:  
Mas pois saber humano, nem prudencia,  
Enganos tão fingidos não alcança,  
O' tu, Guarda Divina, tem cuidado  
De quem sem ti não póde ser guardado.

## XXXII

E se te move tanto a piedade  
Desta misera gente peregrina,  
Que só por tua altissima bondade  
Da gente a salvas, perfida e malina;  
N'algum porto seguro de verdade  
Conduzir-nos já agora determina,  
Ou nos amostra a terra, que buscâmos;  
Pois só por teu serviço navegâmos.

## XXXIII

Ouvio-lhe estas palavras piedosas  
A formosa Dióne : e commovida,  
D'entre as nymphas se vai , que saudosas  
Ficárão desta subita partida :  
Já penetra as estrellas luminosas ,  
Já na terceira esphera recebida ,  
Avante passa, e lá no sexto céo,  
Para onde estava o Padre , se moveu.

## XXXIV

E como ia affrontada do caminho ,  
Tão formosa no gesto se mostrava ,  
Que as estrellas , e o céo , e o ar vizinho ,  
E tudo , quanto a via, namorava.  
Dos olhos , onde faz seu filho o ninho,  
Uns espiritos vivos inspirava,  
Com que os polos gelados accendia ,  
E tornava do fogo a esphera fria.

## XXXV

E por mais namorar o soberano  
Padre, de quem foi sem re amada, e chara ,  
Se lh'a apresenta assi, como ao Troiano  
Na selva Idêa já se apresentára.  
Se a víra o caçador, que o vulto humano  
Perdeu, vendo Diana na agua clara ,  
Nunca os famintos galgos o matárão;  
Que primeiro desejos o acabárão.

## XXXVI

Os crespos fios d'ouro se esparzão  
 Pelo collo, que a neve escurecia :  
 Andando, as lacteas tetas lhe tremião,  
 Com quem amor brincava, e não se via :  
 Da alva petrina flammás lhe sahião,  
 Onde o Menino as almas accendia :  
 Pelas lisas columnas lhe trepavão  
 Desejos, que como hera se enrolavão.

## XXXVII

C'um delgado cendal as partes cobre,  
 De quem vergonha é natural reparo ;  
 Porém nem tudo esconde, nem descobre  
 O véo, dos rôxos lírios pouco avaro :  
 Nas, para que o desejo accenda, e dobre,  
 Lhe põe diante aquelle objecto raro :  
 Já se sentem no céo por toda a parte  
 Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

## XXXVIII

E mostrando no angelico semblante  
 Co' o riso uma tristeza misturada ;  
 Como dama, que foi do incauto amante  
 Em brincos amorosos mal tratada,  
 Que se aqueixa, e se ri, n'um mesmo instante,  
 E se torna entre alegre magoada :  
 Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,  
 Mais mimosa, que triste, ao Padre falla.

## XXXIX

Sempre eu cuidei , oh Padre poderoso ,  
 Que para as cousas , que eu do peito amasse ,  
 Te achasse brando , affabil , e amoroso ;  
 Posto que a algum contrario lhe pezasse :  
 Mas, pois que contra mi te vejo iroso ,  
 Sem que t'ò merecesse, nem te errasse ;  
 Faça-se como Baccho determina ,  
 Assentarei emfim , que fui mofina.

## XL

Este povo, que é meu, por quem derramo  
 As lagrimas , que em vão cahidas vejo ,  
 Que assaz de mal lhe quero , pois que o amo ,  
 Sendo tu tanto contra meu desejo :  
 Por elle a ti rogando choro, e bramo ,  
 E contra minha dita emfim pejejo.  
 Ora pois ; porque o amo, é mal tratado ,  
 Quero-lhe querer mal , será guardado.

## XLI

Mas Moura emfim nas mãos das brutas gentes ;  
 Que pois eu fui.... E nisto, de mimosa .  
 O rosto banha em lagrimas ardentes ,  
 Como co'ò orvalho fica a fresca rosa :  
 Calada um pouco , como se entre os dentes  
 Se lhe impedira a falla piedosa ,  
 Torna a segui-la : e indo por diante ,  
 Lhe atalha o poderoso ; e grão Tonaute :



## XLII

E destas brandas mostras commovido ,  
Que movêrão de um tigre o peito duro ,  
Co'o vulto alegre, qual do céo subido  
Torna sereno e claro o ar escuro ,  
As lagrimas lhe alimpa , e accendido  
Na face a beija , e abraça o collo puro ;  
De modo , que dali , se só se achára ,  
Outro novo Cupido se gerára.

## XLIII

E co'o seu apertando o rosto amado ,  
Que os soluços e lagrimas augmenta ;  
Como menino da ama castigado ,  
Que , quem no afaga, o choro lhe accrescenta :  
Por lhe pôr em socego o peito irado ,  
Muitos casos futuros lhe apresenta ,  
Dos fados as entranhas revolvendo ,  
Desta maneira emfim lhe está dizendo :

## XLIV

Formosa filha minha , não temais  
Perigo algum nos vossos Lusitanos ,  
Nem que ninguem comigo possa mais ,  
Que esses chorosos olhos soberanos :  
Que eu vos prometto , filha , que vejais  
Esquecerem-se Gregos e Romanos  
Pelos illustres feitos , que esta gente  
Ha de fazer nas partes do Oriente :

## XLV

Que, se o facundo Ulysses escapou  
 De ser na Ogygia ilha eterno escravo :  
 E se Antenor os seios penetrou  
 Illyricos, e a fonte de Timavo :  
 E se o piedoso Eneas navegou  
 De Scylla e de Charybdis o mar bravo :  
 Os vossos, móres cousas attentando ,  
 Novos mundos ao mundo irão mostrando.

## XLVI

Fortalezas, cidades, e altos muros  
 Por elles vereis , filha , edificados :  
 Os Turcos bellacissimos , e duros ,  
 Delles sempre vereis desbaratados :  
 Os Reis da India livres, e seguros  
 Vereis ao Rei potente subjugados :  
 E por elles, de tudo enfim senhores,  
 Serão dadas na terra leis melhores.

## XLVII

Vereis este , que agora pressuroso  
 Por tantos medos o Indo vai buscando ,  
 Tremer delle Neptuno de medroso ,  
 Sem vento suas aguas encrespando.  
 Oh caso nunca visto , e milagroso ,  
 Que trema e ferva o mar , em calma estando !  
 Oh gente forte , e de altos pensamentos ,  
 Que tambem della hão medo os elementos !

## XLVIII

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,  
 Que inda ha de ser um porto mui decente,  
 Em que vão descansar da longa via  
 As návs, que navegarem do Occidente.  
 Toda esta costa emfim, que agora urdia  
 O mortifero engano, obediente  
 Lhe pagará tributos, conhecendo  
 Não poder resistir ao Luso horrendo.

## XLIX

E vereis o mar Rôxo tão famoso  
 Tornar-se-lhe amarello de enfiado :  
 Vereis de Ormuz o reino poderoso,  
 Duas vezes tomado, e subjogado :  
 Ali vereis o Mouro furioso,  
 De suas mesmas settas traspassado (9) ;  
 Que, quem vai contra os vossos, claro veja  
 Que, se resiste, contra si peleja.

## L

Vereis a inexpugnabil Dio forte,  
 Que dous cercos terá, dos vossos sendo,  
 Ali se mostrará seu preço, e sorte,  
 Feitos de armas grandissimos fazendo :  
 Invejoso vereis o grão Mavorte  
 Do peito Lusitano fero, e horrendo :  
 Do Mouro, ali verão, que a voz extrema  
 Do falso Mafamede ao Céu blasphema.

## LI

Gôa vereis aos Mouros ser tomada,  
A qual virá depois a ser senhora  
De todo o Oriente, e sublimada  
Có'os triumphos da gente vencedora :  
Ali soberba, altiva, e exalçada,  
Ao gentio, que os idolos adora,  
Duro freio porá, e a toda a terra,  
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

## LII

Vereis a fortaleza sustentar-se  
De Cananor com pouca força, e gente :  
E vereis Calecut desbaratar-se,  
Cidade populosa, e tão potente :  
E vereis em Cochim assinalar-se  
Tanto um peito soberbo, e insolente.  
Que cithara jámais cantou victoria,  
Que assi mereça eterno nome, e gloria.

## LIII

Nunca com Marte instructo, e furioso  
Se vio ferver Leucate, quando Augusto  
Nas civis Actias guerras animoso,  
O capitão venceu Romano injusto,  
Que dos povos da Aurora, e do famoso  
Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,  
A victoria trazia, e presa rica,  
Preso da Egypcia linda, e não pudica :

## LIV

Como vereis, o mar fervendo acceso  
Co'os incendios dos vossos, pelejando,  
Levando o Idolatra, e o Mouro preso,  
De nações diferentes triumphando :  
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,  
Até o longinquo China navegando,  
E as ilhas mais remotas do Oriente ;  
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

## LV

De modo, filha minha, que de geito  
Amostraráõ esforço mais, que humano ;  
Que nunca se verá tão forte peito,  
Do Gangetico mar ao Gaditano,  
Nem das boreaes ondas ao Estreito,  
Que mostrou o aggravado Lusitano ;  
Posto que em todo o mundo, de affrontados,  
Resuscitassem todos os passados.

## LVI

Como isto disse, manda o consagrado  
Filho de Maia á terra ; porque tenha  
Um pacifico porto, e socegado,  
Para onde sem receio a frota venha :  
E, para que em Mombaça aventurado  
O forte Capitão se não detenha,  
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse  
A terra, onde quieto repousasse.

## LVII

Já pelo ar o Cyllenêo voava :  
 Com as azas nos pés á terra desce :  
 Sua vara fatal na mão levava,  
 Com que os olhos cansados adormece :  
 Com esta as tristes almas revocava  
 Do inferno, e o vento lhe obedece ;  
 Na cabeça o galero costumado ;  
 E desta arte a Melinde foi chegado.

## LVIII

Comsigo a Fama leva ; porque diga  
 Do Lusitano o preço grande e raro ;  
 Que o nome illustre a um certo amor obriga,  
 E faz a quem o tem, amado e caro.  
 Desta arte vai fazendo a gente amiga  
 Co'o rumor famosissimo, e preclaro :  
 Já Melinde em desejos arde todo  
 De ver da gente forte o gesto, e modo.

## LIX

Dali para Mombaça logo parte,  
 Aonde as náos estavam temerosas ;  
 Para que á gente mande, que se aparte  
 Da barra imiga, e terras suspeitosas :  
 Porque mui pouco val esforço, e arte,  
 Contra infernaes vontades enganosas :  
 Pouco val coração, astucia, e siso,  
 Se lá dos Céos não vem celeste aviso.

## LX

Meio caminho a noite tinha andado,  
 E as estrellas no céu co'a luz alhêa  
 Tinhão o largo mundo allumiado,  
 E só co'o somno a gente se recrea.  
 O Capitão illustre, já cansado  
 De vigiar a noite, que arrecêa,  
 Breve repouso então aos olhos dava :  
 A outra gente a quartos vigiava.

## LXI

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,  
 Dizendo : Foge, foge, Lusitano,  
 Da cilada, que o Rei malvado tece,  
 Por te trazer ao fim, e extremo damno :  
 Foge ; que o vento, e o céu te favorece ;  
 Sereno o tempo tens, e o oceano,  
 E outro Rei mais amigo n'outra parte,  
 Onde pódes seguro agasalhar-te.

## LXII

Não tens aqui senão apparelhado  
 O hospicio, que o crú Diomedes dava,  
 Fazendo ser manjar acostumado  
 De cavallos a gente, que hospedava :  
 As aras de Busiris infamado,  
 Onde os hospedes tristes immolava,  
 Terás certas aqui, se muito esperas :  
 Foge das gentes perfidas e féras.

## LXII

Vai-te ao longo da costa percorrendo,  
E outra terra acharás de mais verdade  
Lá quasi junto, donde o sol ardendo  
Iguala o dia e noite em quantidade :  
Ali, tua frota alegre recebendo  
Um Rei com muitas obras de amizade,  
Gasalhado seguro te daria,  
E para a India certa e sábia guia.

## LXIV

Isto Mercurio disse, e o somno leva  
Ao Capitão, com mui grande espanto  
Acorda, e vê ferida a escura treva  
De uma subita luz, e raio santo :  
E, vendo claro quanto lhe releva  
Não se deter na terra iniqua tanto,  
Com novo esp'rito ao mestre seu mandava  
Que as vélas desse ao vento, que assoprava.

## LXV

Dai vélas, disse, dai ao largo vento ;  
Que o céo nos favorece, e Deos o manda ;  
Que um mensageiro vi do claro assento,  
Que só em favor de nossos passos anda.  
Alevanta-se nisto o movimento  
Dos marinheiros de uma e de outra banda,  
Levão gritando as ancoras acima,  
Mostrando a ruda força, que se estima.



## LXVI

Neste tempo , que as ancoras levavão ,  
Na sombra escura os Mouros escondidos  
Mansamente as amarras lhes cortavão ;  
Por serem , dando á costa , destruidos :  
Mas com vista de lynce vigiavão  
Os Portuguezes sempre apercebidos :  
Elles , como acordados os sentirão ,  
Voando , e não remando , lhe fugirão .

## LXVII

Mas já as agudas prôas apartando  
Ião as vias humidas de argento ,  
Assopra-lhe galerno o vento , e brando ,  
Com suave e seguro movimento :  
Nos perigos passados vão fallando ;  
Que mal se perdêrão do pensamento  
Os casos grandes , donde em tanto aperto  
A vida em salvo escapa por acerto .

## LXVIII

Tinha uma volta dado o sol ardente .  
E n'outra começava , quando virão  
Ao longe dous navios , brandamente  
Co'os ventos navegando , que respirão :  
Porque havião de ser da Maura gente ,  
Para elles , arribando , as vélas virão :  
Um de temor do mal , que arreceava ,  
Por se salvar a gente á costa dava .

## LXIX

Não é o outro , que fica , tão manhoso ,  
 Mas nas mãos vai cair do Lusitano  
 Sem o rigor de Marte furioso ,  
 E sem a furia horrenda de Vulcano ;  
 Que , como fosse debil e medroso  
 Da pouca gente o fraco peito humano ,  
 Não teve resistencia ; e , se a tivera ,  
 Mais damno resistindo recebera.

## LXX

E como o Gama muito desejasse  
 Piloto para a India que buscava ;  
 Cuidou, que entre estes Mouros o tomasse :  
 Mas não lhe succedeu, como cuidava ;  
 Que nenhum delles ha, que lhe ensinasse ,  
 A que parte dos Céos a India estava :  
 Porém dizem-lhe todos , que tem perto  
 Melinde , onde acharão piloto certo.

## LXXI

Louvão do Rei os Mouros a bondade ,  
 Condição liberal , sincero peito ,  
 Magnificencia grande , e humanidade ,  
 Com partes de grandissimo respeito.  
 O Capitão o assella por verdade ;  
 Porque já lh'o dissera deste geito  
 O Cyllenêo em sonhos ; e partia  
 Para onde o sonho , e o Mouro lhe dizia.

## LXXII

Era no tempo alegre, quando entrava  
 No roubador de Europa a luz Phebea,  
 Quando um e o outro corno lhe aquentava,  
 E Flora derramava o de Amalthea :  
 A memoria do dia renovava  
 O pressuroso sol, que o céu rodea,  
 Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,  
 O sello pôz a quanto tinha feito :

## LXXIII

Quando chegava a frota áquella parte,  
 Onde o reino Melinde já se via,  
 De toldos adornada, e leda de arte ;  
 Que bém mostra estimar o santo dia :  
 Treme a bandeira, vôa o estandarte,  
 A côr purpurea ao longe apparecia,  
 Sôão os atambores, e pandeiros :  
 E assi entravão ledos, e guerreiros.

## LXXIV

Enche-se toda a praia Melindana  
 Da gente, que vem ver a leda armada,  
 Gente mais verdadeira, e mais humana,  
 Que toda a d'outra terra atrás deixada.  
 Surge diante a frota lusitana,  
 Péga no fundo a ancora pesada :  
 Mandão fóra um dos Mouros, que tomárão,  
 Por quem sua vinda ao Rei manifestárão.

## LXXV

O Rei, que já sabia da nobreza,  
Que tanto os Portuguezes engrandece,  
Tomarem o seu porto tanto preza,  
Quanto á gente fortissima merece:  
E com verdadeiro animo, e pureza,  
Que os peitos generosos ennobrece,  
Lhe manda rogar muito, que sabissem;  
Para que de seus reinos se servissem.

## LXXVI

São offerecimentos verdadeiros,  
E palavras sinceras, não dobradas,  
As, que o Rei manda aos nobres cavalleiros,  
Que tanto o mar, e terras tem passadas:  
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,  
E gallinhas domesticas cevadas,  
Com as fractas, que então na terra havia;  
E a vontade á dadiva excedia.

## LXXVII

Recebe o Capitão alegremente  
O mensageiro ledo, e seu recado:  
E logo manda ao Rei outro presente,  
Que de longe trazia apparelhado,  
Escarlata purpurea, côr ardente,  
O ramoso coral, fino, e prezado,  
Que debaixo das aguas molle cresce,  
E, como é fóra dellas, se endurece

## LXXVIII

Manda mais um na pratica elegante,  
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse,  
E que de não sahir naquelle instante  
De suas náos em terra o desculpasse.  
Partido assi o embaixador prestante,  
Como na terra ao Rei se apresentasse,  
Com estylo, que Pallas lhe ensinava,  
Estas palavras taes fallando orava :

## LXXIX

Sublime Rei, a quem do Olympto puro  
Foi da summa justiça concedido  
Refrear o soberbo povo duro,  
Não menos d'elle amado, que temido :  
Como porto mui forte, e mui seguro,  
De todo o Oriente conhecido;  
Te vimos a buscar; para que achemos.  
Em ti o remedio certo, que queremos.

## LXXX

Não somos roubadores, que, passando  
Pelas fracas cidades descuidadas,  
A ferro, e a fogo as gentes vão matando,  
Por roubar-lhe as fazendas cubiçadas;  
Mas da soberba Europa navegando,  
Imos buscando as terras apartadas  
Da India grande e rica por mandado  
De um Rei, que temos, alto, e sublimado.

## LXXXI

Que geração tão dura ha hi de gente?  
 Que barbaro costume, e usança fea,  
 Que não vedem os portos tão sómente,  
 Mas inda o hospicio da deserta area?  
 Que má tenção, que peito em nós se sente,  
 Que de tão pouca gente se arrecea;  
 Que com laços armados tão fingidos  
 Nos ordenassem ver-nos destruidos?

## LXXXII

Mas tu, em quem mui certo confiamos  
 Achar-se mais verdade, ó Rei benino,  
 E aquella certa ajuda em ti esperamos,  
 Que teve o perdido Ithaco em Alcino,  
 A teu porto seguros navegamos,  
 Conduzidos do Interprete divino;  
 Que, pois a ti nos manda, está mui claro,  
 Que és de peito sincero, humano e raro.

## LXXXIII

E não cuides, ó Rei, que não sahisse  
 O nosso Capitão esclarecido,  
 A ver-te, ou a servir-te; porque visse,  
 Ou suspeitasse em ti peito fingido:  
 Mas saberás, que o fez; porque cumprisse  
 O regimento em tudo obedecido  
 De seu Rei, que lhe manda, que não sáia,  
 Deixando a frota em nenhum porto, ou praia.

## LXXXIV

E porque é dos vassallos o exercicio.  
 Que os membros tem regidos da cabeça,  
 Não quererás, pois tens de Rei o officio,  
 Que ninguem a seu Rei desobedeça :  
 Mas as mercês, e o grande beneficio,  
 Que ora acha em ti, promette que conheça  
 Em tudo aquillo, que elle e os seus puderem,  
 Emquanto os rios para o mar correrem.

## LXXXV

Assi dizia ; e todos juntamente,  
 Uns com outros em pratica fallando,  
 Louvavão muito o estomago da gente,  
 Que tantos céos e mares vai passando :  
 E o Rei illustre, o peito obediente  
 Dos Portuguezes na alma imaginando,  
 Tinha por valor grande, e mui subido  
 O do Rei, que é tão longe obedecido.

## LXXXVI

E com risonha vista, e ledo aspeito  
 Responde ao Embaixador, que tanto estima :  
 Toda a suspeita má tirai do peito,  
 Nenhum frio temor em vós se imprima ;  
 Que vosso preço, e obras são de geito,  
 Para vos ter o mundo em muita estima ;  
 E quem vos fez molesto tratamento,  
 Não póde ter subido pensamento.

## LXXXVII

De não sahir em terra toda a gente,  
Por observar a usada preeminencia,  
Ainda que me peze estranhamente,  
Em muito tenho a muita obediencia:  
Mas, se lh'o o regimento não consente,  
Nem eu consentirei, que a excellencia  
De peitos tão leaes em si desfaça,  
Só porque a meu desejo satisfaça.

## LXXXVIII

Porém, como a luz crastina chegada  
Ao mundo fôr, em minhas almadias  
Eu irei visitar a forte armada,  
Que ver tanto desejo ha tantos dias:  
E, se vier do mar desbaratada,  
Do furioso vento, e longas vias,  
Aqui terá de limpos pensamentos  
Piloto, munições, e mantimentos.

## LXXXIX

Isto disse, e nas aguas se escondia  
O filho de Latona: e o mensageiro  
Co'a embaixada alegre se partia  
Para a frota no seu batel ligeiro.  
Enchem-se os peitos todos de alegria,  
Por terem o remedio verdadeiro,  
Para acharem a terra, que buscavão;  
E assi ledos a noite festejavão.



## XC

Não faltão ali os raios de artificio,  
Os tremulos cometas imitando :  
Fazem os bombardeiros seu officio,  
O céo, a terra, e as ondas atroando.  
Mostra-se dos Cyclópas o exercicio  
Nas bombas que de fogo estão queimando :  
Outros com vozes, com que o céo ferião,  
Instrumentos altisonos tangião.

## XCI

Respondem-lhe da terra juntamente,  
Co' o raio volteando, com zunido ;  
Anda em gyros no ar a roda ardente,  
Estoura o pó sulphureo escondido :  
A grita se alevanta ao céo, da gente ;  
O mar se via em fogos accendido,  
E não menos a terra ; e assi festeja  
Um ao outro, á memoria de peleja.

## XCII

Mas já o céo inquieto revolvendo.  
As gentes incitava a seu trabalho :  
E já a mãe de Memnon a luz trazendo,  
Ao somno longo punha certo atalho :  
Ião-se as sombras lentas desfazendo  
Sobre as flôres da terra em frio orvalho ;  
Quando o Rei Melindano se embarcava  
A ver a frota, que no mar estava.

## XCIII

Vião-se em derredor ferver as praias  
Da gente, que a ver só concorre leda:  
Luzem da fina purpura as cabaiaes,  
Lustrão os pannos da tecida seda:  
Em lugar de guerreiras azagaias,  
E do arco, que os cornos arremeda  
Da lua, trazem ramos de palmeira,  
Dos que vencem corôa verdadeira.

## XCIV

Um batel grande, e largo, que toldado  
Vinha de sedas de diversas côres,  
Traz o Rei de Melinde, acompanhado  
De nobres de seu reino, e de senhores  
Vem de ricos vestidos adornado,  
Segundo seus costumes, e primores,  
Na cabeça uma fota guarneçada,  
De ouro, de seda, e de algodão tecida

## XCV

Cabaia de damasco rico, e dino,  
Da Tyria côr, entre elles estimada:  
Um collar ao pescoço, de ouro fino,  
Onde a materia da obra é superada:  
C'um resplendor reluze adamantino  
Na cinta a rica adaga bem lavrada:  
Nas alparcas dos pés, emfim de tudo,  
Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

## XCVI

Com um redondo amparo alto de seda,  
N'uma alta e dourada hastea enxerido,  
Um ministro á solar quentura veda,  
Que não offenda, e queime o Rei subido.  
Musica traz na prôa, estranha e leda,  
De aspero som, horrissimo ao ouvido,  
De trombetas arcadas em redondo,  
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

## XCVII

Não menos guarnecido o Lusitano  
Nos seus bateis da frota se partia,  
A receber no mar o Melindano,  
Com lustrosa e honrada companhia :  
Vestido o Gama vem ao modo Hispano  
(Mas franceza era a roupa, que vestia)  
De setim da adriatica Veneza  
Carnesi. côr que a gente tanto préza :

## XCVIII

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,  
Onde o sol reluzindo a vista céga :  
As calças soldadescas recamadas  
Do metal, que fortuna a tantos nega :  
E com pontas do mesmo delicadas  
Os golpes do gibão ajunta, e achega :  
Ao italico modo a aurea espada:  
Pluma na gôrra, um pouco declinada.

## XCIX

Nos de sua companhia se mostrava  
 Da tinta, que dá o murice excellente,  
 A varia côr, que os olhos alegrava,  
 E a maneira do traje diferente.  
 Tal o formoso esmalte se notava  
 Dos vestidos olhados juntamente,  
 Qual apparece o arco rutilante  
 Da bella nympha, filha de Thaumante.

## C

Sonorosas trombetas incitavão  
 Os animos alegres, resoando :  
 Dos Mouros os bateis o mar coalhavão,  
 Os tôldos pelas aguas arrojando :  
 As bombardas horrisonas bramavão,  
 Com as nuvens de fumo o sol tomando,  
 Amiudão-se os brados accendidos,  
 Tapão co'as as mãos os Mouros os ouvidos

## CI

Já no batel entrou do Capitão  
 O Rei, que nos seus braços o levava :  
 Elle co'a cortezia, que a razão  
 (Por ser Rei ) requeria, lhe fallava.  
 C'umas mostras de espanto, e admiração,  
 O Mouro o gesto, e o modo lhe notava,  
 Como quem em mui grande estima tinha  
 Gente, que de tão longe á India vinha.

## CII

E com grandes palavras lhe offerece  
Tudo o, que de seus reinos lhe cumprisse,  
E que, se mantimento lhe fallece,  
Como se proprio fosse, lh'o pedisse :  
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece  
A gente lusitana, sem que a visse ;  
Que já ouvio dizer, que n'outra terra  
Com gente de sua lei tivesse guerra.

## CIII

E, como por toda Africa se sôa,  
Lhe diz os grandes feitos, que fizerão,  
Quando nella ganhárão a corôa  
Do reino, onde as Hesperidas vivêrão :  
E com muitas palavras apregôa  
O menos, que os de Luso merecêrão,  
E o mais, que pela fama o Rei sabia :  
Mas desta sorte o Gama respondia :

## CIV

O' tu, que só tiveste piedade,  
Rei benigno, da gente lusitana,  
Que com tanta miseria, e adversidade  
Dos mares exp'rimenta a furia insana ;  
Aquella alta, e divina Eternidade,  
Que o céo revolve, e rege a gente humana ;  
Pois que de ti taes obras recebemos,  
Te pague o, que nós outros não podemos.

## CV

Tu só, de todos, quantos queima Apollo,  
 Nos recibes em paz, do mar profundo :  
 Em ti dos ventos horridos de Eolo  
 Refugio achamos bom, fido, e jocundo :  
 Emquanto apascentar o largo pólo  
 As estrellas, e o sol dér lume ao mundo,  
 Onde quer que eu viver, com fama e gloria  
 Viverão teus louvores em memoria.

## CVI

Isto dizendo, os barcos vão remando  
 Para a frota, que o Mouro ver deseja :  
 Vão as náos uma a uma rodeando ;  
 Porque de todas tudo note, e veja :  
 Mas para o céo Vulcano fuzilando,  
 A frota co'as bombardas o festeja,  
 E as trombetas canoras lhe tangião,  
 Co'os anafis os Mouros respondião.

## CVII

Mas, depois de ser tudo já notado  
 Do generoso Mouro, que pasmava,  
 Ouvindo o instrumento inusitado,  
 Que tamanho terror em si mostrava ;  
 Mandava estar quieto, e ancorado  
 N'agua o batel ligeiro, que os levava ;  
 Por fallar de vagar co'o forte Gama  
 Nas cousas, de que tem noticia, e fama.

## CVIII

Em praticas o Mouro differentes  
Se deleitava, perguntando agora  
Pelas guerras famosas e excellentes  
Co'o povo havidas, que a Mafoma adora :  
Agora lhe pergunta pelas gentes  
De toda a Hesperia ultima, onde mora :  
Agora pelos povos seus vizinhos,  
Agora pelos humidos caminhos.

## CIX

Mas antes, valeroso Capitão,  
Nos conta, lhe dizia, diligente  
Da terra tua o clima, e região  
Do mundo, onde morais, distinctamente ;  
E assi de vossa antigua geração,  
E o principio do reino tão potente,  
Co'os successos das guerras do começo ;  
Que, sem sabê-las. sei que são de preço :

## CX

E assi tambem nos conta dos rodeios  
Longos, em que te traz o mar irado,  
Vendo os costumes barbaros alheios,  
Que a nossa Africa ruda tem criado :  
Conta ; que agora vem co'os aureos freios  
Os cavalios, que o carro marchetado  
Do novo sol, da fria aurora trazem ;  
O vento dorme, o mar, e as ondas jazem.

## CXIV

E não menos co'o tempo se parece  
 O desejo de ouvir-te o, que contares ;  
 Que quem ha, que por fama não conhece  
 As obras portuguezas singulares ?  
 Não tanto desviado resplandece  
 De nós o claro sol, para julgares,  
 Que os Melindanos tem tão rudo peito,  
 Que não estimem muito um grande feito.

## CXII

Commettêrão soberbos os gigantes  
 Com guerra vãa o Olympo claro e puro :  
 Tentou Pirithoo, e Théseo, de ignorantes,  
 O reino de Plutão horrendo e escuro :  
 Se houve feitos no mundo tão possantes,  
 Não menos é trabalho illustre e duro,  
 Quanto foi commetter inferno, e céo,  
 Que outrem commetta a furia de Nereo.

## CXIII

Queimou o sagrado templo de Diana,  
 Do subtil Ctesiphonio fabricado,  
 Herostrato, por ser da gente humana  
 Conhecido no mundo, e nomeado :  
 Se tambem com taes obras nos engana  
 O desejo de um nome avantajado,  
 Mais razão ha, que queira eterna gloria,  
 Quem faz obras tão dignas de memoria.



# OS LUSIADAS

---

## CANTO III



# OS LUSIADAS



## CANTO TERCEIRO

### I

Agora tu, Calliope, me ensina  
O, que contou ao Rei o illustre Gama:  
Inspira immortal canto, e voz divina  
Neste peito mortal, que tanto te ama:  
Assi o claro inventor da medicina,  
De quem Orphêo pariste, oh linda dama,  
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoe  
Te negue o amor devido, como soe.

### II

Põe tu, Nympha, em effeito meu desejo,  
Como merece a gente lusitana;  
Que veja, e saiba o mundo, que do Tejo  
O licor de Aganippe corre, e mana:  
Deixa as flôres de Pindo; que já vejo  
Banhar-me Apollo na agua soberana,  
Senão direi, que tens algum receio,  
Que se escureça o teu querido Orpheio.

## III

Promptos estavam todos escuitando  
O, que o sublime Gama contaria ;  
Quando , depois de um pouco estar cuidando ,  
Alevantando o rosto , assi dizia :  
Mandas-me , oh Rei , que conte declarando  
De minha gente a grão genealogia :  
Não me mandes contar estranha historia ,  
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

## IV

Que outrem possa louvar esforço alheio ,  
Cousa é , que se costuma , e se deseja :  
Mas louvar os meus proprios , arreccio ,  
Que louvor tão suspeito mal me esteja :  
E , para dizer tudo , temo , e creio ,  
Que qualquer longo tempo curto seja :  
Mas , pois o mandas , tudo se te deve ;  
Irei contra o , que devo , e serei breve.

## V

Além disso , o que a tudo enfim me obriga ,  
É não poder mentir no , que disser ;  
Porque de feitos taes , por mais que diga ,  
Mais me ha de ficar inda por dizer :  
Mas , porque nisto a ordem leve , e siga ,  
Segundo o que desejas de saber ,  
Primeiro tratarei da larga terra ,  
Depois direi da sanguinosa guerra.

## VI

Entre a zona, que o Cancro senhorêa,  
Meta septentrional do Sol luzente,  
E aquella, que por fria se arreeâ  
Tanto, como a do meio por ardente,  
Jaz a soberba Europa, a quem rodêa  
Pela parte do Arcturo, e do Occidente  
Com suas salsas ondas o Oceano,  
E pela austral o mar Mediterraneo.

## VII

Da parte, donde o dia vem nascendo,  
Com Asia se avisinha; mas o rio,  
Que dos montes Rhipheios vai correndo  
Na alagôa Meotis, curvo e frio,  
As divide: e o mar, que féro e horrendo  
Vio dos Gregos o irado senhorio,  
Onde agora de Troia triunfante  
Não vê mais, que a memoria, o navegante.

## VIII

Lá onde mais debaixo está do pólo,  
Os montes Hyperboreos apparecem,  
E aquelles, onde sempre sopra Eolo,  
E co'o nome dos sôpros se ennobrecem:  
Aqui tão pouca força tem de Apollo  
Os raios, que no mundo resplandecem,  
Que a neve está contino pelos montes,  
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

## IX

Aqui dos Scythas grande quantidade  
Vivem, que antigamente grande guerra  
Tiverão sobre a humana antiguidade  
Co'os, que tinham então a Eгыpcia terra :  
Mas quem tão fóra estava da verdade,  
(Já que o juizo humano tanto erra)  
Para que do mais certo se informára,  
Ao campo Damasceno o perguntára.

## X

Agora nestas partes se nomêa  
A Lappia fria, a inculta Neroéga,  
Escandinavia ilha, que se arrêa  
Das victorias, que Italia não lhe nega :  
Aqui, enquanto as aguas não refrêa  
O congelado inverno, se navega  
Um braço do sarmatico Oceano  
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

## XI

Entre este mar, e o Tanais vive estranha  
Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,  
Sarmatas outro tempo, e na montanha  
Hircinia os Marcomanos são Polonios.  
Sujeitos ao imperio de Allemanha  
São Saxones, Bohemios, e Pannonios,  
E outras varias nações, que o Rheno frio  
Lava, e o Danubio, Amásis, e Albis rio.

## XII

Entre o remoto Istro, e o claro estreito,  
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,  
Estão os Thraces de robusto peito,  
Do féro Marte patria tão querida,  
Onde co'o Hemo, o Rhódope sujeito  
Ao Othomano está, que submettida  
Byzancio tem a seu serviço indino:  
Boa injuria do grande Constantino!

## XIII

Logo de Macedonia estão as gentes,  
A quem lava do Axio a agua fria:  
E vós tambem, ó terras excellentes  
Nos costumes, engenhos, e ousadia,  
Que creastes os peitos eloquentes,  
E os juizos de alta phantasia,  
Com quem tu, clara Grecia, o céo penetras,  
E não menos por armas, que por letras.

## XIV

Logo os Dalmatas vivem, e no seio,  
Onde Antenor já muros levantou,  
A soberba Veneza está no meio  
Das aguas; que tão baixa começou.  
Da terra um braço vem ao mar, que cheio  
De esforço nações varias sujeitou,  
Braço forte de gente sublimada  
Não menos nos engenhos, que na espada.

## XV

Em torno o cerca o reino Neptunino ,  
 Co'os muros naturaes por outra parte :  
 Pelo meio o divide o Apennino ,  
 Que tão illustre fez o patrio Marte :  
 Mas depois que o porteiro tem divino ,  
 Perdendo o esforço veio, e bellica arte :  
 Pobre está já de antiga potestade :  
 Tanto Deos se contenta de humildade !

## XVI

Gallia ali se verá , que nomeada  
 Co'os Cesáreos triumphos foi no mundo ,  
 Que do Séquana, e Rhódano é regada ,  
 E do Garumna frio , e Rheno fundo :  
 Logo os montes da Nympha sepultada  
 Pyrene se alevantão , que , segundo  
 Antiguidades contão , quando ardêrão ,  
 Rios de ouro , e de prata então corrêrão.

## XVII

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha ,  
 Como cabeça ali de Europa toda ,  
 Em cujo senhorio , e gloria estranha  
 Muitas voltas tem dado a fatal roda :  
 Mas nunca poderá com força , ou manha  
 A fortuna inquieta pôr-lhe nodas ,  
 Que lh'a não tire o esforço , e ousadia  
 Dos bellicosos peitos , que em si cria.



## XVIII

Com Tingitania entesta , e ali parece  
Que quer fechar o mar Mediterraneo ,  
Onde o sabido Estreito se ennobrece  
Co' o extremo trabalho do Thebano :  
Com nações diferentes se engrandece ,  
Cercadas com as ondas do Oceano ,  
Todas de tal nobreza , e tal valor ,  
Que qualquer dellas cuida , que é melhor.

## XIX

Tem o Tarragonez , que se fez claro  
Sujeitando Parthénope inquieta ,  
O Navarro , as Asturias , que reparo  
Já forão contra a gente Mahometa :  
Tem o Gallego cauto , e o grande e raro  
Castelhano , a quem fez o seu planeta  
Restituidor de Hespanha , e senhor della ,  
Betis , Leão , Granada , com Castella.

## XX

Eis-aqui , quasi cume da cabeça  
De Europa toda , o reino Lusitano ,  
Onde a terra se acaba , e o mar começa ,  
E onde Phebo repousa no Oceano :  
Este quiz o Ceo justo , que floresça  
Nas armas contra o torpe Mauritano ,  
Deitando-o de si fóra , e lá na ardente  
Africa estar quieto o não consente.

## XXI

Esta é a ditosa patria minha amada ,  
Á qual se o Ceo me dá , que eu sem perigo  
Torne com esta empreza já acabada ;  
Acabe-se esta luz ali comigo.  
Esta foi Lusitania , derivada  
De Luso , ou Lysa , que de Baccho antigo  
Filhos forão , parece , ou companheiros ,  
E nella então os incolas primeiros.

## XXII

Desta o Pastor nasceu , que no seu nome  
Se vê , que de homem forte os feitos teve ,  
Cuja fama ninguem virá , que dome ;  
Pois a grande de Roma não se atreve.  
Esta o velho , que os filhos proprios come ,  
Por decreto do Ceo , ligeiro e leve ,  
Veio a fazer no mundo tanta parte ,  
Creando-a reino illustre , e foi desta arte.

## XXIII

Um Rei , por nome Afonso , foi na Hespanha ,  
Que fez aos Sarracenos tanta guerra ,  
Que por armas sanguinas , força , e manha ,  
A muitos fez perder a vida , e a terra :  
Voando deste Rei a fama estranha  
Do Herculano Calpe á Caspia serra ,  
Muitos , para na guerra esclarecer-se ,  
Vinhão a elle , e á morte offerecer-se.

## XXIV

E c'um amor intrinseco accendidos  
Da Fé mais, que das honras populares,  
Erão de varias terras conduzidos,  
Deixando a patria amada, e proprios lares.  
Despois que em feitos altos, e subidos,  
Se mostrarão nas armas singulares,  
Quiz o famoso Afonso, que obras taes  
Levassem premio digno e dões iguaes.

## XXV

Destes Henrique, dizem, que segundo  
Filho de um Rei de Hungria experimentado,  
Portugal houve em sorte, que no mundo  
Então não era illustre, nem prezado :  
E, para mais signal d'amor profundo,  
Quiz o Rei Castelhana, que casado  
Com Teresa sua filha o Conde fosse ;  
E com ella das terras tomou posse.

## XXVI

Este, despois que contra os descendentes  
Da escrava Agar victoria grande teve,  
Ganhando muitas terras adjacentes,  
Fazendo o que a seu forte peito deve,  
Em premio destes feitos excellentes,  
Deu-lhe o supremo Deos em tempo breve  
Um filho, que illustrasse o nome ufano  
Do bellicoso reino Lusitano.

## XXVII

Já tinha vindo Henrique da conquista  
Da cidade Hierosolyma sagrada,  
E do Jordão a arêa tinha vista,  
Que vio de Deos a carne em si lavada;  
Que não tendo Gothfredo a quem resista,  
Depois de ter Judeo subjugada,  
Muitos, que nesta guerra o ajudarão,  
Para seus senhorios se tornárão.

## XXVIII

Quando chegado ao fim de sua idade,  
O forte, e famoso Hungaro estremado,  
Forçado da fatal necessidade,  
O esp'rito deu, a quem lho tinha dado:  
Ficava o filho em tenra mocidade,  
Em quem o pai deixava seu traslado,  
Que do mundo os mais fortes igualava;  
Que de tal pai tal filho se esperava.

## XXIX

Mas o velho rumor, não sei se errado,  
Que em tanta antiguidade não ha certeza,  
Conta, que a mãe tomando todo o estado,  
Do segundo hymeneo não se despreza:  
O filho orphão deixava desherdado,  
Dizendo, que nas terras a grandeza  
Do senhorio todo só sua era;  
Porque para casar seu pai lhas déra.

## XXX

Mas o principe Afonso, que desta arte  
Se chamava, do avô tomando o nome,  
Vendo-se em suas terras não ter parte ;  
Que a mãe com seu marido as manda, e come,  
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,  
Imagina comsigo como as tome :  
Revolvidas as cousas no conceito,  
Ao proposito firme segue o effeito.

## XXXI

De Guimarães o campo se tingia  
Co' o sangue proprio da intestina guerra,  
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,  
A seu filho negava o amor, e a terra.  
Com elle posta em campo já se via,  
E não vê a soberba o muito, que erra  
Contra Deos, contra o maternal amor ;  
Mas nella o sensual era maior.

## XXXII

O' Progne crua ! ó magica Medea !  
Se em vossos proprios filhos vos vingais  
Da maldade dos pais, da culpa alhea ;  
Olhai, que ainda Teresa pecca mais.  
Incontinencia má, cubiça fea,  
São as causas deste erro principais :  
Scylla por uma mata o velho pai,  
Esta por ambas contra o filho vai.

## XXXIII

Mas já o Príncipe claro o vencimento  
Do padrasto, e da iniqua mãe levava :  
Já lhe obedece a terra n'um momento,  
Que primeiro contra elle pelejava :  
Porém, vencido de ira o entendimento,  
A mãe em ferros asperos atava :  
Mas de Deos foi vingada em tempo breve :  
Tanta veneração aos pais se deve !

## XXXIV

Eis se ajunta o soberbo Castelhana,  
Para vingar a injuria de Teresa,  
Contra o tão raro em gente Lusitano,  
A quem nenhum trabalho agrava, ou pesa,  
Em batalha cruel o peito humano,  
Ajudada da angelica defesa,  
Não só contra tal furia se sustenta,  
Mas o inimigo asperrimo afugenta.

## XXXV

Não passa muito tempo, quando o forte  
Príncipe em Guimarães está cercado  
De infinito poder ; que desta sorte  
Foi refazer-se o imigo maguado :  
Mas, com se offerecer á dura morte  
O fiel Egas amo, foi livrado ;  
Que de outra arte pudéra ser perdido,  
Segundo estava mal apercebido.

## XXXVI

Mas o leal vassallo, conhecendo  
Que seu senhor não tinha resistencia,  
Se vai ao Castelhana, promettendo  
Que elle faria dar-lhe obediencia :  
Levanta o inimigo o cerco horrendo,  
Fiado na promessa, e consciencia  
De Egas Moniz : mas não consente o peito  
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

## XXXVII

Chegado tinha o prazo promettido,  
Em que o Rei Castelhana já aguardava,  
Que o principe a seu mando submettido  
Lhe dêsse a obediencia, que esperava :  
Vendo Egas, que ficava fementido,  
O que d'elle de Castella não cuidava,  
Determina de dar a doce vida  
A troco da palavra mal cumprida :

## XXXVIII

E com seus filhos, e mulher se parte  
A alevantar com elles a fiança,  
Descalços, e despídos, de tal arte,  
Que mais move a piedade, que a vingança.  
Se pertendes, Rei alto, de vingar-te  
De minha temeraria confiança,  
Dizia, eis-aqui venho offerecido  
Até pagar co'a vida o promettido.

## XXXIX

Vês aqui trago as vidas innocentes  
 Dos filhos sem peccado, e da consorte ;  
 Se a peitos generosos, e excellentes  
 Dos fracos satisfaz a fera morte.  
 Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes,  
 Nellas sós exprimenta toda sorte  
 De tormentos, de mortes pelo estylo  
 De Scinis, e do touro de Perillo.

## XL

Qual diante do algôz o condemnado,  
 Que já na vida a morte tem bebido,  
 Põe no cepo a garganta, e já entregado  
 Espera pelo golpe tão temido ;  
 Tal diante do Principe indignado  
 Egas estava a tudo offerecido :  
 Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,  
 Mais pôde em fim, que a ira, a piedade.

## XLI

Oh grão fidelidade Portugueza  
 De vassallo, que a tanto se obrigava!  
 Que mais o Persa fez naquella empreza,  
 Onde rosto, e narizes se cortava?  
 Do que ao grande Dario tanto peza,  
 Que, mil vezes dizendo, suspirava,  
 Que mais o seu Zopyro são prezara,  
 Que vinte Babylonias, que tomara.



## XLII

Mas já o Príncipe Afonso apparelhava  
O Lusitano exercito ditoso  
Contra o Mouro, que as terras habitava  
D'além do claro Tejo deleitoso:  
Já no campo de Ourique se assentava  
O arraial soberbo, e bellicoso  
Defronte do inimigo Sarraceno,  
Postoque em força, e gente tão pequeno.

## XLIII

Em nenhuma outra cousa confiado,  
Senão no summo Deos, que o ceo regia;  
Que tão pouco era o povo bautizado,  
Que para um só cem Mouros haveria:  
Julga qualquer juizo socegado  
Por mais temeridade, que ousadia,  
Committer um tamanho ajuntamento;  
Que para um cavalleiro houvesse cento.

## XLIV

Cinco Reis Mouros são os inimigos,  
Dos quaes o principal Ismar se chama,  
Todos experimentados nos perigos  
Da guerra, onde se alcança a illustre fama:  
Seguem guerreiras damas seus amigos,  
Imitando a formosa e forte dama,  
De quem tanto os Troyanos se ajudarão,  
E as que o Thermodonte já gostarão.

## XLV

A matutina luz serena, e fria  
As estrellas do polo já apartava,  
Quando na Cruz o Filho de Maria,  
Amostrando-se a Afonso, o animava.  
Elle, adorando quem lhe apparecia,  
Na Fé todo inflammado, assi gritava:  
Aos infieis, Senhor, aos infieis,  
E não a mi, que creio o, que pôdeis!

## XLVI

Com tal milagre os animos da gente  
Portugueza inflammados, levantavão  
Por seu Rei natural este excellente  
Principe, que do peito tanto amavão:  
E diante do exercito potente  
Dos imigos, gritando o céu tocavão,  
Dizendo em alta voz: « Real, Real,  
Por Afonso alto Rei de Portugal. »

## XLVII

Qual co'os gritos, e vozes incitado  
Pela montanha o rabido moloso,  
Contra o touro remette, que fiado  
Na força está do corno temeroso:  
Ora pega na orelha, ora no lado,  
Latindo, mais ligeiro, que forçoso;  
Até que emfim, rompendo-lhe a garganta,  
Do bravo a força horrenda se quebranta:

## XLVIII

Tal do Rei novo o estomago , accendido  
 Por Deos , e pelo povo juntamente ,  
 O barbaro commette apercebido  
 Co'o animoso exercito rompente :  
 Levantão nisto os perros o alarido  
 Dós gritos , tocão á arma , ferve a gente ,  
 As lanças e arcos tomão , tubas soão ,  
 Instrumentos de guerra tudo atroão.

## XLIX

Bem como quando a flamma , que ateadada  
 Foi nos aridos campos , (assoprando  
 O sibilante Boreas) animada  
 Co'o vento , o secco mato vai queimando :  
 A pastoral campanha , que deitada  
 Co'o doce somno estava , despertando  
 Ao estridor do fogo , que se atêa ,  
 Recolhe o fató , e foge para a aldêa :

## L

Dest'arte o Mouro attonito , e torvado ,  
 Toma sem tento as armas mui de pressa :  
 Não foge , mas espera confiado ,  
 E o ginete belligero arremessa.  
 O Portuguez o encontra denodado ,  
 Pelos peitos as lanças lhe atravessa :  
 Uns cahem meios mortos , e outros vão  
 A ajuda convocando do Alcorão.

## LI

Ali se vêm encontros temerosos,  
Para se desfazer uma alta serra,  
E os animaes correndo furiosos,  
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:  
Golpes se dão medonhos, e forçosos,  
Por toda a parte andava accessa a guerra:  
Mas o de Luso, arnêz, couraça, e malha  
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

## LII

Cabeças pelo campo vão saltando,  
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido,  
E d'outros as entranhas palpitando,  
Pallida a côr, o gesto amortecido.  
Já perde o campo o exercito nefando,  
Correm rios do sangue desparzido,  
Com que tambem do campo a côr se perde,  
Tornado carmesi de branco, e verde.

## LIII

Já fica vencedor o Lusitano,  
Recolhendo os trophéos, e presa rica:  
Desbaratado, e roto o Mouro Hispano,  
Tres dias o grão Rei no campo fica.  
Aqui pinta no branco escudo ufano,  
Que agora esta victoria certifica,  
Cinco escudos azues esclarecidos,  
Em signal destes cinco Reis vencidos.

## LIV

E nestes cinco escudos pinta os trinta  
Dinheiros, por que Deos fôra vendido,  
Escrevendo a memoria em varia tinta  
Daquelle, de quem foi favorecido:  
Em cada um dos cinco cinco pinta;  
Porque assi fica o numero cumprido,  
Contando duas vezes o do meio  
Dos cinco azues, que em cruz pintado veio.

## LV

Passado já algum tempo, que passada  
Era esta grão victoria, o Rei subido  
A tomar vai Leiria, que tomada  
Fôra mui pouco havia do vencido.  
Com esta a forte Arronches subjugada  
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido  
Scalabicastro, cujo campo ameno  
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

## LVI

A estas nobres villas submettidas  
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,  
E nas serras da Lua conhecidas  
Subjuga a fria Cintra o duro braço,  
Cintra, onde as Naiádes escondidas  
Nas fontes vão fugindo ao doce laço,  
Onde amor as enreda brandamente,  
Nas aguas accendendo fogo ardente.

## LVII

E tu, nobre Lisboa, que no mundo  
Facilmente das outras és princeza,  
Que edificada foste do facundo,  
Por cujo engano foi Dardania accessa:  
Tu, a quem obedece o mar profundo,  
Obedeceste á força Portugueza,  
Ajudada tambem da forte armada,  
Que das Boreaes partes foi mandada.

## LVIII

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,  
E da fria Bretanha conduzidos,  
A destruir o povo Sarraceno,  
Muitos com tenção sancta erão partidos:  
Entrando a bocca já do Tejo ameno,  
Co'o arraial do grande Afonso unidos,  
Cuja alta fama então subia aos céos,  
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

## LIX

Cinco vezes a Lua se escondera,  
E outras tantas mostrára cheio o rosto,  
Quando a cidade entrada se rendêra  
Ao duro cerco, que lhe estava posto.  
Foi a batalha tão sanguinea e fera,  
Quanto obrigava o firme presupposto  
De vencedores asperos e ousados,  
E de vencidos já desesperados.

## LX .

Desta arte emfim tomada se rendeu,  
Aquella, que nos tempos já passados  
Á grande força nunca obedeceu  
Dos frios povos Scythicos ousados,  
Cujo poder a tanto se estendeu,  
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados,  
E emfim co' o Betis tanto alguns pudérão,  
Que á terra de Vandalia nome dérão.

## LXI

Que cidade tão forte por ventura  
Haverá que resista, se Lisboa  
Não pode resistir á força dura  
Da gente, cuja fama tanto vâa?  
Já lhe obedece toda a Estremadura,  
Obidos, Alemquer, por onde sôa  
O tom das frescas aguas entre as pedras,  
Que murmurando lavão, e Torres-Vedras.

## LXII

E vós tambem, ó terras Transtaganas,  
Afamadas co' o dom da flava Ceres,  
Obedeceis ás forças mais humanas,  
Entregando-lhe os muros, e os poderes:  
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,  
Se sustentar a fertil terra queres;  
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,  
E Alcacere-do-Sal estão rendidas.

## LXIII

Eis a nobre cidade, certo assento  
Do rebelde Sertorio antigamente,  
Onde ora as aguas nitidas de argento  
Vem sustentar de longo a terra, e a gente  
Pelos arcos reaes, que cento e cento  
Nos ares se alevantão nobremente,  
Obedeceu por meio e ousadia  
De Giraldo, que medos não temia.

## LXIV

Já na cidade Beja vai tomar  
Vingança de Trancoso destruida  
Afonso, que não sabe socegar,  
Por estender co'a fama a curta vida:  
Não se lhe póde muito sustentar  
A cidade; mas sendo já rendida,  
Em toda a cousa viva a gente irada  
Provando os fios vai da dura espada.

## LXV

Com estas subjugada foi Palmella,  
E a piscosa Cesimbra, e juntamente,  
Sendo ajudado mais de sua estrella,  
Desbarata um exercito potente:  
Sentio-o a villa, e vio-o o senhor della,  
Que a soccorrê-la vinha diligente  
Pela fralda da serra, descuidado  
Do temeroso encontro inopinado:



## LXVI

O Rei de Badajoz era alto Mouro,  
Com quatro mil cavallos furiosos,  
Innumeros peões, d'armas, e de ouro  
Guarnecidos, guerreiros, e lustrosos.  
Mas, qual no mêz de Maio o bravo touro  
Co'os ciumes da vacca arreceosos,  
Sentindo gente o bruto e cego amante,  
Saltêa o descuidado caminhante :

## LXVII

Desta arte Afonso subito mostrado  
Na gente dá que passa bem segura,  
Fere, mata, derriba denodado ;  
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura :  
D'um panico terror todo assombrado,  
Só de segui-lo o exercito procura,  
Sendo estes, que fizerão tanto abalo,  
No mais que só sessenta de cavallo.

## LXVIII

Logo segue a victoria sem tardança  
O grão Rei incansabil, ajuntando  
Gentes de todo o Reino, cuja usança  
Era andar sempre terras conquistando.  
Cercar vai a Badajoz, e logo alcança  
O fim do seu desejo, pelejando  
Com tanto esforço, e arte, e valentia,  
Que a faz fazer ás outras companhia.

## LXIX

Mas o alto Deos, que para longe guarda  
 O castigo daquelle, que o merece;  
 Ou, para que se emende, ás vezes tarda;  
 Ou por segredos, que homem não conhece:  
 Se atéqui sempre o forte Rei resguarda  
 Dos perigos, a que elle se offerece,  
 Agora lhe não deixa ter defesa  
 Da maldição da mãe que estava presa;

## LXX

Que estando na cidade, que cercára,  
 Cercado nella foi dos Leonezes;  
 Porque a conquista della lhe tomára,  
 De Leão sendo, e não dos Portuguezes.  
 A pertinacia aqui lhe custa cara,  
 Assi como acontece muitas vezes;  
 Que em ferros quebra as pernas, indo acceso  
 Á batalha, onde foi vencido, e preso.

## LXXI

O' famoso Pompeio, não te pene  
 De teus feitos illustres a ruina,  
 Nem ver que a justa Némesis ordene  
 Ter teu sogro de ti victoria dina;  
 Posto que o frio Phasis, ou Syene,  
 Que para nenhum cabo a sombra inclina,  
 O Bootes gelado, e a Linha ardente,  
 Temessem o teu nome geralmente:

## LXXII

Posto que a rica Arabia, e que os feroces  
 Heniochos, e Colchos, cuja fama  
 O véo dourado estende, e os Cappadoces,  
 E Judea, que um Deos adora e ama ;  
 E que os molles Sophenes, e os atroces  
 Cilicios, com a Armenia, que derrama  
 As aguas dos dous rios, cuja fonte  
 Está n'outro mais alto, e sancto monte :

## LXXIII

E posto emfim que desd'o o mar de Atlante  
 Até o Scythico Tauro, monte erguido,  
 Já vencedor te vissem ; não te espante,  
 Se o campo Emathio só te vio vencido :  
 Porque Afonso verás soberbo, e ovante  
 Tudo render, e ser depois rendido.  
 Assi o quiz o Conselho alto, celeste,  
 Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

## LXXIV

Tornado o Rei sublime finalmente  
 Do divino Juizo castigado :  
 Depois que em Santarem soberbamente  
 Em vão dos Sarracenos foi cercado,  
 E depois que do martyre Vicente  
 O santissimo corpo venerado  
 O Sacro promontorio conhecido  
 Á cidade Ulyssea foi trazido ;

## LXXV

Porque levasse avante seu desejo,  
Ao forte filho manda o lasso velho,  
Que ás terras se passasse d'Alemtejo  
Com gente, e co'o belligero apparelho.  
Sancho, d'esforço, e d'animo sobejo,  
Avante passa e faz correr vermelho  
O rio, que Sevilha vai regando,  
Co'o o sangue Mauro, barbaro, e nefando.

## LXXVI

E com esta victoria cubiçoso,  
Já não descança o moço, até que veja  
Outro estrago, como este, temeroso,  
No barbaro, que tem cercado Beja:  
Não tarda muito o Principe ditoso,  
Sem ver o fim daquillo que deseja.  
Assi estragado o Mouro na vingança  
De tantas perdas põe sua esperança.

## LXXVII

Já se ajuntão do monte, a quem Medusa  
O corpo fez perder, que teve o céu:  
Já vem do promontorio de Ampelusa,  
E do Tinge, que assento foi de Anteo.  
O morador de Abyla não se escusa;  
Que tambem com suas armas se moveu  
Ao som da Mauritãna e ronça tuba  
Todo o reino, que foi do nobre Juba.

## LXXVIII

Entrava com toda esta companhia  
O Mir-almuminin em Portugal,  
Treze reis Mouros leva de valia,  
Entre os quaes tem o sceptro Imperial :  
E assi fazendo quanto mal podia,  
O que em partes podia fazer mal,  
Dom Sancho vai cercar em Santarem ;  
Porém não lhe succedê muito bem.

## LXXIX

Dá-lhe combates asperos, fazendo  
Ardis de guerra mil o Mouro iroso :  
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,  
Mina secreta, ariete forçoso :  
Porque o filho de Afonso não perdendo  
Nada do esforço, e accordo generoso,  
Tudo provê com animo, e prudencia ;  
Que em toda parte ha esforço, e resistencia.

## LXXX

Mas o velho a quem tinhão já obrigado  
Os trabalhosos annos ao socego,  
Estando na cidade, cujo prado  
Enverdecem as aguas do Mondego,  
Sabendo como o filho está cercado  
Em Santarem do Mauro povo cego,  
Se parte diligente da cidade ;  
Que não perde a presteza co'a idade.

## LXXXI

E co'a famosa gente á guerra usada  
 Vai soccorrer o filho : e assi ajuntados,  
 A Portugueza furia costumada  
 Em breve os Mouros tem desbaratados :  
 A campina, que toda está coalhada  
 De marlotas, capuzes variados,  
 De cavallos, jaezes, presa rica,  
 De seus senhores mortos cheia fica.

## LXXXII

Logo todo o restante se partio  
 De Lusitania, posto em fugida :  
 O Mir-almuminin só não fugio ;  
 Porque antes de fugir, lhe fogue a vida.  
 A quem lhe esta victoria permittio,  
 Dão louvores e graças sem medida ;  
 Que em casos tão estranhos claramente  
 Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

## LXXXIII

De tamanhas victorias triumphava  
 O velho Afonso, Principe subido :  
 Quando, quem tudo emfim vencendo andava,  
 Da larga e muita idade foi vencido :  
 A pallida doença lhe tocava  
 Com fria mão o corpo enfraquecido,  
 E pagarão seus annos deste geito  
 E triste Libitina seu direito.

## LXXXIV

Os altos promontorios o chorarão.  
E dos rios as aguas saudosas  
Os semeados campos alagarão,  
Com lagrimas correndo piedosas:  
Mas tanto pelo mundo se alargarão  
Com fama suas obras valerosas,  
Que sempre no seu reino chamarão  
Afonso, Afonso, os echos: mas em vão.

## LXXXV

Sancho forte mancebo, que ficara  
Imitando seu pai na valentia,  
E que em sua vida já se experimentara,  
Quando o Betis de sangue se tingia,  
E o barbaro poder desbaratava  
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,  
E mais quando os, que Beja em vão cercarão,  
Os golpes de seu braço em si provarão:

## LXXXVI

Depois que foi por Rei alevantado,  
Havendo poucos annos que reinava,  
A cidade de Sylves tem cercado,  
Cujos campos o barbaro lavrava;  
Foi das valentes gentes ajudado  
Da germanica armada, que passava  
De armas fortes e gente apercebida,  
A recobrar Judea já perdida.

## LXXXVII

Passavão a ajudar na sancta empreza  
O rôxo Frederico, que moveu  
O poderoso exercito em defesa  
Da cidade, onde Christo padeceu,  
Quando Guido, co'a gente em sêde accesa,  
Ao grande Saladino se rendeu  
No lugar, onde aos Mouros sobejavão  
As aguas, que os de Guido desejavão.

## LXXXVIII

Mas a formosa armada, que viera  
Por constraste de vento áquella parte,  
Sancho quiz ajudar na guerra fera,  
Já que em serviço vai do sancto marte!  
Assi como a seu pai acontecêra,  
Quando tomou Lisboa, da mesma arte  
Do Germano ajudada Sylves toma  
E o bravo morador destrúe, e doma

## LXXXIX

E se tantos trophéos do Mahometa  
Alevantando vai, tambem do forte  
Leonez não consente estar quieta  
A terra, usada aos casos de Mavorte ;  
Até que na cerviz seu jugo metta  
Da soberba Tuí, que a mesma sorte  
Vio ter a muitas villas suas vizinhas,  
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.



## XC

Mas entre tantas palmas salteado  
Da temerosa morte, fica herdeiro  
Um filho seu, de todos estimado,  
Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro :  
No tempo deste aos Mouros foi tomado  
Alcacere-do-Sal por derradeira ;  
Porque d'antes os Mouros o tomarão ;  
Mas agora estruidos o pagarão.

## XCI

Morto depois Afonso, lhe succede  
Sancho segundo, manso e descuidado,  
Que tanto em seus descuidos se desmede,  
Que de outrem, quem mandava era mandado :  
De governar o reino, que outro pede,  
Por causa dos privados foi privado ;  
Porque como por elles se regia,  
Em todos os seus vicios consentia.

## XCII

Não era Sancho, não, tão deshonesto,  
Como Nero, que um moço recebia  
Por mulher, e depois horrendo incesto  
Com a mãe Agrippina commettia :  
Nem tão cruel ás gentes, e molesto,  
Que a cidade queimasse onde vivia :  
Nem tão máo, como foi Heliogabalo,  
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

## XCIII

Nem era o povo seu tyrannisado,  
Como Sicilia foi de seus tyrannos :  
Nem tinha, como Phalaris, achado  
Genero de tormentos inhumanos :  
Mas o reino de altivo, e costumado  
A senhores em tudo soberanos,  
A Rei não obedece, nem consente,  
Que não fôr mais, que todos, excellente :

## XCIV

Por esta causa o reino governou  
O conde Bolonhez, depois alçado  
Por Rei, quando da vida se apartou  
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.  
Este que Afonso o bravo se chamou,  
Depois de ter o reino segurado,  
Em dilata-lo cuida ; que em terreno  
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

## XCV

Da terra dos Algarves, que lhe fôra  
Em casamento dada, grande parte  
Recupera co'o braço e deita fóra  
O Mouro mal querido já de Marte :  
Este de todo fez livre e senhora  
Lusitania com força, e bellica arte,  
E acabou de opprimir a nação forte  
Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

## XCVI

Eis depois vem Diniz ; que bem parece  
 Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,  
 Com quem a fama grande se escurece  
 Da liberalidade Alexandrina :  
 Com este o reino prospero floresce  
 (Alcançada já a paz aurea divina)  
 Em constituições, leis, e costumes,  
 Na terra já tranquilla claros lumes :

## XCVII

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se  
 O valeroso officio de Minerva,  
 E de Helicon as Musas fez passar-se  
 A pisar do Mondego a fertil herva  
 Quanto pode de Athenas desejar-se,  
 Tudo o soberbo Apollo aqui reserva :  
 Aqui as capellas dá tecidas de ouro,  
 Do baccharo, e do sempre verde louro.

## XCVIII

Nobres villas de novo edificou,  
 Fortalezas, castellos mui seguros,  
 E quasi o reino todo reformou  
 Com edificios gran les, e altos muros :  
 Mas depois que a dura Átropos cortou  
 O fio de seus dias já maduros,  
 Ficou-lhe o filho pouco obediente,  
 Quarto Afonso ; mas forte e excellente.

## XCIX

Este sempre as soberbas Castelhanas  
Co'o peito desprezou firme e sereno ;  
Porque não é das forças Lusitanas  
Temer poder maior, por mais pequeno :  
Mas porém, quando as gentes Mauritanas,  
A possuir o Hesperico terreno,  
Entrar pelas terras de Castella,  
Foi o soberbo Afonso a soccorrê-la.

## C

Nunca com Semiramis gente tanta  
Veio os campos Hydaspicos enchendo :  
Nem Attila que Italia toda espanta,  
Chamando-se de Deos açoute horrendo,  
Gotthica gente trouxe tanta, quanta  
Do Sarraceno barbaro estupendo,  
Co'o poder excessivo de Granada,  
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

## CI

E vendo o Rei sublime Castelhanao  
A força inexpugnabil, grande e forte,  
Temendo mais o fim do povo Hispano,  
Já perdido uma vez, que a propria morte ;  
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,  
Lhe mandava a charissima consorte,  
Mulher de quem a manda, e filha amada  
Daquelle, a cujo reino foi mandada.

## CII

Entrava a formosissima Maria  
Pelos paternaes paços sublimados,  
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,  
E seus olhos em lagrimas banhados:  
Os cabellos angelicos trazia  
Pelos eburneos hombros espalhados;  
Diante do pai ledo, que a agazalha,  
Estas palavras taes chorando espalha :

## CIII

Quantos povos a terra produzio  
De Africa toda, gente fera e estranha,  
O grão Rei de Marrocos conduzio,  
Para vir possuir a nobre Hespanha:  
Poder tamanho junto não se vio,  
Despois que o salso mar a terra banha:  
Trazem ferocidade, e furor tanto,  
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

## CIV

Aquelle, que me déste por marido,  
Por defender, sua terra amedrontada,  
Co'o pequeno poder off-recido  
Ao duro golpe está da Moura espada;  
E se não fór contigo soccorrido,  
Ver-me-has delle, e do reino ser privada,  
Viuva, e triste, e posta em vida escura,  
Sem marido, sem reino, e sem ventura.

## CV

Portanto, ó Rei, de quem com puro medo  
 O corrente Mulucha se congela,  
 Rompe toda a fardança, acude cedo  
 Á miseranda gente de Castella:  
 Se esse gesto, que mostras claro e ledó,  
 De pai o verdadeiro amor assella,  
 Acude, e corre pai; que, se não corres,  
 Póde ser que não aches, quem soccorres.

## CVI

Não de outra sorte a tímida Maria,  
 Fallando está, que a triste Venus, quando  
 A Jupiter seu pai favor pedia  
 Para Eneas seu filho navegando:  
 Que a tanta piedade commovia,  
 Que, cahido das mãos o raio infando,  
 Tudo o clemente Padre lhe concede,  
 Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

## CVII

Mas já co'os esquadrões da gente armada  
 Os Eborenses campos vão coalhados:  
 Lustra co'ó Sol o arnez, a lança, a espada,  
 Vão rinchando os cavallo's jaezados:  
 A canora trombeta embandeirada  
 Os corações á paz acostumados  
 Vai ás fulgentes armas incitando,  
 Pelas concavidades retumbando.

## CVIII

Entre todos no meio se sublima,  
Das insignias Reaes acompanhado,  
O valeroso Afonso, que por cima  
De todos leva o collo alevantado,  
E sómente co'o gesto esforça, e anima  
A qualquer coração amedrontado:  
Assi entra nas terras de Castella  
Com a filha gentil, Rainha della.

## CIX

Juntos os dous Afonsos finalmente  
Nos campos de Tarifa, estão defronte  
Da grande multidão da cega gente,  
Para quem são pequenos campo e monte.  
Não ha peito tão alto, e tão potente,  
Que de desconfiança não se affronte,  
Emquanto não conheça, e claro veja,  
Que co'o braço dos seus Christo peleja.

## CX

Estão de Agar os netos quasi rindo  
Do poder dos Christãos fraco e pequeno,  
As terras, como suas, repartindo  
Antemão entre o exercito Agareno,  
Que com titulo falso possuindo  
Está o famoso nome Saraceno:  
Assi tambem com falsa conta, e nua,  
Á nobre terra alheia chamão sua.

## CXI

Qual o membrudo e barbaro Gigante,  
Do Rei Saul com causa tão temido,  
Vendo o Pastor inerme estar diante,  
Só de pedras, e esforço apercebido :  
Com palavras soberbas o arrogante  
Despreza o fraco moço mal vestido,  
Que, rodeando a funda, o desengana,  
Quanto mais póde a fé, que a força humana :

## CXII

Desta arte o Mouro perfido despreza  
O poder dos Christãos, e não entende,  
Que está ajudado da alta fortaleza,  
A quem o inferno horrífico se rende :  
Com ella o Castelhana, e com destreza  
De Marrocos o Rei commette, e offende :  
O Portuguez, que tudo estima em nada,  
Se faz temer ao reino de Granada.

## CXIII

Eis as lanças, e espadas retinião  
Por cima dos arnezes: bravo estrago !  
Chamão (segundo as leis, que ali seguião)  
Uns Mafamede, e os outros Sanct-Iago :  
Os feridos com grita o ceo ferião,  
Fazendo de seu sangue bruto lago,  
Onde outros meios mortos se afogavão,  
Quando do ferro as vidas escapavão.



## CXIV

Com esforço tamanho estrue, e mata  
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço  
Totalmente o poder lhe desbarata,  
Sem lhe valer defeza ou peito de aço :  
De alcançar tal victoria tão barata  
Inda não bem contente o forte braço,  
Vai ajudar ao bravo Castelhana,  
Que pelejando está co'o Mauritano.

## CXV

Já se ia o Sol ardente recolhendo  
Para a casa de Thetis, e inclinado  
Para o Ponente, o vespero trazendo,  
Estava o claro dia memorado :  
Quando o poder do Mouro grande e horrendo  
Foi pelos fortes Reis desbaratado  
Com tanta mortandade, que a memoria  
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

## CXVI

Não matou a quarta parte o forte Mario,  
Dos que morrerão neste vencimento,  
Quando as aguas co'o sangue do adversario  
Fez beber ao exercito sedento :  
Nem o Peno, asperissimo contrario  
Do Romano poder de nascimento,  
Quando tantos matou da illustre Roma,  
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

## CXVII

E se tu tantas almas só pudeste  
 Mandar ao reino escuro de Cocyto  
 Quando a sancta cidade desfizeste  
 Do povo, pertinaz no antigo rito,  
 Permissão, e vingança foi celeste,  
 E não força de braço, ó nobre Tito;  
 Que assi dos Vates foi prophetisado,  
 E depois por JESU certificado.

## CXVIII

Passada esta tão prospera victoria,  
 Tornado Afonso á Lusitana terra,  
 A se lograr da paz com tanta gloria,  
 Quando soube ganhar na dura guerra:  
 O caso triste, e digno de memoria,  
 Que do sepulchro os homens desenterra,  
 Aconteceu da misera, e mesquinha,  
 Que, depois de ser morta, foi Rainha.

## CXIX

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,  
 Que os corações humanos tanto obriga,  
 Déste causa á molesta morte sua,  
 Como se fôra perfida inimiga:  
 Se dizem, fero Amor, que a sêde tua  
 Nem com lagrimas tristes se mitiga,  
 É porque queres, aspero e tyranno,  
 Tuas aras banhar em sangue humano.

## CXX

Estavas, linda Ignez, posta em socego,  
De teus annos colhendo doce fructo,  
Naquelle engano da alma, ledo e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito :  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus formosos olhos nunca enxuito,  
Aos montes ensinando, e ás hervinhas  
O nome, que no peito escripto tinhas.

## CXXI

Do teu Principe ali te respondião  
As lembranças, que na alma lhe moravão,  
Que sempre ante seus olhos te trazião,  
Quando dos teus formosos se apartavão,  
De noite em doces sonhos, que mentião,  
De dia em pensamentos, que voavão:  
E quanto emfim cuidava, e quanto via,  
Erão tudo memorias de alegria.

## CXXII

De outras bellas senhoras, e Princezas  
Os desejados thálamos engeita ;  
Que tudo emfim, tu, puro amor, desprezas,  
Quando um gesto suave te sujeita.  
Vendo estas namoradas estranhezas  
O velho pai sisudo, que re-peita  
O murmurar do povo, e a phantasia  
Do filho, que casar-se não queria:

## CXXIII

Tirar Ignez ao mundo determina;  
Por lhe tirar o filho, que tem preso,  
Crendo co'o sangue só da morte indina  
Matar do firme amor o fogo acceso.  
Que furor consentio, que a espada fina,  
Que pôde sustentar o grande peso  
Do furor Mouro, fosse alevantada  
Contra uma fraca dama delicada?

## CXXIV

Trazião-na os horrificos algozes  
Ante o Rei, já movido a piedade;  
Mas o povo com falsas, e ferozes  
Razões á morte crua o persuade.  
Ella com tristes, e piedosas vozes,  
Sahidas só da magoa, e saudade  
Do seu Principe, e filhos, que deixava,  
Que mais, que a propria morte, a magoava :

## CXXV

Para o ceo crystallino alevantando  
Com lagrimas os olhos piedosos,  
Os olhos; porque as mãos lhe estava atando  
Um dos duros ministros rigorosos :  
E depois nos meninos attentando,  
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,  
Cuja orphanidade como mãe temia,  
Para o avô cruel assi dizia :

## CXXVI

Se já nas brutas feras , cuja mente  
 Natura fez cruel de nascimento ,  
 E nas aves agrestes , que sómente  
 Nas rapinas aerias tem o intento ,  
 Com pequenas crianças vio a gente  
 Terem tão piedoso sentimento ,  
 Como co'a mãe de Nino já mostrarão ,  
 E co'os irmãos , que Roma edificarão :

## CXXVII

O' tu , que tens de humano o gesto , e o peito ,  
 (Se de humano é matar uma donzella  
 Fraca e sem força , só por ter sujeito  
 O coração , a quem soube vencê-la)  
 A estas criancinhas te n respeito ;  
 Pois o não tens á morte escura della :  
 Mova-te a piedade sua , e minha ;  
 Pois te não move a culpa que não tinha.

## CXXVIII

E se , vencendo a Maura resistencia ,  
 A morte sabes dar com fogo e ferro ,  
 Sabe tambem dar vida com clemencia  
 A quem , para perde-la , não fez erro :  
 Mas , se to assi merece esta innocencia ,  
 Põe-me em perpetuo e misero desterro  
 Na Scythia fria , ou lá na Lybia ardente ,  
 Onde em lagrimas viva eternamente.

## CXXIX

Põe-me , onde se use toda a feridade ,  
 Entre leões e tigres ; e verei ,  
 Se nelles posso achar a piedade ,  
 Que entre peitos humanos não achei :  
 Ali co' o amor intrinseco , e vontade  
 Naquelle por quem morro , criarei  
 Estas reliquias suas , que aqui viste ;  
 Que refrigerio sejam da mãe triste .

## CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benino ,  
 Movido das palavras , que o magoão ;  
 Mas o pertinaz povo , e seu destino  
 (Que desta sorte o quiz) lhe não perdoão :  
 Arrancão das espadas de aço fino  
 Os , que por bom tal feito ali apregoão .  
 Contra uma dama , ó peitos carneiros ,  
 Feros vos amostrais , e cavalleiros ?

## CXXXI

Qual contra a linda moça Polyxena ,  
 Consolação extrema da mãe velha ;  
 Porque a sombra de Achilles a condena ,  
 Co' o ferro o duro Pyrrho se apparelha :  
 Mas ella os olhos , com que o ar serena ,  
 (Bem como paciente , e mansa ovelha)  
 Na misera mãe postos , que endoudece ,  
 Ao duro sacrificio se offerece :

## CXXXII

Taes contra Ignez os brutos matadores  
No collo de alabastro, que sostinha  
As obras, com que amor matou de amores  
Aquelle, que depois a fez Rainha,  
As espadas banhando, e as brancas flores,  
Que ella dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçavão, férvidos e irosos,  
No futuro castigo não cuidadosos.

## CXXXIII

Bem puderas, ó Sol, da vista destes  
Teus raios apartar aquelle dia,  
Como da séva mesa de Thyestes,  
Quando os filhos por mão de Atreo comia!  
Vós, ó concavos valles, que podestes  
A voz extrema ouvir da boca fria,  
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,  
Por muito grande espaço repetistes!

## CXXXIV

Assi como a bonina, que cortada  
Antes do tempo foi, candida e bella,  
Sendo das mãos lascivas maltratada  
Da menina, que a trouxe na capella,  
O cheiro traz perdido, e a côr murchada:  
Tal está morta a pallida donzella,  
Seccas do rosto as rosas, e perdida  
A branca e viva côr, co'a doce vida.

## CXXXV

As filhas do Mondego a morte escura,  
Longo tempo chorando, memorarão;  
E, por memoria eterna, em fonte pura  
As lagrimas choradas transformarão:  
O nome lhe puzerão, que inda dura,  
Dos amores de Ignez, que ali passarão.  
Vede que fresca fonte rega as flores;  
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

## CXXXVI

Não correu muito tempo, que a vingança  
Não visse Pedro das mortaes feridas;  
Que, em tomando do reino a governança,  
A tomou dos fugidos homicidas:  
Do outro Pedro cruissimo os alcança;  
Que ambos, inimigos das humanas vidas,  
O concerto fizerão duro e injusto,  
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

## CXXXVII

Este castigador foi rigoroso  
De latrocínios, mortes, e adulterios:  
Fazer nos mãos cruezas, fero e iroso  
Erão os seus mais certos refrigerios:  
As cidades guardando justicioso  
De todos os soberbos vituperios,  
Mais ladrões, castigando, á morte deu,  
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.



## CXXXVIII

Do justo , e duro Pedro nasce o brando ,  
(Vede da natureza o desconcerto)  
Remisso , e sem cuidado algum , Fernando ,  
Que todo o reino pôz em muito aperto :  
Que , vindo o Castelhana devastando  
As terras sem defeza , esteve perto  
De destruir-se o reino totalmente ;  
Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

## CXXXIX

Ou foi castigo claro do peccado ,  
De tirar Leonor a seu marido ,  
E casar-se com ella , de enlevado  
N'um falso parecer mal entendido :  
Ou foi , que o coração sujeito , e dado  
Ao vicio vil , de quem se vio rendido ,  
Molle se fez , e fraco , e bem parece ;  
Que um baixo amor os fortes enfraquece.

## CXL

Do peccado tiverão sempre a pena  
Muitos , que Deos o quiz , e permittio ;  
Os que forão roubar a bella Helena ;  
E com Apio tambem Tarquino o vio :  
Pois por quem David sancto se condena ?  
Ou quem a Tribu illustre destruiu  
De Benjamin ? Bem claro no-lo ensina  
Por Sara Pharaó , Sichem por Dina.

## CXXI

E pois, se os peitos fortes enfraquece  
 Um inconcesso amor desatinado,  
 Bem no filho de Alcmena se parece,  
 Quando em Omphale andava transformado:  
 De Marco Antonio a fama se escurece,  
 Com ser tanto a Cleopátra afeiçoado:  
 Tu tambem, Pœno prospero, o sentiste,  
 Depois que uma moça vil na Apulia viste.

## CXXII

Mas quem póde livrar-se por ventura  
 Dos laços, que amor arma brandamente  
 Entre as rosas, e a neve humana pura,  
 O ouro, e o alabastro transparente?  
 Quem de uma peregrina formosura,  
 De um vulto de Medusa propriamente,  
 Que o coração converte, que tem preso,  
 Em pedra não, mas em desejo acceso?

## CXXIII

Quem vio um olhar seguro, um gesto brando,  
 Uma suave, e angelica excellencia,  
 Que em si está sempre as almas transformando,  
 Que tivesse contra ella resistencia?  
 Desculpado por certo está Fernando,  
 Para quem tem de amor experiencia:  
 Mas antes, tendo livre a phantasia,  
 Por muito mais culpado o julgaria.

# OS LUSIADAS

---

## CANTO IV



# OS LUSIADAS



## CANTO QUARTO

---

### I

Despois de procellosa tempestade,  
Nocturna sombra, e sibilante vento,  
Traz a manhã serena claridade,  
Esperança de porto, e salvamento:  
Aparta o Sol a negra escuridade,  
Removendo o temor do pensamento:  
Assi no reino forte aconteceu,  
Despois que o Rei Fernando falleceu;

### II

Porque se muito os nossos desejáram,  
Quem os damnos e offensas vá vingando  
Naquelles, que tambem se aproveitáram  
Do descuido remisso de Fernando;  
Despois de pouco tempo o alcançáram,  
Joanne sempre illustre alevantando  
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,  
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

## III

Ser isto ordenação dos céos divina ,  
Por signaes muito claros se mostrou ,  
Quando em Evora a voz de uma menina ,  
Ante tempo fallando o nomeou :  
E como cousa emfim , que o céu destina ,  
No berço o corpo, e a voz alevantou :  
Portugal, Portugal, alçando a mão ,  
Disse, pelo Rei novo, Dom João.

## IV

Alteradas então do reino as gentes  
Co'o odio, que occupado os peitos tinha ,  
Absolutas cruezas, e evidentes  
Faz do povo o furor, por onde vinha :  
Matando vão amigos, e parentes  
Do adultero Conde, e da Rainha ,  
Com quem sua incontinencia deshonesta  
Mais, depois de viuva, manifesta.

## V

Mas elle emfim, com causa deshonado ,  
Diante della a ferro frio morre ,  
De outros muitos na morte acompanhado ;  
Que tudo o fogo erguido queima, e corre :  
Quem, como Astyanax, precipitado  
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre,  
A quem ordens, nem aras, nem respeito :  
Quem nú por ruas, e em pedaços feito.

## VI

Podem-se pôr em longo esquecimento  
As cruezas mortaes, que Roma vio,  
Feitas do feroz Mario, e do cruento  
Sylla, quando o contrario lhe fugio.  
Por isso Leonor, que o sentimento  
Do morto Conde ao mundo descobrio,  
Faz contra Lusitania vir Castella,  
Dizendo ser sua filha herdeira della.

## VII

Beatriz era a filha, que casada  
Co' o Castelhana está, que o reino pede,  
Por filha de Fernando reputada,  
Se a corrompida fama lh' o concede.  
Com esta voz Castella alevantada,  
Dizendo, que esta filha ao pai succede,  
Suas forças ajunta, para as guerras,  
De varias regiões, e varias terras.

## VIII

Vem de toda a provincia, que de um Brigo  
(Se foi) já teve o nome derivado;  
Das terras, que Fernando, e que Rodrigo  
Ganhárão do tyranno e Mauro estado.  
Não estimão das armas o perigo  
Os, que cortando vão co' o duro arado  
Os campos Leonezes, cuja gente  
Co' os Mouros foi nas armas excellente.

## IX

Os Vandalos, na antiga valentia  
Ainda confiados, se ajuntavão  
Da cabeça de toda Andaluzia,  
Que do Guadalquivir as aguas lavão.  
A nobre ilha tambem se apercebia,  
Que antigamente os Tyrics habitavão,  
Trazendo, por insignias verdadeiras,  
As Herculeas columnas nas bandeiras.

## X

Tambem vem lá do reino de Toledo,  
Cidade nobre e antiga, a quem cercando  
O Tejo em torno vai suave e ledó,  
Que das serras de Conca vem manando.  
A vós outros tambem não tolhe o medo,  
O' sordidos Gallegos, duro bando,  
Que, para resistirdes, vos armastes,  
Áquelles, cujos golpes já provastes.

## XI

Tambem movem da guerra as negras furias  
A gente Biscainha, que carece  
De polidas razões, e que as injurias  
Muito mal dos estranhos compadece.  
A terra de Guipúscoa, e das Asturias,  
Que com minas de ferro se ennobrece,  
Armou d'elle os soberbos matadores,  
Para ajudar na guerra a seus senhores.



## XII

Joanne, a quem do peito o esforço cresce,  
Como o Samsão Hebreo da guedelha,  
Posto que tudo pouco lhe parece,  
Co'os poucos de seu reino se aparelha:  
E, não porque conselho lhe fallece,  
Co'os principaes senhores se aconselha,  
Mas só por ver das gentes as sentenças;  
Que sempre houve entre muitos differenças.

## XIII

Não falta com razões quem desconcerte  
Da opinião de todos na vontade,  
Em quem o esforço antigo se converte  
Em desusada e má deslealdade,  
Podendo o temor mais, gelado, inerte,  
Que a propria e natural fidelidade:  
Negão o Rei, e a patria, e se convem,  
Negaráõ (como Pedro) o Deos, que tem.

## XIV

Mas nunca foi, que este erro se sentisse  
No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,  
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,  
Reprovando as vontades inconstantes,  
Áquellas duvidosas gentes disse  
Com palavras mais duras, que elegantes,  
A mão na espada, irado, e não facundo,  
Ameaçando a terra, o mar; e o mundo:

## XV

Como da gente illustre Portugueza  
 Ha de haver, quem refuse o Patrio marte?  
 Como desta provincia, que princeza  
 Foi das gentes na guerra em toda parte,  
 Ha de sahir, quem negue ter defesa,  
 Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte  
 De Portuguez, e por nenhum respeito  
 O proprio reino queira ver sujeito?

## XVI

Como? Não sois vós inda os descendentes  
 Daquelles, que debaixo da bandeira  
 Do grande Henriques, féros e valentes  
 Vencêrão esta gente tão guerreira?  
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
 Puzerão em fugida, de maneira  
 Que sete illustres Condes lhe trouxerão  
 Presos, afóra a presa, que tiverão?

## XVII

Com quem forão contino sopeados  
 Estes, de quem o estais agora vós,  
 Por Diniz, e seu filho, sublimados,  
 Senão co'os vossos fortes pais, e avós?  
 Pois se com seus descuidos, ou peccados  
 Fernando em tal fraqueza assi vos pôz,  
 Torne-vos vossas forças o Rei novo;  
 Se é certo, que co'o Rei se muda o povo.

## XVIII

Rei tendes tal , que se o valor tiverdes  
 Igual ao Rei , que agora alevantastes ,  
 Desbaratareis tudo o , que quizerdes ,  
 Quanto mais , a quem já desbaratastes :  
 E se com isto emfim vos não moverdes  
 Do penetrante medo, que tomastes ;  
 Atai as mãos a vosso vão receio ;  
 Que eu só resistirei ao jugo alheio :

## XIX

Eu só com meus vassallos , e com esta  
 (E, dizendo isto, arranca meia espada)  
 Defenderei da força dura , e infesta  
 A terra nunca de outrem subjugada :  
 Em virtude do Rei , da patria mesta ,  
 Da lealdade já por vós negada ,  
 Vencerei não só estes adversarios ,  
 Mas quantos a meu Rei fôrem contrarios.

## XX

Bom como entre os mancebos recolhidos  
 Em Canusio, reliquias sós de Cannas,  
 Já para se entregar quasi movidos  
 Á fortuna das gentes Africanas,  
 Cornelio moço os faz , que compellidos  
 Da sua espada, jurem, que as Romanas  
 Armas não deixaráõ, emquanto a vida  
 Os não deixar, ou nellas fôr perdida

## XXI

Desta arte a gente fôrça, e esforça Nuno ,  
Que, com lhe ouvir as ultimas razões,  
Removem o temor frio, importuno,  
Que gelados lhe tinha os corações:  
Nos animaes cavalgão de Neptuno,  
Brandindo, e volteando arremessões,  
Vão correndo e gritando á boca aberta:  
« Viva o famoso Rei, que nos liberta. »

## XXII

Das gentes populares, uns approvão  
A guerra, com que a patria se sostinha:  
Uns as armas alimpão, e renovão,  
Que a ferrugem da paz gastadas tinha,  
Capacetes estofão, peitos provão,  
Arma-se cada um, como convinha:  
Outros fazem vestidos de mil côres  
Com letras e tenções de seus amores.

## XXIII

Com toda esta lustrosa companhia  
Joanne forte sahe da fresca Abrantes,  
Abrantes, que tambem da fonte fria  
Do Tejo logra as aguas abundantes.  
Os primeiros armigeros regia,  
Quem para reger era os mui possantes  
Orientaes exercitos sem conto,  
Com que passava Xerxes o Hellesponto:

## XXIV

Dom Nuno Alvares digo , verdadeiro  
Açoute de soberbos Castelhanos ,  
Como já o féro Hunno o foi primeiro  
Para Francezes , para Italianos.  
Outro tambem famoso cavalleiro ,  
Que a ala direita tem dos Lusitanos ,  
Apto para manda-los, e regê-los,  
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

## XXV

E da outra ala , que a esta corresponde ,  
Antão Vasques de Almada é capitão ,  
Que depois foi de Abranches nobre Conde ,  
Das gentes vai regendo a sestra mão.  
Logo na retaguarda não se esconde  
Das quinas e castellos o pendão  
Com Joanne Rei forte em toda parte ,  
Que escurecendo o preço vai de Marte.

## XXVI

Estavão pelos muros temerosas ,  
E de um alegre medo quasi frias ,  
Rezando as mãis, irmãs, damas, e esposas ,  
Promettendo jejuns, e romarias.  
Já chegão as esquadras bellicosas  
Defronte das imigas companhias ,  
Que com grita grandissima os recebem ,  
E todas grande duvida concebem,

## XXVII

Respondem as trombetas mensageiras,  
Pifaros sibilantes, e atambores,  
Alferезes volteão as bandeiras,  
Que variadas são de muitas côres.  
Era no secco tempo, que nas eiras  
Ceres o fructo deixa aos lavradores,  
Entra em Astréa o Sol no mez de Agosto,  
Baccho das uvas tira o doce mosto.

## XXVIII

Deu signal a trombeta Castelhana  
Horrendo, féro, ingente, e temeroso:  
Ouvi-o o monte Artábros, e Guadiana  
Atrás tornou as ondas de medroso:  
Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana,  
Correu ao mar o Tejo duvidoso:  
E as mãis, que o som terribil escuitarão,  
Aos peitos os filhinhos apertarão.

## XXIX

Quantos rostos ali se vem sem côr;  
Que ao coração acode o sangue amigo;  
Que nos perigos grandes o temor  
É maior muitas vezes, que o perigo,  
E se o não é, parece-o; que o furor  
De offender, ou vencer o duro imigo,  
Faz não sentir, que é perda grande e rara,  
Dos membros corporaes, da vida cara.

## XXX

Começa-se a travar a incerta guerra,  
De ambas partes se move a primeira ala,  
Uns leva a defesa da propria terra,  
Outros as esperanças de ganha-la :  
Logo o grande Pereira, em quem se encerra  
Todo o valor, primeiro se assinala,  
Derriba, e encontra, e a terra em fim semêa  
Dos que a tanto desejo, sendo alhêa.

## XXXI

Já pelo espesso ar os estridentes  
Farpões, settas, e varios tiros vôão :  
Debaixo dos pés duros dos ardentes  
Cavalllos treme a terra, os valles sôão :  
Espedação-se as lanças, e as frequentes  
Quédas co'as duras armas tudo atrôão :  
Recrescem os imigos sobre a pouca  
Gente do féro Nuno, que os apouca.

## XXXII

Eis ali seus irmãos contra elle vão :  
(Caso feio e cruel!) Mas não se espanta ;  
Que menos é querer matar o irmão,  
Quem contra o Rei, e a patria se alevanta :  
Destes arrenegados muitos são  
No primeiro esquadrão, que se adianta  
Contra irmãos e parentes, (caso estranho !)  
Quaes nas guerras civis de Julio, e Magno.

## XXXIII

O' tu Sertorio, ó nqbre Coriolano,  
 Catilina, e vós outros dos antigos,  
 Que contra vossas patrias com profano  
 Coração vos fizestes inimigos,  
 Se lá no reino escuro de Sumano  
 Receberdes gravissimos castigos;  
 Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes  
 Alguns traidores houve algumas vezes.

## XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;  
 Tantos dos inimigos a elles vão:  
 Está ali Nuno, qual pelos outeiros  
 De Ceita está o fortissimo leão,  
 Que cercado se vê dos cavalleiros,  
 Que os campos vão correr de Tetuão,  
 Perseguem-no co'as lanças; e elle iroso  
 Torvado um pouco está, mas não medroso.

## XXXV

Com tôrva vista os vê; mas a natura  
 Ferina, e a ira não lhe compadecem  
 Que as costas dê; mas antes na espessura  
 Das lanças se arremessa, que recrescem.  
 Tal está o cavalleiro, que a verdura  
 Tinge co'o sangue alheio: ali perecem  
 Alguns dos seus; que o animo valente  
 Perde a virtude contra tanta gente.



## XXXVI

Sentio Joanne a affronta, que passava  
Nuno; que, como sabio capitão,  
Tudo corria, e via, e a todos dava  
Com presença e palavras coração.  
Qual parida leôa, fera e brava,  
Que os filhos, que no ninho sós estão,  
Sentio que, emquanto pasto lhe buscára,  
O pastor de Massylia lh'os furtára :

## XXXVII

Corre raivosa, e freme, e com bramidos  
Os montes Sete-Irmãos atrôa, e abala :  
Tal Joanne, com outros escolhidos  
Dos seus, correndo acode á primeira ala.  
O' fortes companheiros, ó subidos  
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,  
Defendei vossas terras ; que a esperança  
Da liberdade está na vossa lança.

## XXXVIII

Vêdes-me aqui Rei vosso, e companheiro,  
Que entre lanças, e settas, e os arnezes  
Dos inimigos côrro, e vou primeiro :  
Pelejai verdadeiros Portuguezes.  
Isto disse o magnanimo guerreiro,  
E sopesando a lança quatro vezes,  
Com força tira, e deste unico tiro  
Muitos lançarão o ultimo suspiro :

## XXXIX

Porque eis os seus accesos novamente  
 D'uma nobre vergonha, e honroso fogo,  
 Sobre qual mais com animo valente  
 Perigos vencerá do marcio jogo  
 Porfião : tinge o ferro o fogo ardente,  
 Rompem malhas primeiro, e peitos logo :  
 Assi recebem junto, e dão feridas,  
 Como a quem já não dóe perder as vidas.

## XL

A muitos mandão ver o Estygio lago,  
 Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava :  
 O Mestre morre ali de Sant-Iago,  
 Que fortissimamente pelejava :  
 Morre tambem, fazendo grande estrago,  
 Outro Mestre cruel de Calatrava :  
 Os Pereiras tambem arrenegados  
 Morrem, arrenegando o céo, e os fados.

## XLI

Muitos tambem do vulgo vil sem nome  
 Vão, e tambem dos nobres, ao Profundo,  
 Onde o trifauce cão perpetua fome  
 Tem das almas, que passão deste mundo :  
 E porque mais aqui se amanse, e dome  
 A soberba do imigo furibundo,  
 A sublime bandeira Castelhana  
 Foi derribada aos pés da Lusitana.

## XLII

Aquí a fera batalha se encruece  
 Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas:  
 A multidão da gente, que perece,  
 Tem as flôres da propria côr mudadas:  
 Já as costas dão, e as vidas; já fallece  
 O furor, e sobejão as lançadas:  
 Já de Castella o Rei desbaratado  
 Se vê, e de seu proposito mudado.

## XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,  
 Contente de lhe não deixar a vida:  
 Seguem-no os que ficarão, e o temor  
 Lhe dá não pés, mas azas á fugida.  
 Encobrem no profundo peito a dor  
 Da morte, da fazenda despendida,  
 Da magoa, da deshonra, e triste nojo  
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

## XLIV

Alguns vão maldizendo, e blasphemando  
 Do primeiro, que guerra fez no mundo:  
 Outros a sêde dura vão culpando  
 Do peito cubiçoso, e sitibundo,  
 Que, por tomar o alheio, o miserando  
 Povo aventura ás penas do Profundo;  
 Deixando tantas mãis, tantas esposas,  
 Sem filhos, sem maridos, desditosas.

## XLV

O vencedor Joanne esteve os dias  
Costumados no campo em grande gloria :  
Com offertas despois, e romarias  
As graças deu, a quem lhe deu victoria.  
Mas Nuno, que não quer por outras vias  
Entre as gentes deixar de si memoria,  
Senão por armas sempre soberanas,  
Para as terras se passa Transtaganas.

## XLVI

Ajuda-o seu destino de maneira,  
Que fez igual o effeito ao pensamento ;  
Porque a terra dos Vandalos fronteira  
Lhe concede o despôjo, e o vencimento :  
Já de Sevilha a Betica bandeira,  
E de varios senhores n'um momento  
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,  
Obrigados da força Portugueza.

## XLVII

Destas e outras victorias longamente  
Erão os Castelhanos opprimidos,  
Quando a paz, desejada já da gente,  
Derão os vencedores aos vencidos,  
Despois que quiz o Padre omnipotente  
Dar os Reis inimigos por maridos  
Ás duas illustrissimas Inglezas,  
Gentis, formosas, inclytas Princezas.

## XLVIII

Não soffre o peito forte, usado á guerra,  
Não ter imigo já, a quem faça dano ;  
E assi, não tendo a quem vencer na terra,  
Vai commetter as ondas do Oceano.  
Este é o primeiro Rei, que se desterra  
Da patria, por fazer que o Africano  
Conheça pelas armas, quanto excede  
A lei de Christo á lei de Mafamede.

## XLIX

Eis mil nadantes aves pelo argento  
Da furiosa Thetis inquieta  
Abrindo as pandas azas vão ao vento,  
Para onde Alcides pôz a extrema meta:  
O monte Abyla, e o nobre fundamento  
De Ceita toma, e o torpe Mahometa  
Deita fóra, e segura toda Hespanha  
Da Juliana, má, e desleal manha.

## L

Não consentio a morte tantos annos,  
Que de Heroe tão ditoso se lograsse  
Portugal ; mas os córos soberanos  
Do Ceo supremo quiz que povoasse :  
Mas para defensão dos Lusitanos  
Deixou, quem o levou, quem governasse,  
E augmentasse a terra mais, que d'antes,  
Inclyta geração, altos Infantes.

## LI

Não foi do Rei Duarte tão ditoso  
O tempo, que ficou na summa alteza :  
Que assi vai alternando o tempo iroso  
O bem c'o o mal, o gosto co'a tristeza.  
Quem vio sempre um estado deleitoso ?  
Ou quem vio em fortuna haver firmeza ?  
Pois inda neste reino, e neste Rei  
Não usou ella tanto desta lei.

## LII

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,  
Que a tão altas empresas aspirava,  
Que, por salvar o povo miserando  
Cercado, ao Sarraceno s'entregava :  
Só por amor da patria está passando  
A vida de senhora feita escrava,  
Por não se dar por elle a forte Ceita :  
Mais o publico bem, que o seu, respeita.

## LIII

Codro, porque o inimigo não vencesse,  
Deixou antes vencer da morte a vida :  
Regulo, porque a patria não perdesse,  
Quiz mais a liberdade ver perdida.  
Este, porque se Hespanha não temesse,  
A captivo eterno se convida :  
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,  
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

## LIV

Mas Afonso, do Reino unico herdeiro,  
Nome em armas ditoso em nossa Hesperia,  
Que a soberba do barbaro fronteiro  
Tornou em baixa e humillima miseria,  
Fôra por certo invicto cavalleiro,  
Se não quizera ir ver a terra Iberia :  
Mas Africa dirá, ser impossibil,  
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

## LV

Este pôde colher as maçãs de ouro,  
Que somente o Tyrinthio colher pode :  
Do jugo, que lhe pôz, o bravo Mouro  
A cerviz inda agora não sacode :  
Na frente a palma leva, e o verde louro  
Das victorias do barbaro, que acode  
A defender Alcace, forte villa,  
Tangere populoso, e a dura Arzilla.

## LVI

Porêm ellas emfim por força entradas,  
Os muros abaixarão de diamante  
Às Portuguezas forças, costumadas  
A derribarem, quanto achão diante :  
Maravilhas em armas estremadas,  
E de escriptura dignas elegante,  
Fizerão cavalleiros nesta empreza,  
Mais affinando a fama Portugueza.

## LVII

Porêm depois tocado de ambição,  
E gloria de mandar, amara e bella,  
Vai commetter Fernando de Aragão  
Sobre o potente reino de Castella ;  
Ajunta-se a inimiga multidão  
Das soberbas e varias gentes della,  
Desde Caliz ao alto Pyreneu ;  
Que tudo ao Rei Fernando obedeceu.

## LVIII

Não quiz ficar nos reinos ocioso  
O mancebo Joanne, e logo ordena  
De ir ajudar o pai ambicioso,  
Que então lhe foi ajuda não pequena :  
Sahio-se emfim do trance perigoso  
Com fronte não torvada, mas serena,  
Desbaratado o pai sanguinolento ;  
Mas ficou duvidoso o vencimento :

## LIX

Porque o filho sublime e soberano,  
Gentil, forte, animoso cavalleiro,  
Nos contrarios fazendo immenso dano,  
Todo um dia ficou no campo inteiro.  
Desta arte foi vencido Octaviano,  
E Antonio vencedor, seu companheiro,  
Quando daquelles, que Cesar matárão,  
Nos Philippicos campos se vingárão.



## LX

Porém, depois que a escura noite eterna  
 Afonso apresentou no Céu sereno,  
 O Príncipe, que o reino então governa,  
 Foi Joanne segundo, e Rei trezeno :  
 Este, por haver fama sempiterna,  
 Mais, do que tentar pode homem terreno,  
 Tentou ; que foi buscar da rôxa Aurora  
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

## LXI

Manda seus mensageiros, que passarão  
 Hespanha, França, Italia celebrada,  
 E lá no illustre porto se embarcarão,  
 Onde já foi Parthénope enterrada,  
 Napoles, onde os fados se mostrarão,  
 Fazendo-a a varias gentes subjugada ;  
 Pela illustrar no fim de tantos annos  
 Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

## LXII

Pelo mar alto Siculo navegão :  
 Vão-se ás praias de Rhodes arenosas,  
 E dalli ás ribeiras altas chegão,  
 Que co'a morte de Magno são famosas :  
 Vão a Memphis, e ás terras, que se regão  
 Das enchentes Niloticas undosas :  
 Sobem á Ethiopia sobre Egypto,  
 Que de Christo lá guarda o sancto rito.

## LXIII

Passão tambem as ondas Erythreas,  
Que o povo de Israel sem não passou :  
Ficão-lhe atraz as serras Nabatheas,  
Que o filho de Ismael co'o nome ornou :  
As costas odoriferas Sabeas,  
Que a mãe do bello Adonis tanto honrou,  
Cercão, com toda a Arabia descoberta  
Feliz, deixando a Pétrea, e a Deserta.

## LXIV

Entrão no estreito Persico, onde dura  
Da confusa Babel inda a memoria :  
Alli co'o Tigre o Euphrates se mistura,  
Que as fontes, onde nascem, tem por gloria.  
Dalli vão em demanda da agua pura,  
Que causa inda será de larga historia,  
Do Indo pelas ondas do Oceano,  
Onde não se atreveu passar Trajano.

## LXV

Virão gentes incognitas e estranhas  
Da India, da Carmania, e Gedrosia,  
Vendo varios costumes, varias manhas,  
Que cada região produce e cria.  
Mas de vias tão asperas, tamanhas,  
Tornar-se facilmente não podia :  
Lá morrêrão emfim, e lá ficárão ;  
Que á desejada patria não tornárão.

## LXVI

Parece, que guardava o claro Ceo  
A Manoel e seus merecimentos  
Esta empreza tão ardua, que o moveu  
A subidos, e illustres movimentos:  
Manoel, que a Joanne succedeu  
No reino, e nos altivos pensamentos,  
Logo, como tomou do reino cargo,  
Tomou mais a conquista do mar largo.

## LXVII

O qual, como do nobre pensamento  
Daquella obrigação, que lhe ficára  
De seus antepassados, (cujo intento  
Foi sempre accrescentar a terra cara)  
Não deixasse de ser um só momento  
Conquistado: No tempo, que a luz clara  
Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,  
A repouso convidão, quando cahem;

## LXVIII

Estando já deitado no aureo leito,  
Onde imaginações mais certas são,  
Revolvendo contino no conceito  
De seu officio, e sangue, a obrigação,  
Os olhos lhe occupou o somno acceito,  
Sem lhe desoccupar o coração;  
Porque, tanto que lasso se adormece,  
Morpheo em varias formas lhe apparece.

## LXIX

Aqui se lhe apresenta, que subia  
 Tão alto, que tocava a prima esphera,  
 Donde diante varios mundos via,  
 Nações de muita gente estranha, e fera :  
 E lá bem junto, donde nasce o dia,  
 Depois que os olhos longos estendêra,  
 Vio de antiquos, longinquos, e altos montes  
 Nascerem duas claras e altas fontes.

## LXX

Aves agrestes, feras, e alimarias  
 Pelo monte selvatico habitavão :  
 Mil arvores silvestres, e hervas varias  
 O passo, e o trato ás gentes atalhavão.  
 Estas duras montanhas, adversarias  
 De mais conversação, por si mostravão,  
 Que, desde Adão peccou aos nossos annos,  
 Não as rompêrão nunca pés humanos.

## LXXI

Das aguas se lhe antolha, que sahião,  
 Par'elle os largos passos inclinando,  
 Dous homens que mui velhos parecião,  
 De aspecto, inda que agreste, venerando :  
 Das pontas dos cabellos lhe cahião  
 Gottas, que o corpo todo vão banhando,  
 A côr da pelle baça e denegrida,  
 A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

## LXXII

D'ambos de dous a fronte coroadá  
Ramos não conhecidos, e hervas tinha :  
Um delles a presença traz cansada,  
Como quem de mais longe alli caminha ;  
E assi a agua, com impeto alterada,  
Parecia, que d'outra parte vinha :  
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa  
Vai buscar os abraços de Arethusa.

## LXXIII

Este, que era o mais grave na pessoa,  
Desta arte para o Rei de longe brada :  
O' tu, a cujos reinos, e coroa  
Grande parte do mundo está guardada,  
Nós outros, cuja fama tanto voa,  
Cuja cerviz bem nunca foi domada,  
Te avisâmos, que é tempo, que já mandes  
A receber de nós tributos grandes.

## LXXIV

Eu sou o illustre Ganges, que na terra  
Celeste tenho o berço verdadeiro :  
Est'outro é o Indo, Rei, que nesta serra,  
Que vês, seu nascimento tem primeiro.  
Custar-te-hemos comtudo dura guerra :  
Mas, insistindo tu ; por derradeiro  
Com não vistas victorias, sem receio,  
A quantas gentes vês porás o freio.

## LXXV

Não disse mais o rio illustre, e santo,  
Mas ambos desaparecem n'um momento :  
Acorda Manoel c'um novo espanto,  
E grande alteração de pensamento.  
Estendeu nisto Phebo o claro manto  
Pelo escuro hemispherio somnolento,  
Veio a manhã no céu pintando as côres  
De pudibunda rosa, e rôxas flôres.

## LXXVI

Chama o Rei os senhores a conselho,  
E propõe-lhe as figuras da visão,  
As palavras lhe diz do sancto velho,  
Que a todos forão grande admiração.  
Determinão o nautico apparelho,  
Para que com sublime coração  
Vá a gente, que mandar, cortando os mares,  
A buscar novos climas, novos ares.

## LXXVII

Eu, que bem mal cuidava, que em effeito  
Se pozesse o, que o peito me pedia;  
Que sempre grandes cousas deste geito  
Presago o coração me promettia :  
Não sei, por que razão, por que respeito,  
Ou por que bom signal, que em mi se via,  
Me pôe o inclyto Rei nas mãos a chave  
Deste commettimento grande, e grave.

## LXXVIII

E com rogo, e palavras amorosas;  
Que é um mando nos Reis, que a mais obriga,  
Me disse: As cousas arduas e lustrosas  
Se alcanção com trabalho, e com fadiga:  
Faz as pessoas altas e famosas  
A vida, que se perde, e que periga;  
Que, quando ao medo infame não se rende,  
Então, se menos dura, mais se estende.

## LXXIX

Eu vos tenho entre todos escolhido  
Para uma empreza, qual a vós se deve,  
Trabalho illustre, duro, e esclarecido,  
O que eu sei, que por mi vos será leve.  
Não soffri mais; mas logo: O' Rei subido,  
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,  
É tão pouco por vós, que mais me pena  
Ser esta vida cousa tão pequena.

## LXXX

Imaginaí tamanhas aventuras,  
Quaes Eurystheo a Alcides inventava,  
O leão Cleonæo, Harpyas duras,  
O porco de Erymantho, a Hydra brava,  
Descer emfim ás sombras vãs, e escuras,  
Onde os campos de Dite a Estyge lava:  
Porque a maior perigo, a mór affronta,  
Por vós, ó Rei, o espirito, e carne é pronta.

## LXXXI

Com mercês sumptuosas me agradece,  
E com razões me louva esta vontade ;  
Que a virtude louvada vive, e cresce,  
E o louvor altos casos persuade.  
A acompanhar-me logo se offerece,  
Obrigado d'amor, e d'amizade,  
Não menos cubiçoso de honra, e fama,  
O caro meu irmão, Paulo da Gama.

## LXXXII

Mais se me ajunta Nicoláo Coelho,  
De trabalhos mui grande soffedor :  
Ambos são de valia, e de conselho,  
D'experiencia em armas, e furor.  
Já de manceba gente me apparelho,  
Em que cresce o desejo do valor,  
Todos de grande esforço; e assi parece,  
Quem a tamanhas cousas se offerece.

## LXXXIII

Forão de Manoel remunerados ;  
Porque com mais amor se apercebessem,  
E com palavras altas animados,  
Para quantos trabalhos succedessem.  
Assi forão os Minyas ajuntados,  
Para que o véo dourado combatessem,  
Na fatidica náó, que ousou primeira  
Tentar o mar Euxino, aventureira.



## LXXXIV

E já no porto da inclyta Ulyssea,  
C'um alvoroço nobre, e c'um desejo,  
(Onde o licôr mistura, e branca arêa  
Co' o salgado Neptuno o doce Tejo)  
As náos prestes estão: e não refrêa  
Temor nenhum o juvenil despejo;  
Porque a gente maritima, e a de Marte  
Estão para seguir-me a toda parte.

## LXXXV

Pelas praias vestidos os soldados  
De varias côres vem, e varias artes,  
E não menos de esforço aparelhados,  
Para buscar do mundo novas partes.  
Nas fortes náos os ventos socegados  
Ondêão os aerios estandartes:  
Ellas promettem, vendo os mares largos,  
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

## LXXXVI

Depois de aparelhados desta sorte,  
De quanto tal viagem pede, e manda,  
Aparelhâmos a alma para a morte,  
Que sempre aos nautas ante os olhos anda:  
Para o summo Poder, que a etherea côrte  
Sustenta só c' a vista veneranda,  
Implorâmos favor, que nos guiasse,  
E que nossos começos aspirasse.

## LXXXVII

Partimo-nos assi do sancto templo,  
Que nas praias do mar está assentado,  
Que o nome tem da terra, para exemplo  
Donde Deos foi em carne ao mundo dado.  
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo  
Como fui destas praias apartado,  
Cheio dentro de duvida, e receio,  
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

## LXXXVIII

A gente da cidade aquelle dia.  
(Uns por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver sómente) concorria,  
Saudosos na vista, e descontentes:  
E nós co'a virtuosa companhia  
De mil religiosos diligentes,  
Em procissão solemne a Deos orando,  
Para os bateis viemos caminhando.

## LXXXIX

Em tão longo caminho, e duvidoso  
Por perdidos as gentes nos julgavão,  
As mulheres c'um chôro piedoso,  
Os homens com suspiros, que arrancavão :  
Mães, esposas, irmãs (que o temeroso  
Amor mais desconfia) accrescentavão  
A desesperação, e frio medo,  
De já nos não tornar a ver tão cedo.

## XC

Qual vai dizendo: O' filho, a quem eu tinha  
 Só para refrigerio, e doce amparo  
 Desta cansada já velhice minha,  
 Que em chôro acabará penoso, e amaro:  
 Porque me deixas misera, e mesquinha?  
 Porque de mi te vás, ó filho caro,  
 A fazer o funereo enterramento,  
 Onde sejas de peixes mantimento?

## XCI

Qual em cabello: O' doce e amado esposo,  
 Sem quem não quiz amor, que viver possa;  
 Por que is aventurar ao mar iroso  
 Essa vida, que é minha, e não é vossa?  
 Como por um caminho duvidoso  
 Vos esquece a affeição tão doce nossa?  
 Nosso amor, nosso vão contentamento  
 Quereis, que com as vélas leve o vento?

## XCII

Nestas e outras palavras, que dizião,  
 De amor, e de piedosa humanidade,  
 Os velhos, e os meninos os seguião,  
 Em quem menos esforço põe a idade.  
 Os montes de mais perto respondião,  
 Quasi movidos de alta piedade:  
 A branca arêa as lagrimas banhavão,  
 Que em multidão com ellas se igualavão.

## XCIII

Nós outros, sem a vista alevantarmos  
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado ;  
Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
Do proposito firme começado :  
Determinei de assi nos embarcarmos  
Sem o despedimento costumado,  
Que, postoque é de amor usança boa,  
A quem se aparta, ou fica, mais magôa.

## XCIV

Mas um velho d'aspecto venerando,  
Que ficava nas praias entre a gente,  
Postos em nós os olhos, meneando  
Tres vezes a cabeça, descontente,  
A voz pesada um pouco alevantando,  
Que nós no mar ouvimos claramente,  
C'um saber só d'experiencias feito,  
Taes palavras tirou do experto peito :

## XCV

Oh gloria de mandar ! Oh vãa cubiça  
Desta vaidade, a quem chamamos fama !  
Oh fraudulento gosto, que se atiça  
C'um aura popular, que honra se chama :  
Que castigo tamanho, e que justiça  
Fazes no peito vão, que muito te ama !  
Que mortes, que perigos, que tormentas,  
Que crueldades nelles experimentas !

## XCVI

Dura inquietação d'alma, e da vida,  
 Fonte de desamparos, e adulterios,  
 Sagaz consumidora conhecida  
 De fazendas, de reinos, e de imperios :  
 Chamão-te illustre, chamão-te subida,  
 Sendo digna de infames vituperios :  
 Chamão-te fama, e gloria soberana,  
 Nomes, com quem se o povo nescio engana !

## XCVII

A que novos desastres determinas  
 De levar estes reinos, e esta gente ?  
 Que perigos, que mortes lhe destinas,  
 Debaixo d'algum nome preeminente ?  
 Que promessas de reinos, e de minas  
 D'ouro, que lhe farás tão facilmente ?  
 Que famas lhe prometterás ? que historias ?  
 Que triumphos ? que palmas ? que victorias ?

## XCVIII

Mas ó tu, geração daquelle insano,  
 Cujo peccado, e desobediencia  
 Não sómente do reino soberano  
 Te pôz neste desterro, e triste ausencia ;  
 Mas inda d'outro estado, mais que humano,  
 Da quieta, e da simples innocencia.  
 Idade d'ouro, tanto te privou,  
 Que na de ferro, e d'armas te deitou.

## XCIX

Já que nesta gostosa vaidade  
 Tanto enlevas a leve phantasia :  
 Já que â bruta crueza, e feridade  
 Puzeste nome, esforço, e valentia :  
 Já que prézas em tanta quantidade  
 O desprezo da vida, que devia  
 De ser sempre estimada ; pois que já  
 Temeu tanto perdê-la, quem a dá :

## C

Não tens junto contigo o Ismaelita,  
 Com quem sempre terás guerras sobejas ?  
 Não segue elle do Arabio a lei maldita,  
 Se tu pela de Christo só pelejas ?  
 Não tem cidades mil, terra infinita,  
 Se terras, e riqueza mais desejas ?  
 Não é elle por armas esforçado,  
 Se queres por victoria ser louvado ?

## CI

Deixas criar ás portas o inimigo,  
 Por ires buscar outro de tão longe,  
 Por quem se despovôe o reino antigo,  
 Se enfraqueça, e se vá deitando a longe !  
 Buscas o incerto, e incognito perigo,  
 Porque a fama te exalte e te lisonge,  
 Chamando-te senhor, com larga cópia,  
 Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia !

## CII

Oh maldito o primeiro, que no mundo  
Nas ondas vela pôz em secco lenho!  
Digno da eterna pena do Profundo,  
Se é justa a justa lei, que sigo e tenho:  
Nunca juizo algum alto e profundo,  
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,  
Te dê por isso fama, nem memoria;  
Mas contigo se acabe o nome, e a gloria!

## CIII

Trouxe o filho de Jápeto do céu  
O fogo, que ajuntou ao peito humano,  
Fogo, que o mundo em armas accendeu,  
Em mortes, em deshonoras: (grande engano!)  
Quanto melhor nos fôra, Promotheu,  
E quanto para o mundo menos damno,  
Que a tua estatua illustre não tivera  
Fogo de altos desejos, que a movêra!

## CIV

Não commettêra o moço miserando  
O carro alto do pai, nem o ar vasio  
O grande architector, co'o filho, dando  
Um, nome ao mar, e o outro fama ao rio:  
Nenhum commettimento alto, e nefando,  
Por fogo, ferro, agua, calma, e frio  
Deixa intentado a humana geração.  
Misera sorte! Estranha condição!

---





OS LUSIADAS

---

CANTO V



# OS LUSIADAS



## CANTO QUINTO

---

### I

Estas sentenças taes o velho honrado  
Vociferando estava, quando abrimos  
As azas ao sereno e socegado  
Vento, e do porto amado nos partimos :  
E, como é já no mar costume usado ,  
A véla desfraldando, o céo ferimos ,  
Dizendo : Boa viagem ; logo o vento  
Nos troncos fez o usado movimento.

### II

Entrava neste tempo o eterno lume  
No animal Nemæo truculento ,  
E o mundo, que com tempo se consume ,  
Na sexta idade andava enfermo, e lento :  
Nella vê, como tinha por costume ,  
Cursos do sol quatorze vezes cento ,  
Com mais noventa e sete, em que corria ,  
Quando no mar a armada se estendia.

## III

Já a vista pouco e pouco se desterra  
Daquelles patrios montes, que ficavão :  
Ficava o caro Tejo, e a fresca serra  
De Cintra, e nella os olhos se alongavão :  
Ficava-nos tambem na amada terra  
O coração, que as magoas lá deixavão ,  
E já, depois que toda se escondeu,  
Não vimos mais emfim, que mar, e céu.

## IV

Assi fomos abrindo aquelles mares,  
Que geravão alguma não abrio,  
As novas ilhas vendo, e os novos ares,  
Que o generoso Henrique descobrio :  
Da Mauritania os montes, e lugares,  
Terra, que Anthêo n'um tempo possuio,  
Deixando á mão esquerda; que á direita  
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

## V

Passámos a grande ilha da Madeira,  
Que do muito arvoredado assi se chama,  
Das que nós povoámos a primeira,  
Mais celebre por nome, que por fama :  
Mas nem, por ser do mundo a derradeira,  
De lhes avantajão, quantas Venus ama,  
Antes, sendo esta sua, se esquecêra  
De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

## VI

Deixámos de Massylia a esteril costa ,  
Onde seu gado os Azenegues pastão ,  
Gente , que as frescas aguas nunca gosta ,  
Nem as hervas do campo bem lhe abastão ,  
A terra a nenhum fructo emfim disposta ,  
Onde as aves no ventre o ferro gastão ,  
Padecendo de tudo extrema inopia ,  
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

## VII

Passámos o limite , aonde chega  
O Sol, que para o Norte os carros guia ,  
Onde jazem os povos , a quem nega  
O filho de Clymene a côr do dia :  
Aqui gentes estranhas lava , e rega  
Do negro Sanagá a corrente fria ,  
Onde o cabo Arsinario o nome perde ,  
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

## VIII

Passadas tendo já as Canarias ilhas ,  
Que tiverão por nome Fortunadas ,  
Entrámos navegando pelas filhas  
Do velho Hesperio , Hesperidas chamadas ,  
Terras por onde novas maravilhas  
Andarão vendo já nossas armadas :  
Alli tomámos porto com bom vento ,  
Por tomarmos da terra mantimento.

## IX

Áquella ilha aportámos, que tomou  
O nome do guerreiro Sanct-Iago,  
Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou  
A fazerem nos Mouros bravo estrago.  
Daqui, tanto que Boreas nos ventou,  
Tornámos a cortar o immenso lago  
Do salgado Oceano, e assi deixámos  
A terra, onde o refresco doce achámos.

## X

Por aqui rodeando a larga parte  
De Africa, que ficava ao Oriente,  
A provincia Jalofo, que reparte  
Por diversas nações a negra gente;  
A mui grande Mandinga, (por cuja arte  
Lográmos o metal rico e luzente)  
Que do curvo Gambêa as aguas bebe,  
As quaes o largo Atlantico recebe:

## XI

Por Dórcadas passámos, povoadas  
Das irmãs, que outro tempo alli vivião,  
Que, de vista total sendo privadas,  
Todas tres d'um só olho se servião:  
Tu só, tu cujas tranças encrespadas  
Neptuno lá nas aguas accendião,  
Tornada já de todas a mais fêa,  
De viboras encheste a ardente arêa.

## XII

Sempre emfim para o Austro a aguda prôa ,  
No grandissimo golfão nos mettêmos,  
Deixando a serra asperrima Leôa,  
Co' o cabo, a quem das Palmas nome dêmos:  
O grande rio , onde batendo sôa  
O mar nas praias notas , que alli temos ,  
Ficou , co'a ilha illustre , que tomou  
O nome d'um , que o lado a Deos tocou.

## XIII

Alli o mui grande reino está de Congo ,  
Por nós já convertido á fé de Christo ,  
Por onde o Zaire passa claro e longo ,  
Rio pelos antiguos nunca visto :  
Por este largo mar emfim me alongo  
Do conhecido polo de Callisto ,  
Tendo o termino ardente já passado ,  
Onde o meio do mundo é limitado.

## XIV

Já descoberto tinhamos diante  
Lá no novo hemispherio nova estrella ,  
Não vista de outra gente , que ignorante  
Alguns tempos esteve incerta della :  
Vimos a parte menos rutilante ,  
E por falta d'estrellas menos bella ,  
Do polo fixo , onde inda se não sabe ,  
Que outra terra comece , ou mar acabe.

## XV

Assi passando aquellas regiões ,  
Por onde duas vezes passa Apollo ,  
Dous invernos fazendo, e dous verões ,  
Emquanto corre d'um ao outro polo :  
Por calmas, por tormentas, e oppressões,  
Que sempre faz no mar o irado Eolo ,  
Vimos as Ursas , apezar de Juno ,  
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

## XVI

Contar-te longamente as perigosas  
Cousas do mar, que os homens não entendem,  
Subitas trovoadas, temerças ,  
Relampagos, que o ar em fogo accendem,  
Negros chuveiros, noites tenebrosas,  
Bramidos de trovões, que o mundo fendem ;  
Não menos é trabalho, que grande erro,  
Ainda que tivesse a voz de ferro.

## XVII

Os casos vi, que os rudos marinheiros,  
Que tem por mestra a longa experiencia,  
Contão por certos sempre, e verdadeiros,  
Julgando as cousas só pela apparencia :  
E que os, que tem juizos mais inteiros,  
Que só por puro engenho, e por sciencia  
Vêm do mundo os segredos escondidos,  
Julgão por falsos, ou mal entendidos.



## XVIII

Vi claramente visto o lume vivo,  
Que a marítima gente tem por santo  
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,  
De tempestade escura, e triste espanto.  
Não menos foi a todos excessivo  
Milagre e cousa certo de alto pranto,  
Ver as nuvens do mar com largo cano  
Sorver as altas aguas do Oceano.

## XIX

Eu o vi certamente (e não presumo,  
Que a vista me enganava) levantar-se  
No ar um vaporzinho, e subtil fumo,  
E, do vento trazido, rodear-se:  
De aqui levado um cano ao polo summo  
Se via, tão delgado, que enxergar-se  
Dos olhos facilmente não podia:  
Da materia das nuvens parecia.

## XX

Ia-se pouco a pouco accrescentando,  
E mais, que um largo mastro, se engrossava:  
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando  
Os golpes grandes de agua em si chupava:  
Estava-se co'as ondas ondeando,  
Emcima delle uma nuvem se espessava,  
Fazendo-se maior, mais carregada  
Co'o cargo grande d'agua em si tomada,

## XXI

Qual rôxa sanguesuga se veria  
Nos beiços da alimaria (que, imprudente,  
Bebendo a recolheu na fonte fria)  
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente :  
Chupando, mais e mais se engrossa, e cria,  
Alli se enche, e se alarga grandemente :  
Tal a grande columna, enchendo, augmenta  
A si, e a nuvem negra, que sustenta.

## XXII

Mas, depois que de todo se fartou,  
O pé, que tem no mar, a si recolhe,  
E pelo céo chovendo emfim vóou ;  
Porque co'a agua a jacente agua molhe :  
Ás ondas torna as ondas, que tomou ;  
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.  
Vejão agora os sabios na escriptura,  
Que segredos são estes da natura.

## XXIII

Se os antigos philosophos, que andárão  
Tantas terras, por ver segredos dellas,  
As maravilhas, que eu passei, passarão,  
A tão diversos ventos dando as vélas :  
Que grandes escripturas que deixárão !  
Que influição de signos, e de estrellas !  
Que estranhezas, que grandes qualidades !  
E tudo, sem mentir, puras verdades.

## XXIV

Mas já o planeta, que no céu primeiro  
Habita, cinco vezes apressada,  
Agora meio rosto, agora inteiro,  
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada :  
Quando da etherea gavea um marinheiro,  
Prompto co'a vista, Terra, Terra, brada :  
Salta no bordo alvoroçada a gente  
Co'os olhos no horizonte do Oriente.

## XXV

À maneira de nuvens se começam  
A descobrir os montes, que enxergámos :  
As ancoras pesadas se adereção,  
As vélas já chegados amainámos :  
E para que mais certas se conheção  
As partes tão remotas, onde estamos,  
Pelo novo instrumento do Astrolabio,  
Invenção de subtil juizo, e sabio :

## XXVI

Desembarcámos logo na espaçosa  
Parte, por onde a gente se espalhou,  
De ver cousas estranhas desejosa,  
Da terra, que outro povo não pizou :  
Porém eu co'os pilotos na arenosa  
Praia ; por vermos, em que parte estou,  
Me detenho em tomar do Sol a altura,  
E compassar a universal pintura.

## XXVII

Achámos ter de todo já passado  
Do Semicapro peixe a grande meta,  
Estando entre elle, e o circulo gelado  
Austral, parte do mundo mais secreta.  
Eis de meus companheiros rodeado,  
Vejo um estranho vir de pelle preta,  
Que tomárão por força, em quanto apanha  
De mel os doces favos na montanha.

## XXVIII

Torvado vem na vista, como aquelle,  
Que não se vira nunca em tal extremo,  
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,  
Selvagem mais, que o bruto Polyphemo :  
Começo-lhe a mostrar da rica pelle  
De Colchos o gentil metal supremo,  
A prata fina, a quente especiaria :  
A nada disto o bruto se movia.

## XXIX

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,  
Contas de crystallino transparente,  
Alguns soantes cascaveis pequenos,  
Um barrete vermelho, côr contente :  
Vi logo por signaes e por acenos,  
Que com isto se alegra grandemente :  
Mando-o soltar com tudo, e assi caminha  
Para a povoação que perto tinha.

## XXX

Mas logo ao outro dia seus parceiros,  
Todos nós, e da côr da escura treva,  
Descendo pelos asperos outeiros,  
As peças vem buscar, que est'outro leva:  
Domesticos já tanto, e companheiros  
Se nos mostram, que fazem, que se atreva  
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,  
E partir-se com elles pelo mato.

## XXXI

É Velloso no braço confiado,  
E de arrogante crê, que vai seguro;  
Mas, sendo um grande espaço já passado,  
Em que algum bom signal saber procuro,  
Estando, a vista alçada, co'o cuidado  
No aventureiro, eis pelo monte duro  
Apparece; e, segundo ao mar caminha,  
Mais apressado, do que fôra, vinha.

## XXXII

O batel de Coelho foi de pressa  
Pelo tomar; mas, antes que chegasse,  
Um Ethiope ousado se arremessa  
A elle; porque não se lhe escapasse:  
Outro e outro lhe sahem, vê-se em pressa  
Velloso, sem que alguém lhe alli ajudasse:  
Acudo eu logo; e, emquanto o remo aperto,  
Se mostra um bando negro descoberto.

## XXXIII

Da espessa nuvem settas, e pedradas  
Chovem sobre nós outros sem medida,  
E não forão ao vento em vão deitadas ;  
Que esta perna trouxe eu dalli ferida :  
Mas nós, como pessoas magoadas ,  
A resposta lhe demos tão tecida ,  
Que, em mais que nos barretes, se suspeita,  
Que a côr vermelha levão desta feita.

## XXXIV

E, sendo já Velloso em salvamento,  
Logo nos recolhemos para a armada,  
Vendo a malicia fêa, e rudo intento  
Da gente bestial, bruta, e malvada,  
De quem nenhum melhor conhecimento  
Pudémos ter da India desejada,  
Que estarmos inda muito longe della :  
E assi tornei a dar ao vento a véla.

## XXXV

Disse então a Velloso um companheiro,  
(Começando-se todos a sorrir)  
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro  
É melhor de descer, que de subir.  
Se é, responde o ousado aventureiro :  
Mas, quando eu para cá vi tantos vir  
Daquelles cães, de pressa um pouco vim ;  
Por me lembrar, que estaveis cá sem mim.

## XXXVI

Contou então que, tanto que passárão  
 Aquelle monte os negros, de quem fallo,  
 Avante mais passar o não deixarão,  
 Querendo, se não torna, alli mata-lo:  
 E tornando-se, logo se emboscárão;  
 Porque, sahindo nós para toma-lo,  
 Nos pudessem mandar ao reino escuro,  
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

## XXXVII

Porém já cinco soes erão passados,  
 Que dalli nos partiramos, cortando  
 Os mares nunca d'outrem navegados,  
 Prosperamente os ventos assoprando:  
 Quando uma noite estando descuidados  
 Na cortadora prôa vigiando,  
 Uma nuvem, que os ares escurece,  
 Sobre nossas cabeças apparece.

## XXXVIII

Tão temerosa vinha, e carregada,  
 Que pôz nos corações um grande medo:  
 Bramindo o negro mar de longe brada,  
 Como se dêsse em vão n'algun rochedo.  
 O' Potestade, disse, sublimada!  
 Que ameaço divino, ou que segredo  
 Este clima, e este mar nos apresenta,  
 Que mór-cousa parece, que tormenta?

## XXXIX

Não acabava, quando uma figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida ;  
De disforme e grandissima estatura,  
O rosto carregado, a barba esqualida,  
Os olhos encovados , e a postura  
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,  
Cheios de terra, e crespos os cabellos ,  
A bocca negra, os dentes amarellos.

## XL

Tão grande era de membros , que bem posso  
Certificar-te, que este era o segundo  
De Rhodes estranhissimo colosso,  
Que um dos sete milagres foi do mundo :  
C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,  
Que pareceu sahir do mar profundo:  
Arrepião-se as carnes e o cabelo  
A mi, e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.

## XLI

E disse : O' gente ousada mais , que quantas  
No mundo commettêrão grandes cousas,  
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas ,  
E por trabalhos vãos nunca repousas :  
Pois os vedados terminos quebrantas,  
E navegar meus longos mares ousas ,  
Que eu tanto tempo ha já que guardo , e tenho ,  
Nunca arados d'estranho, ou proprio lenho ;



## XLII

Pois vens ver os segredos escondidos  
 Da natureza, e do humido elemento,  
 A nenhum grande humano concedidos  
 De nobre ou de immortal merecimento ;  
 Ouve os damnos de mi, que apercebidos  
 Estão a teu sobejo atrevimento  
 Por todo o largo mar, e pela terra,  
 Que inda has de subjugar com dura guerra.

## XLIII

Sabe, que, quantas náos esta viagem,  
 Que tu fazes, fizerem de atrevidas,  
 Inimiga terão esta paragem,  
 Com ventos, e tormentas desmedidas :  
 E da primeira armada, que passagem  
 Fizer por estas ondas insoffridas,  
 Eu farei d'improviso tal castigo,  
 Que seja mór o damno, que o perigo.

## XLIV

Aqui espero tomar, se não me engano,  
 De quem me descobrio, summa vingança :  
 E não se acabará só nisto o dano  
 De vossa pertinace confiança ;  
 Antes em vossas náos vereis cada anno  
 (Se é verdade o, que meu juizo alcança)  
 Naufragios, perdições de toda sorte,  
 Que o menor mal de todos seja a morte.

## XLV

E do primeiro illustre, que a ventura  
Com fama alta fizer tocar os céos,  
Serei eterna, e nova sepultura,  
Por juizos incognitos de Deos :  
Aqui porá da Turca armada dura  
Os soberbos e prosperos trophéos,  
Comigo de seus damnos o ameaça  
A destruida Quíloa com Mombaça.

## XLVI

Outro tambem virá de honrada fama,  
Liberal, cavalleiro, e namorado,  
E comsigo trará a formosa dama,  
Que Amor por gão mercê lhe terá dado :  
Triste ventura, e negro fado os chama  
Neste terreno meu, que duro e irado  
Os deixará d'um cru naufragio vivos ;  
Para verem trabalhos excessivos.

## XLVII

Verão morrer com fome os filhos caros,  
Em tanto amor gerados e nascidos:  
Verão os Cafres asperos e avaros  
Tirar á linda dama seus vestidos :  
Os crystallinos membros, e preclaros  
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos,  
Despois de ter pizada longamente  
Co'os delicados pés a arêa ardente.

## XLVIII

E verão mais os olhos, que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura,  
Os dous amantes miseros ficarem  
Na fervida e implacabil espessura :  
Alli, depois que as pedras abrandarem  
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,  
Abraçados as almas soltarão  
Da formosa e miserrima prisão.

## XLIX

Mais hia por diante o monstro horrendo  
Dizendo nossos fados, quando alçado  
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo  
Corpo certo me tem maravilhado.  
A bocca, e os olhos negros retorcendo,  
E dando um espantoso e grande brado,  
Me respondeo com voz pezada e amara,  
Como quem da pergunta lhe pezara :

## L

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,  
A quem chamais vós outros Tormentorio,  
Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,  
Plinio, e quantos passarão, fui notorio :  
Aqui toda Africana costa acabo  
Neste meu nunca visto promontorio,  
Que para o lado Antartico se estende,  
A quem vossa ousadia tanto offende.

## LI

Fui dos filhos asperrimos da terra,  
 Qual Encélado, Egeo, e o Centimano:  
 Chamei-me Adamastor, e fui na guerra  
 Contra o, que vibra os raios de Vulcano:  
 Não que puzesse serra sobre serra:  
 Mas, conquistando as ondas do Oceano,  
 Fui capitão do mar, por onde andava  
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

## LII

Amores da alta esposa de Peleo  
 Me fizeram tomar tamanha empreza.  
 Todas ás deosas desprezei do céo,  
 Só por amar das aguas a princeza:  
 Um dia a vi co'as filhas de Nereo  
 Sahir nua na praia; e logo preza  
 A vontade senti de tal maneira,  
 Que inda não sinto cousa, que mais queira.

## LIII

Como fosse impossivel abraça-la  
 Pela grandeza fêa do meu gesto,  
 Determinei por armas dè toma-la,  
 E a Doris este caso manifesto:  
 De medo a deosa então por mi lhe falla;  
 Mas ella c'um formoso riso honesto  
 Respondeo: qual será o amor bastante  
 De nympha, que sustente o d'um gigante?

## LIV

Comtudo, por livrarmos o Oceano  
De tanta guerra, eu buscarei maneira,  
Com que com minha honra escuse o dano:  
Tal resposta me torna a mensageira.  
Eu que cahir não pude neste engano,  
(Que é grande dos amantes a cegueira)  
Enchêrão-me com grandes abundanças  
O peito de desejos, e esperanças.

## LV

Já nescio, já da guerra desistindo,  
Uma noite de Doris promettida  
Me apparece de longe o gesto lindo  
Da branca Thetis unica despida:  
Como doudo corri de longe, abrindo  
Os braços para aquella, que era vida  
Deste corpo; e começo os olhos bellos  
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

## LVI

Oh que não sei de nojo como o conte!  
Que, crendo ter nos braços quem amava,  
Abraçado me achei c'um duro monte  
De aspero mato, e de espessura brava:  
Estando c'um penedo fronte a fronte,  
Que eu pelo rosto angelico apertava,  
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,  
E junto d'um penedo outro penedo.

## LVII

O' nympha a mais formosa do Oceano ,  
 Já que minha presença não te agrada,  
 Que te custava ter-me neste engano ,  
 Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?  
 Daqui me parto irado, e quasi insano  
 Da magoa, e da deshonra alli passada,  
 A buscar outro mundo, onde não visse,  
 Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

## LVIII

Erão já neste tempo meus irmãos  
 Vencidos, e em miseria extrema postos;  
 E, por mais segurar-se os deoses vãos,  
 Alguns a varios montes sotopostos:  
 E como contra o céo não valem mãos,  
 Eu, que chorando andava meus desgostos,  
 Comecei a sentir do fado imigo  
 Por meus atrevimentos o castigo.

## LIX

Converte-se-me a carne em terra dura,  
 Em penedos os ossos se fizerão,  
 Estes membros, que vês, e esta figura  
 Por estas longas aguas se estendêrão:  
 Emfim, minha grandissima estatura  
 Neste remoto cabo convertêrão  
 Os deoses; e, por mais dobradas magoas,  
 Me anda Thetis cercando destas aguas.

## LX

Assi contava, e c'um medonho chôro  
Subito d'ante os olhos se apartou :  
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro  
Bramido muito longe o mar soou.  
Eu, levantando as mãos ao sancto côro  
Dos Anjos, que tão longe nos guiou ,  
A Deos pedi, que removesse os duros  
Casos, que Adamastor contou futuros.

## LXI

Já Phlegon, e Pyróis vinhão tirando ,  
Co'os outros dous o carro radiante ,  
Quando a terra alta se nos foi mostrando ,  
Em que foi convertido o grão gigante :  
Ao longo desta costa, começando  
Já de cortar as ondas do Levante ,  
Por ella abaixo um pouco navegámos ,  
Onde segunda vez terra tomámos.

## LXII

A gente, que esta terra possuia ,  
Postoque todos Ethiópes erão ,  
Mais humana no trato parecia ,  
Que os outros, que tão mal nos recebêrão :  
Com bailes , e com festas de alegria  
Pela praia arenosa a nós vierão ,  
As mulheres comsigo, e o manso gado ,  
Que apascentavão, gordo e bem criado.

## LXIII

As mulheres queimadas vem emcima  
Dos vagorosos bois, alli sentadas,  
Animaes, que elles tem em mais estima,  
Que todo o outro gado das manadas:  
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,  
Na sua lingua cantão, concertadas  
Co'o doce som das rusticas avenas,  
Imitando de Tityro as Camenas.

## LXIV

Estes, como na vista prazenteiros  
Fossem, humanamente nos tratãrão,  
Trazendo-nos gallinhas, e carneiros  
A troco d'outras peças, que levãrão:  
Mas como nunca emfim meus companheiros  
Palavra sua alguma lhe alcançãrão,  
Que desse algum signal do, que buscamos,  
As velas dando, as ancoras levamos.

## LXV

Já aqui tínhamos dado um grão rodeio  
Á costa negra de Africa, e tornava  
A prôa a demandar o ardente meio  
Do ceo, e o polo Antartico ficava:  
Aquelle ilheo deixámos, onde veio  
Outra armada primeira, que buscava  
O Tormentorio cabo; e, descoberto,  
Naquelle ilheo fez seu limite certo.



## LXVI

Daqui fomos cortando muitos dias  
Entre tormentas tristes e bonanças,  
No largo mar fazendo novas vias,  
Só conduzidos de arduas esperanças :  
Co'o mar um tempo andámos em porfias ;  
Que, como tudo nelle são mudanças,  
Corrente nelle achámos tão possante,  
Que passar não deixava por diante.

## LXVII

Era maior a força em demasia,  
Segundo para traz nos obrigava,  
Do mar, que contra nós alli corria,  
Que por nós a do vento, que assoprava :  
Injuriado Noto da porfia  
Em que co'o mar (parece) tanto estava,  
Os assopros esforça iradamente,  
Com que nos fez vencer a grão corrente.

## LXVIII

Trazia o Sol o dia celebrado,  
Em que tres Reis das partes do Oriente  
Forão buscar um Rei de pouco nado,  
No qual Rei outros tres ha juntamente :  
Neste dia outro porto foi tomado  
Por nós da mesma já contada gente  
N'um largo rio, ao qual o nome demos  
Do dia, em que por elle nos mettemos.

## LXIX

Desta gente refresco algum tomámos,  
E do rio fresca agua ; mas comtudo  
Nenhum signal aqui da India achámos  
No povo, com nós outros quasi mudo.  
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,  
Sem sahir nunca deste povo rudo,  
Sem vermos nunca nova, nem signal  
Da desejada parte Oriental.

## LXX

Ora imagina agora, quão coitados  
Andariamos todos, quão perdidos,  
De fomes, de tormentas quebrantados,  
Por climas, e por mares não sabidos :  
E do esperar comprido tão cansados,  
Quanto a desesperar já compellidos,  
Por ceos não naturaes, de qualidade  
Inimiga de nossa humanidade.

## LXXI

Corrupto já e damnado o mantimento,  
Damnoso e máo ao fraco corpo humano,  
E alem disso nenhum contentamento,  
Que sequer da esperanza fosse engano :  
Crês, tu, que se este nosso ajuntamento  
De soldados não fôra Lusitano,  
Que durára elle tanto obediente  
Por ventura a seu Rei, e a seu regente?

## LXXII

Crês, tu, que já não forão levantados  
 Contra seu capitão, se os resistira,  
 Fazendo-se piratas, obrigados  
 De desesperação, de fome, de ira?  
 Grandemente por certo estão provados:  
 Pois que nenhum trabalho grande os tira  
 Daquella Portugueza alta excellencia  
 De lealdade firme, e obediencia.

## LXXIII

Deixando o porto emfim do doce rio,  
 E tornando a cortar a agua salgada,  
 Fizemos desta costa algum desvio,  
 Deitando para o pégo toda a armada:  
 Porque, ventando Noto manso e frio,  
 Não nos apanhasse a agua da enseada,  
 Que a costa faz alli daquella banda,  
 Donde a rica Sofala o ouro manda.

## LXXIV

Esta passada, logo, o leve leme  
 Encommendado ao sacro Nicoláo,  
 Para onde o mar na costa brada, e geme,  
 A prôa inclina d'uma, e d'outra náó:  
 Quando indo o coração, que espera, e teme,  
 E que tanto fiou d'um fraco páo,  
 Do que esperava já desesperado,  
 Foi d'uma novidade alvoroçado.

## LXXV

E foi, que, estando já da costa perto,  
 Onde as praias, e valles bem se vião,  
 N'um rio, que alli sahe ao mar aberto,  
 Bateis á véla entravão, e sahião.  
 Alegria mui grande foi por certo  
 Achamos já pessoas, que sabião  
 Navegar; porque entr'ellas esperámos  
 De achar novas algumas, como achámos.

## LXXVI

Ethiopes são todos, mas parece,  
 Que com gente melhor communicavão :  
 Palavra alguma Arabica se conhece  
 Entre a linguagem sua, que fallavão :  
 E com panno delgado, que se tece  
 De algodão, as cabeças apertavão,  
 Com outro, que de tinta azul se tinge,  
 Cada um as vergonhosas partes cinge.

## LXXVII

Pela Arabica lingua, que mal fallão,  
 E que Fernão Martins mui bem entende,  
 Dizem, que por náos, que em grandeza igualão  
 As nossas, o seu mar se corta e fende :  
 Mas que lá, donde sahe o Sol, se abalão  
 Para onde a costa ao Sul se alarga, e estende,  
 E do Sul para o Sol; terra, onde havia  
 Gente, assi como nós, da côr do dia.

## LXXVIII

Mui grandemente aqui nos alegrámos  
Co'a gente, e com as novas muito mais :  
Pelos signaes, que neste rio achámos,  
O nome lhe ficou dos Bons-Signaes :  
Um padrão nesta terra alevantámos ;  
Que para assignalar lugares taes  
Trazia alguns, o nome tem de bello  
Guiador de Tobias a Gabelo.

## LXXIX

Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos,  
Nojosa criação das aguas fundas,  
Alimpámos as náos, que dos caminhos  
Longos do mar vem sordidas e immundas.  
Dos hospedes, que tinhamos vizinhos,  
Com mostras apraziveis e jucundas  
Houvemos sempre o usado mantimento,  
Limpos de todo o falso pensamento.

## LXXX

Mas não foi da esperança grande e immensa,  
Que nesta terra havemos, limpa e pura  
A alegria; mas logo a recompensa  
A Rhamnusia com nova desventura.  
Assi no ceo sereno se dispensa :  
Com esta condição pesada e dura  
Nascemos: o pezar terá firmeza,  
Mas o bem logo muda a natureza.

## LXXXI

E foi, que de doença crua e feia  
A mais, que eu nunca vi, desamparárão  
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia  
Os ossos para sempre sepultárão.  
Quem haverá que, sem o ver, o creia?  
Que tão disformemente alli lhe inchárão  
As gengivas na bocca, que crescia  
A carne, e juntamente apodrecia :

## LXXXII

Apodrecia c'um fetido e bruto  
Cheiro, que o ar vizinho inficionava :  
Não tínhamos alli medico astuto,  
Cirurgião subtil menos se achava ;  
Mas qualquer que neste officio pouco instructo  
Pela carne já podre assi cortava,  
Como se fôra morta, e bem convinha ;  
Pois que morto ficava quem a tinha.

## LXXXIII

Emfim que nesta incognita espessura  
Deixámos para sempre os companheiros,  
Que em tal caminho, e em tanta desventura  
Forão sempre comnosco aventureiros.  
Quão facil é ao corpo a sepultura !  
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros  
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,  
Receberão de todo o illustre os ossos.

## LXXXIV

Assi que, deste porto nos partimos  
 Com maior esperanza, e mór tristeza,  
 E pela costa abaixo o mar abrimos,  
 Buscando algum signal de mais firmeza:  
 Na dura Moçambique emfim surgimos,  
 De cuja falsidade, e má vileza  
 Já serás sabedor, e dos enganos  
 Dos povos de Mombaça pouco humanos.

## LXXXV

Até que aqui no teu seguro porto,  
 Cuja brandura, e doce tratamento  
 Dará saude a um vivo, e vida a um morto,  
 Nos trouxe a piedade do alto assento:  
 Aqui repouso, aqui doce conferto,  
 Nova quietação do pensamento  
 Nos déste: e vês-aqui, se attento ouviste,  
 Te contei tudo, quanto me pediste.

## LXXXVI

Julgas agora, Rei, que houve no mundo  
 Gentes, que taes caminhos commettessem?  
 Crês, tu, que tanto Eneas, e o facundo  
 Ulysses pelo mundo se estendessem?  
 Ousou algum a ver do mar profundo,  
 Por mais versos que delle se escrevessem,  
 Do que eu vi a poder d'esforço e de arte,  
 E do que inda hei de ver, a oitava parte?

## LXXXVII

Esse, que bebeu tanto da agua Aonia,  
 Sobre quem tem contenda peregrina  
 Entre si Rhodes, Smyrna, e Colophonias,  
 Athenas, Ios, Argo, e Salamina:  
 Ess'outro, que esclarece toda Ausonia,  
 A cuja voz altisona e divina,  
 Ouvindo, o patrio Mincio se adormece,  
 Mas o Tybre co'o som se ensoberbece :

## LXXXVIII

Cantem, louvem, e escrevão sempre extremos  
 Desses seus semideoses, e encareção,  
 Fingindo Magas, Circes, Polyphemos,  
 Sirenas, que co'o canto os adormeção:  
 Dêm-lhe mais navegar á vela e remos  
 Os Cicones, e a terra, onde se esqueção  
 Os companheiros, em gostando o loto:  
 Dêm-lhe perder nas aguas o piloto :

## LXXXIX

Ventos soltos lhe finjão, e imaginem  
 Dos odres, e Calypsos namoradas,  
 Harpyas, que o manjar lhe contaminem,  
 Descer ás sombras nuas já passadas;  
 Que, por muito, e por muito que se afinem  
 Nestas fabulas vãs, tão bem sonhadas,  
 A verdade, que eu conto núa e pura,  
 Vence toda a grandiloqua escriptura.



## XC

Da bocca do facundo Capitão  
Pendendo estavam todos embebidos,  
Quando deu fim á longa narração  
Dos altos feitos grandes, e subidos.  
Louva o Rei o sublime coração  
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:  
Da gente louva a antigua fortaleza,  
A lealdade d'animo, e nobreza.

## XCI

Vai recontando o povo, que se admira,  
O caso cada qual, que mais notou;  
Nenhum delles da gente os olhos tira,  
Que tão longos caminhos rodeou.  
Mas já o mancebo Délio as redeas vira,  
Que o irmão de Lampécia mal guiou,  
Por vir a descansar nos Thetios braços,  
E El-Rei se vai do mar aos nobres paços.

## XCII

Quão doce é o louvor, e a justa gloria  
Dos proprios feitos, quando são soados!  
Qualquer nobre trabalha, que em memoria  
Vença, ou iguale os grandes já passados:  
As invejas da illustre e alheia historia  
Fazem mil vezes feitos sublimados:  
Quem valerosas obras exercita,  
Louvor alheio muito o esperta, e incita.

## XCIII

Não tinha emtanto os feitos gloriosos  
De Achilles Alexandro na peleja,  
Quanto, de quem o canta, os numerosos  
Versos: isso só louva, isso deseja.  
Os trophéos de Milciades famosos  
Themistocles despertão só de inveja,  
E diz, que nada tanto o deleitava  
Como a voz, que seus feitos celebrava.

## XCIV

Trabalha por mostrar Vasco da Gama,  
Que essas navegações, que o mundo canta,  
Não merecem tamanha gloria, e fama,  
Como a sua, que o ceo e a terra espanta.  
Si: mas aquelle Heróe, que estima, e ama  
Com dões, mercês, favores, e honra tanta  
A lyra Mantuana; faz, que sôe  
Eneas, e a Romana gloria vôe.

## XCV

Dá a terra Lusitana Scipiões,  
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;  
Mas não lhe dá comtudo aquelles dões,  
Cuja falta os faz duros, e robustos;  
Octavio entre as maiores oppressões  
Compunha versos doutos, e venustos:  
Não dirá Fulvia certo, que é mentira,  
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

## XCVI

Vai Cesar subjugando toda França,  
E as armas não lhe impedem a sciencia;  
Mas, n'uma mão a penna, e n'outra a lança,  
Igualava de Cicero a eloquencia:  
O que de Scipião se sabe, e alcança,  
É nas comedias grande experiencia:  
Lia Alexandro a Homero de maneira,  
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

## XCVII

Emfim não houve forte capitão,  
Que não fosse tambem douto, e sciente,  
Da Lacia, Grega, ou barbara nação,  
Senão da Portugueza tamsomente.  
Sem vergonha o não digo, que a razão  
D'algum não ser por versos excellente,  
É não se ver prezado o verso, e rima;  
Porque quem não sabe a arte, não na estima.

## XCVIII

Por isso, e não por falta de natura,  
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;  
Nem haverá, se este costume dura,  
Pios Eneas, nem Achilles feros:  
Mas o peor de tudo é, que a ventura  
Tão asperos os fez, e tão austeros,  
Tão rudos, e de engenho tão remisso,  
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

## XCIX

Às Musas agradeça o nosso Gama  
O muito amor da patria, que as obriga  
A dar aos seus na lyra nome, e fama  
De toda a illustre e bellica fadiga ;  
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,  
Calliope não tem por tão amiga,  
Nem as filhas do Tejo, que deixassem  
As telas d'ouro fino, e que o cantassem :

## C

Porque o amor fraterno, e puro gosto  
De dar a todo o Lusitano feito  
Seu louvor, é sómente o presuppuesto  
Das Tágides gentis, e seu respeito :  
Porêm não deixe emfim de ter disposto  
Ninguem a grandes obras sempre o peito ;  
Que por esta, ou por outra qualquer via  
Não perderá seu preço, e sua valia.

---

# OS LUSIADAS

---

CANTO VI



# OS LUSIADAS

---

## CANTO SEXTO.

---

### I

Não sabia, em que modo festejasse  
O Rei pagão os fortes navegantes ;  
Para que as amizades alcançasse  
Do Rei Christão, das gentes tão possantes :  
Pêza-lhe, que tão longe o aposentasse  
Das Europeas terras abundantes  
A ventura, que não no fez vizinho  
Donde Hercules ao mar abriu o caminho.

### II

Com jogos, dansas, e outras alegrias,  
A segundo a policia Melindana,  
Com usadas e ledas pescarias,  
Com que a Lageia Antonio alegre, e engana,  
Este famoso Rei todos os dias  
Festeja a companhia Lusitana,  
Com banquetes, manjares desusados,  
Com fructas, aves, carnes, e pescados.

## III

Mas vendo o Capitão, que se detinha  
Já mais, do que devia, e o fresco vento  
O convida, que parta, e tome azinha  
Os pilotos da terra, e mantimento ;  
Não se quer mais deter ; que ainda tinha  
Muito para cortar do salso argento :  
Já do Pagão benigno se despede,  
Que a todos amizade longa pede.

## IV

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja  
Sempre com suas frotas visitado ;  
Que nenhum outro bem maior deseja,  
Que dar a taes barões seu reino e estado :  
E que, emquanto seu corpo o espirito reja,  
Estará de contino aparelhado  
A pôr a vida, e reino totalmente  
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

## V

Outras palavras taes lhe respondia  
O Capitão, e logo, as velas dando,  
Para as terras da Aurora se partia,  
Que tanto tempo ha já, que vai buscando.  
No piloto, que leva, não havia  
Falsidade, mas antes vai mostrando  
A navegação certa ; e assi caminha  
Já mais seguro, do que d'antes vinha.



## VI

As ondas navegavão do Oriente  
Já nos mares da India, e enxergavão  
Os thalamos do Sol, que nasce ardente:  
Já quasi seus desejos se acabavão.  
Mas o mão de Thyoneo, que na alma sente  
As venturas, que então se apparelhavão  
Á gente Lusitana, dellas dina,  
Arde, morre, blasphema, e desatina.

## VII

Via estar todo o céo determinado  
De fazer de Lisboa nova Roma:  
Não no póde estorvar; que destinado  
Está d'outro poder, que tudo doma.  
Do Olympo desce emfim desesperado,  
Novo remedio em terra busca, e toma:  
Entra no humido reino, e vai-se á côrte  
Daquelle, a quem o mar cahio em sorte.

## VIII

No mais interno fundo das profundas  
Cavernas altas, onde o mar se esconde,  
Lá donde as ondas sahem furibundas,  
Quando ás iras do vento o mar responde,  
Neptuno mora, e morão as jucundas  
Nereidas, e outros deoses do mar, onde  
As aguas campo deixão ás cidades,  
Que habitão estas humidas deidades.

## IX

Descobre o fundo nunca descoberto  
As arêas alli de prata fina ,  
Torres altas se vêm no campo aberto  
Da transparente massa crystallina :  
Quanto se chegão mais os olhos perto ,  
Tanto menos a vista determina ,  
Se é crystal o , que vê , se diamante ;  
Que assi se mostra claro e radiante.

## X

As portas d'ouro fino , e marchetadas  
Do rico aljofar , que nas conchas nasce ,  
De esculptura formosa estão lavradas ,  
Na qual do irado Baccho a vista pasce :  
E vê primeiro em côres variadas  
Do velho chaos a tão confusa face :  
Vêm-se os quatro elementos trasladados ,  
Em diversos officios occupados.

## XI

Alli sublime o fogo estava em cima ,  
Que em nenhuma materia se sustinha ,  
Daqui as cousas vivas sempre anima ,  
Depois que Prometheo furtado o tinha .  
Logo após elle leve se sublima  
O invisibil Ar , que mais azinha  
Tomou lugar , e nem por quente , ou frio  
Algum deixa no mundo estar vazio .

## XII

Estava a terra em montes revestida  
 De verdes hervas, e arvores floridas,  
 Dando pasto diverso, e dando vida  
 Às alimarias nella produzidas:  
 A clara fórma alli estava esculpida  
 Das Aguas entre a terra desparzidas,  
 De pescados criando varios modos,  
 Com seu humor mantendo os corpos todos:

## XIII

N'outra parte esculpida estava a guerra,  
 Que tiverão os deoses co'os gigantes,  
 Está Typheo debaixo da alta serra  
 De Ethna, que as flammias lança crepitantes:  
 Esculpido se vê ferindo a terra  
 Neptuno, quando as gentes ignorantes,  
 Delle o cavallo houverão, e a primeira  
 De Minerva pacifica oliveira.

## XIV

Pouca tardança faz Lyeo irado  
 Na vista destas cousas; mas, entrando  
 Nos paços de Neptuno, que, avisado  
 Da vinda sua, o estava já aguardando,  
 Às portas o recebe, acompanhado  
 Das nymphas, que se estão maravilhando  
 De ver que, commettendo tal caminho,  
 Entre no reino d'agua o rei do vinho:

## XV

O Neptuno, lhe disse, não te espantes  
 De Baccho nos teus reinos receberes;  
 Porque também co'os grandes e possantes  
 Mostra a fortuna injusta seus poderes:  
 Manda chamar os deoses do mar, antes  
 Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;  
 Verão da desventura grandes modos,  
 Oução todos o mal, que toca a todos.

## XVI

Julgando já Neptuno, que seria  
 Estranho caso aquelle, logo manda  
 Tritão, que chame os deoses da agua fria,  
 Que o mar habitão d'uma e d'outra banda:  
 Tritão, que de ser filho se gloria  
 Do Rei, e de Salacia veneranda,  
 Era mancebo grande, negro e feio,  
 Trombeta de seu pai, e seu correio.

## XVII

Os cabellos da barba, e os que descem  
 Da cabeça nos hombros, todos erão  
 Uns limos prenhes d'agua, e bem parecem:  
 Que nunca brando pentem conhecêrão:  
 Nas pontas pendurados não fallecem  
 Os negros misilhões, que alli se gerão:  
 Na cabeça por gorra tinha posta  
 Uma mui grande casca de lagosta.

## XVIII

O corpo nú, e os membros genitais,  
 Por não ter ao nadar impedimento;  
 Mas porêm de pequenos animais  
 Do mar todos cobertos cento e cento:  
 Camarões, e cangrejos, e outros mais  
 Que recebem de Phebe crescimento:  
 Ostras, e breguigões do musgo sujos,  
 Às costas com a casca os caramujos.

## . XIX

Na mão a grande concha retorcida,  
 Que trazia, com força já tocava:  
 A voz grande canora foi ouvida  
 Por todo o mar, que longe retumbava.  
 Já toda a companhia apercebida  
 Dos deoses para os paços caminhava  
 Do Deos, que fez os muros de Dardania,  
 Destruídos depois da Grega insania.

## XX

Vinha o padre Oceano acompanhado  
 Dos filhos, e das filhas, que gerára:  
 Vem Nereo, que com Doris foi casado,  
 Que todo o mar de nymphas povoára:  
 O propheta Protêo, deixando o gado  
 Maritimo pascer pela agua amara,  
 Alli veio tambem; mas já sabia  
 O, que o padre Lyeo no mar queria.

## XXI

Vinha por outra parte a linda esposa  
De Neptuno, de Cælo, e Vesta filha,  
Grave, e leda no gesto, e tão formosa,  
Que se amansava o mar de maravilha:  
Vestida uma camisa preciosa  
Trazia de delgada beatilha,  
Que o corpo crystallino deixa ver-se;  
Que tanto bem não é para esconder-se:

## XXII

Amphitrite, formosa como as flôres,  
Neste caso não quiz que fallecesse,  
O delphim traz consigo, que aos amores  
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse:  
Co'os olhos, que de tudo são senhores,  
Qualquer parecerá que o Sol vencesse:  
Ambas vem pela mão, igual partido;  
Pois ambas são esposas d'um marido.

## XXIII

Aquella, que das furias de Athamante  
Fugindo, veio a ter divino estado,  
Comsigo traz o filho, bello infante  
No numero dos deoses relatado:  
Pela praia brincando vem diante  
Com as lindas conchinhas, que o salgado  
Mar sempre cria, e às vezes pela arêa  
No collo o toma a bella Panopea.

## XXIV

E o deos, que foi n'um tempo corpo humano,  
E por virtude da herva poderosa  
Foi convertido em peixe, e deste dano  
Lhe resultou deidade gloriosa,  
Inda vinha chorando o fêo engano,  
Que Circe tinha usado co'a formosa  
Scylla, que elle ama, desta sendo amado;  
Que a mais obriga amor mal empregado.

## XXV

Já finalmente todos assentados  
Na grande sala, nobre e divinal,  
As deosas em riquissimos estrados,  
Os deoses em cadeiras de crystal;  
Forão todos do Padre agasalhados,  
Que co'o Thebano tinha assento igual:  
De fumos enche a casa a rica massa  
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

## XXVI

Estando socegado já o tumulto  
Dos deoses, e de seus recebimentos,  
Começa a descobrir do peito occulto  
A causa o Thyoneo de seus tormentos:  
Um pouco carregando-se no vulto,  
Dando mostra de grandes sentimentos,  
Só por dar aos de Luso triste morte  
Co'o ferro alheio, fallia desta sorte:

## XXVII

Principe, que de juro senhoreas  
 D'um polo a outro polo o mar irado,  
 Tu, que as gentes da terra toda enfreas;  
 Que não passem o termo limitado:  
 E tu, padre Oceano, que rodeas  
 O mundo universal, e o tens cercado,  
 E com justo decreto assi permittes,  
 Que dentro vivão só de seus limites:

## XXVIII

E vós, deoses do mar, que não soffreis  
 Injuria alguma em vosso reino grande,  
 Que com castigo igual vos não vingueis  
 De quem quer, que por elle corra, e ande;  
 Que descuido foi este, em que viveis?  
 Quem pode ser, que tanto vos abrande  
 Os peitos, com razão endurecidos  
 Contra os humanos fracos, e atrevidos?

## XXIX

Vistes, que com grandissima ousadia  
 Forão já commetter o céo supremo:  
 Vistes aquella insana phantasia  
 De tentarem o mar com vela, e remo:  
 Vistes, e ainda vemos cada dia  
 Soberbas, e insolencias taes, que temo,  
 Que do mar e do céo em poucos annos  
 Venhão deoses a ser, e nós humanos.



## XXX

Vêdes agora a fraca geração,  
Que d'um vassallo meu o nome toma,  
Com soberbo, e altivo coração  
A vós, e a mi, e o mundo todo doma:  
Vêdes, o vosso mar cortando vão,  
Mais do que fez a gente alta de Roma:  
Vêdes, o vosso reino devassando,  
Os vossos estatutos vão quebrando.

## XXXI

Eu vi, que contra os Minyas, que primeiro  
No vosso reino este caminho abrirão,  
Boreas injuriado, e o companheiro  
Aquilo, e os outros todos resistirão:  
Pois se do ajuntamento aventureiro  
Os ventos esta injuria assi sentirão,  
Vós, a quem mais compete esta vingança,  
Que esperais? Porque a pondes em tardança?

## XXXII

E não consinto, deoses, que cuideis,  
Que por amor de vós do ceo desci,  
Nem da magoa, da injuria, que soffreis,  
Mas da que se me faz tambem a mi;  
Que aquellas grandes honras, que sabeis,  
Que no mundo ganhei, quando venci  
As terras Indianas do Oriente,  
Todas vejo abatidas desta gente:

## XXXIII

Que o grão Senhor, e fados, que destinão,  
Como lhe bem parece, o baixo mundo,  
Famas mores, que nunca, determinão  
De dar a estes Barões no mar profundo:  
Aqui vereis, ó deoses, como ensinão  
O mal também a deoses, que, a segundo.  
Se vê, ninguém já tem menos valia,  
Que quem com mais razão valer devia.

## XXXIV

E por isso do Olympo já fugi,  
Buscando algum remedio a meus pezares,  
Por vêr o preço, que no ceo perdi,  
Se por dita acharei nos vossos mares.  
Mais quiz dizer, e não passou daqui;  
Porque as lagrimas já correndo a pares  
Lhe saltarão dos olhos, com que logo  
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

## XXXV

A ira, com que subito alterado  
O coração dos deoses foi n'um ponto,  
Não soffreu mais conselho bem cuidado,  
Nem dilação, nem outro algum desconto:  
Ao grande Eolo mandão já recado  
Da parte de Neptuno, que sem conto  
Solte as furias dos ventos repugnantes;  
Que não haja no mar mais navegantes.

## XXXVI

Bem quizera primeiro alli Proteo  
Dizer neste negocio o, que sentia,  
E, segundo o que a todos pareceo,  
Era alguma profunda prophecia :  
Porém tanto o tumulto se moveo  
Subito na divina companhia,  
Que Thetis indignada lhe bradou :  
« Neptuno sabe bem o que mandou. »

## XXXVII

Já lá o soberbo Hyppótades soltava  
Do carcere fechado os furiosos  
Ventos, que com palavras animava  
Contra os Barões audaces, e animosos.  
Subito o ceo sereno se obumbrava ;  
Que os ventos mais, que nunca, impetuosos  
Começão novas forças a ir tomando,  
Torres, montes, e casas derribando.

## XXXVIII

Enquanto este conselho se fazia  
No fundo aquoso, a leda lassa frota  
Com vento socegado proseguia  
Pelo tranquillo mar a longa rota :  
Era no tempo quando a luz do dia  
Do Eoo hemispherio está remota,  
Os do quarto da prima se deitavão,  
Para o segundo os outros despertavão.

## XXXIX

Vencidos vem do somno, e mal despertos  
 Bocejando a miudo se encostavão  
 Pelas antennas, todos mal cobertos  
 Contra os agudos ares, que assopravão:  
 Os olhos contra seu querer abertos,  
 Mas esfregando, os membros estiravão:  
 Remedios contra o somno buscar querem,  
 Historias contão, casos mil referem.

## XL

Com que melhor podemos, um dizia,  
 Este tempo passar, que é tão pesado,  
 Senão com algum conto de alegria,  
 Com que nos deixe o somno carregado?  
 Responde Leonardo, que trazia  
 Pensamentos de firme namorado:  
 Que contos poderemos ter melhores,  
 Para passar o tempo, que de amores?

## XLI

Não é, disse Velloso, cousa justa  
 Tratar branduras em tanta aspereza;  
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,  
 Não soffre amores, nem delicadeza:  
 Antes de guerra fêrvida, e robusta  
 A nossa historia seja; pois dureza  
 Nossa vida ha de ser, segundo entendo;  
 Que o trabalho por vir m'o está dizendo.

## XLII

Consentem nisto todos, e encommendão  
A Velloso, que conte isto, que approva.  
Contarei, disse, sem que me reprehendão  
De contar cousa fabulosa, ou nova:  
E porque os, que me ouvirem, daqui aprendão  
A fazer feitos grandes de alta prova,  
Dos nascidos direi na nossa terra,  
E estes sejam os doze de Inglaterra.

## XLIII

No tempo que do reino a redea leve  
João, filho de Pedro, moderava:  
Depois que socegado e livre o teve  
Do vizinho poder, que o molestava,  
Lá na grande Inglaterra, que da neve  
Boreal sempre abunda, semeava  
A fera Erinny's dura e má cizania,  
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

## XLIV

Entre as damas gentis da côrte Ingleza,  
E nobres cortezãos acaso um dia  
Se levantou Discórdia em ira accesa,  
Ou foi opinião, ou foi porfia:  
Os cortezãos, a quem tão pouco peza  
Soltar palavras graves de ousadia,  
Dizem, que provarão, que honras e famas  
Em taes damas não ha para ser damas.

## XLV

E que, se houver alguém, com lança e espada,  
Que queira sustentar a parte sua,  
Que elles em campo raso, ou estacada  
Lhe darão fêa infamia, ou morte crua.  
A feminil fraqueza pouco usada,  
Ou nunca a opprobrios taes, vendo-se nua  
De forças naturaes convenientes;  
Socorro pede a amigos, e parentes.

## XLVI

Mas, como fossem grandes, e possantes,  
No reino os inimigos; não se atrevem  
Nem parentes, nem fervidos amantes,  
A sustentar as damas, como devem:  
Com lagrimas formosas, e bastantes  
A fazer, que em socorro os deoses levem  
De todo o ceo, por rostos de alabastro;  
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

## XLVII

Era este Inglez potente, e militara  
Co'os Portuguezes já contra Castella,  
Onle as forças magnánimas provara  
Dos companheiros, e benigna estrella:  
Não menos nesta terra exprimentara  
Namorados affeitos, quando nella  
A filha vio, que tanto o peito doma,  
Do forte Rei, que por mulher a toma.

## XLVIII

Este, que soccorrer-lhe não queria,  
Por não causar discordias intestinas,  
Lhe diz: Quando o direito pretendia  
Do reino lá das terras Iberinas,  
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,  
Tanto primor, e partes tão divinas,  
Que elles sós poderião, se não erro,  
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

## XLIX

E se, aggravadas damas, sois servidas,  
Por vós lhe mandarei embaixadores,  
Que por cartas discretas, e polidas  
Do vosso agravo os fação sabedores:  
Tambem por vossa parte esclarecidas  
Com palavras d'affagos, e d'amores  
Lhe sejão vossas lagrimas; que eu creio,  
Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

## L

Desta arte as aconselha o Duque experto,  
E logo lhe nomea dôze fortes:  
E, porque cada dama um tenha certo,  
Lhe manda, que sobre elles lancem sortes;  
Que ellas só dôze são: e descoberto  
Qual a qual tem cahido das consortes,  
Cada uma escreve ao seu por varios modos,  
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

## LI

Já chega a Portugal o mensageiro,  
Toda a côrte alvoroça a novidade:  
Quizera o Rei sublime ser primeiro,  
Mas não lh'o soffre a Regia magestade:  
Qualquer dos cortezãos aventureiro  
Deseja ser com férvida vontade,  
E só fica por bemaventurado  
Quem já vem pelo Duque nomeado.

## LII

Lá na leal cidade, donde teve  
Origem (como é fama) o nome eterno  
De Portugal, armar madeiro leve  
Manda o, que tem o leme do governo.  
Apercebem-se os dôze em tempo breve  
D'armas, e roupas de uso mais moderno,  
De elmos, cimeiras, letras, e primores,  
Cavallos, e concertos de mil cores.

## LIII

Já do seu Rei tomado tem licença,  
Para partir do Douro celebrado,  
Aquelles, que escolhidos por sentença  
Forão do Duque Inglez exprimentado.  
Não ha na companhia differença  
De cavalleiro, destro, ou esforçado;  
Mas um só, que Magriço se dizia,  
Desta arte falla á forte companhia:



## LIV

Fortissimos consocios, eu desejo  
Ha muito já de andar terras estranhas ;  
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,  
Varias gentes, e leis, e varias manhas :  
Agora, que apparelho certo vejo,  
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)  
Quero, se me deixais, ir só por terra ;  
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

## LV

E quando caso fôr, que eu, impedido  
Por quem das cousas é ultima linha,  
Não fôr comvosco ao prazo instituido,  
Pouca falta vos faz a falta minha ;  
Todos por mi fareis o que é devido :  
Mas, se a verdade o espirito me adivinha,  
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja  
Não farão, que eu comvosco lá não seja.

## LVI

Assi diz: e, abraçados os amigos,  
E tomada licença, em fim se parte :  
Passa Leão, Castella, vendo antigos  
Lugares, que ganhára o patrio Marte,  
Navarra, co'os altissimos perigos  
Do Pyreneo, que Hespanha, e Gallia parte :  
Vistas em fim de França as cousas grandes,  
No grande emporio foi parar de Frandes.

## LVII

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,  
Sem passar se deteve muitos dias:  
Mas dos onze a illustrissima companhia  
Cortão do mar do Norte as ondas frias.  
Chegados de Inglaterra á costa estranha,  
Para Londres já fazem todos vias:  
Do Duque são com festa agasalhados,  
E das damas servidos, e amimados.

## LVIII

Chega-se o prazo, e dia assignalado  
De entrar em campo já co'os dôzes Inglezes,  
Que pelo Rei já tinhamo segurado:  
Armão-se d'elmos, grevas, e de arnezes:  
Já as damas tem por si fulgente e armado  
O Mavorte feroz dos Portuguezes;  
Vestem-se ellas de côres, e de sedas,  
De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

## LIX

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado  
Magriço, que não vinha, com tristeza  
Se veste; por não ter quem nomeado  
Seja seu cavalleiro nesta empreza:  
Bem que os onze apregoão, que acabado  
Será o negocio assi na côrte Ingleza,  
Que as damas vencedoras se conheçãõ,  
Posto que dous ou tres dos seus falleçãõ.

## LX

Já n'um sublime, e publico theatro  
 Se assenta o Rei Inglez com toda a côrte:  
 Estavão tres e tres, e quatro e quatro,  
 Bem como a cada qual coubera em sorte.  
 Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,  
 De força, esforço, e d'animo mais forte  
 Outros doze sahir, como os Inglezes,  
 No campo contra os onze Portuguezes.

## LXI

Mastigão os cavallos escumando  
 Os aureos freos com feroz semblante:  
 Estava o Sol nas armas rutilando,  
 Como em crystal, ou rigido diamante:  
 Mas enxerga-se n'um e n'outro bando  
 Partido desigual, e dissonante  
 Dos onze contra os doze: quando a gente  
 Começa a alvoroçar-se geralmente.

## LXII

Virão todos o rosto, aonde havia  
 A causa principal do reboliço:  
 Eis entra um cavalleiro que trazia  
 Armas, cavallo, ao bellico serviço:  
 Ao Rei, e ás damas falla, e logo se ia  
 Para os onze; que este era o grão Magriço:  
 Abraça os companheiros, como amigos,  
 A quem não falta certò nos perigos.

## LXIII

A dama, como ouvio, que este era aquelle,  
 Que vinha a defender seu nome, e fama,  
 Se alegra, e veste alli do animal de Helle,  
 Que a gente bruta mais, que virtude, ama.  
 Já dão signal, e o som da tuba impelle  
 Os bellicosos animos, que inflamma:  
 Picão d' esporas, largão redeas logo,  
 Abaixão lanças, fere a terra fogo.

## LXIV

Dos cavallos o estrepito parece,  
 Que faz, que o chão debaixo todo treme:  
 O coração no peito, que estremece,  
 De quem os olha, se alvoroça, e teme:  
 Qual do cavallo voa; que não desce:  
 Qual, co'o cavallo em terra dando, geme:  
 Qual vermelhas as armas faz de brancas:  
 Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

## LXV

Algun dali tomou perpetuo sono,  
 E fez da vida ao fim breve intervallo:  
 Correndo algum cavallo vai sem dono,  
 E n'outra parte o dono sem cavallo:  
 Cahe a soberba Ingleza do seu throno;  
 Que dous, ou tres já fóra vão do vallo:  
 Os, que de espada vem fazer batalha,  
 Mais achão já, que arnez, escudo, e malha.

## LXVI

Gastar palavras em contar extremos  
De golpes féros, cruas estocadas,  
É desses gastadores, que sabemos,  
Mãos do tempo com fabulas sonhadas:  
Basta por fim do caso, que entendemos,  
Que com finezas altas e afamadas  
Co'os nossos fica a palma da victoria,  
E as damas vencedoras, e com gloria.

## LXVII

Recolhe o Duque os doze vencedores  
Nos seus paços com festas e alegria:  
Cozinheiros occupa, e caçadores  
Das damas a formosa companhia;  
Que querem dar aos seus libertadores  
Banquetes mil cada hora, e cada dia,  
Emquanto se detem em Inglaterra,  
Até tornar á doce, e chara terra.

## LXVIII

Mas dizem, que comtudo o grão Magriço,  
Desejoso de ver as cousas grandes,  
Lá se deixou ficar, onde um serviço  
Notavel á Condessa fez de Frandes:  
E, como quem não era já noviço  
Em todo trance, onde tu Marte mandes,  
Um Francez mata em campo, que o destino  
Lá teve de Torquato, e de Corvino.

## LXIX

Outro tambem dos doze em Allemanha  
Se lança, e teve um féro desafio  
C'um Germano enganoso, que com manha  
Não devida o quiz pôr no extremo fio.  
Contando assi Velloso, já a companhia  
Lhe pede, que não faça tal desvio  
Do caso de Magriço, e vencimento,  
Nem deixe o de Allemanha em esquecimento.

## LXX

Mas neste passo assi promptos estando,  
Eis o mestre, que olhando os ares anda.  
O apito toca; acordão despertando  
Os marinheiros d'uma e d'outra banda:  
E, porque o vento vinha refrescando,  
Os traquetes das gaveas tomar manda:  
Alerta, disse, estai; que o vento cresce  
Daquella nuvem negra, que apparece.

## LXXI

Não erão os traquetes bem tomados,  
Quando dá a grande, e subita procella:  
Amaina, disse o mestre a grandes brados,  
Amaina, disse, amaina a grande vela.  
Não esperão os ventos indignados,  
Que amainassem; mas, juntos dando nella,  
Em pedaços a fazem com um ruido,  
Que o mundo pareceu ser destruido.

## LXXII

O ceo fere com gritos nisto a gente,  
Com subito temor, e desaccordo ;  
Que, no romper da vela, a náo pendente  
Toma grão somma d'agua pelo bordo :  
Alija, disse o mestre rijamente,  
Alija tudo ao mar, não falte accordo,  
Vão outros dar á bomba não cessando :  
Á bomba ; que nos imos alagando.

## LXXIII

Correm logo os soldados animosos  
A dar á bomba ; e tanto que chegarão,  
Os balanços, que os mares temerosos  
Derão á náo, n'um bordo os derribarão ;  
Tres marinheiros duros, e forçosos  
A manear o leme não bastarão,  
Talhas lhe punhão d'uma e d'outra parte,  
Sem aproveitar dos homens força, e arte.

## LXXIV

Os ventos erão taes, que não puderão  
Mostrar mais força d'impeto cruel,  
Se para derribar então vierão  
A fortissima torre de Babel ;  
Nos altissimos mares, que crescerão,  
A pequena grandura d'um batel  
Mostra a possante náo, que move espanto,  
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

## LXXV

A não grande, em que vai Paulo da Gama,  
 Quebrado leva o mastro pelo meio,  
 Quasi toda alagada: a gente chama  
 Aquelle, que a salvar o mundo veio.  
 Não menos gritos vão ao ar derrama  
 Toda a não de Coelho com receio;  
 Comquanto teve o mestre tanto tento,  
 Que primeiro amainou, que desse o vento.

## LXXVI

Agora sobre as nuvens os subião  
 As ondas de Neptuno furibundo:  
 Agora a vêr, parece, que descião  
 As intimas entranhas do profundo.  
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião  
 Arruinar a machina do mundo.  
 A noite negra, e fea se allumia  
 Co'os raios, em que o polo todo ardia.

## LXXVII

As Halcyoneas aves triste canto  
 Junto da costa brava levantarão,  
 Lembrando-se do seu passado pranto,  
 Que as furiosas aguas lhe causarão:  
 Os delphins namorados entretanto  
 Lá nas cóvas maritimas entrarão,  
 Fugindo a tempestade, e ventos duros,  
 Que nem no fundo os deixa estar seguros.



## LXXVIII

Nunca tão vivos raios fabricou  
Contra a fera soberba dos gigantes  
O grão ferreiro sordido, que obrou  
Do enteado as armas radiantes :  
Nem tanto o grão Tonante arremessou  
Relampagos ao mundo fulminantes  
No grão diluvio, donde sós viverão  
Os dous, que em gente as pedras converterão.

## LXXIX

Quantos montes então que derribarão  
As ondas, que batião denodadas !  
Quantas arvores velhas arrancarão  
Do vento bravo as furias indignadas !  
As forçosas raizes não cuidarão,  
Que nunca para o ceo fossem viradas ,  
Nem as fundas areas , que pudessem  
Tanto os mares , que em cima as revolvessem.

## LXXX

Vendo Vasco da Gama , que tão perto  
Do fim de seu desejo se perdia :  
Vendo ora o mar até o inferno aberto ,  
Ora com nova furia ao ceo subia :  
Confuso de temor , da vida incerto ,  
Onde nenhum remedio lhe valia ,  
Chama aquelle remedio sancto , e forte ,  
Que o impossibil póde desta sorte :

## LXXXI

Divina Guarda , angelica , celeste ,  
 Que os ceos , o mar , e terra senhoreas ,  
 Tu , que a todo Israel refugio deste  
 Por metade das aguas Erythreas :  
 Tu , que livraste Paulo , e defendeste  
 Das syrtes arenosas , e ondas feas ,  
 E guardastes co'os filhos o segundo  
 Povoador do alagado e vacuo mundo :

## LXXXII

Se tenho novos medos perigosos  
 D'outra scylla , e Charybdis já passados ,  
 Outras syrtes , e baixos arenosos ,  
 Outros Acroceraunios infamados :  
 No fim de tantos casos trabalhosos  
 Porque somos de ti desamparados ,  
 Se este nosso trabalho não te offende ,  
 Mas antes teu serviço só pretende?

## LXXXIII

Oh ditosos aquelles , que puderão  
 Entre as agudas lanças Africanas  
 Morrer , emquanto fortes sostiverão  
 A sancta Fé nas terras Mauritanas :  
 De quem feitos illustres se soberão ,  
 De quem ficão memorias soberanas ,  
 De quem se ganha a vida , com perdê-la ,  
 Dece fazendo a morte as honras della !

## LXXXIV

Assi dizendo , os ventos , que lutavão ,  
Como touros indomitos bramando ;  
Mais e mais a tormenta accrescentavão ,  
Pela miuda enxarcia assobiando :  
Relampagos medonhos não cessavão ,  
Feros trovões , que vem representando  
Cahir o ceo dos eixos sobre a terra ,  
Comsigo os elementos terem guerra.

## LXXXV

Mas já a amorosa estrella scintillava  
Diante do Sol claro no horizonte ,  
Mensajeira do dia , e visitava  
A terra , e o largo mar com leda fronte :  
A deosa , que nos ceos a governava ,  
De quem foge o ensifero Oriente ,  
Tanto que o mar , e a chara armada vira ,  
Tocada junto foi de medo , e de ira.

## LXXXVI

Estas obras de Baccho são por certo ,  
Disse : mas não será , que avante leve  
Tão damnada tenção ; que descoberto  
Me será sempre o mal , a que se atreve :  
Isto dizendo , desce ao mar aberto ,  
No caminho gastando espaço breve ,  
Emquanto manda ás nymphas amorosas  
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

## LXXXVII

Grinaldas manda pôr de varias côres  
 Sobre cabellos lourcs á porfia :  
 Quem não dirá , que nascem rôxas flores  
 Sobre ouro natural , que amor enfia?  
 Abrandar determina por amores  
 Dos ventos a nojosa companhia ,  
 Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas ,  
 Que mais formosas vinhão , que as estrellas.

## LXXXVIII

Assi foi : porque , tanto que chegarão  
 Á vista dellas , logo lhe fallecem  
 As forças , com que d'antes pelejarão ,  
 E já como rendidos lhe obedecem :  
 Os pés , e mãos , parece , que lhe atarão  
 Os cabellos , que os raios escurecem.  
 A Boreas , que do peito mais queria ,  
 Assi disse a bellissima Orithya :

## LXXXIX

Não creas , fero Boreas , que te creio ,  
 Que me tiveste nunca amor constante ;  
 Que brandura é de amor mais certo arreio ,  
 E não convem furor a firme amante :  
 Se já não pões a tanta insania freio ,  
 Não esperes de mi , daqui em diante  
 Que possa mais amar-te , mas temer-te ;  
 Que amor contigo em medo se converte.

## XC

Assi mesmo a formosa Galatea  
Dizia ao fero Noto ; que bem sabe  
Que dias ha, que em vê-la se recrea,  
E bem crê, que com elle tudo acabe :  
Não sabe o bravo tanto bem se o crea ;  
Que o coração no peito lhe não cabe :  
De contente de vêr, que a dama o manda,  
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

## XCI

Desta maneira as outras amansavão  
Subitamente os outros amadores ;  
E logo á linda Venus se entregavão,  
Amansadas as iras, e os furores :  
Ella lhe prometteu, vendo que amavão,  
Sempiterno favor em seus amores,  
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem  
De lhe serem leaes, esta viagem.

## XCH

Já a manhã clara dava nos outeiros,  
Por onde o Ganges murmurando soa,  
Quando da celsa gavea os marinheiros  
Enxergarão terra alta pela proa :  
Já fóra de tormenta, e dos primeiros  
Mares, o temor vão do peito voa :  
Disse alegre o Piloto Melindano,  
« Terra é de Calecut », se não me engano,

## XCIII

Esta é por certo a terra, que buscais,  
Da verdadeira India, que apparece ;  
E, se do mundo mais não desejais,  
Vosso trabalho longo aqui fenece.  
Soffrer aqui não póde o Gama mais,  
De ledó em vêr que a terra se conhece,  
Os gíolhos no chão, as mãos ao ceo,  
A mercê grande a Deos agradeceo :

## XCIV

As graças a Deos dava, e razão tinha ;  
Que não sómente a terra lhe mostrava,  
Que com tanto temor buscando vinha,  
Por quem tanto trabalho experimentava ;  
Mas via-se livrado tão asinha  
Da morte, que no mar lhe aparelhava  
O vento duro, férvido, e medonho,  
Como quem despertou de horrendo sonho.

## XCV

Por meio destes horridos perigos,  
Destes trabalhos graves, e temores,  
Alcanção os, que são de fama amigos,  
As honras immortaes, e grãos maiores :  
Não encostados sempre nos antigos  
Troncos nobres de seus antecessores,  
Não nos leitos dourados entre os finos  
Animaes de Moscovia zebellinos.

## XCVI

Não co'os manjares novos e exquisitos,  
Não co'os passeios molles e ociosos,  
Não co'os varios deleites e infinitos,  
Que afeminão os peitos generosos:  
Não co'os nunca vencidos appetitos,  
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,  
Que não soffre a nenhum, que o passo mude  
Para alguma obra heroica de virtude :

## XCVII

Mas com buscar co'o seu forçoso braço  
As honras, que elle chame proprias suas,  
Vigiando, e vestindo o forjado aço,  
Soffrendo tempestades, e ondas cruas,  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do Sul, e regiões de abrigo núas,  
Engulindo o corrupto mantimento,  
Temperado c'um arduo soffrimento :

## XCVIII

E com forçar o rosto, que se enfia,  
A parecer seguro, ledó, inteiro  
Para o pelouro ardente, que assovia,  
E leva a perna ou braço ao companheiro.  
Desta arte, o peito um callo honroso cria,  
Desprezador das honras, e dinheiro,  
Das honras, e dinheiro, que a ventura  
Forjou, e não virtude justa, e dura.

## XCIX

Desta arte se esclarece o entendimento;  
Que experiencias fazem repousado;  
E fica vendo, como de alto assento,  
O baixo trato humano embaraçado:  
Este, onde tiver força o regimento  
Direito, e não de affeitos occupado,  
Subirá (como deve) a illustre mando  
Contra vontade sua, e não rogando.

---



# OS LUSIADAS

---

CANTO VII



# OS LUSIADAS



## CANTO SEPTIMO

### I

Já se vião chegados junto á terra,  
Que desejada já de tantos fôra,  
Que entre as correntes Indicas se encerra,  
E o Ganges, que no ceo terreno mora.  
Ora sus, gente forte, que na guerra  
Quereis levar a palma vencedora,  
Já sois chegados, já tendes diante  
A terra de riquezas abundante.

### II

A vós, ó geração de Luso, digo,  
Que tão pequena parte sois no mundo,  
Não digo inda no mundo, mas no amigo  
Curral, de quem governa o ceo rotundo:  
Vós, a quem não somente algum perigo  
Estorva conquistar o povo immundo,  
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia  
Da Madre, que nos ceos está em essencia:

## III

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,  
 Que o fraco poder vosso não pesais;  
 Vós, que á custa de vossas varias mortes  
 A Lei da vida eterna dilatais:  
 Assi do ceo deitadas são as sortes,  
 Que vós, por muito poucos que sejais,  
 Muito fazeis na sancta Christandade:  
 Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

## IV

Vede-los Allemães, soberbo gado,  
 Que por tão largos campos se apascenta,  
 Do successor de Pedro rebellado,  
 Novo pastor, e nova seita inventa:  
 Vede-lo em feas guerras occupado  
 (Que inda co'o cego errôr se não contenta!)  
 Não contra o superbissimo Othomano,  
 Mas por sahir do jugo soberano.

## V

Vede-lo duro Inglez, que se nomea  
 Rei da velha e sanctissima Cidade,  
 Que o torpe Ismaelita senhorea,  
 (Quem vio honra tão longe da verdade!)  
 Entre as Boreaes neves se recrea,  
 Nova maneira faz de Christandade:  
 Para os de Christo tem a espada nua,  
 Não por tomar a terra, que era sua.

## VI

Guarda-lhe por emtanto um falso Rei  
A cidade Hierosolyma terrestre,  
Emquanto elle não guarda a sancta lei  
Da cidade Hierosolyma celeste.  
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?  
Que o nome Christianissimo quizeste,  
Não para defendê-lo, nem guarda-lo,  
Mas para ser contra elle, e derriba-lo!

## VII

Achas, que tens direito em senhorios  
De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto,  
E não contra o Cinypho e Nilo, rios  
Inimigos do antigo nome sancto?  
Ali se hão de provar da espada os fios,  
Em quem quer reprovar da Igreja o canto:  
De Carlos, de Luiz, o nome e a terra  
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

## VIII

Pois que direi daquelles, que em delicias,  
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,  
Gastão as vidas, logrão as divicias,  
Esquecidos de seu valor antigo?  
Nascem da tyrannia inimicicias,  
Que o povo forte tem, de si inimigo:  
Comtigo, Italia, fallo, já submersa  
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

## IX

O' miseros Christãos, pela ventura  
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,  
Que uns aos outros se dão a morte dura,  
Sendo todos de um ventre produzidos?  
Não vedes a divina sepultura  
Possuida de cães, que sempre unidos  
Vos vem tomar a vossa antigua terra,  
Fazendo-se famosos pela guerra?

## X

Vedes, que tem por uso, e por decreto,  
Do qual são tão inteiros observantes,  
Ajuntarem o exercito inquieto  
Contra os povos, que são de Christo amantes:  
Entre vós nunca deixa a fera Aleto  
De semear cizanias repugnantes:  
Olhai, se estais seguros de perigos;  
Que elles e vós sois vossos inimigos.

## XI

Se cobiça de grandes senhorios  
Vos faz ir conquistar terras alheas,  
Não vedes, que Pactolo e Hermo rios,  
Ambos volvem auríferas areas?  
Em Lydia, Assyria, lavrão de ouro os fios,  
Africa esconde em si luzentes veas:  
Mova-vos já se quer riqueza tanta;  
Pois mover-vos não póde a Casa santa.

## XII

Aquellas invenções feras, e novas  
De instrumentos mortaes da artilharia  
Já devem de fazer as duras provas  
Nos muros de Byzancio, e de Turquia :  
Fazei, que torne lá ás sylvestres covas  
Dos Caspios montes, e da Scythia fria  
A Turca geração, que multiplica  
Na policia da vossa Europa rica.

## XIII

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos  
Bradando-vos estão, que o povo bruto  
Lhe obriga os charos filhos aos profanos  
Preceitos do Alcorão (duro tributo !);  
Em castigar os feitos inhumanos  
Vos gloriai de peito forte, e astuto,  
E não queirais louvores arrogantes  
De serdes contra os vossos mui possantes.

## XIV

Mas emtanto que cegos, e sedentos  
Andais de vosso sangue, ó gente insana,  
Não faltarão Christãos atrevimentos  
Nesta pequena casa Lusitana ;  
De Africa tem maritimos assentos,  
É na Asia mais, que todas, soberana,  
Na quarta parte nova os campos ara,  
E, se mais mundo houvera, lá chegára.

## XV

E vejamos emtanto, que acontece  
Áquelles tão famosos navegantes,  
Depois que a branda Venus enfraquece  
O furor vão dos ventos repugnantes,  
Depois que a larga terra lhe apparece,  
Fim de suas porfias tão constantes,  
Onde vem semear de Christo a lei,  
E dar novo costume, e novo Rei.

## XVI

Tanto que á nova terra se chegarão,  
Leves embarcações de pescadores  
Achárão, que o caminho lhe mostrarão  
De Calecut, onde erão moradores:  
Para lá logo as proas se inclinarão ;  
Porque esta era a cidade das melhores  
Do Malabar melhor, onde vivia  
O Rei, que a terra toda possuia.

## XVII

Além do Indo jaz, e áquem do Gange  
Um terreno mui grande, e assaz famoso,  
Que pela parte Austral o mar abrange,  
E para o Norte o Emodio cavernoso;  
Jugo de Reis diversos o constringe  
A varias leis, alguns o vicioso  
Mafoma, alguns os idolos adorão,  
Alguns os animaes, que entre elles morão.



## XVIII

Lá bem no grande monte, que, cortando  
Tão larga terra, toda Asia discorre,  
Que nomes tão diversos vai tomando,  
Segundo as regiões, por onde corre,  
As fontes saem , donde vem manando  
Os rios, cuja grão corrente morre  
No mar Indico, e cercão todo o peso  
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

## XIX

Entre um e outro rio em grande espaço  
Sae da larga terra uma longa ponta  
Quasi pyramidal, que no regaço  
Do mar com Ceilão insula confronta :  
E junto, donde nasce o largo braço  
Gangetico, o rumor antiguo conta ,  
Que os visinhos, da terra moradores,  
Do cheiro se mantêm das finas flôres :

## XX

Mas agora de nomes, e de usança  
Novos e varios são os habitantes,  
Os Delijs, os Patânes, que em possança  
De terra, e gente são mais abundantes ;  
Decanijs, Oriás, que a esperança  
Tem de sua salvação nas resonantes  
Aguas do Gange; e a terra de Bengala,  
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

## XXI

O reino de Cambaia bellicoso :  
(Dizem que foi de Poro, Rei potente);  
O reino de Narsinga, poderoso  
Mais de ouro e pedras, que de forte gente ;  
Aqui se enxerga lá do mar undoso  
Um monte alto, que corre longamente,  
Servindo ao Malabar de forte muro,  
Com que do Canará vive seguro ;

## XXII

Da terra os naturaes lhe chamão Gate,  
Do pé do qual pequena quantidade  
Se estende uma fralda estreita, que combate  
Do mar a natural ferocidade ;  
Aqui de outras cidades, sem debate,  
Calecut tem a illustre dignidade  
De cabeça de imperio rica , e bella :  
Samorim se intitula o senhor della.

## XXIII

Chegada a frota ao rico senhorio,  
Um Portuguez mandado logo parte,  
A fazer sabedor o Rei gentio  
Da vinda sua a tão remota parte.  
Entrando o mensageiro pelo rio,  
Que ali nas ondas entra, a não vista arte,  
A côr, o gesto estranho, o traço novo  
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

## XXIV

Entre a gente, que a vê-lo concorria,  
Se chega um Mahometa, que nascido  
Fôra na região da Barbaria,  
Lá onde fôra Anteo obedecido:  
Ou pela visinhança já teria  
O reino Lusitano conhecido,  
Ou foi já assignalado de seu ferro,  
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

## XXV

Em vendo o mensageiro, com jocundo  
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,  
Lhe disse: Quem te trouxe a est'outro mundo,  
Tão longe de tua patria Lusitana?  
Abrindo, lhe responde, o mar profundo,  
Por onde nunca veio gente humana,  
Vimos buscar do Indo a grão corrente,  
Por onde a Lei divina se accrescente.

## XXVI

Espantado ficou da grão viagem  
O Mouro, que Monçaide se chamava,  
Ouvindo as oppressões, que na passagem  
Do mar o Lusitano lhe contava:  
Mas vendo emfim, que a força da mensagem  
Só para o Rei da terra relevava,  
Lhe diz, que estava fóra da cidade,  
Mas de camiuho pouca quantidade:

## XXVII

E que, emtanto a nova lhe chegasse  
De sua estranha vinda, se queria,  
Na sua pobre casa repousasse,  
E do manjar da terra comeria:  
E, depois que se um pouco recreasse,  
Com elle para a armada tornaria;  
Que alegria não pôde ser tamanha,  
Que achar gente visinha em terra estranha.

## XXVIII

O Portuguez aceita de vontade  
O, que o ledo Monçaide lhe offerece:  
Como se longa fôra já a amizade,  
Com elle come e bebe, e lhe obedece:  
Ambos se tornão logo da cidade  
Para a frota, que o Mouro já conhece,  
Sobem á capitaina, e toda a gente  
Monçaide recebeu benignamente.

## XXIX

O Capitão o abraça em cabo ledô,  
Ouvindo clara a lingua de Castella,  
Junto de si o assenta, e prompto e quedo,  
Pela terra pergunta, e cousas della.  
Qual se ajuntava em Rhódope o arvoredô,  
Só por ouvir o amante da donzella  
Eurydice, tocando a lyra de ouro,  
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

## XXX

Elle começa: O' gente, que a natura  
Visinha fez de meu paterno ninho,  
Que destino tão grande, ou que ventura,  
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?  
Não é sem causa, não, occulta e escura,  
Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho  
Por mares nunca d'outro lenho arados  
A reinos tão remotos e apartados.

## XXXI

Deos por certo vos traz: porque pretende  
Algum serviço seu por vós obrado:  
Por isso só vos guia, e vos defende  
Dos imigos, do mar, do vento irado.  
Sabei, que estais na India, onde se estende  
Diverso povo, rico, e prosperado  
De ouro luzente, e fina pedraria,  
Cheiro suave, ardente especiaria.

## XXXII

Esta provincia, cujo porto agora  
Tomado tendes, Malabar se chama:  
Do culto antigo os idolos adora,  
Que cá por estas partes se derrama:  
De diversos Reis é, mas d'um só fôra  
N'outro tempo, seguindo a antigua fama:  
Saramá Perimal foi derradeiro  
Rei, que este reino teve unido, e inteiro:

## XXXIII

Porém, como a esta terra então viessem  
 De lá do seio Arabico outras gentes,  
 Que o culto Mahometico trouxessem,  
 No qual me instituirão meus parentes;  
 Succedeu, que prégando convertessem  
 O Perimal, de sabias e eloquentes;  
 Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,  
 Que presuppôz de nella morrer santo.

## XXXIV

Nãos arma, e nellas mette curioso  
 Mercadoria, que offereça, rica;  
 Para ir nellas a ser religioso,  
 Onde o poeta jaz, que a lei publica:  
 Antes que parta, o reino poderoso  
 Co'os seus reparte; porque não lhe fica  
 Herdeiro proprio: faz os mais aceitos  
 Ricos de pobres, livres de sujeitos.

## XXXV

A um Cochim, e a outro Cananor  
 A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,  
 A qual Coulão, a qual dá Cranganor,  
 E os mais, a quem o mais serve, e contenta.  
 Um só moço, a quem tinha muito amor,  
 Depois que tudo deu, se lhe apresenta:  
 Para este Calecut sómente fica,  
 Cidade já por trato nobre, e rica:

## XXXVI

Esta lhe dá co'o titulo excellente  
De Imperador, que sobre os outros mande.  
Isto feito, se parte diligente  
Para onde em santa vida acabe, e ande :  
E daqui fica o nome de potente  
Samorim mais, que todos, nobre e grande ,  
Ao moço, e descendentes, donde vem  
Este, que agora o imperio manda, e tem.

## XXXVII

A lei da gente toda, rica e pobre ,  
De fabulas composta se imagina :  
Andão nus, e sómente um panno cobre  
As partes, que a cobrir natura ensina :  
Dous modos ha de gente ; porque a nobre  
Naires chamados são, e a menos dina  
Poleás tem por nome, a quem obriga  
A lei não misturar a casta antiga :

## XXXVIII

Porque os, que usárão sempre um mesmo officio ,  
D'outro não podem receber consorte ,  
Nem os filhos terão outro exercicio ,  
Senão o de seus passados, até morte.  
Para os Naires é certo grande vicio  
Destes serem tocados, de tal sorte ,  
Que, quando algum se toca por ventura ,  
Com ceremonias mil se alimpa, e apura.

## XXXIX

Desta sorte o Judaico povo antigo  
 Não tocava na gente de Samária:  
 Mais estranhezas inda das, que digo,  
 Nesta terra vereis de usança varia:  
 Os Naires sós são dados ao perigo  
 Das armas, sós defendem da contraria  
 Banda o seu Rei, trazendo sempre usada  
 Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

## XL

Brahmenes são os seus religiosos,  
 Nome antigo, e de grande preeminencia:  
 Observão os preceitos tão famosos  
 D'um, que primeiro pôz nome á sciencia:  
 Não matão cousa viva, e temerosos,  
 Das carnes tem grandissima abstinencia:  
 Sómente no venereo ajuntamento  
 Tem mais licença, e menos regimento.

## XLI

Geraes são as mulheres, mas sómente  
 Para os da geração de seus maridos:  
 Ditosa condição, ditosa gente,  
 Que não são de ciumes offendidos!  
 Estes, e outros costumes variamente  
 São pelos Malabares admittidos:  
 A terra é grossa em trato em tudo aquillo,  
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.



## XLII

Assi contava o Mouro : mas vagando  
Andava a fama já pela cidade  
Da vinda desta gente estranha , quando  
O Rei saber mandava da verdade :  
Já vinhão pelas ruas caminhando ,  
Rodeados de todo o sexo , e idade ,  
Os principaes , que o Rei buscar mandára  
O capitão da armada , que chegára.

## XLIII

Mas elle , que do rei já tem licença  
Para desembarcar , acompanhado  
Dos nobres Portuguezes , sem detença  
Parte de ricos pannos adornado :  
Das côres a formosa differença  
A vista alegre ao povo alvoroçado :  
O remo compassado fere frio  
Agora o mar , depois o fresco rio.

## XLIV

Na praia um regedor do reino estava ,  
Que na sua lingua Catual se chama ,  
Rodeado de Naires , que esperava  
Com desusada festa o nobre Gama :  
Já na terra nos braços o levava ,  
E n'um portatil leito uma rica cama  
Lhe offerece , em que vá (costume usado) ;  
Que nos hombros dos homens é levado.

## XLV

Desta arte o Malabar , desta arte o Luso ,  
Caminhão lá , para onde o Rei espera :  
Os outros Portuguezes vão ao uso ,  
Que infantaria segue , esquadra fera :  
O povo que concorre , vai confuso  
De vêr a gente estranha , e bem quizera  
Perguntar ; mas no tempo já passado  
Na torre de Babel lhe foi vedado.

## XLVI

O Gama , e o Catual ião fallando  
Nas cousas , que lhe o tempo offerencia :  
Monçaide entr'elles vai interpretando  
As palavras , que de ambos entendia.  
Assi pela cidade caminhando ,  
Onde uma rica fabrica se erguia  
De um sumptuoso templo , já chegavão ,  
Pelas portas do qual juntos entravão.

## XLVII

Ali estão das deidades as figuras  
Esculpidas em pào , e em pedra fria ,  
Varios de gestos , varios de pinturas ,  
A segundo o demonio lhe fingia :  
Vêm-se as abominaveis esculpturas ,  
Qual a Chimera em membros se varia :  
Os Christãos olhos , a vêr Deos usados  
Em fórma humana , estão maravilhados.

## XLVIII

Um, na cabeça cornos esculpidos,  
 Qual Jupiter Hammon em Libya estava:  
 Outros n'um corpo rostos tinha unidos,  
 Bem como o antiguo Jano se pintava:  
 Outro com muitos braços divididos  
 A Briarêo parece que imitava:  
 Outro fronte canina tem de fóra,  
 Qual Anubis Memphitico se adora.

## XLIX

Aqui feita do barbaro Gentio  
 A supersticiosa adoração,  
 Direitos vão, sem outro algum desvio,  
 Para onde estava o Rei do povo vão:  
 Engrossando-se vai da gente o fio,  
 Co'os que vem vêr o estranho Capitão:  
 Estão pelos telhados, e janellas,  
 Velhos e moços, donas e donzellas.

## L

Já chegão perto, e não com passos lentos,  
 Dos jardins odoriferos, formosos,  
 Que em si escondem os regios aposentos,  
 Altos de torres não; mas sumptuosos:  
 Edificação-se os nobres seus assentos  
 Por entre os arvoredos deleitosos:  
 Assi vivem os Reis daquella gente  
 No campo, e na cidade juntamente.

## LI

Pelos portaes da cêrca a subtileza  
 Se enxérga da dedálea faculdade,  
 Em figuras mostrando por nobreza  
 Da India a mais remota antiguidade :  
 Affiguradas vão com tal viveza  
 As historias daquella antigua idade,  
 Que , quem dellas tiver noticia inteira ,  
 Pela sombra conhece a verdadeira.

## LII

Estava um grande exercito , que pisa  
 A terra Oriental , que o Hydaspe lava ,  
 Rege-o um capitão de frente lisa ,  
 Que com frondentes thyrsos pelejava :  
 Por elle edificada estava Nisa  
 Nas ribeiras do rio , que manava ,  
 Tão proprio , que , se ali estiver Semele ,  
 Dirá por certo , que é seu filho aquelle.

## LIII

Mais avante , bebendo , sécca o rio  
 Mui grande multidão da Assyria gente ,  
 Sujeita a feminino senhorio  
 De uma tão bella , como incontinente :  
 Ali tem junto ao lado nunca frio  
 Esculpido o feroz ginete ardente ,  
 Com quem teria o filho competencia :  
 Amor nefando , bruta incontinencia !

## LIV

Daqui mais apartadas tremolavão  
As bandeiras de Grecia gloriosas ,  
Terceira monarchia , e subjugavão  
Até as aguas Gangeticas undosas :  
D'um capitão mancebo se guiavão ,  
De palmas rodeado valerosas ,  
Que já , não de Philippo , mas sem falta  
De progenie de Jupiter se exalta.

## LV

Os Portuguezes vendo estas memorias ,  
Dizia o Catual ao Capitão :  
Tempo cedo virá , que outras victorias  
Estas , que agora olhais , abateráõ :  
Aqui se escreveráõ novas historias  
Por gentes estrangeiras , que viráõ ;  
Que os nossos sabios magos o alcançárão ,  
Quando o tempo futuro especulárão.

## LVI

E diz-lhe mais a magica sciencia ,  
Que , para se evitar força tamanha ,  
Não valerá dos homens resistencia ;  
Que contra o Céu não val da gente manha :  
Mas tambem diz , que a bellica excellencia  
Nas armas , e na paz , da gente estranha  
Será tal , que será no mundo ouvido  
O vencedor , por gloria do vencido.

## LVII

Assi fallando entravão já na sala ,  
Onde aquelle potente Imperador  
N'uma camilha jaz , que não se iguala  
De outra alguma no preço , e no lavor :  
No recostado gesto se assignala  
Um venerando e prospero senhor :  
Um panno de ouro cinge , e na cabeça  
De preciosas gemmas se adereça.

## LVIII

Bem junto delle um velho reverente  
Co'os giolhos no chão , de quando em quando  
Lhe dava a verde folha da herva ardente ,  
Que a seu costume estava ruminando :  
Um brahmene , pessoa preeminente .  
Para o Gama vem com passo brando ;  
Para que ao grande Principe o apresente ,  
Que diante lhe acena , que se assente.

## LIX

Sentado o Gama junto ao rico leito ,  
Os seus mais afastados , prompto em vista  
Estava o Samorim no traje , e geito  
Da gente , nunca d'antes delle vista :  
Lançando a grave voz do sabio peito ,  
Que grande autoridade logo aquista  
Na opinião do Rei , e do povo todo ,  
O capitão lhe falla deste modo :

## LX

Um grande Rei de lá das partes, onde  
O ceo volubil com perpetua roda  
Da terra a luz solar co'a terra esconde,  
Tingindo a, que deixou, de escura noda,  
Ouvindo do rumor, que lá responde,  
O echo, como em ti da India toda  
O principado está, e a magestade;  
Vinculo quer contigo de amizade:

## LXI

E por longos rodeios a ti manda,  
Por te fazer saber, que tudo aquillo,  
Que sôbre o mar, que sôbre as terras anda,  
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,  
E desde a fria plaga de Zelanda,  
Até bem donde o Sol não muda o estylo  
Nos dias sôbre a gente de Ethiopia,  
Tudo tem no seu reino em grande copia.

## LXII

E, se queres com pactos, e lianças  
De paz, e de amizade sacra e nua  
Commercio consentir das abundanças  
Das fazendas da terra sua, e tua;  
Porque cresção as rendas, e abastanças  
(Por quem a gente mais trabalha e sua)  
De vossos reinos; será certamente  
De ti proveito, e de gloria ingente.

## LXIII

E sendo assi, que o nó desta amizade  
Entre vós firmemente permaneça,  
Estará prompto a toda a adversidade,  
Que por guerra a teu reino se offereça,  
Com gente, armas, e náos; de qualidade,  
Que por irmão te tenha, e te conheça:  
E da vontade em ti sôbre isto posta  
Me dês a mi certissima resposta.

## LXIV

Tal embaixada dava o Capitão,  
A quem o Rei gentio respondia,  
Que em vêr embaixadores de nação  
Tão remota grão gloria recebia:  
Mas neste caso a ultima tenção  
Com os de seu conselho tomaria,  
Informando-se certo, de quem era  
O Rei, e a gente, e a terra, que dissera:

## LXV

E que emtanto podia do trabalho  
Passado ir repousar, e em tempo breve  
Daria a seu despacho um justo talho,  
Com que a seu Rei resposta alegre leve.  
Já nisto punha a noite o usado atalho  
Ás humanas canseiras; porque ceve  
De doce somno os membros trabalhados,  
Os olhos occupando ao ocio dados.



## LXVI

Agasalhados forão juntamente  
O Gama e Portuguezes no aposento  
Do nobre regedor da Indica gente  
Com festas e geral contentamento.  
O Catual, no cargo diligente  
De seu Rei tinha já por regimento  
Saber da gente extranha, donde vinha,  
Que costumes, que lei, que terra tinha.

## LXVII

Tanto que os igneos carros do formoso  
Mancebo Delio vio, que a luz renova,  
Manda chamar Monçaide, desejo  
De poder-se informar da gente nova :  
Já lhe pergunta prompto e curioso,  
Se tem noticia inteira, e certa prova  
Dos estranhos, quem são ; que ouvido tinha,  
Que é gente de sua patria mui visinha :

## LXVIII

Que particularmente ali lhe dêsse  
Informação mui larga, pois fazia  
Nisso serviço ao Rei ; porque soubesse  
O que neste negocio se faria.  
Monçaide torna : Posto que eu quizesse  
Dizer-te disto mais, não saberia :  
Sómente sei, que é gente lá de Hespanha,  
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.

## LXIX

Tem a lei d'um Propheta, que gerado  
Foi sem fazer na carne detrimento  
Da Mãi; tal que por baso está approvado  
Do Deos, que tem do mundo o regimento.  
O, que entre meus antigos é vulgado  
Delles, é que o valor sanguinolento  
Das armas no seu braço resplandece,  
O que em nossos passados se parece;

## LXX

Porque elles com virtude sobrehumana  
Os deitárão dos campos abundosos  
Do rico Tejo, e fresca Guadiana  
Com feitos memoraveis e famosos:  
E, não contentes inda, na Africana  
Parte, cortando os mares procellosos,  
Nos não querem deixar viver seguros,  
Tomando-nos cidades, e altos muros.

## LXXI

Não menos tem mostrado esforço, e manha  
Em quaesquer outras guerras, que aconteção,  
Ou das gentes belligeras de Hespanha,  
Ou lá d'alguns, que do Pyrene deção:  
Assi que, nunca em fim com lança estranha,  
Se tem, que por vencidos se conheção:  
Não se sabe inda, não, te affirmo e assello,  
Para estes Annibáes nenhum Marcello.

## LXXII

E, se esta informação não fôr inteira  
Tanto, quanto convem, delles pretende  
Informar-te; que é gente verdadeira,  
A quem mais falsidade enoja, e offende :  
Vai vêr-lhe a frota, as armas, e a maneira  
Do fundido metal, que tudo rende ;  
E folgarás de veres a policia  
Portugueza na paz, e na milicia.

## LXXIII

Já com desejos o Idolátra ardia  
De ver isto, que o Mouro lhe contava :  
Manda esquipar bateis : que ir vêr queria  
Os lenhos, em que o Gama navegava :  
Ambos partem da praia, a quem seguia  
A Naira geração, que o mar coalhava :  
Á capitaina sobem forte e bella,  
Onde Paulo os recebe a bordo della.

## LXXIV

Purpureos são os toldos, e as bandeiras  
Do rico fio são, que o bicho gera,  
Nellas estão pintadas as guerreiras  
Obras, que o forte braço já fizera :  
Batalhas tem campaes, aventureiras,  
Desafios crueis, pintura fera,  
Que, tanto que ao Gentio se apresenta,  
A tento nella os olhos apascenta.

## LXXV

Pelo que vê pergunta : mas o Gama  
Lhe pedia primeiro, que se assente,  
E que aquelle deleite, que tanto ama  
A seita Epicurêa, experimente.

Dos espumantes vasos se derrama  
O licôr, que Noé mostrára á gente :  
Mas comer o Gentio não pretende ;  
Que a seita, que seguia, lh'o defende.

## LXXVI

A trombeta, que em paz no pensamento  
Imagem faz de guerra, rompe os ares :  
Co'o fogo o diabolico instrumento  
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.  
Tudo o Gentio nota ; mas o intento  
Mostrava sempre ter nos singulares  
Feitos dos homens, que em retrato breve  
A muda poesia ali descreve.

## LXXVII

Alça-se em pé, com elle o Gama junto,  
Coelho de outra parte e o Mauritano :  
Os olhos põe no bellico transunto  
De um velho branco, aspeito soberano,  
Cujo nome não póde ser defunto,  
Emquanto houver no mundo trato humano :  
No traje a Grega usança está perfeita,  
Um ramo por insignia na direita.

## LXXVIII

Um ramo na mão tinha... Mas ó cego  
 Eu, que commetto insano, e temerario,  
 Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,  
 Por caminho tão arduo, longo, e vario!  
 Vosso favor invoco, que navego  
 Por alto mar com vento tão contrario;  
 Que, se não me ajudais, hei grande medo,  
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

## LXXIX

Olhai, que ha tanto tempo, que, cantando  
 O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,  
 A fortuna me traz peregrinando,  
 Novos trabalhos vendo, e novos danos:  
 Agora o mar, agora experimentando  
 Os perigos Mavorcios inhumanos:  
 Qual Canace, que á morte se condena,  
 N'uma mão sempre a espada, e n'outra a penna:

## LXXX

Agora com pobreza aborrecida  
 Por hospicios alheos degradado:  
 Agora da esperanza já adquirida  
 De novo, mais que nunca, derribado:  
 Agora ás costas escapando a vida,  
 Que d'um fio pendia tão delgado;  
 Que não menos milagre foi salvar-se,  
 Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

## LXXXI

E ainda, Nymphas minhas, não bastava,  
Que tamanhas miserias me cercassem;  
Senão que aquelles, que eu cantando andava,  
Tal premio de meus versos me tornassem:  
A troco dos descansos, que esperava,  
Das capellas de louro, que me honrassem,  
Trabalhos nunca usados me inventarão,  
Com que em tão duro estado me deitirão.

## LXXXII

Vêde, Nymphas, que engenhos de senhores  
O vosso Tejo cria valerosos,  
Que assi sabem prezar com taes favores,  
A quem os faz, cantando gloriosos!  
Que exemplos a futuros escriptores,  
Para espertar engenhos curiosos,  
Para pôrem as cousas em memoria,  
Que merecerem ter eterna gloria!

## LXXXIII

Pois, logo em tantos males é forçado,  
Que só vosso favor me não falleça,  
Principalmente aqui, que sou chegado,  
Onde feitos diversos engrandeça:  
Dai-mo vós sós; que eu tenho já jurado,  
Que não no empregue em quem o não mereça,  
Nem por lisonja louve algum subido,  
Sob pena de não ser agradecido.

## LXXXIV

Nem creais, Nymphas, não, que fama dêsse  
A quem ao bem commum, e do seu Rei  
Antepuzer seu proprio interesse,  
Imigo da divina e humana lei:  
Nenhum ambicioso, que quizesse  
Subir a grandes cargos, cantarei,  
Só por poder com torpes exercicios  
Usar mais largamente de seus vicios.

## LXXXV

Nenhum, que use de seu poder bastante  
Para servir a seu desejo feio,  
E que, por comprazer ao vulgo errante,  
Se muda em mais figuras, que Proteio:  
Nem, Camenas, tambem cuideis, que cante  
Quem com habito honesto e grave veio,  
Por contentar ao Rei no officio novo,  
A despir, e roubar o pobre povo.

## LXXXVI

Nem quem acha, que é justo, e que é direito  
Guardar-se a lei do Rei severamente,  
E não acha, que é justo, e bom respeito,  
Que se pague o suor da servil gente:  
Nem quem sempre com pouco experto peito  
Razões aprende, e cuida que é prudente;  
Para taixar com mão rapace, e escassa  
Os trabalhos alheios, que não passa.

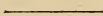
## LXXXVII

Aquelles sós direi , que aventurárão  
Por seu Deos , por seu Rei , a amada vida ,  
Onde , perdendo-a , em fama a dilatárão  
Tão bem de suas obras merecida :  
Apollo , e as Musas , que me acompanhárão ,  
Me dobrárão a furia concedida ,  
Em quanto eu tómo alento descansado ,  
Por tornar ao trabalho , mais folgado .

---



# OS LUSIADAS



CANTO VIII



# OS LUSIADAS



## CANTO OITAVO

---

### I

Na primeira figura se detinha  
O Catual, que vira estar pintada,  
Que por divisa um ramo na mão tinha,  
A barba branca, longa, e penteada:  
« Quem era, e por que causa lhe convinha  
« A divisa, que tem na mão tomada?  
Paulo responde, cuja voz discreta  
O Mauritano sabio lhe interpreta.

### II

Estas figuras todas, que apparecem,  
Bravos em vista, e feros nos aspeitos,  
Mais bravos e mais feros se conhecem  
Pela fama nas obras e nos feitos:  
Antiguos são, mas inda resplandecem  
Co'o nome entre os engenhos mais perfeitos:  
Este, que vês, é Luso, donde a fama  
O nosso reino Lusitania chama.

## III

Foi filho, ou companheiro do Thebano,  
 Que tão diversas partes conquistou:  
 Parece vindo ter ao ninho Hispano,  
 Seguindo as armas, que contino usou:  
 Do Douro, e Guadiana o campo ufano,  
 Já dito Elysio, tanto o contentou,  
 Que alli quiz dar aos já cançados ossos  
 Eterna sepultura, e nome aos nossos.

## IV

O ramo, que lhe vês para divisa,  
 O verde thyrsos foi de Baccho usado,  
 O qual á nossa idade amostra, e avisa,  
 Que foi seu companheiro, ou filho amado.  
 Vês outro, que do Tejo a terra pisa,  
 Depois de ter tão longo mar arado,  
 Onde muros perpetuos edifica,  
 E templo a Pallas, que em memoria fica?

## V

Ulysses é, o que faz a sancta casa  
 Á deosa, que lhe dá lingua facunda;  
 Que, se lá na Asia Troia insigne abrasa,  
 Cá na Europa Lisboa ingente funda.  
 Quem será est'outro cá, que o campo arrasa  
 De mortos com presença furibunda?  
 Grandes batalhas tem desbaratadas,  
 Que as aguias nas bandeiras tem pintadas?

## VI

Assi o Genticio diz: responde o Gama:  
Este, que vês, pastor já foi de gado,  
Viriato sabemos que se chama,  
Destro na lança mais, que no cajado:  
Injuriada tem de Roma a fama,  
Vencedor invencibil, afamado;  
Não tem com elle, não, nem ter poderão  
O primor, que com Pyrrho já tiverão:

## VII

Com força não, com manha vergonhosa  
A vida lhe tirarão, que os espanta;  
Que o grande aperto em gente, inda que honrosa,  
Às vezes leis magnanimas quebranta.  
Outro está aqui, que contra a patria irosa  
Degradado comnosco se alevanta:  
Escolheo bem, com quem se alevantasse,  
Para que eternamente se illustrasse:

## VIII

Vês, comnosco tambem vence as bandeiras  
Dessas aves de Jupiter validas;  
Que já naquelle tempo as mais guerreiras  
Gentes de nós souberão ser vencidas:  
Olha tão subtis artes, e maneiras,  
Para adquirir os povos, tão fingidas,  
A fatidica Cerva, que o avisa:  
Elle é Sertorio, e ella a sua divisa:

## IX

Olha est'outra bandeira, e vê pintado  
O grão progenitôr dos Reis primeiros:  
Nós Húngaro o fazemos, porém nado  
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:  
Despois de ter, co'os Mouros, superado  
Gallegos e Leonezes cavalleiros,  
Á Casa sancta passa o sancto Henrique;  
Porque o tronco dos reis se sanctifique.

## X

Quem é, me dize, est'outro, que me apresenta,  
(Pergunta o Malabar maravilhado)  
Que tantos esquadrões, que gente tanta  
Com tão pouco tem roto e destroçado?  
Tantos muros asperrimos quebranta,  
Tantas batalhas dá, nunca cansado,  
Tantas corôas tem por tantas partes,  
A seus pés derribadas, e estandartes?

## XI

Este é o primeiro Afonso, disse o Gama,  
Que todo Portugal aos Mouros toma,  
Por quem no Estygio lago jura a fama  
De mais não celebrar nenhum de Roma:  
Este é aquelle zeloso, a quem Deos ama,  
Com cujo braço o Mouro imigo doma,  
Para quem de seu reino abaixa os muros,  
Nada deixando já para os futuros.

## XII

Se Cesar, se Alexandre Rei tiverão  
Tão pequeno poder, tão pouca gente  
Contra tantos inimigos, quantos erão  
Os, que desbaratava este excellente ;  
Não creas, que seus nomes se estendêrão  
Com glorias immortaes tão largamente :  
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,  
Vê, que os de seus vassallos são notaveis.

## XIII

Este que vês olhar com gesto irado  
Para o rompido alumno mal soffrido,  
Dizendo-lhe, que o exercito espalhado  
Recolha, e torne ao campo defendido :  
Torna o moço do velho acompanhado,  
Que vencedor o torna de vencido :  
Egas Muniz se chama o forte velho,  
Para leaes vassallos claro espelho.

## XIV

Vêl-o cá vai co'os filhos a entregar-se,  
A corda ao collo, nu de seda e panno ;  
Porque não quiz o moço sujeitar-se,  
Como elle promettera, ao Castelhanao :  
Fêz com siso e promessas levantar-se  
O cêrco, que já estava soberano :  
Os filhos, e mulher obriga á pena :  
Para que o senhor salve, a si condena.

## XV

Não fez o consul tanto, que cercado  
 Foi nas forcas Caudinas de ignorante,  
 Quando a passar por baixo foi forçado  
 Do Samnitico jugo triumphante;  
 Este pelo seu povo injuriado  
 A si se entrega só firme e constante;  
 Est'outro a si e os filhos naturais,  
 E a consorte sem culpa, que doe mais.

## XVI

Vês este, que, sahindo da cilada,  
 Dá sobre o Rei, que cerca a villa forte,  
 Já o Rei tem preso, e a villa descercada?  
 Illustre feito, digno de Mavorte!  
 Vêl-o cá vai pintado nesta armada,  
 No mar tambem aos Mouros dando a morte,  
 Tomando-lhe as galés, levando a gloria  
 Da primeira maritima victoria.

## XVII

É Dom Fuas Roupinho, que na terra  
 E no mar resplandece juntamente  
 Co'o fogo, que accendeo junto da serra  
 De Alyba nas galés da Maura gente:  
 Olha como em tão justa e sancta guerra  
 De acabar pelejando está contente:  
 Das mãos dos Mouros entra a felice alma  
 Triumphando nos Ceos com justa palma.



## XVIII.

Não vês um ajuntamento de estrangeiro  
Trajo sahir da grande armada nova,  
Que ajuda a combater o Rei primeiro  
Lisboa, de si dando sancta prova!  
Olha Henrique, famoso cavalleiro,  
A palma, que lhe nasce junto á cova:  
Por elles mostra Deos milagre visto:  
Germanos são os martyres de Christo.

## XIX

Um Sacerdote vê brandindo a espada  
Contra Arronches, que toma por vingança  
De Leiria, que de antes foi tomada  
Por quem por Mafamede enresta a lança:  
É Theotónio, Prior. Mas vê cercada  
Santarem, e verás a segurança  
Da figura nos muros, que primeira  
Subindo ergueu das quinas a bandeira:

## XX

Vê-lo cá, onde Sancho desbarata  
Os Mouros de Vandalia em fera guerra  
Os inimigos rompendo, o alferes mata,  
E Hispalico pendão derriba em terra!  
Mem Moniz é, que em si o valor retrata  
Que o sepulchro do pai co'os ossos cerra  
Digno destas bandeiras; pois sem falta  
A contraria derriba, e a sua exalta.

## XXI

Olha aquelle, que desce pela lança  
Com as duas cabeças dos vigias,  
Onde a cilada esconde, com que alcança  
A cidade por manhas, e ousadas :  
Ella por armas toma a semelhança  
Do cavalleiro, que as cabeças frias  
Na mão levava : feito nunca feito !  
Giraldo Sem-pavôr é o forte peito.

## XXII

Não vês um Castelhana, que aggravado  
De Afonso nono Rei, pelo odio antigo  
Dos de Lara co'os Mouros é deitado,  
De Portugal fazendo-se inimigo?  
Abrantes villa toma, acompanhado  
Dos duros infieis, que traz consigo :  
Mas vê, que um Portuguez com pouca gente  
O desbarata, e o prende ousadamente :

## XXIII

Martin Lopes se chama o cavalleiro,  
Que destes levar pode a palma, e o louro.  
Mas olha um Ecclesiastico guerreiro,  
Que em lança de aço torna o bago de ouro :  
Vê-lo entre os duvidosos tão inteiro  
Em não negar batalha ao bravo Mouro?  
Olha o signal no céu, que lhe apparece,  
Com que nos poucos seus o esforço crece :

## XXIV

Vês, vão os Reis de Cordova, e Sevilha  
Rotos, co'os outros dous, e não de espaço:  
Rotos? mas antes mortos. Maravilha  
Feita de Deos; que não de humano braço!  
Vês, já a villa de Alcáçere se humilha,  
Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,  
A Dom Matheus, o Bispo de Lisboa,  
Que a corôa de palma alli corôa?

## XXV

Olha um Mestre, que desce de Castella,  
Portuguez de nação, como conquista  
A terra dos Algarves, e já nella  
Não acha, quem por armas lhe resista:  
Com manha, esforço, e com benigna estrella  
Villas, castellos toma á escala vista:  
Vês Tavila tomada aos moradores,  
Em vingança dos sete caçadores?

## XXVI

Vês, com bellica astucia ao Mouro ganha  
Sylves, que elle ganhou com força ingente?  
É Dom Paio Corrêa, cuja manha,  
E grande esforço faz inveja á gente.  
Mas não passes os tres, que em França, e Hespanha  
Se fazem conhecer perpetuamente  
Em desafios, justas e torneos,  
Nellas deixando publicos tropheos:

## XXVII

Vê-los, co'o nome vem de aventureiros  
A Castella, onde o preço sós levirão  
Dos jogos de Bellona verdadeiros,  
Que com damno de alguns se exercitirão?  
Vê mortos os soberbos cavalleiros,  
Que o principal dos tres desafiárão,  
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,  
Que póde não temer a lei Lethea.

## XXVIII

Attenta n'um, que a fama tanto estende,  
Que de nenhum passado se contenta,  
Que a patria, que de um fraco fio pende,  
Sobre seus duros hombros a sustenta:  
Não no vês tinto de ira, que reprende  
A vil desconfiança inerte e lenta  
Do povo, e faz que tome o doce freio  
De Rei seu natural, e não de alheio?

## XXIX

Olha, por seu conselho, e ousadia,  
De Deos guiada só, e de sancta estrella,  
Só póde o, que impossibil parecia,  
Vencer o povo ingente de Castella:  
Vês por industria, esforço, e valentia  
Outro estrago, e victoria clara e bella  
Na gente assi feroz, como infinita,  
Que entre o Tartesso, e Guadiana habita?

## XXX

Mas não vês quasi já desbaratado  
O poder Lusitano pela ausencia  
Do capitão devoto, que apartado  
Orando invoca a summa e trina Essencia?  
Vê-lo com prêssa já dos seus achado,  
Que lhe dizem, que falta resistencia  
Contra poder tamanho, e que viesse;  
Porque comsigo esforço aos fracos dêsse?

## XXXI

Mas olha, com que sancta confiança,  
Que inda não era tempo, respondia;  
Como quem tinha em Deus a segurança  
Da victoria, que logo lhe daria:  
Assi Pompilio, ouvindo que a possança  
Dos imigos a terra lhe corria,  
A quem lhe a dura nova estava dando,  
Pois eu, responde, estou sacrificando:

## XXXII

Se, quem com tanto esforço em Deos se atreve,  
Ouvir quizeres, como se nomêa,  
Portuguez Scipião chamar-se deve,  
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrea:  
Ditosa patria, que tal filho teve,  
Mas antes pai; que, enquanto o sol rodea  
Este globo de Ceres, e Neptuno,  
Sempre suspirará por tal alumno.

## XXXIII

Na mesma guerra vê, que presas ganha  
 Est'outro capitão de pouca gente,  
 Commendadores vence, e o gado apanha,  
 Que levavão roubado ousadamente:  
 Outra vez vê, que a lança em sangue banha  
 Destes, só por livrar co'amor ardente  
 O preso amigo, preso por leal:  
 Pedro Rodrigues é do Landroal.

## XXXIV

Olha este desleal o como paga  
 O perjurio, que fez, e vil engano:  
 Gil Fernandes é de Elvas, quem o estraga,  
 E faz vir a passar o ultimo dano:  
 De Xerez rouba o campo, e quasi alaga  
 Co'o sangue de seus donos Castelhana.  
 Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto  
 Faz escudo ás galés, diante posto.

## XXXV

Olha, que dezesete Lusitanos  
 Neste outeiro subidos se defendem  
 Fortes de quatro centos Castelhanos,  
 Que em derredor pelos tomar se estendem:  
 Porém logo sentirão com seus danos,  
 Que não só se defendem, mas offendem:  
 Digno feito de ser no mundo eterno,  
 Grande no tempo antigo, e no moderno.

## XXXVI

Sabe-se antigamente, que trezentos  
Já contra mil Romanos pelejarão  
No tempo, que os virís atrevimentos  
De Viriáto tanto se illustrarão:  
E, delles alcançando vencimentos  
Memoraveis, de herança nos deixarão,  
Que os muitos, por ser poucos, não temamos,  
O que depois mil vezes amostramos.

## XXXVII

Olha cá dous Infantes, Pedro, e Henrique,  
Progenie generosa de Joanne:  
Aquelle faz, que fama illustre fique  
Delle em Germania, com que a morte engane:  
Este, que ella nos mares o publique  
Por seu descobridor, e desengane  
De Ceita a Maura tumida vaidade,  
Primeiro entrando as portas da cidade.

## XXXVIII

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta  
Dous cercos contra toda a Barbaria?  
Vês outro Conde está, que representa  
Em terra Marte em forças, e ousadia?  
De poder defender se não contenta  
Alcácere da ingente companhia;  
Mas do seu rei defende a chara vida,  
Pondo por muro a sua, ali perdida.

## XXXIX

Outros muitos verias, que os pintores  
Aqui tambem por certo pintarião;  
Mas falta-lhe pincel, faltão-lhe côres,  
Honra, premio, favor, que as artes crião:  
Culpa dos viciosos successores,  
Que degenerão certo, e se desvião  
Do lustre, e do valor dos seus passados,  
Em gostos e vaidades atolados.

## XL

Aquelles país illustres, que já derão  
Principio á geração, que delles pende,  
Pela virtude muito então fizerão,  
E por deixar a casa, que descende:  
Cegos! Que dos trabalhos, que tiverão,  
Se alta fama, e rumor delles se estende,  
Escuros deixão sempre seus menores,  
Com lhe deixar descansos corruptores.

## XLI

Outros tambem ha grandes e abastados,  
Sem nenhum tronco illustre, donde venhão;  
Culpa de Reis, que ás vezes a privados  
Dão mais, que a mil, que esforço, e saber tenhão:  
Estes os seus não querem vêr pintados,  
Crendo, que côres vãs lhe não convenhão;  
E, como a seu contrario natural,  
Á pintura, que falla, querem mal.



## XLII

Não nego, que ha comtudo descendentes  
De generoso tronco, e casa rica,  
Que com costumes altos e excellentes  
Sustentão a nobreza, que lhe fica :  
E se a luz dos antigos seus parentes  
Nelles mais o valor não clarifica,  
Não falta ao menos, nem se faz escura;  
Mas destes acha poucos a pintura.

## XLIII

Assi está declarando os grandes feitos  
O Gama, que ali mostra a varia tinta,  
Que a douta mão tão claros, tão perfectos  
Do singular artifice ali pinta.  
Os olhos tinha promptos e direitos  
O Catual na historia bem distinta :  
Mil vezes perguntava, e mil ouvia  
As gostosas batalhas, que ali via.

## XLIV

Mas já a luz se mostrava duvidosa ;  
Porque a alampada grande se escondia  
Debaixo do horizonte, e luminosa  
Levava aos antípodas o dia :  
Quando o gentio, e a gente generosa  
Dos Naires da náó forte se partia,  
A buscar o repouso, que descansa  
Os lassos animaes na noite mansa.

## LI

Isto dito, elle, e o somno se despede:  
Tremendo fica o attonito Agareno,  
Salta da cama, lume aos servos pede,  
Lavrando nelle o férvido veneno.  
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,  
Mostrára rosto angelico e sereno,  
Convoca os principaes da torpe seita,  
Aos quaes do, que sonhou, dá conta estreita.

## LII

Diversos pareceres, e contrariós  
Ali se dão, segundo o que entendião:  
Astutas traições, enganos varios,  
Perfidias inventavão, e tecião:  
Mas, deixando conselhos temerarios,  
Destruição da gente pretendião,  
Por manhas mais subtis, e ardis melhores  
Com peitas adquirindo os regedores.

## LIII

Com peitas, ouro, e dadivas secretas  
Concilião da terra os principaes,  
E com razões notaveis e discretas  
Mostrão ser perdição dos naturaes;  
Dizendo, que são gentes inquietas,  
Que, os mares percorrendo Occidentaes,  
Vivem só de piráticas rapinas,  
Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

## LIV

Oh quanto deve o rei, que bem governa,  
De olhar, que os conselheiros, ou privados  
De consciencia, e de virtude interna,  
E de sincero amor sejam dotados!  
Porque, como estê posto na superna  
Cadeira, póde mal dos apartados  
Negocios ter noticia mais inteira,  
Do que lhe dér a lingua conselheira.

## LV

Nem tão pouco direi, que tome tanto  
Em grosso a consciencia limpa e certa,  
Que se enleve n'um pobre e humilde manto,  
Onde ambição acaso ande encoberta:  
E quando um bom em tudo é justo, e santo,  
Em negocios do mundo pouco acerta;  
Que mal com elles poderá ter conta  
A quieta innocencia, em só Deus pronta.

## LVI

Mas aquelles avaros Catuais,  
Que o Gentilico povo governavão,  
Induzidos das gentes infernais,  
O Portuguez despacho dilatavão.  
Mas o Gama, que não pretende mais,  
De tudo quanto os Mouros ordenavão,  
Que levar a seu Rei um signal certo  
Do mundo, que deixava descoberto:

## LVII

Nisto trabalha só, quem bem sabia,  
Que, depois que levasse esta certeza,  
Armas, e náos, e gente mandaria  
Manoel, que exercita a summa alteza,  
Com que a seu jugo e lei submetteria  
Das terras, e do mar a redondeza;  
Que elle não era mais, que um diligente  
Descobridor das terras do Oriente.

## LVIII

Fallar ao Rei gentio determina,  
Porque com seu despacho se tornasse;  
Que já sentia em tudo da malina  
Gente impedir-se, quanto desejasse.  
O Rei, que da noticia falsa e indina  
Não era d'espantar se s'espantasse,  
Que tão credulo era em seus agouros,  
E mais sendo affirmados pelos Mouros:

## LIX

Este temor lhe esfria o baixo peito:  
Por outra parte a força da cobiça,  
A quem por natureza está sujeito,  
Um desejo immortal lhe accende, e atíça;  
Que bem vê, que grandissimo proveito  
Fará, se com verdade, e com justiça  
O contrato fizer por longos annos,  
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

## LX

Sobre isto nos conselhos, que tomava,  
Achava mui contrarios pareceres;  
Que naquelles, com quem se aconselhava,  
Executa o dinheiro seus poderes:  
O grande Capitão chamar mandava,  
A quem, chegado, disse: Se quizeres  
Confessar-me a verdade limpa e nua,  
Perdão alcançarás da culpa tua:

## LXI

Eu sou bem informado, que a embaixada,  
Que de teu Rei me déste, que é fingida;  
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,  
Mas vagabundo vás passando a vida;  
Que quem da Hesperia ultima alongada,  
Rei, ou senhor, de insania desmedida,  
Ha de vir commetter com náos e frotas  
Tão incertas viagens, e remotas?

## LXII

E, se de grandes reinos poderosos  
O teu Rei tem a regia magestade,  
Que presentes me trazes valerosos,  
Signaes de tua incognita verdade?  
Com peças, e dões altos sumptuosos  
Se lia dos Reis altos a amizade;  
Que signal, nem penhôr não são bastante  
As palavras d'um vago navegante.

## LXIII

Se por ventura vindes desterrados ,  
 Como já fôrão homens d'alta sorte ,  
 Em meu reino sereis agasalhados ;  
 Que toda a terra é patria para o forte ;  
 Ou se piratas sois ao mar usados ,  
 Dizei-mo sem temor de infamia , ou morte ;  
 Que , por se sustentar em toda idade ,  
 Tudo faz a vital necessidade .

## LXIV

Isto assi dito , o Gama , que já tinha  
 Suspeitas das insidias , que ordenava  
 O Mahomético odio , donde vinha  
 Aquillo , que tão mal o Rei cuidava :  
 C'uma alta confiança , que convinha ,  
 Com que seguro credito alcançava ,  
 Que Venus Acidalia lhe influia ,  
 Taes palavras do sabio peito abria :

## LXV

Se os antiguos delictos , que a malicia  
 Humana commetteu na prisca idade ,  
 Não causárão , que o vaso da nequicia ,  
 Açoute tão cruel da Christandade ,  
 Viera pôr perpetua inimicicia  
 Na geração de Adão co'a falsidade  
 (O' poderoso Rei) da torpe seita ;  
 Não concebêras tu tão má suspeita :

## LXVI

Mas, porque nenhum grande bem se alcança  
Sem grandes oppressões, e em todo o feito  
Segue o temor os passos da esperança,  
Que em suor vive sempre de seu peito;  
Me mostras tu tão pouca confiança  
Desta minha verdade, sem respeito  
Das razões em contrario, que acharias,  
Se não cresses, a quem não crer devias:

## LXVII

Porque, se eu de rapinas só vivesse,  
Undívago, ou da patria desterrado;  
Como crês, que tão longe me viesse  
Buscar assento incognito e apartado?  
Por que esperanças, ou por que interesse,  
Viria experimentando o mar irado,  
Os Antarcticos frios, e os ardores,  
Que soffrem do Carneiro os moradores?

## LXVIII

Se com grandes presentes d'alta estima  
O credito me pedes do, que digo;  
Eu não vim mais, que a achar o estranho clima,  
Onde a natura pôz teu reino antigo:  
Mas, se a fortuna tanto me sublima,  
Que eu torne á minha patria, e reino amigo;  
Então verás o dom soberbo e rico,  
Com que minha tornada certifico.

## LXIX

Se te parece inopinado feito,  
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande ;  
O coração sublime, o regio peito  
Nenhum caso possibil tem por grande :  
Bem parece, que o nobre, e grão conceito  
Do Lusitano espirito demande  
Maior credito, e fé de mais alteza,  
Que crêa delle tanta fortaleza.

## LXX

Sabe, que ha muitos annos, que os antigos  
Reis nossos firmemente proposerão  
De vencer os trabalhos, e perigos,  
Que sempre ás grandes cousas se opposerão :  
E, descobrindo os mares inimigos  
Do quieto descanso, pretendêrão  
De saber, que fim tinhão, e onde estavam  
As derradeiras praias, que lavavão.

## LXXI

Conceito digno foi do ramo claro  
Do venturoso Rei, que arou primeiro  
O mar, por ir deitar do ninho charo  
O morador de Abyla derradeiro :  
Este por sua industria, e engenho raro,  
N'um madeiro ajuntando outro madeiro,  
Descobrir pôde a parte, que faz clara  
De Argus, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.



## LXXII

Crescendo co'os successos bons primeiros  
No peito as ousadias, descobrirão  
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,  
Que uns, succedendo aos outros, proseguirão :  
De Africa os moradores derradeiros  
Austraes, que nunca as sete flammas virão,  
Forão vistos de nós, atraz deixando  
Quantos estão os Trópicos queimando.

## LXXIII

Assi com firme peito, e com tamanho  
Proposito vencemos a fortuna ;  
Até que nós no teu terreno estranho  
Viemos pôr a ultima coluna :  
Rompendo a força do liquido estanho,  
Da tempestade horrifica, e importuna,  
A ti chegámos, de quem só queremos  
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

## LXXIV

Esta é a verdade , Rei ; que não faria  
Por tão incerto bem , tão fraco premio ,  
Qual , não sendo isto assi , esperar podia ,  
Tão longo , tão fingido , e vão proemio :  
Mas antes descansar me deixaria  
No nunca descansado e fero gremio  
Da madre Thetis , qual pirata inico ,  
Dos trabalhos alheios feito rico.

## LXXV

Assi que , ó Rei , se minha grão verdade  
 Tens por , qual é , sincera e não dobrada ;  
 Ajunta-me ao despacho brevidade ,  
 Não me impidas o gosto da tornada :  
 E , se inda te parece falsidade ;  
 Cuida bem na razão , que está provada ,  
 Que com claro juizo póde vêr-se ;  
 Que facil é a verdade d'entender-se ,

## LXXVI

Attento estava o Rei da segurança ,  
 Com que provava o Gama o , que dizia ,  
 Concebe delle certa confiança ,  
 Crédito firme , em quanto proferia :  
 Pondera das palavras a abastança ,  
 Julga na autoridade grão valia :  
 Começa de julgar por enganados  
 Os Catuaes corruptos , mal julgados .

## LXXVII

Juntamente a cobiça do proveito ,  
 Que espera do contracto Lusitano ,  
 O faz obedecer , e ter respeito .  
 Co'o Capitão , e não co'o Mauro engano :  
 Em fim , ao Gama manda , que direito  
 Ás náos se vá ; e , seguro d'algum dano ,  
 Possa á terra mandar qualquer fazenda ,  
 Que pela especiaría troque , e venda :

## LXXVIII

Que mande da fazenda, emfim lhe manda,  
Que nos reinos Gangeticos falleça,  
Se alguma traz idonea lá da banda,  
Donde a terra se acaba, e o mar começa.  
Já da Real presença veneranda  
Se parte o Capitão para onde peça  
Ao Catual, que delle tinha cargo,  
Embarcação; que a sua está de largo:

## LXXIX

Embarcação, que o leve ás náos, lhe pede:  
Mas o máo regedor, que novos laços  
Lhe machinava, nada lhe concede,  
Interpondo tardanças e embaraços:  
Com elle parte ao caes; porque o arrede  
Longe, quanto puder, dos regios paços,  
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,  
Faça o, que lhe ensinar sua malicia.

## LXXX

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria  
Embarcação bastante, em que partisse,  
Ou que para a luz crástina do dia  
Futuro sua partida differisse.  
Já com tantas tardanças entendia  
O Gama, que o Gentio consentisse  
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,  
O que delle atelli não entendêra.

## LXXXI

Era este Catual um , dos que estavam  
Corruptos pela Mahometana gente ,  
O principal , por quem se governavão  
As cidades de Samorim potente :  
Delle somente os Mouros esperavão  
Effeito a seus enganos torpemente :  
Elle , que no concerto vil conspira ,  
De suas esperanças não delira.

## LXXXII

O Gama com instancia lhe requiere ,  
Que o mande pôr nas náos , e não lhe val ;  
E , que assi lho mandára , lhe refere ,  
O nobre successor de Perimal :  
Por que razão lhe impede , e lhe differe  
A fazenda trazer de Portugal ;  
Pois aquillo , que os Reis já tem mandado ,  
Não póde ser por outrem derogado ?

## LXXXIII

Pouco obedece o Catual corrupto  
A taes palavras , antes revolvendo  
Na phantasia algum subtil , e astuto  
Engano diabolico , e estupendo :  
Ou , como banhar possa o ferro bruto  
No sangue aborrecido , estava vendo :  
Ou como as náos em fogo lhe abrasasse ;  
Porque nenhuma á patria mais tornasse .

## LXXXIV

Que nenhum torne á patria só pretende  
O conselho infernal dos Mahometanos ;  
Porque não saiba nunca , onde se estende  
A terra Eóa , o Rei dos Lusitanos.  
Não parte o Gama emfim ; que lho defende  
O regedor dos barbaros profanos :  
Nem sem licença sua ir-se podia :  
Que as almadías todas lhe tolhia .

## LXXXV

Aos brados e razões do Capitão  
Responde o Idolátra , que mandasse  
Chegar á terra as náos , que longe estão ;  
Porque melhor dali fôsse , e tornasse :  
Signal é de inimigo , e de ladrão ,  
Que lá tão longe a frota se alargasse ,  
Lhe diz ; porque do certo e fido amigo  
É não temer do seu nenhum perigo .

## LXXXVI

Nestas palavras o discreto Gama  
Enxerga bem , que as náos deseja perto  
O Catual ; porque com ferro , e flamma  
Lhas assalte por odio descoberto.  
Em varios pensamentos se derrama :  
Phantasiando está remedio certo ,  
Que dêsse a quanto mal se lhe ordenava ;  
Tudo temia , tudo emfim cuidava .

## LXXXVII

Qual o reflexo lume do polido  
 Espelho de aço, ou de crystal formoso,  
 Que, do raio solar sendo ferido,  
 Vai ferir n'outra parte luminoso;  
 E, sendo da ociosa mão movido  
 Pela casa do moço curioso,  
 Anda pelas paredes, e telhado,  
 Trémulo, aqui e ali dessocegado.

## LXXXVIII

Tal o vago juizo fluctuava  
 Do Gama preso, quando lhe lembrára  
 Coelho, se por caso o esperava  
 Na praia co'os bateis, como ordenára:  
 Logo secretamente lhe mandava,  
 Que se tornasse á frota, que deixára;  
 Não fosse salteado dos enganos,  
 Que esperava dos feros Mahometanos.

## LXXXIX

Tal ha de ser, quem quer co'o dom de Marte  
 Imitar os illustres, e iguala-los:  
 Voar co'o pensamento a toda a parte,  
 Adivinhar perigos, e evital-os:  
 Com militar engenho, e subtil arte  
 Entender os imigos, e enganar-os,  
 Crer tudo emfim; que nunca louvarei  
 O Capitão, que diga: Não cuidei.

## XC

Insiste o Malabar em tel-o preso ,  
Se não manda chegar á terra a armada:  
Elle constante , e de ira nobre acceso,  
Os ameaços seus não teme nada ;  
Que antes quer sobre si tomar o peso  
De quanto mal a vil malicia ousada  
Lhe andar armando , que pôr em ventura  
A frota de seu Rei , que tem segura.

## XCI

Aquella noite esteve ali detido ,  
E parte do outro dia ; quando ordena  
De se tornar ao Rei : mas impedido  
Foi da guarda , que tinha não pequena.  
Commette-lhe o Gentio outro partido,  
Temendo de seu Rei castigo , ou pena ,  
Se sabe esta malicia , a qual asinha  
Saberá , se mais tempo ali o detinha.

## XCII

Diz-lhe , que mande vir toda a fazenda  
Vendibil , que trazia , para terra ;  
Para que de vagar se troque e venda ;  
Que , quem não quer commercio , busca guerra.  
Postoque os máos propositos entenda  
O Gama , que o damnado peito encerra ,  
Consente ; porque sabe por verdade ,  
Que compra co'a fazenda a liberdade.

## XCIII

Concertão-se , que o nêgro mande dar  
Embarcações idoneas , com que venha ;  
Que os seus bateis não quer aventurar ,  
Onde lhos tome o imigo , ou lhos detenha :  
Partem as almadiás a buscar  
Mercadorias Hispana , que convenha :  
Escreve a seu irmão , que lhe mandasse  
A fazenda , com que se resgatasse.

## XCIV

Vem a fazenda á terra , aonde logo  
A agasalhou o infame Catual :  
Com ella ficão Alvaro e Diogo ;  
Que a podessem vender pelo que val.  
Se mais que obrigação , que mando e rogo ,  
No peito vil o premio póde e val ,  
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda ;  
Pois o Gama soltou pela fazenda :

## XCV

Por ella o solta , crendo que ali tinha  
Penhor bastante , donde recebesse  
Interesse maior , do que lhe vinha ,  
Se o Capitão mais tempo detivesse.  
Elle vendo , que já lhe não convinha  
Tornar á terra ; porque não podesse  
Ser mais retido , sendo ás náos chegado ,  
Nellas estar se deixa descansado.



## XCVI

Nas náos estar se deixa vagaroso,  
 Até ver o que o tempo lhe descobre ;  
 Que não se fia já do cubiçoso  
 Regedor corrompido , e pouco nobre.  
 Veja agora o juizo curioso  
 Quanto no rico , assi como no pobre ,  
 Póde o vil interesse , e sêde imiga  
 Do dinheiro , que a tudo nos obriga.

## XCVII

A Polydoro mata o Rei Threicio ,  
 Só por ficar senhor do grão thesouro :  
 Entra pelo fortissimo edificio  
 Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro .  
 Póde tanto em Tarpeia avaro vicio ,  
 Que a trôco do metal luzente , e louro  
 Entrega aos inimigos a alta torre ,  
 Do qual quasi afogada em pago morre.

## XCVIII

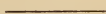
Este rende munidas fortalezas ,  
 Faz traidores, e falsos os amigos :  
 Este a mais nobres faz fazer vilezas ,  
 E entrega capitães aos inimigos :  
 Este corrompe virginaes purezas ,  
 Sem temer de honra ou fama alguns perigos :  
 Este deprava ás vezes as sciencias ,  
 Os juizos cegando , e as consciencias.

## XCIX

Este interpreta mais que subtilmente  
Os textos : este faz , e desfaz leis :  
Este causa os perjurios entre a gente :  
E mil vezes tyrannos torna os Reis.  
Até os, que só a Deos Omnipotente  
Se dedicão , mil vezes ouvireis ,  
Que corrompe este encantador , e illude ;  
Mas não sem côr comtudo de virtude.

---

# OS LUSIADAS



CANTO IX

— ३१११११११ —

११११११

# OS LUSIADAS

## CANTO NONO

---

### I

Tiverão longamente na cidade ,  
Sem vender-se , a fazenda os dous feitores ;  
Que os infieis por manha , e falsidade  
Fazem , que não lha comprem mercadores ;  
Que todo seu proposito , e vontade ,  
Era deter ali os descobridores  
Da India tanto tempo , que viessem  
De Meca as náos , que as suas desfizessem .

### II

Lá no seio Erythrêo , onde fundada  
Arsínoe foi do Eglypcio Ptolemeo ,  
Do nome da irmã sua assi chamada ,  
Que depois em Suez se converteu ,  
Não longe o porto jaz da nomeada  
Cidade Meca , que se engrandeceu  
Com a superstição falsa , e profana  
Da religiosa agua Mahometana .

## III

Gidá se chama o porto , aonde o trato  
De todo o Roxo mar mais florescia,  
De que tinha proveito grande , e grato  
O soldão, que esse reino possuia.  
Daqui aos Malabares , por contrato  
Dos infieis , formosa companhia  
De grandes náos pelo Indico Oceano  
Especiaria vem buscar cada anno.

## IV

Por estas náos os Mouros esperavão,  
Que , como fossem grandes e possantes ,  
Aquellas , que o commercio lhe tomavão ,  
Com flammabrasassem crepitanes :  
Neste soccorro tanto confiavão ,  
Que já não querem mais dos navegantes ,  
Senão que tanto tempo ali tardassem ,  
Que da famosa Meca as náos chegassem.

## V

Mas o Governador dos ceos , e gentes ,  
Que , para quanto tem determinado ,  
De longe os meios dá convenientes ,  
Por onde vem a effeito o fim fadado ,  
Influo piedosos accidentes  
De affeição em Monçaide , que guardado  
Estava para dar ao Gama aviso ,  
E merecer por isso o Paraiso.

## VI

Este, de quem se os Mouros não guardavão,  
Por ser Mouro, como elles, antes era  
Participante em quanto machinavão;  
A tenção lhe descobre torpe e fera:  
Muitas vezes as náos, que longe estavão,  
Visita, e com piedade considera  
O damno, sem razão, que se lhe ordena  
Pela maligna gente Sarracena:

## VII

Informa o cauto Gama das armadas,  
Que de Arabica Meca vem cada anno,  
Que agora são dos seus tão desejadas,  
Para ser instrumento deste dano:  
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,  
E dos trovões horrendos de Vulcano,  
E que póde ser dellas opprimido,  
Segundo estava mal apercebido.

## VIII

O Gama, que tambem considerava  
O tempo, que para a partida o chama,  
E que despacho já não esperava  
Melhor do Rei, que os Mahometanos ama:  
Aos feitores, que em terra estão, mandava  
Que se tornem ás náos: e, porque a fama  
Desta subita vinda os não impida,  
Lhe manda, que a fizessem escondida.

## IX

Porém não tardou muito, que voando  
Um rumor não soasse com verdade,  
Que fôrão presos os feitores, quando  
Fôrão sentidos vir-se da cidade.  
Esta fama as orelhas penetrando  
Do sabio Capitão, com brevidade  
Faz represalia n'uns, que ás náos vierão  
A vender pedraria, que trouxerão.

## X

Erão estes antiguos mercadores,  
Ricos em Calecut, e conhecidos:  
Da falta delles logo entre os melhores  
Sentido foi, que estão no mar retidos.  
Mas já nas náos os bons trabalhadores  
Volvem o cabrestante, e, repartidos  
Pelo trabalho, uns puxão pela amarra,  
Outros quebrão co'o peito duro a barra:

## XI

Outros pendem da verga, e já desatão  
A vela, que com grita se soltava;  
Quando com maior grita ao Rei relatão  
A préssa, com que a armada se levava:  
As mulheres, e filhos, que se matão,  
Daquelles, que vão presos, onde estava  
O Samorim, se aqueixão, que perdidos  
Uns tem os pais, as outras os maridos.



## XII

Manda logo os feitores Lusitanos  
Com toda sua fazenda livremente,  
Apezar dos imigos Mahometanos;  
Porque lhe torne a sua presa gente:  
Desculpas manda o Rei de seus enganoso.  
Recebe o Capitão de melhor mente  
Os presos, que as desculpas; e, tornando  
Alguns negros, se parte as velas dando.

## XIII

Parte-se costa abaixo; porque entende,  
Que em vão co' o Rei gentio trabalhava  
Em querer delle paz, a qual pretende,  
Por firmar o commercio, que tratava:  
Mas como aquella terra, que se estende  
Pela Aurora, sabida já deixava;  
Com estas novas torna á patria chara,  
Certos signaes levando do que achara.

## XIV

Leva alguns Malabares, que tomou  
Por força, dos que o Samorim mandara,  
Quando os presos feitores lhe tornou:  
Leva pimenta ardente, que comprara:  
A sêcca flôr de Banda não ficou,  
A noz, e o negro cravo, que faz clara  
A nova ilha Maluco, co'a canella,  
Com que Ceilão é rica, illustre, e bella.

## XV

Isto tudo lhe houvera a diligencia  
De Monçaide fiel, que tambem leva;  
Que, inspirado de angelica influencia,  
Quer no livro de Christo, que se escreva.  
Oh ditoso Africano, que a clemencia  
Divina assi tirou d'escura treva,  
E tão longe da patria achou maneira  
Para subir á patria verdadeira!

## XVI

Apartadas assi da ardente costa  
As venturosas náos, levando a proa  
Para onde a natureza tinha posta  
A meta Austrina da esperanza boa,  
Levando alegres novas, e resposta  
Da parte Oriental para Lisboa,  
Outra vez commettendo os duros medos  
Do mar incerto, timidos e ledos:

## XVII

O prazer de chegar á patria chara,  
A seus penates charos, e parentes,  
Para contar a peregrina, e rara  
Navegação, os varios ceos, e gentes:  
Vir a lograr o premio, que ganhara  
Por tão longos trabalhos, e accidentes,  
Cada um tem por gosto tão perfeito,  
Que o coração para elle é vaso estreito.

## XVIII

Porém a deosa Cypria, que ordenada  
Era para favor dos Lusitanos  
Do Padre eterno, e por bom genio dada,  
Que sempre os guia já de longos annos ;  
A gloria por trabalhos alcançada,  
Satisfação de bem soffridos danos,  
Lhe andava já ordenando, e pretendia  
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

## XIX

Depois de ter um pouco revolvido  
Na mente o largo mar, que navegarão :  
Os trabalhos, que pelo Deos, nascido  
Nas Amphionêas Thebas, se causarão:  
Já trazia de longe no sentido,  
Para premio de quanto mal passarão,  
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso  
No reino de crystal liquido, e manso.

## XX

Algun repouso emfim, com que pudesse  
Refocillar a lassa humanidade  
Dos navegantes seus, como interesse  
Do trabalho, que encurta a breve idade.  
Parece-lhe razão, que conta dêsse  
A seu filho, por cuja potestade  
Os deoses faz descer ao vil terreno,  
E os humanos subir ao ceo sereno.

## XXI

Isto bem revolvido , determina  
 De ter-lhe aparelhada lá no meio  
 Das aguas alguma insula divina ,  
 Ornada d'esmaltado e verde arreo ;  
 Que muitas tem no reino , que confina  
 Da primeira co'o terreno seio ,  
 Afora as que possui soberanas  
 Para dentro das portas Herculanãs .

## XXII

Ali quer , que as aquaticas donzellas  
 Esperem os fortissimos Barões ,  
 Todas as que tem titulo de bellas ,  
 Glorias dos olhos , dôr dos corações ,  
 Com danças , e chorêãs ; porque nellas  
 Influirá secretas affeições ,  
 Para com mais vontade trabalharem  
 De contentar , a quem se affeioarem .

## XXIII

Tal manha buscou já ; para que aquelle ,  
 Que de Anchises pario , bem recebido  
 Fosse no campo , que a bovina pelle  
 Tomou de espaço por subtil partido :  
 Seu filho vai buvar ; porque só nelle  
 Tem todo seu poder , fer o Cupido ;  
 Que , assi como naquella empreza antiga  
 A ajudou já , nest'outra a ajude , e siga .

## XXIV

No carro ajunta as aves, que na vida  
Vão da morte as exequias celebrando ;  
E aquellas, em que já foi convertida  
Peristéra, as boninas apanhando.  
Em derredor da deosa já partida  
No ar lascivos beijos se vão dando :  
Ella , por onde passa, o ar, e o vento  
Serenos faz com brando movimento.

## XXV

Já sobre os Idalios montes pende  
Onde o filho frecheiro estava então  
Ajuntando outros muitos ; que pretende  
Fazer uma famosa expedição  
Contra o mundo rebelde ; porque emende  
Erros grandes , que ha dias nelle estão ,  
Amando cousas , que nos forão dadas ,  
Não para ser amadas , mas usadas.

## XXVI

Via Acteon na caça tão austero,  
De cego na alegria bruta , insana ,  
Que , por seguir um feo animal fero ,  
Foge da gente , e bella forma humana :  
E por castigo quer doce e severo  
Mostrar-lhe a formosura de Diana,  
E guarde-se não seja inda comido  
Desses cães , que agora ama , e consumido.

## XXVII

E vê do mundo todo os principais,  
Que nenhum no bem publico imagina:  
Vê nelles, que não tem amor a mais,  
Que a si somente, e a quem a Philaucia ensina:  
Vê, que esses, que frequentão os reais  
Paços, por verdadeira e sãa doutrina,  
Vendem adulação, que mal consente  
Mondar-se o novo trigo florecente.

## XXVIII

Vê, que aquelles, que devem á pobreza  
Amor divino, e ao povo charidade,  
Amão somente mandos, e riqueza,  
Simulando justiça, e integridade:  
Da fea tyrannia, e de aspereza  
Fazem direito, e vãa severidade:  
Leis em favor do Rei se estabelecem,  
As em favor do povo só perecem.

## XXIX

Vê enfim, que ninguem ama o, que deve,  
Senão o, que somente mal deseja:  
Não quer, que tanto tempo se releve  
O castigo, que duro, e justo seja.  
Seus ministros ajunta; porque leve  
Exercitos conforme á peleja,  
Que espera ter co'a mal regida gente.  
Que lhe não for agora obediente.

## XXX

Muitos destes meninos voadores  
Estão em varias obras trabalhando ,  
Uns amolando ferros passadores ,  
Outros hasteas de settas delgaçando :  
Trabalhando , cantando estão de amores ,  
Varios casos em verso modulando ,  
Melodia sonora , e concertada ,  
Suave a letra , angelica a soada.

## XXXI

Nas fragoas immortaes , onde forjavão  
Para as settas as pontas penetrantes ,  
Por lenha , corações ardendo estavam ,  
Vivas entranhas inda palpitantes :  
As aguas , onde os ferros temperavão ,  
Lagrimas são de miseros amantes :  
A viva flamma , o nunca morto lume  
Desejo é só , que queima , e não consume.

## XXXII

Alguns exercitando a mão andavão  
Nos duros corações da plebe ruda :  
Crebros suspiros pelo ar soavão  
Dos , que feridos vão da setta aguda :  
Formosas nymphas são as , que curavão  
As chagas recebidas , cuja ajuda  
Não somente dá vida aos mal feridos ,  
Mas põe em vida os inda não nascidos.

## XXXIII

Formosas são algumas , e outras feas ,  
Segundo a qualidade fôr das chagas ;  
Que o veneno espalhado pelas veas  
Curão-no ás vezes asperas triagas.  
Alguns ficão ligados em cadeas  
Por palavras subtis de sabias magas ,  
Isto acontece ás vezes , quando as settas  
Acertão de levar hervas secretas.

## XXXIV

Destes tiros assi desordenados ,  
Que estes moços mal destros vão tirando ,  
Nascem amores mil desconcertados  
Entre o povo ferido , miserando :  
E tambem nos heroes de altos estados  
Exemplos mil se vêm de amor nefando ,  
Qual o das môças , Bibli , e Cinyrea :  
Um maneebo de Assyria , um de Judea.

## XXXV

E vós , ó poderosos , por pastoras  
Muitas vezes ferido o peito vedes ;  
E por baixos e rudos , vós , senhoras ,  
Tambem vos tomão nas Vulcanas redes.  
Uns esperando andais nocturnas horas ,  
Outros subis telhados e paredes :  
Mas eu creio , que deste amor indino  
É mais culpa a da mãi , que a do menino.



## XXXVI

Mas já no verde prado o carro leve  
 Punhão os brancos cysnes mansamente,  
 E Dióne, que as rosas entre a neve  
 No rosto traz, descia diligente.  
 O frecheiro, que contra o ceo se atreve,  
 A recebel-a vem ledó e contente:  
 Vem todos os Cupidos servidores  
 Beijar a mão á deosa dos amores.

## XXXVII

Ella; porque não gaste o tempo em vão,  
 Nos braços tendo o filho, confiada  
 Lhe diz: Amado filho, em cuja mão  
 Toda minha potencia está fundada,  
 Filho, em quem minhas forças sempre estão,  
 Tu que as armas Typhêas tens em nada;  
 A socorrer-me á tua potestade  
 Me traz especial necessidade.

## XXXVIII

Bem vês as Lusitanicas fadigas,  
 Que eu já de muito longe favoreço;  
 Porque das Parcas sei minhas amigas,  
 Que me hão de venerar, e ter em preço;  
 E porque tanto imitão as antigas  
 Obras de meus Romanos, me offereço  
 A lhe dar tanta ajuda em, quanto posso,  
 A quanto se estender o poder nosso.

## XXXIX

E porque das insidias do odioso  
 Bacho forão na India molestados,  
 E das injurias sós do mar undoso  
 Puderão mais ser mortos, que cansados :  
 No mesmo mar, que sempre temeroso  
 Lhe foi, quero, que sejam repousados,  
 Tomando aquelle premio, e doce gloria  
 Do trabalho, que faz clara a memoria.

## XL

E para isso queria, que feridas  
 As filhas de Nerêo no ponto fundo,  
 D'amor dos Lusitanos incendidas,  
 Que vem de descobrir o novo mundo,  
 Todas n'uma ilha juntas, e subidas,  
 Ilha, que nas entranhas do profundo  
 Oceano terei apparelhada,  
 De dões de Flora, e Zephyro adornada :

## XLI

Ali com mil refrescos e manjares,  
 Com vinhos odoriferos, e rosas,  
 Em crystallinos paços singulares  
 Formosos leitos, e ellas mais formosas,  
 Emfim com mil deleites não vulgares  
 Os esperem as nymphas amorosas,  
 D'amor feridas ; para lhe entregarem,  
 Quanto dellas os olhos cubiçarem :

## XLII

Quero , que haja no reino Neptunino ,  
Onde eu nasci , progenie forte e bella ,  
E tome exemplo o mundo vil , malino ,  
Que contra tua potencia se rebella ;  
Porque entendão , que muro adamantino ,  
Nem triste hypocrisia val contra ella :  
Mal haverá na terra , quem se guarde ,  
Se teu fogo immortal nas aguas arde .

## XLIII

Assi Venus propôz , e o filho inico ,  
Para lhe obedecer , já se apercebe :  
Manda trazer o arco eburneo , rico ,  
Onde as settas de ponta de ouro embebe .  
Com gesto ledo a Cypria , e impudico  
Dentro no carro o filho seu recebe ;  
A redea larga ás aves , cujo canto  
A Phaetontea morte chorou tanto .

## XLIV

Mas diz Cupido , que era necessaria  
Uma famosa e celebre terceira ,  
Que , postoque mil vezes lhe é contraria ,  
Outras muitas a tem por companheira :  
A deosa Gigantêa , temeraria ,  
Jactante , mentirosa , e verdadeira ,  
Que com cem olhos vê , e por onde voa ,  
O , que vê , com mil bôcas apregoa .

## XLV

Vão-a buscar, e mandão-a diante,  
Que celebrando vá com tuba clara  
Os louvores da gente navegante,  
Mais do que nunca os d'outrem celebrara.  
Já murmurando a Fama penetrante  
Pelas fundas cavernas se espalhara:  
Falla verdade, havida por verdade;  
Que junto a deosa traz Credulidade.

## XLVI

O louvor grande, o rumor excellente  
No coração dos deoses, que indignados  
Fôrão por Baccho contra a illustre gente,  
Mudando, os fez um pouco affeiçoados.  
O peito feminil, que levemente  
Muda quaesquer propositos tomados,  
Já julga por máo zelo, e por crueza  
Desejar mal a tanta fortaleza.

## XLVII

Despede nisto o fero moço as settas  
Uma após outra, geme o mar co'os tiros:  
Direitas pelas ondas inquietas  
Algũas vão, e algũas fazem giros:  
Cahem as nymphas, lanção das secretas  
Entranhas ardentissimos suspiros:  
Cahe qualquer, sem ver o vulto, que ama;  
Que tanto, como a vista, póde a fama.

## XLVIII

Os cornos ajuntou da eburnea lãa ,  
Com força o moço indomito excessiva ;  
Que Tethys quer ferir mais, que nenhũa ;  
Porque mais, que nenhũa, lhe era esquivã.  
Já não fica na aljava setta algũa,  
Nem nos equoreos campos nympha viva :  
E, se feridas inda estão vivendo,  
Será para sentir, que vão morrendo.

## XLIX

Dai lugar, altas e ceruleas ondas ;  
Que, vedes, Venus traz a medicina,  
Mostrando as brancas velas, e redondas,  
Que vem por cima da agua Neptunina :  
Para que tu reciproco respondas,  
Ardente Amor, á flamma feminina,  
É forçado, que a pudicicia honesta  
Faça, quanto lhe Venus admoesta.

## L

Já todo o bello côro se apparelha  
Das Nereidas, e junto caminhava  
Em chorêas gentis, usança velha,  
Para a ilha, a que Venus as guiava :  
Ali a formosa deosa lhe aconselha  
O, que ella fez mil vezes, quando amava :  
Ellas, que vão do doce amor vencidas,  
Estão a seu conselho offerecidas.

## LI

Cortando vão as náos a larga via  
Do mar ingente para a patria amada,  
Desejando prover-se de agua fria -  
Para a grande viagem prolongada:  
Quando juntas com subita alegria  
Houverão vista da ilha namorada,  
Rompendo pelo ceo a mãi formosa  
De Memnónio, suave e deleitosa.

## LII

De longe a ilha virão fresca e bella;  
Que Venus pelas ondas lha levava,  
(Bem como o vento leva branca vela)  
Para onde a forte armada se enxergava;  
Que, porque não passassem, sem que nella  
Tomassem porto, como desejava,  
Para onde as náos navegão a movia  
A Acidália, que tudo emfim podia.

## LIII

Mas firme a fez e immobil, como vio,  
Que era dos nautas vista, e demandada;  
Qual ficou Delos, tanto que pario  
Latôna Phebo, e a deosa á caça usada.  
Para lá logo a prôa o mar abriu,  
Onde a costa fazia uma enseada  
Curva e quieta, cuja branca area  
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

## LIV

Tres formosos outeiros se mostravão  
Erguidos com soberba graciosa,  
Que de gramíneo esmalte se adornavão,  
Na formosa ilha alegre, e deleitosa :  
Claras fontes, e limpidas manavão  
Do cume, que a verdura tem viçosa :  
Por entre pedras alvas se deriva  
A sonora lympha fugitiva.

## LV

N'um valle ameno, que os outeiros fende ,  
Vinhão as claras aguas ajuntar-se ,  
Onde uma mesa fazem, que se estende  
Tão bella, quanto póde imaginar-se :  
Arvoredo gentil sôbre ella pende,  
Como que prompto está para afeitar-se,  
Vendo-se no crystal resplandecente,  
Que em si o está pintando propriamente.

## LVI

Mil arvores estão ao ceo subindo  
Com pomos odoriferos e bellos :  
A lorangeira tem no fruto lindo  
A côr, que tinha Daphne nos cabellos :  
Encosta-se no chão ; que está cahindo,  
A cidreira co'os pesos amarellos :  
Os formosos limões ali cheirando  
Estão virgineas têtas imitando.

## LVII

As arvores agrestes , que os outeiros  
Tem com frondente côma ennobrecidos ,  
Álemos são de Alcides , e os loureiros  
Do louro deos amados , e queridos :  
Myrtos de Cytherêa , co'os pinheiros  
De Cybele , por outro amor vencidos :  
Está apontando o agudo cypariso  
Para onde é posto o ethereo paraíso.

## LVIII

Os dões , que dá Pomôna , ali natura  
Produze differentes nos sabores ,  
Sem ter necessidade de cultura ;  
Que sem ella se dão muito melhores :  
As cerejas purpureas na pintura :  
As amoras , que o nome tem de amores :  
O pomo , que da patria Persia veio ,  
Melhor tornado no terreno alheio.

## LIX

Abre a romãa , mostrando a rubicunda  
Côr , com que tu , rubi , teu preço perdes :  
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda  
Vide c'uns cachos roxos , e outros verdes :  
E vós se na vossa arvore fecunda ,  
Peras pyramidaes , viver quizerdes ,  
Entregai-vos ao damno , que co'os bicos  
Em vós fazem os passaros inicos.



## LX

Pois a tapeçaria bella e fina ,  
Com que se cobre o rustico terreno ,  
Faz ser a de Acheménia menos dina ,  
Mas o sombrio valle mais ameno :  
Ali a cabeça a flôr Cephisia inclina  
Sôbolo tanque lucido e sereno :  
Florece o filho e neto de Cinyras ,  
Por quem tu , deosa Páphia , inda suspiras .

## LXI

Para julgar difficil cousa fôra ,  
No ceo vendo , e na terra as mesmas côres ,  
Se dava ás flôres côr a bella Aurora ,  
Ou se lha dão a ella as bellas flôres .  
Pintando estava ali Zephyro , e Flora  
As violas da côr dos amadores :  
O lirio roxo , a fresca rosa bella ,  
Qual reluze nas faces da donzella :

## LXII

A candida cecêm , das matutinas  
Lagrimas rociada , e a mangerona :  
Vêm-se as letras nas flôres Hyacinthinas ,  
Tão queridas do filho de Latona :  
Bem se enxérga nos pomos , e boninas ,  
Que competia Chloris com Pomona .  
Pois se as aves no ar cantando voão ,  
Alegres animaes o chão povoão :

## LXIII

Ao longo da agua o niveo cysne canta ,  
 Responde-lhe do ramo philomela :  
 Da sombra de seus cornos não se espanta  
 Acteou n'agua crystallina e bella :  
 Aqui a fugace lebre se levanta  
 Da espessa mata , ou timida gazella :  
 Ali no bico traz ao charo ninho  
 O mantimento o leve passarinho.

## LXIV

Nesta frescura tal desembarcavão  
 Já das náos os segundos Argonautas,  
 Onde pela floresta se deixavão  
 Andar as bellas deosas , como incautas :  
 Algumas doces citharas tocavão ,  
 Algumas harpas , e sonoras frautas ,  
 Outras co'os arcos de ouro se fingião  
 Seguir os animaes , que não seguião.

## LXV

Assi lho aconselhára a mestra experta ,  
 Que andassem pelos campos espalhadas ;  
 Que , vista dos Barões a prêsa incerta ,  
 Se fizessem primeiro desejadas.  
 Algumas , que na fórmula descoberta  
 Do bello corpo estavão confiadas ,  
 Posta a artificiosa formosura ,  
 Nuas lavar se deixão na agua pura.

## LXVI

Mas os fortes mancebos , que na praia  
Punhão os pés de terra cubiçosos ;  
Que não ha nenhum delles , que não saia  
De acharem caça agreste desejosos :  
Não cuidão , que sem laço , ou redes , caia  
Caça naquelles montes deleitosos  
Tão suave , domestica , e benina ,  
Qual ferida lha tinha já Erycina.

## LXVII

Alguns , que em espingardas , e nas béstas  
Para ferir os cervos se fiavão ,  
Pelos sombrios matos , e florestas  
Determinadamente se lançavão :  
Outros nas sombras , que das altas sestas  
Defendem a verdura , passeavão  
Ao longo da agua , que suave , e queda  
Por alvas pedras corre á praia leda.

## LXVIII

Começão de enxergar subitamente  
Por entre verdes ramos varias côres ,  
Côres , de quem a vista julga , e sente ,  
Que não erão das rosas , ou das flôres :  
Mas da lã fina , e seda differente ,  
Que mais incita a força dos amores ,  
De que se vestem as humanas rosas ,  
Fazendo-se por arte mais formosas.

## LXIX

Dá Velloso espantado um grande grito ,  
 Senhores , caça estranha , disse , é esta :  
 Se inda dura o Gentio antiguo rito ,  
 A deosas é sagrada esta floresta :  
 Mais descobrimos , do que humano espirito  
 Desejou nunca : e bem se manifesta ,  
 Que são grandes as cousas , e excellentes ,  
 Que o mundo encobre aos homens imprudentes .

## LXX

Sigamos estas deosas , e vejamos ,  
 Se phantasticas são , se verdadeiras  
 Isto dito , veloces mais , que gamos ,  
 Se lanção a correr pelas ribeiras .  
 Fugindo as nymphas vão por entre os ramos ;  
 Mas mais industriosas , que ligeiras ,  
 Pouco e pouco sorrindo , e gritos dando ,  
 Se deixão ir dos galgos alcançando .

## LXXI

De uma os cabellos de ouro o vento leva ,  
 Correndo , e de outra as fraldas delicadas :  
 Accende-se o desejo , que se ceva  
 Nas alvas carnes subito mostradas :  
 Uma de industria cahe , e já releva  
 Com mostras mais macias , que indignadas ,  
 Que sobre ella empecendo tambem caia ,  
 Quem a seguio pela arenosa praia .

## LXXII

Outros por outra parte vão topar  
Com as deosas despidas , que se lavão :  
Ellas começam subito a gritar ,  
Como que assalto tal não esperavão.  
Umas , fingindo menos estimar  
A vergonha , que a força , se lançavão  
Nuas por entre o mato , aos olhos dando  
O , que ás mãos cubiçosas vão negando.

## LXXIII

Outra , como acudindo mais depressa  
A' vergonha da deosa caçadora ,  
Esconde o corpo n'agua : outra se apressa  
Por tomar os vestidos , que tem fóra.  
Tal dos mancebos ha , que se arremessa  
Vestido assi , e calçado ; ( que co'a mora  
De se despir ha medo , que inda tarde )  
A matar na agua o fogo , que nelle arde.

## LXXIV

Qual cão de caçador , sagaz e ardido ,  
Usado a tomar na agua a ave ferida ,  
Vendo no rosto o ferreo cano , erguido  
Para a garcena , ou pata conhecida ;  
Antes que sôe o estouro , mal soffrido  
Salta n'agua , da prêsa não duvida ,  
Nadando vai , e latindo : assi o mancebo  
Remette á , que não era irmãa de Phebo.

## LXXV

Leonardo, soldado bem disposto,  
Manhoso, cavalleiro, e namorado,  
A quem amor não dera um só desgosto,  
Mas sempre fôra delle maltratado,  
E tinha já por firme presuppuesto  
Ser com amores mal afortunado,  
Porêm não que perdesse a esperança  
De inda poder seu fado ter mudança :

## LXXVI

Quiz aqui sua ventura, que corria  
Após Ephyre, exemplo de belleza,  
Que mais caro, que as outras, dar queria  
O, que deu, para dar-se, a natureza.  
Já cansado correndo lhe dizia :  
O' formosura indigna de aspereza ;  
Pois desta vida te concedo a palma,  
Espera um corpo, de quem levas a alma

## LXXVII

Todas de correr cansão, nympha pura,  
Rendendo-se á vontade do inimigo,  
Tu só de mi só foges na espessura ?  
Quem te disse, que eu era o, que te sigo ?  
Se to tem dito já aquella ventura,  
Que em toda a parte sempre anda comigo,  
O' não na creas ; porque eu, quando o cria,  
Mil vezes cada hora me mentia.

## LXXVIII

Não canses ; que me cansas : e se queres  
Fugir-me ; porque não possa tocar-te,  
Minha ventura é tal , que , inda que esperes ,  
Ella fará , que não possa alcançar-te.  
Espera : quero vêr , se tu quizeres ,  
Que subtil modo busca de escapar-te ,  
E notarás no fim deste successo  
« Tra la spiga e la man qual muro è messo. »

## LXXIX

O' não me fujas ! Assi nunca o breve  
Tempo fuja de tua formosura !  
Que , só com refrear o passo leve ,  
Vencerás da fortuna a força dura.  
Que Imperador , que exercito se atreve  
A quebrantar a furia da ventura ,  
Que , emquanto desejei , me vai seguindo,  
O que tu só farás não me fugindo ?

## LXXX

Pões-te da parte da desdita minha ?  
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.  
Levas-me um coração , que livre tinha ?  
Solta-mo , e correrás mais levemente.  
Não te carrega essa alma tão mesquinha ,  
Que nesses fios de ouro reluzente  
Atada levas ? Ou , depois de presa ,  
Lhe mudaste a ventura , e menos pesa ?

## LXXXI

Nesta esperança só te vou seguindo ,  
Que ou tu não soffrerás o peso della ,  
Ou na virtude de teu gesto lindo  
Lhe mudarás a triste e dura estrella :  
E se se lhe mudar , não vás fugindo ;  
Que amor te ferirá , gentil donzella ,  
E tu me esperarás , se o amor te fere :  
E se me esperas , não ha mais , que espere.

## LXXXII

Já não fugia a bella nympha tanto  
Por se dar cara ao triste , que a seguia ,  
Como por ir ouvindo o doce canto ,  
As namoradas magoas , que dizia :  
Volvendo o rosto já sereno e santo ,  
Toda banhada em riso , e alegria ,  
Cahir se deixa ao pés do vencedor ,  
Que todo se desfaz em puro amor.

## LXXXIII

Oh que famintos beijos na floresta !  
E que mimoso chôro , que soava !  
Que affagos tão suaves ! Que ira honesta ,  
Que em risinhos alegres se tornava !  
O , que mais paixão na manhã , e na sesta ,  
Que Venus com prazeres inflammava ,  
Melhor é experimenta-lo , que julga-lo ;  
Mas julgue-o , quem não pôde experimenta-lo.



## LXXXIV

Desta arte emfim conformes já as formosas  
 Nymphas co'os seus amados navegantes,  
 Os ornão de capellas deleitosas,  
 De louro, e de ouro, e flôres abundantes:  
 As mãos alvas lhe davão como esposas:  
 Com palavras formaes, e estipulantes  
 Se promettem eterna companhia  
 Em vida e morte, de honra e alegria.

## LXXXV

Uma dellas maior, a quem se humilha  
 Todo o coro das Nymphas, e obedece,  
 Que, dizem, ser de Cælo e Vesta filha,  
 O que no gesto bello se parece;  
 Enchendo a terra, e o mar de maravilha,  
 O Capitão illustre, que o merece,  
 Recebe ali com pompa honesta e regia,  
 Mostrando-se senhora grande e egregia;

## LXXXVI

Que, depois de lhe ter dito, quem era,  
 C'um alto exordio de alta graça ornado,  
 Dando-lhe a entender, que ali viera  
 Por alta influença do immobil fado;  
 Para lhe descobrir da unida esphera,  
 Da terra immensa, e mar não navegado  
 Os segredos por alta prophecia,  
 O que esta sua nação só merecia:

## LXXXVII

Tomando-o pela mão, o leva, e guia  
Para o cume d'um monte alto e divino,  
No qual ãa rica fábrica se erguia  
De crystal toda, e de ouro puro, e fino.  
A maior parte aqui passão do dia  
Em doces jogos, e em prazer contino:  
Ella nos paços logra seus amores,  
As outras pelas sombras entre as fôres.

## LXXXVIII

Assi a formosa, e a forte companhia  
O dia quasi todo estão passando,  
N'uma alma, doce, incognita alegria  
Os trabalhos tão longos compensando:  
Porque dos feitos grandes, da ousadia  
Forte e famosa o mundo está guardando  
O premio lá no fim bem merecido  
Com fama grande, e nome alto e subido;

## LXXXIX

Que as nymphas do Oceano tão formosas,  
Tethys, e a ilha angelica pintada,  
Outra cousa não é, que as deleitosas  
Honras, que a vida fazem sublimada:  
Aquellas preeminencias gloriosas,  
Os triumphos, a fronte coroada  
De palma e louro, a gloria e maravilha,  
Estes são os deleites desta ilha;

## XC

Que as immortalidades, que fingia  
A antiguidade, que os illustres ama,  
Lá no estellante Olympo, a quem subia  
Sôbre as azas inclytas da fama  
Por obras valerosas, que fazia,  
Pelo trabalho immenso, que se chama  
Caminho da virtude alto e fragoso,  
Mas no fim doce, alegre, e deleitoso;

## XCI

Não erão senão premios, que reparte  
Por feitos immortaes e soberanos  
O mundo co'os barões, que esforço e arte  
Divino os fizerão, sendo humanos;  
Que Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,  
Enêas, e Quirino, e os dous Thebanos,  
Ceres, Pallas, e Juno com Diana,  
Todos fôrão de fraca carne humana.

## XCII

Mas a fama, trombeta de obras tais,  
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos,  
De Deoses, Semideoses immortais,  
Indigetes, Heroicos, e de Magnos.  
Por isso ó vós, que as famas estimais,  
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,  
Despertai já do somno do ocio ignavo,  
Que o animo de livre faz escravo.

## XCIII

E ponde na cubiça um freio duro ,  
 E na ambição tambem , que indignamente  
 Tomais mil vezes, e no torpe escuro  
 Vicio da tyrannia infame, e urgente ;  
 Porque essas honras vãs, esse ouro puro  
 Verdadeiro valor não dão á gente ;  
 Melhor é merece-los, sem os ter ,  
 Que possui-los, sem os merecer.

## XCIV

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes ,  
 Que aos grandes não dem o dos pequenos ,  
 Ou vos vesti nas armas rutilantes  
 Contra a lei dos inimigos Sarracenos :  
 Fareis os reinos grandes e possantes ,  
 E todos tereis mais , e nenhum menos ,  
 Possuireis riquezas merecidas ,  
 Com as honras, que illustrão tanto as vidas.

## XCV

E fareis claro o Rei, que tanto amais ,  
 Agora co'os conselhos bem cuidados ,  
 Agora co'as espadas , que immortais  
 Vos farão, como os vossos já passados :  
 Impossibilidades não façais ;  
 Que, quem quiz , sempre pôde : e numerados  
 Sereis entre os Heroes esclarecidos ,  
 E nesta ilha de Venus recebidos.

# OS LUSIADAS

---

CANTO X



# OS LUSIADAS



## CANTO DECIMO

---

### I

Mas já o claro amator da Larissea  
Adúltera inclinava os animaes  
Lá para o grande lago, que rodea  
Temistitão nos fins Occidentaes :  
O grande ardor do Sol Favonio enfrea  
Co'o sôpro, que nos tanques naturaes  
Encrespa a agua serena, e despertava  
Oslirios e jasmins, que a calma agrava.

### II

Quando as formosas nymphas, co'os amantes  
Pela mão já conformes e contentes,  
Subiãõ para os paços radiantes,  
E de metaes ornados reluzentes,  
Mandados da Rainha, que abundantes  
Mesas d'altos manjares excellentes  
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza  
Restaurem da cansada natureza

## III

Ali em cadeiras ricas, crystallinas  
 Se assentão dous e dous, amante, e dama:  
 N'outras á cabeceira, d'ouro finas,  
 Está co'a bella deosa o claro Gama.  
 De iguarias suaves e divinas,  
 A quem não chega a Egypcia antiga fama,  
 Se accumulão os pratos de fulvo ouro,  
 Trazidos lá do Atlantico thesouro.

## IV

Os vinhos odoriferos, que acima  
 Estão, não só do Italico Falerno,  
 Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima,  
 Com todo o ajuntamento sempiterno,  
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,  
 Crespas escumas erguem, que no interno  
 Coração movem subita alegria,  
 Saltando co'a mistura d'agua fria.

## V

Mil praticas alegres se tocavão,  
 Risos doces, subtis, e argútos ditos,  
 Que entre um, e outro manjar se alevantavão,  
 Despertando os alegres appetitos:  
 Musicos instrumentos não faltavão,  
 Quaes no profundo reino os nus espiritos  
 Fizerão descansar da eterna pena,  
 C'uma voz d'uma angelica Sirena.



## VI

Cantava a bella nympha, e co'os accentos ,  
Que pelos altos paços vão soando ,  
Em consonancia igual os instrumentos  
Suaves vem a um tempo conformando :  
Um subito silencio enfrea os ventos,  
E faz ir docemente murmurando  
As aguas e nas casas naturaes  
Adormecer os brutos animaes.

## VII

Com doce voz está subindo ao ceu  
Altos barões, que estão por vir ao mundo ,  
Cujas claras ideas vio Proteu  
N'um globo vão, diáphano, rotundo ;  
Que Jupiter em dom lho concedeu  
Em sonhos, e depois no reino fundo  
Vaticinando o disse, e na memoria  
Recolheu logo a nympha a clara historia.

## VIII

Materia é de cothurno, e não de socco ,  
A, que a nympha aprendeu no immenso lago ,  
Qual Iopas não soube, ou Demodoco ,  
Entre os Pheaces um , outro em Carthago.  
Aqui, minha Calliope, te invoco  
Neste trabalho extremo; porque em pago  
Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo,  
O gosto de escrever, que vou perdendo.

## IX

Vão os annos descendo , e já do estio  
Ha pouco que passar até o outono :  
A fortuna me faz o engenho frio ,  
Do qual já não me jacto, nem me abono :  
Os desgostos me vão levando ao rio  
Do negro esquecimento, e eterno sono :  
Mas, tu me dá, que cumpra ó grão Rainha  
Das musas, co'o que quero á nação minha !

## X

Cantava a bella deosa, que virião  
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,  
Armadas, que as ribeiras vencerião ,  
Por onde o Oceano Indico suspira :  
E que os gentios Reis, que não darião  
A cerviz sua ao jugo , o ferro e ira  
Provarião do braço duro e forte ,  
Até render-se a elle, ou logo á morte :

## XI

Cantava d'um, que tem nos Malabares  
Do summo sacerdocio a dignidade ,  
Que, só por não quebrar co'os singulares  
Barões os nós, que dera, d'amizade,  
Soffrerá suas cidades, e lugares,  
Com ferro, incendios, ira, e crueldade ,  
Vêr destruir do Samorim potente ,  
Que taes odios terá co'a nova gente.

## XII

E canta, como lá se embarcaria  
Em Belem o remedio deste dano,  
Sem saber o que em si ao mar traria,  
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:  
O peso sentiráõ, quando entraria,  
O curvo lenho, e o férvido Oceano,  
Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,  
Contra sua natureza se metterem.

## XIII

Mas já chegado aos fins Orientaes,  
E deixado em ajuda do gentio  
Rei de Cochim com poucos naturaes  
Nos braços do salgado e curvo rio,  
Desbaratará os Naires infernaes  
No passo Cambalão, tornando frio  
De espanto o ardor immenso do Oriente,  
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

## XIV

Chamará o Samorim mais gente nova:  
Virão Reis de Bipur, e de Tanor,  
Das serras de Narsinga, que alta prova  
Estarão promettendo a seu senhor:  
Fará, que todo o Naire emfim se mova,  
Que entre Calecut jaz, e Cananor,  
D'ambas as leis imigas, para a guerra,  
Mouros por mar, Gentios pela terra.

## XV

E todos outra vêz desbaratando  
Por terra e mar o grão Pacheco ousado ,  
A grande multidão , que irá matando ,  
A todo o Malabar terá admirado :  
Commetterá outra vêz , não dilatando ,  
O Gentio os combates apressado ,  
Injuriando os seus , fazendo votos  
Em vão aos deoses vãos , surdos , e immotos.

## XVI

Já não defenderá somente os passos ,  
Mas queimar-lhe-ha lugares , templos , casas :  
Acceso de ira o cão , não vendo lassos  
Aquelles , que as cidades fazem rasas ,  
Fará , que os seus , de vida pouco escassos ,  
Commettão o Pacheco , que tem asas ,  
Por dous passos n'um tempo : mas voando  
D'um n'outro , tudo irá desbaratando.

## XVII

Virá ali o Samorim ; por que em pessoa  
Veja a batalha , e os seus esforce , e anime :  
Mas um tiro , que com zunido voa ,  
De sangue o tingirá no andor sublime.  
Já não verá remedio , ou manha boa ,  
Nem força , que o Pacheco muito estime :  
Inventará traições , e vãos venenos ;  
Mas sempre (o Ceo querendo ) fará menos.

## XVIII

Que tornará a vêz septima, cantava,  
Pelejar com o invicto e forte Luso,  
A quem nenhum trabalho peza, e agrava;  
Mas comtudo este só o fará confuso:  
Trará para a batalha horrenda e brava  
Machinas de madeiros fóra de uso,  
Para lhe abalroar as caravellas;  
Que atelli vão lhe fôra commette-las.

## XIX

Pela agua levará serras de fogo,  
Para abrasar-lhe quanta armada tenha:  
Mas a militar arte, e engenho, logo  
Fará ser vãa a braveza, com que venha.  
Nenhum claro barão no marcio jogo,  
Que nas azas da fama se sustenha,  
Chega a este, que a palma a todos toma,  
E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma;

## XX

Porque tantas batalhas, sustentadas  
Com muito pouco mais de cem soldados,  
Com tantas manhas, e artes inventadas,  
Tantos cães não imbelles profigados,  
Ou parecerão fabulas sonhadas,  
Ou que os celestes córos invocados  
Descerão a ajuda-lo, e lhe darão  
Esforço, força, ardil, e coração.

## XXI

Aquelle , que nos campos Marathonios  
O grão poder de Dário estrue , e rende ,  
Ou quem com quatro mil Lacedemonios  
O passo de Thermopylas defende ,  
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios ,  
Que com todo o poder Tusco contende  
Em defesa da ponte , ou Quinto Fabio ;  
Foi como este na guerra forte e sabio.

## XXII

Mas neste passo a nympha o som canoro  
Abaixando , fez ronco , e entristecido ,  
Cantando em baixa voz , envolta em chôro ,  
O grande esforço mal agradecido.  
O' Belizario , disse , que no coro  
Das musas serás sempre engrandecido.  
Se em ti viste abatido o bravo Marte ,  
Aqui tens com quem podes consolar-te !

## XXIII

Aqui tens companheiro , assi nos feitos ,  
Como no galardão injusto e duro :  
Em ti , e nelle veremos altos peitos  
A baixo estado vir , humilde e escuro :  
Morrer nos hospitaes em pobres leitos  
Os , que ao Rei , e á lei servem de muro !  
Isto fazem os Reis , cuja vontade  
Manda mais , que a justiça , e que a verdade :

## XXIV

Isto fazem os Reis, quando embebidos  
N'uma apparencia branda, que os contenta,  
Dão os premios, de Aiace merecidos,  
A' lingua vãa de Ulysses fraudulenta:  
Mas vingo-me; que os bens mal repartidos,  
Por quem só doces sombras apresenta,  
Se não os dão a sabios cavalleiros,  
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

## XXV

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado  
Um tal vassallo, ó Rei, só nisto inico,  
Se não és para dar-lhe honroso estado,  
E' elle para dar-te um reino rico:  
Emquanto fôr o mundo rodeado  
Dos Apollineos raios, eu te fico,  
Que elle seja entre a gente illustre e claro,  
E tu nisto culpado por avaro.

## XXVI

Mas eis outro, cantava, intitulado  
Vem com nome Real, e traz comsigo  
O filho, que no mar será illustrado  
Tanto, como qualquer Romano antigo:  
Ambos darão com braço forte, armado  
A Quíloa fertil aspero castigo,  
Fazendo nella Rei leal e humano,  
Deitado fóra o perfido Tyranno.

## XXVII

Tambem farão Mombaça , que se arrea  
De casas sumptuosas e edificios ,  
Co'o ferro e fogo seu queimada e fea ,  
Em pago dos passados maleficios.  
Despois na costa da India , andando chea  
De lenhos inimigos , e artificios  
Contra os Lusos , com velas e com remos  
O mancebo Lourenço fará extremos.

## XXVIII

Das grandes náos do Samorim potente ,  
Que encherão todo o mar , co'a ferrea pella ,  
Que sahe com trovão do cobre ardente ,  
Fará pedaços leme , mastro , vela :  
Despois , lançando arpéos ousadamente  
Na capitaina imiga , dentro nella  
Saltando , a fará só com lança e espada  
De quatro centos Mouros despejada.

## XXIX

Mas de Deos a escondida providencia ;  
Que ella só sabe o bem , de que se serve ,  
O porá , onde esforço , nem prudencia ,  
Poderá haver , que a vida lhe reserve :  
Em Chaul , onde em sangue , e resistencia  
O mar todo com fogo e ferro ferve ,  
Lhe farão , que com vida se não saia ,  
As armadas do Egypto , e de Cambaia.



## XXX

Ali o poder de muitos inimigos,  
 Que o grande esforço só com força rende,  
 Os ventos, que faltarão, e os perigos  
 Do mar, que sobejarão, tudo o offende.  
 Aqui resurjão todos os antigos,  
 A vêr o nobre ardor, que aqui se aprende:  
 Outro Sceva verão, que espedaçado  
 Não sabe ser rendido, nem domado.

## XXXI

Com toda ùa coxa fóra, que em pedaços  
 Lhe leva um cego tiro, que passára,  
 Se serve inda dos animosos braços,  
 E do grão coração, que lhe ficára:  
 Até que outro pelouro quebra os laços,  
 Com que co'a alma o corpo se liára:  
 Ella sôlta voou da prisão fóra,  
 Onde subito se acha vencedora.

## XXXII

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,  
 Na qual tu mereceste paz serena!  
 Que o corpo, que em pedaços se apresenta,  
 Quem o gerou, vingança já lhe ordena;  
 Que eu ouço retumbar a grão tormenta,  
 Que vem já dar a dura e eterna pena,  
 De esperas, basiliscos, e trabucos,  
 A Cambaicos crueis, e a Mamelucos.

## XXXIII

Eis vem o pai com animo estupendo,  
Trazendo furia, e magoa por antolhos,  
Com que o paterno amor lhe está movendo  
Fogo no coração, agua nos olhos:  
A nobre ira lhe vinha promettendo,  
Que o sangue fará dar pelos giolhos  
Nas inimigas náos: senti-lo-ha o Nilo,  
Pode-lo-ha o Indo vêr, e o Gange ouvi-lo.

## XXXIV

Qual o touro cioso, que se ensaia  
Para a crua peleja, os cornos tenta  
No tronco d'um carvalho, ou alta faia,  
E o ar ferindo, as forças exprimenta:  
Tal, antes que no seio de Cambaia  
Entre Francisco irado, na opulenta  
Cidade de Dabul a espada afia,  
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

## XXXV

E logo, entrando fero na enseada  
De Dio, illustre em cercos e batalhas,  
Fará espalhar a fraca e grande armada  
De Calecut, que remos tem por malhas:  
A' de Melique Yaz acautelada,  
Co'os pelouros, que tu, Vulcano, espalhas,  
Fará ir vêr o frio e fundo assento,  
Secreto leito do humido elemento.

## XXXVI

Mas a de Mir-Hocêm, que, abalroando,  
A furia esperará dos vingadores,  
Verá braços, e pernas ir nadando,  
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores:  
Raios de fogo irão representando  
No cego ardor os bravos domadores:  
Quanto ali sentirão olhos, e ouvidos,  
E' fumo, ferro, flammas, e alaridos.

## XXXVII

Mas ah, que desta prospera victoria,  
Com que depois virá ao patrio Tejo,  
Quasi lhe roubará a famosa gloria  
Um successo, que triste, e negro vejo!  
O cabo Tormentorio, que a memoria  
Co'os ossos guardará, não terá pejo  
De tirar deste mundo aquelle espirito,  
Que não tirarão toda a India, e Egyto.

## XXXVIII

Ali Cafres selvagens poderão  
O, que destros imigos não pudérão,  
E rudos páos tostados sós farão  
O, que arcos, e pelouros não fizerão.  
Occultos os juizos de Deos são!  
As gentes vãs, que não os entendêrão,  
Chamão-lhe fado máo, fortuna escura,  
Sendo só providencia de Deos pura.

## XXXIX

Mas oh que luz tamanha , que abrir sinto ,  
 Dizia a nympha , e a voz alevantava ,  
 Lá no mar de Melinde em sangue tinto  
 Das cidades de Lamo , de Oja , e Brava  
 Pelo Cunha tambem ; que nunca extinto  
 Será seu nome em todo o mar , que lava  
 As ilhas do Austro , e praias , que se chamão  
 De São-Lourenço , e em todo o Sul se afamão !

## XL

Esta luz é de fogo , e das luzentes  
 Armas , com que Albuquerque irá amansando  
 De Ormuz os Párseos , por seu mal valentes ,  
 Que refusão o jugo honroso , e brando :  
 Ali verão as settas estridentes  
 Reciprocarse , a ponta no ar virando  
 Contra quem as tirou ; que Deos peleja  
 Por quem estende a fé da madre Igreja.

## XLI

Ali de sal os montes não defendem  
 De corrupção os corpos , no combate ,  
 Que , mortos , pela praia e mar se estendem  
 De Gerum , de Mascate , e Calayate :  
 Até que á força só de braço aprendem  
 A abaixar a cerviz , onde se lhe ate  
 Obrigação de dar o reino inico  
 Das perlas de Barem tributo rico.

## XLII

Que gloriosas palmas tecer vejo,  
Com que victoria a fronte lhe coroa,  
Quando sem sombra vãa de medo, ou pejo,  
Toma a ilha illustrissima de Goa!  
Depois, obedecendo ao duro ensejo,  
A deixa, e occasião espera boa,  
Com que a torne a tomar; que esforço, e arte,  
Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

## XLIII

Eis já sobre ella torna, e vai rompendo  
Por muros, fogo, lanças, e pelouros,  
Abrindo com a espada o espesso, e horrendo  
Esquadrão de Gentios, e de Mouros:  
Irão soldados ínclytos fazendo  
Mais, que leões famélicos, e touros,  
Na luz, que sempre celebrada, e dina  
Será da EGYPCIA Sancta Catharina.

## XLIV

Nem tu menos fugir poderás deste,  
Postoque rica, e postoque assentada  
Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,  
Opulenta Malaca nomeada!  
As settas venenosas, que fizeste,  
Os crises, com que já te vejo armada,  
Malaios namorados, Jáos valentes,  
Todos farás ao Luso obedientes.

## XLV

Mais estanças cantára esta Sirena  
Em louvor do illustrissimo Albuquerque ,  
Mas alembrou-lhe uma ira , que o condena ,  
Postoque a fama sua o mundo cerque.  
O grande capitão , que o fado ordena  
Que com trabalhos gloria eterna merque ,  
Mais ha de ser um brando companheiro  
Para os seus , que juiz cruel , e inteiro.

## XLVI

Mas em tempo , que fomes , e asperezas ,  
Doenças , frechas , e trovões ardentes ,  
A sação , e o lugar fazem cruezas  
Nos soldados a tudo obedientes ,  
Parece de selvaticas brutezas ,  
De peitos inhumanos , e insolentes ,  
Dar extremo supplicio pela culpa ,  
Que a fraca humanidade , e Amor desculpa.

## XLVII

Não será a culpa abominoso incesto ,  
Nem violento estupro em virgem pura ,  
Nem menos adulterio deshonesto :  
Mas c'uma escrava vil , lasciva , e escura :  
Se o peito , ou de ocioso , de modesto ,  
Ou de usado á crueza fera e dura ,  
Co'os seus uma ira insana não refrea ,  
Põe na fama alva nota negra e fea.

## XLVIII

Vio Alexandre Apelles namorado  
Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente,  
Não sendo seu soldado experimentado,  
Nem vendo-se n'um cerco duro e urgente.  
Sentio Cyro, que andava já abrazado  
Araspas de Panthêa em fogo ardente,  
Que elle tomára em guarda, e promettia,  
Que nenhum mão desejo o venceria.

## XLIX

Mas vendo o illustre Persa, que vencido  
Fôra de amor; que emfim não tem defensa,  
Levemente o perdoa, e foi servido  
Delle n'um caso grande em recompensa.  
Por força de Juditha foi marido  
O ferreo Baldovino; mas dispensa  
Carlos, pai della, posto em cousas grandes,  
Que viva, e povoador seja de Frandes.

## L

Mas proseguindo a nympha o longo canto,  
De Soares cantava, que as bandeiras  
Faria tremolar, e pôr espanto  
Pelas rôxas Arabicas ribeiras:  
Medina abominabil teme tanto,  
Quanto Meca, e Gidá, co'as derradeiras  
Praias de Abassia: Barborá se teme  
Do mal, de que o emporio Zeila geme:

## LI

A nobre ilha tambem de Taprobana,  
Já pelo nome antigo tão famosa,  
Quanto agora soberba e soberana  
Pela cortiça calida, e cheirosa,  
Della dará tributo á Lusitana  
Bandeira, quando excelsa, e gloriosa,  
Vencendo, se erguerá na torre erguida  
Em Columbo, dos proprios tão temida.

## LII

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas  
Dividindo, abrirá novo caminho  
Para ti, grande imperio, que te arreas  
De seres de Candace e Sabá ninho:  
Maçuá, com cisternas de agua cheas,  
Verá, e o porto Arquico ali visinho,  
E fará descobrir remotas ilhas,  
Que dão ao mundo novas maravilhas.

## LIII

Virá depois Menezes, cujo ferro  
Mais na Africa, que cá terá provado:  
Castigará de Ormuz soberba o erro,  
Com lhe fazer tributo dar dobrado.  
Tambem tu, Gama, em pago do desterro,  
Em que estás, e serás inda tornado,  
Co'os titulos de Conde, e d'honras nobres  
Virás mandar a terra, que descobres:



## LIV

Mas aquella fatal necessidade,  
De quem ninguem se exime dos humanos,  
Illustrado co'a Regia dignidade,  
Te tirará do mundo, e seus enganos.  
Outro Menezes logo, cuja idade  
E' maior na prudencia, que nos annos,  
Governará, e fará o ditoso Henrique,  
Que perpetua memoria delle fique:

## LV

Não vencerá sómente os Malabares,  
Destruindo Panane, com Coulete,  
Committendo as bombardas, que nos ares  
Se vingão só do peito, que as commette:  
Mas com virtudes certo singulares,  
Vence os inimigos d'alma todos sete:  
De cubiça triumphá, e incontinencia,  
Que em tal idade é summa de excellencia.

## LVI

Mas depois que as estrellas o chamarem,  
Succederás, ó forte Mascarenhas,  
E, se injustos o mando te tomarem,  
Prometto-te, que fama eterna tenhas!  
Para teus inimigos confessarem  
Teu valôr alto, o fado quer, que venhas  
A mandar mais de palmas coroado,  
Que de fortuna justa acompanhado:

## LVII

No reino de Bintão, que tantos danos  
Terá a Malaca muito tempo feitos,  
N'um só dia as injurias de mil annos  
Vingarás co' o valor de illustres peitos:  
Trabalhos e perigos inhumanos,  
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,  
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,  
Tudo fico, que rompas, e submettas:

## LVIII

Mas na India cubiça e ambição,  
Que claramente poem aberto o rosto  
Contra Deos e justiça, te farão  
Vituperio nenhum, mas só desgosto:  
Quem faz injuria vil, e semrazão  
Com forças e poder, em que está posto,  
Não vence; que a victoria verdadeira  
E' saber ter justiça nua e inteira.

## LIX

Mas comtudo não nego, que Sampaio  
Será no esforço illustre e assinalado,  
Mostrando-se no mar um fero raio,  
Que de inimigos mil verá coalhado:  
Em Bacanôr fará cruel ensaio  
No Malabar; para que amedrontado  
Depois a ser vencido delle venha  
Cutiale, com quanta armada tenha:

## LX

E não menos de Dio a fera frota,  
Que Chaul temerá, de grande e ousada,  
Fará co'a vista só perdida e rota  
Por Heitor da Sylveira, e destroçada:  
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,  
Que na costa Cambaica sempre armada  
Será aos Guzarates tanto dano,  
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

## LXI

A Sampaio feroz succederá  
Cunha, que longo tempo tem o leme:  
De Chale as terras altas erguerá,  
Emquanto Dio illustre delle treme:  
O forte Baçaim se lhe dará,  
Não sem sangue porém; que nelle geme  
Melique, porque á força só de espada  
A tranqueira soberba vê tomada.

## LXII

Tras este vem Noronha cujo auspicio  
De Dio os Rumes féros afugenta,  
Dio, que o peito e bellico exercicio  
De Antonio da Sylveira bem sustenta:  
Fará em Noronha a morte o usado officio,  
Quando um teu ramo, ó Gama, se exprimenta  
No governo do imperio, cujo zelo  
Com medo o roxo mar fará amarello.

## LXIII

Das mãos do teu Estevão vem tomar  
As redeas um, que já será illustrado  
No Brasil, com vencer e castigar  
O pirata Francez, ao mar usado:  
Depois Capitão mór do Indico mar,  
O muro de Damão soberbo, e armado  
Escala, e primeiro entra a porta aberta,  
Que fogo e frechas mil terão coberta.

## LXIV

A este o Rei Cambaico soberbissimo  
Fortaleza dará na rica Dio;  
Porque contra o Mogôr poderosissimo  
Lhe ajude a defender o senhorio:  
Depois irá com o peito esforçadissimo  
A tolher, que não passe o Rei gentio  
De Calecut, que assi com quantos veio  
O fará retirar de sangue cheio:

## LXV

Destruirá a cidade Repelim,  
Pondo o seu Rei com muitos em fugida:  
E depois junto ao cabo Comorim  
Uma façanha faz esclarecida,  
A frota principal do Samorim,  
Que destruir o mundo não duvida,  
Vencerá co'o furor do ferro e fogo,  
Em si verá Beadála o marcio jogo:

## LXVI

Tendo assi limpa a India dos imigos,  
Virá despois com sceptro a governa-la,  
Sem que ache resistencia, nem perigos;  
Que todos tremem d'elle, e nenhum falla:  
Só quiz provar os asperos castigos  
Baticalá, que vira já Beadála:  
De sangue e corpos mortos ficou chea,  
E de fogo e trovões desfeita, e fea.

## LXVII

Este será Martinho, que de Marte  
O nome tem co'as obras derivado:  
Tanto em armas illustre em toda a parte,  
Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.  
Succeder-lhe-ha ali Castro, que o estandarte  
Portuguez terá sempre levantado,  
Conforme successor ao succedido;  
Que um ergue Dio, outro o defende erguido:

## LXVIII

Persas feroces, Abassís, e Rumes,  
Que trazido de Roma o nome tem,  
Varios de gestos, varios de costumes;  
Que mil nações ao cerco feras vem,  
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes,  
Porque uns poucos a terra lhe detem:  
Em sangue Portuguez jurão descridos  
De banhar os bigodes retorcidos:

## LXIX

Basiliscos medonhos, e leões,  
 Trabucos feros, minas encobertas  
 Sustenta Mascarenhas co'os barões,  
 Que tão ledos as mortes tem por certas:  
 Até que nas maiores oppressões  
 Castro libertador, fazendo offertas  
 Das vidas de seus filhos, quer, que fiquem  
 Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem:

## LXX

Fernando um delles, ramo da alta planta,  
 Onde o violento fogo com ruido  
 Em pedaços os muros no ar levanta,  
 Será ali arrebatado, e ao Céu subido:  
 Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,  
 E tem o caminho humido impedido,  
 Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,  
 Os ventos, e depois os inimigos:

## LXXI

Eis vem depois o pai, que as ondas corta  
 Co'o restante da gente Lusitana,  
 E com força, e saber, que mais importa,  
 Batalha dá felice, e soberana:  
 Uns, paredes subindo, escusão porta,  
 Outros a abrem na fera esquadra insana:  
 Feitos farão tão dignos de memoria,  
 Que não caibão em verso, ou larga historia:

## LXXII

Este depois em campo se apresenta ,  
Vencedor forte e intrepido, ao possante  
Rei de Cambaia , e a vista lhe amedrenta  
Da fera multidão quadrupedante :  
Não menos suas terras mal sustenta  
O Hydalcham do braço triumphante ,  
Que castigando vai Dabul na costa :  
Nem lhe escapou Pondà , no sertão posta.

## LXXIII

Estes e outros Barões por varias partes  
Dignos todos de fama e maravilha ,  
Fazendo-se na terra bravos Martes ,  
Virão lograr os gostos desta ilha ,  
Varrendo triumphantes estandartes ,  
Pelas ondas, que corta a aguda quilha :  
E acharão estas nymphas , e estas mesas ,  
Que glorias e honras são de arduas empresas.

## LXXIV

Assi cantava a nympha , e as outras todas  
Com sonoro applauso vozes davão ,  
Com que festejão as alegres vodas ,  
Que com tanto prazer se celebravão.  
« Por mais que da fortuna andem as rodas , »  
N'uma cônsona voz todas soavão ,  
« Não vos hão de faltar , gente famosa ,  
« Honra , valor , e fama gloriosa ! »

## LXXXV

Depois que a corporal necessidade  
Se satisfez do mantimento nobre,  
E na harmónica e doce suavidade  
Virão os altos feitos, que descobre:  
Tethys, de graça ornada, e gravidade;  
Para que com mais alta gloria dobre  
As festas deste alegre e claro dia,  
Para o felice Gama assi dizia:

## LXXXVI

Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia  
Suprema, de co'os olhos corporais  
Veres o, que não póde a vão sciencia  
Dos errados, e miseros mortais!  
Sigue-me firme e forte, com prudencia,  
Por este monte espesso, tu, co'os mais.  
Assi lhe diz: e o guia por um mato  
Arduo, difficil, duro a humano trato.

## LXXXVII

Não andão muito, que no erguido cume  
Se achárão, onde um campo se esmaltava  
De esmeraldas, rubis taes, que presume  
A vista, que divino chão pisava:  
Aqui um globo vêm no ar; que o lume  
Clarissimo por elle penetrava  
De modo, que o seu centro está evidente,  
Como a sua superficie claramente.



## LXXVIII

Qual a materia seja, não se enxerga,  
 Mas enxerga-se bem, que está composto  
 De varios orbes, que a divina verga  
 Compôz, e um centro a todos só tem posto:  
 Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,  
 Nunca s'ergue, ou se abaixa, e um mesmo rosto  
 Por toda a parte tem, e em toda a parte  
 Começa, e acaba emfim por divina arte:

## LXXIX

Uniforme, perfeito, em si sostido,  
 Qual emfim o Archetipo, que o creou.  
 Vendo o Gama este globo, commovido  
 De espanto e de desejo ali ficou.  
 Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido  
 Em pequeno volume aqui te dou  
 Do mundo aos olhos teus; para que vejas,  
 Por onde vás, e irás, e o que desejas.

## LXXX

Vês aqui a grande machina do mundo,  
 Ethérea, e elemental, que fabricada  
 Assi foi do saber alto, e profundo,  
 Que é sem principio, e meta limitada.  
 Quem cêrca em derredor este rotundo  
 Globo, e sua superficie tão limada,  
 E' Deos: mas o que é Deos, ninguem o entende  
 Que a tanto o engenho humano não se estende.

## LXXXI

Este orbe , que primeiro vai cercando  
 Os outros mais pequenos, que em si tem,  
 Que está com luz tão clara radiando,  
 Que a vista cega, e a mente vil tambem,  
 Empyreo se nomêa , onde logrando  
 Puras almas estão de aquelle bem  
 Tamanho, que elle só se entende e alcança,  
 De quem não ha no mundo semelhança.

## LXXXII

Aqui só verdadeiros gloriosos  
 Divos estão, porque eu, Saturno, e Jano,  
 Jupiter, Juno, fomos fabulosos,  
 Fingidos de mortal, e cego engano:  
 Só para fazer versos deleitosos  
 Servimos; e se mais o trato humano  
 Nos póde dar, é só, que o nome nosso  
 Nestas estrellas pôz o engenho vosso:

## LXXXIII

E tambem porque a sancta Providencia,  
 Que em Jupiter aqui se representa,  
 Por espiritos mil, que tem prudencia,  
 Governa o mundo todo, que sustenta.  
 Ensina-o a prophetica sciencia  
 Em muitos dos exemplos, que apresenta:  
 Os, que são bons, guiando favorecem,  
 Os máos, emquanto podem, nos empecem.

## LXXXIV

Quer logo aqui a pintura, que varia,  
Agora deleitando, ora ensinando,  
Dar-lhe nomes, que a antigua poesia  
A seus deoses já dera, fabulando:  
Que os Anjos de celeste companhia  
Deoses o sacro verso está chamando;  
Nem nega, que esse nome preeminente  
Tambem aos máos se dá, más falsamente:

## LXXXV

Emfim que o summo Deos, que por segundas  
Causas obra no mundo, tudo manda.  
E tornando a contar-te das profundas  
Obras da mão divina veneranda,  
Debaixo deste circulo, onde as mundas  
Almas divinas gozão, que não anda,  
Outro corre tão leve, e tão ligeiro,  
Que não se enxérga: é o Móbile primeiro:

## LXXXVI

Com este rapto e grande movimento  
Vão todos os, que dentro tem no seio:  
Por obra deste o Sol, andando a tento,  
O dia e noite faz com curso alheio.  
Debaixo deste leve anda outro lento,  
Tão lento, e subjogado a duro freio,  
Que, emquanto Phebo, de luz nunca escasso,  
Duzentos cursos faz, dá elle um passo.

## LXXXVII

Olha est'outro debaixo, que esmaltado  
 De corpos lisos anda, e radiantes,  
 Que tambem nelle tem curso ordenado,  
 E nos seus axes correm scintillantes:  
 Bem vês como se veste, e faz ornado  
 Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes  
 Animaes dôze traz affigurados,  
 Aposentos de Phebo limitados.

## LXXXVIII

Olha por outras partes a pintura,  
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo:  
 Olha a Carrêta, attenta a Cynosura,  
 Andromeda, e seu pai, e o Drago horrendo:  
 Vê de Cassiopêa a formosura,  
 E do Oriente o gosto metuendo,  
 Olha o Cysne morrendo, que suspira,  
 A Lebre e os Cães, a Náo e a dôce Lyra.

## LXXXIX

Debaixo deste grande firmamento  
 Vês o céo de Saturno, deos antigo,  
 Jupiter logo faz o movimento,  
 E Marte abaixo, bellico inimigo,  
 O claro olho do ceo no quarto assento,  
 E Venus, que os amores traz consigo,  
 Mercurio de eloquencia soberana,  
 Com tres rostos debaixo vai Diana.

## XC

Em todos estes orbes differente  
Curso verás, n'uns grave, e n'outros leve:  
Ora fogem do centro longamente,  
Ora da terra estão caminho breve;  
Bem como quiz o Padre Omnipotente,  
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve,  
Os quaes verás, que jazem mais a dentro,  
E têm co'o mar a terra por seu centro.

## XCI

Neste centro, pousada dos humanos,  
Que não sómente ousados se contentão  
De soffrerem da terra firme os danos,  
Mas inda o mar instabil exprimentão;  
Verás as varias partes, que os insanos  
Mares dividem, onde se aposentão  
Varias nações, que mandão varios Reis,  
Varios costumes seus, e varias leis.

## XCII

Vês Europa christãa, mais alta e clara,  
Que as outras em policia e fortaleza,  
Vês Africa, dos bens do mundo avara,  
Inculca, e toda chea de bruteza,  
Co'o cabo, que atéqui se vos negara,  
Que assentou para o Austro a natureza:  
Olha essa terra toda, que se habita  
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

## XCIII

Vê do Benomotápa o grande imperio,  
 De selvatica gente, negra e-nua,  
 Onde Gonçalo morte e vituperio  
 Padecerá pela Fé sancta sua:  
 Nasce por este incognito hemispherio  
 O metal, por que mais a gente sua:  
 Vê que do lago, donde se derrama  
 O Nilo, tambem vindo está Cuama:

## XCIV

Olha as casas dos negros, como estão  
 Sem portas, confiados em seus ninhos,  
 Na justiça Real, e defensão,  
 E na fidelidade dos visinços:  
 Olha, delles a bruta multidão,  
 Qual bando espesso e negro de estorninhos,  
 Combaterá em Sofala a fortaleza,  
 Que defenderá Nhaia com destreza:

## XCV

Olha lá as alagoas, donde o Nilo  
 Nasce, que não souberão os antigos:  
 Ve-lo rega, gerando o crocodilo,  
 Os povos Abassís, de Christo amigos:  
 Olha como sem muros (novo estilo)  
 Se defendem melhor dos inimigos:  
 Vê Méroe, que ilha foi de antiqua fama,  
 Que ora dos naturaes Nobá se chama:

## XCVI

Nesta remota terra, um filho teu  
Nas armas contra os Turcos será claro,  
Ha de ser Dom Christovão o nome seu,  
Mas contra o fim fatal não ha reparo:  
Vê cá a costa do mar, onde te deu  
Melinde hospicio gasalhozo, e charo:  
O Rapto rio nota, que o romance  
Da terra chama Obí, entra em Quilmance.

## XCVII

O cabo vê já Arómata chamado,  
E agora Guardafú, dos moradores,  
Onde começa a boca do afamado  
Mar Roxo, que do fundo toma as côres:  
Este como limite está lançado,  
Que divide Asia de Africa; e as melhores  
Povoações, que a parte Africa tem,  
Maçua são, Arquico, e Suanquem.

## XCVIII

Vês o extremo Suéz, que antigamente,  
Dizem, que foi dos Héroas a cidade,  
Outros dizem que Arsínoe, e ao presente  
Tem das frotas do Egypto a potestade:  
Olha as aguas, nas quaes abrio patente  
Estrada o grão Moysés na antigua idade:  
Asia começa aqui, que se apresenta  
Em terras grande, em reinos opulenta.

## XCIX

Olha o monte Sinái, que se ennobrece  
 Co' o sepulchro de Sancta Catharina  
 Olha Toro, e Gidá, que lhe fallece  
 Agua das fontes doce, e crystallina:  
 Olha as portas do estreito, que fenece  
 No reino da sêcca Ádem, que confina  
 Com a serra d'Arzira, pedra viva,  
 Onde chuva dos ceos se não deriva.

## C

Olha as Arabias três, que tanta terra  
 Tomão, todas da gente vaga e baça,  
 Donde vem os cavallos para a guerra,  
 Ligeiros, e feroces, de alta raça.  
 Olha a costa, que corre até que cerra  
 Outro estreito de Persia, e faz a traça  
 O cabo, que co' o nome se appellida  
 Da cidade Fartáque alli sabida.

## CI

Olha Dofar insigne, porque manda  
 O mais cheiroso insenso para as aras:  
 Mas attenta, já cá de est'outra banda  
 De Roçalgate, e praias sempre avaras,  
 Começa o reino Ormuz, que todo se anda  
 Pelas ribeiras, que inda serão claras,  
 Quando as galés do Turco, e fera armada  
 Virem de Cástel-Branco núa a espada.



## CII

Olha o cabo Asabóro, que chamado  
Agora é Moçandão dos navegantes:  
Por aqui entra o lago, que é fechado  
De Arabia, e Persias terras abundantes.  
Attenta a ilha Barêm, que o fundo ornado  
Tem das suas perlas ricas, e imitantes  
Á côr da Aurora, e vê na agua salgada  
Ter o Tygris e Euphrates uma entrada.

## CIII

Olha da grande Persia o imperio nobre,  
Sempre posto no campo, e nos cavallos,  
Que se injuriá de usar fundido cobre,  
E de não ter das armas sempre os callos.  
Mas vê a ilha Gerúm, como descobre  
O, que fazem do tempo os intervallos;  
Que da cidade Armuza, que alli esteve,  
Ella o nome despois, e a gloria teve.

## C.V

Aqui de Dom Philippe de Menezes  
Se mostrará a virtude em armas clara,  
Quando com muito poucos Portuguezes  
Os muitos Párseos vencerá de Lara,  
Virão provar os golpes e revezes  
De Dom Pedro de Souza, que provara  
Já seu braço em Ampaza, que deixada  
Terá por terra á força só de espada.

## CV

Más deixemos o estreito, e o conhecido  
Cabo de Jasque, dito já Carpella,  
Com todo o seu terreno mal querido  
Da natura, e dos dões usados della :  
Carmânia teve já por appellido ;  
Mas vês o formoso Indo, que daquella  
Altura nasce , junto á qual tambem  
D'outra altura correndo o Gange vem.

## CVI

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,  
E de Jaquete a intima enseada,  
Do mar a enchente subita grandissima  
E a vasante, que foge apressurada.  
A terra de Cambaia vê riquissima,  
Onde do mar o seio faz entrada :  
Cidades outras mil, que vou passando,  
A vós outros aqui se estão guardando.

## CVII

Vês , corre a costa célebre Indiana  
Para o Sul até o cabo Comori,  
Já chamado Corí, que Taprobana  
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si :  
Por este mar a gente Lusitana ,  
Que com armas virá depois de ti,  
Terá victorias, terras, e cidades,  
Nas quaes hão de vir muitas idades.

## CVIII

As provincias, que entre um e o outro rio  
Vês com varias nações, são infinitas :  
Um reino Mahometa , outro Gentio ,  
A quem tem o Demonio leis escritas.  
Olha que de Narsinga o senhorio  
Tem as reliquias sanctas e bemditas  
Do corpo de Thomé , barão sagrado ,  
Que a Jesus Christo teve a mão no lado :

## CIX

Aqui a cidade foi, que se chamava  
Meliapôr, formosa, grande e rica :  
Os idolos antigos adorava ,  
Como inda agora faz a gente inica :  
Longe do mar naquelle tempo estava ,  
Quando a Fé , que no mundo se publica ,  
Thomé vinha prégando, e já passara  
Provincias mil do mundo, que ensihara.

## CX

Chegado aqui prégando, e junto dando  
A doentes saude, a mortos vida ,  
Acaso traz um dia o mar vagando  
Um lenho de grandeza desmedida :  
Deseja o Rei, que andava edificando,  
Fazer d'elle madeira, e não duvida  
Podêr tira-lo a terra com possantes  
Forças d'homens, de engenhos, de elephantes.

## CXI

Era tão grande o peso do madeiro,  
Que, só para abalar-se, nada abasta;  
Mas o nuncio de Christo verdadeiro  
Menos trabalho em tal negocio gasta:  
Ata o cordão, que traz, por derradeiro  
No tronco, e facilmente o leva, e arrasta  
Para onde faça um sumptuoso templo,  
Que ficasse aos futuros por exemplo.

## CXII

Sabía bem, que se com fé formada  
Mandar a um monte surdo, que se mova,  
Que obedecerá logo á voz sagrada;  
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova:  
A gente ficou disto alvoroçada,  
Os Brâhmenes o tem por cousa nova:  
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,  
Hão medo de perder autoridade.

## CXIII

São estes sacerdotes dos Gentios,  
Em quem mais penetrado tinha inveja,  
Buscão maneiras mil, buscão desvios,  
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja:  
O principal, que ao peito traz os fios,  
Um caso horrendo faz, que o mundo veja;  
Que inimiga não ha tão dura, e fera,  
Como a virtude falsa da sincera.

## CXIV

Um filho proprio mata, e logo accusa  
De homicidio Thomé, que era innocente:  
Dá falsas testemunhas, como se usa,  
Condemnárão-no á morte brevemente.  
O Sancto, que não vê melhor escusa,  
Que appellar para o Padre Omnipotente,  
Quer diante do Rei, e dos senhores,  
Que se faça um milagre dos maiores.

## CXV

O corpo morto manda ser trazido,  
Que resuscite, e seja perguntado  
Quem foi seu matador, e será crido  
Por testemunho o seu mais approvedo:  
Virão todos o môço vivo erguido  
Em nome de Jesu crucificado:  
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,  
E descobre seu pai ser homicida.

## CXVI

Este milagre fez tamanho espanto,  
Que o Rei se banha logo na agua santa,  
E muitos após elle: um beija o manto,  
Outro louvor do Deos de Thomé canta.  
Os Brâhmenes se encherão de odio tanto,  
Com seu veneno os morde inveja tanta,  
Que, persuadindo a isso o povo rudo,  
Determinão mata-lo em fim de tudo.

## CXVII

Um dia , que prégando ao povo estava ,  
Fingirão entre a gente um arruido :  
Já Christo neste tempo lhe ordenava ,  
Que , padecendo, fósse ao Ceo subido.  
A multidão das pedras , que voava ,  
No Sancto dá, já a tudo offerecido :  
Um dos máos , por fartar-se mais depressa,  
Com crua lança o peito lhe atravessa.

## CXVIII

Chorarão-te , Thomé , o Gange e o Indo,  
Chorou-te toda a terra , que pizaste ;  
Mais te chorão as almas , que vestindo  
Se ião da sancta Fé , que lhe ensinaste :  
Mas os Anjos do Ceo cantando, e rindo,  
Te recebem na gloria , que ganhaste.  
Pedimos-te , que a Deos ajuda peças,  
Com que os teus Lusitanos favoreças.

## CXIX

E vós outros , que os nomes usurpais  
De mandados de Deos , como Thomé ,  
Dizei , se sôis mandados , como estais ,  
Sem irdes a prégar a sancta Fé ?  
Olhai que , se sôis sal , e vos damnais  
Na patria , onde propheta ninguem é ;  
Com que se salgarão em nossos dias  
(Infieis deixo) tantas heresias ?

## CXX

Mas passo esta materia perigosa ,  
E tornemos á costa debuxada ,  
Já com esta cidade tão famosa ,  
Se faz curva a Gangetica enseada :  
Corre Narsinga rica e poderosa ,  
Corre Orixá de roupas abastada ,  
No fundo da enseada o illustre rio  
Ganges vem ao salgado senhorio.

## CXXI

Ganges , no qual os seus habitadores  
Morrem banhados , tendo por certeza ,  
Que , inda que sejam grandes peccadores ,  
Esta agua sancta os lava , e dá pureza.  
Vê Cathigão, cidade das melhores  
De Bengala , provincia, que se preza  
De abundante ; mas olha que está posta  
Para o Austro daqui virada a costa.

## CXXII

Olha o reino Arracão, olha o assento  
De Pegú , que já monstros povoarão,  
Monstros filhos do fêo ajuntamento  
D'uma mulher e um cão, que sós se acharão :  
Aqui soante arame no instrumento  
Da geração costumão, o que usarão  
Por manha da Rainha , que , inventando  
Tal uso, deitou fóra o errôr nefando.

## CXXIII

Olha Tavai cidade, onde começa  
De Sião largo o imperio tão comprido:  
Tenassari, Quedá, que é só cabeça  
Das, que pimenta alli tem produzido.  
Mais avante fareis, que se conheça  
Malaca por emporio ennobrecido,  
Onde toda a provincia do mar grande  
Suas mercadorias ricas mande.

## CXXIV

Dizem, que desta terra, co'as possantes  
Ondas o mar entrando, dividio  
A nobre ilha Samátra, que já d'antes  
Juntas ambas a gente antigua vio:  
Chersoneso foi dita, e das prestantes  
Veas d'ouro, que a terra produzio,  
Aurea por epithéto lhe ajuntarão,  
Alguns que fosse Ophir imaginarão.

## CXXV

Mas na ponta da terra Cingapura  
Verás, onde o caminho ás náos se estreita;  
Daqui, tornando a costa á Cynosura,  
Se encurva, e para a Aurora se endireita:  
Vês Pam, Patâne, reinos, e a longura  
De Sião, que estes e outros mais sujeita:  
Olha o rio Menão, que se derrama  
Do grande lago, que Chiamai se chama.



## CXXVI

Vês neste grão terreno os diferentes  
Nomes de mil nações nunca sabidas :  
Os Láos em terra e numero potentes ,  
Avás, Bramás por serras tão compridas ,  
Vê nos remotos montes outras gentes ,  
Que Gueos se chamão, de selvagens vidas ,  
Humana carne comem, mas a sua  
Pintão com ferro ardente, usança crua.

## CXXVII

Vês , passa por Camboja Mecom rio.  
Que capitão das aguas se interpreta ,  
Tantas recebe d'outro só no estio,  
Que alaga os campos largos , e inquieta :  
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio :  
A gente delle crê , como indiscreta ,  
Que pena, e gloria tem depois de morte  
Os brutos animaes de toda a sorte.

## CXXVIII

Este receberá placido, e brando,  
No seu regaço o Canto, que molhado  
Vem do naufragio triste , e miserando,  
Dos procellosos baixos escapado,  
Das fomes, dos perigos grandes, quando  
Será o injusto mando executado  
Naquelle , cuja lyra sonora  
Será mais afamada , que ditosa.

## CXXIX

Vês, corre a costa, que Champá se chama,  
Cuja mata é do páo cheiroso ornada:  
Vês, Cauchichina está de escura fama,  
E de Ainão vê a incognita enseada:  
Aqui o soberbo imperio, que se afama  
Com terras, e riqueza não cuidada,  
Da China corre, e occupa o senhorio  
Desd'ó Trópico ardente ao Cinto frio.

## CXXX

Olha o muro, e edificio nunca crido,  
Que entre um imperio, e o outro se edifica,  
Certissimo signal, e conhecido,  
Da potencia Real, soberba, e rica:  
Estes, o Rei, que tem, não foi nascido  
Principe, nem dos pais aos filhos fica;  
Mas elegem aquelle, que é famoso  
Por cavalleiro sabio, e virtuoso.

## CXXXI

Inda outra muita terra se te esconde,  
Até que venha o tempo de mostrar-se.  
Mas não deixe no mar as ilhas, onde  
A natureza quiz mais afamar-se:  
Esta meia escondida, que responde  
De longe á China, donde vem buscar-se,  
É Japão, onde nasce a prata fina,  
Que illustrada será co'a Lei divina.

## CXXXII

Olha cá pelos mares do Oriente  
As infinitas ilhas espalhadas :  
Vê Tidóre, e Ternáte, co'o fervente  
Cume, que lança as flammas ondeadas ;  
As arvores verás do cravo ardente,  
Co'o sangue Portuguez inda compradas,  
Aqui ha as aureas aves, que não decem  
Nunca á terra, e só mortas apparecem.

## CXXXIII

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltão  
Da varia côr, que pinta o roxo fruto,  
As aves variadas, que alli saltão,  
Da verde noz tomando seu tributo :  
Olha tambem Bornêo, onde não faltão  
Lagrimas no licôr côalhado, e enxuto  
Das arvores, que câmphora é chamado,  
Com que da ilha o nome é celebrado.

## CXXXIV

Alli tambem 'Timôr, que o lenho manda  
Sândalo salutifero, e cheiroso :  
Olha a Sunda tão larga, que uma banda  
Esconde para o Sul difficultoso :  
A gente do sertão, que as terras anda,  
Um rio, diz, que tem miraculoso,  
Que, por onde elle só sem outro vae,  
Converte em pedra o páo, que nelle cae.

## CXXXV

Vê naquella, que o tempo tornou ilha,  
 Que tambem flammás tremulas vapora.  
 A fonte, que oleo mana, e a maravilha  
 Do cheiroso licôr, que o tronco chora,  
 Cheioso mais, que quanto estilla a filha  
 De Cinyras na Arabia, onde elle mora;  
 E vê que, tendo quanto as outras tem.  
 Branda sêda, e fino ouro dá tambem.

## CXXXVI

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta  
 Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana:  
 Os naturaes o tem por cousa santa;  
 Pela pedra, onde está a pégada humana.  
 Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,  
 No profundo das aguas soberana,  
 Cujo pômo contra o veneno urgente  
 E' tido por antidoto excellente.

## CXXXVII

Verás defronte estar o Roxo estreito  
 Socotorá, co'o amaro Áloe famosa:  
 Outras ilhas no mar tambem sujeito  
 A vós na costa de Africa arenosa,  
 Onde sahe do cheiro mais perfeito  
 A massa, ao mundo occulta, e preciosa:  
 De São-Lourenço vê a ilha afamada,  
 Que Madagascar é d'alguns chamada.

## CXXXVIII

Eis-aqui as novas partes do Oriente,  
Que vós outros agora ao mundo dais,  
Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
Que com tão forte peito navegais.  
Mas é também razão, que no Poente  
D'um Lusitano um feito inda vejais,  
Que, de seu Rei mostrando-se aggravado,  
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

## CXXXIX

Vêdes a grande terra, que continua  
Vai de Callisto ao seu contrario polo.  
Que soberba a fará a luzente mina  
Do metal, que a côr tem do louro Apollo:  
Castella, vossa amiga, será dina  
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:  
Varias provincias tem de varias gentes,  
Em ritos, e costumes diferentes.

## CXL

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis  
Parte também co'o páo vermelho nota,  
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis,  
Descobri-la-ha a primeira vossa frota:  
Ao longo desta costa, que tereis,  
Irá buscando a parte mas remota  
O Magalhaens, no feito com verdade  
Portuguez, porém não na lealdade.

## CXLI

Desque passar a via mais que mea,  
Que ao Antartico polo vai da Linha,  
D'uma estatura quasi gigantea  
Homens verá, da terra alli vizinha:  
E mais avante o Estreito, que se arrea  
Co'o nome delle agora, o qual caminha  
Para outro mar, e terra, que fica onde  
Com suas frias azas o Austro a esconde.

## CXLII

Atéqui, Portuguezes, concedido  
Vos é saberdes os futuros feitos,  
Que pelo mar, que já deixais sabido,  
Virão fazer barões de fortes peitos.  
Agora; pois que tendes aprêndido  
Trabalhos, que vos fação ser acceitos  
Ás eternas espôsas, e formosas,  
Que coroas vos tecem gloriosas:

## CXLIII

Podeis-vos embarcar, que tendes vento  
E mar tranquillo para a patria amada.  
Assi lhe disse: e logo movimento  
Fazem da ilha alegre e namorada:  
Levão refresco, e nobre mantimento,  
Levão a companhia desejada  
Das Nymphas, que hão de ter eternamente,  
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

## CXLIV

Assi forão cortando o mar sereno  
Com vento sempre manso, e nunca irado,  
Até que houverão vista do terreno,  
Em que nascêrão, sempre desejado.  
Entrárão pela foz do Tejo ameno,  
E á sua patria, e Rei temido e amado  
O premio e glória dão; porque mandou,  
E com titulos novos se illustrou.

## CXLV

No mais, Musa, no mais; que a lyra tenho  
Destemperada, e a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de vêr que venho  
Cantar a gente surda, e endurecida.  
O favor, com que mais se accende o engenho,  
Não no dá a Patria, não; que está mettida  
No gosto da cubiça, e na rudeza  
D'uma austera, apagada, e vil tristeza:

## CXLVI

E não sei, por que influxo de destino  
Não tem um ledo orgulho, e geral gosto,  
Que os animos levanta de continuo,  
A ter para trabalhos ledo o rosto.  
Por isso vós, ó Rei, que por divino  
Conselho estais no regio solio posto,  
Olhai que sôis (e vêde as outras gentes)  
Senhor só de vassallos excellentes!

## CXLVII

Olhai, que ledos vão por varias vias,  
 Quaes rompentes leões, e bravos touros,  
 Dando os corpos a fomes, e vigias,  
 A ferro, a fogo, a settas, e pelouros:  
 A quentes regiões, a plagas frias,  
 A golpes de Idolátras, e de Mouros,  
 A perigos incognitos do mundo,  
 A naufragios, a peixes, ao profundo:

## CXLVIII

Para vos servir a tudo aparelhados,  
 De vós tão longe sempre obedientes  
 A quaesquer vossos asperos mandados,  
 Sem dar resposta, promptos e contentes:  
 Só com saber que são de vós olhados,  
 Demonios infernaes, negros, e ardentes  
 Commettêrão comvosco, e não duvido,  
 Que vencedor vos fação, não vencido.

## CXLIX

Favorecei-os logo, e alegrai-os  
 Com a presença, e leda humanidade:  
 De rigorosas leis desalivai-os;  
 Que assi se abre o caminho á sanctidade:  
 Os mais experimentados levantai-os,  
 Se com a experiencia tem bondade  
 Para vosso conselho; pois que sabem  
 O como, o quando, e onde as cousas cabem.



## CL

Todos favorecei em seus officios,  
Segundo tem das vidas o talento:  
Tenhão Religiosos exercicios  
De rogarem por vosso regimento;  
Com jejuns, disciplina pelos vicios  
Communs, toda ambição terão por vento;  
Que o bom Religioso verdadeiro  
Gloria vãa não pretende, nem dinheiro.

## CLI

Os Cavalleiros tende em muita estima;  
Pois com seu sangue intrepido, e fervente  
Estendem não sómente a Lei de cima,  
Mas inda vosso imperio preeminente;  
Foi aquelles, que a tão remoto clima  
Vos vão servir com passo diligente,  
Dous inimigos vencem, uns os vivos,  
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

## CLII

Fazei, Senhor, que nunca os admirados  
Allemães, Gallos, Italos, e Inglezes,  
Possão dizer, que são para mandados  
Mais, que para mandar, os Portuguezes.  
Tomai conselhos só d'exprimentados,  
Que virão largos annos, largos mezes;  
Que, postoque em scientes muito cabe,  
Mais em particular o experto sabe.

## CLIII

De Phormião, philosopho elegante,  
Vereis como Annibal escarnecia,  
Quando das artes bellicas diante  
Delle com larga voz tratava, e lia.  
A disciplina militar prestante  
Não se aprende, Senhor, na phantasia,  
Sonhando, imaginando, ou estudando ;  
Senão vendo, tratando, e pelejando.

## CLIV

Mas eu, que fallo humilde, baixo e rudo,  
De vós não conhecido, nem sonhado?  
Da bocca dos pequenos sei com tudo,  
Que o louvor sahe ás vezes acabado :  
Nem me falta na vida honesto estudo,  
Com longa experiencia misturado,  
Nem engenho, que aqui vereis presente,  
Cousas, que juntas se achão raramente.

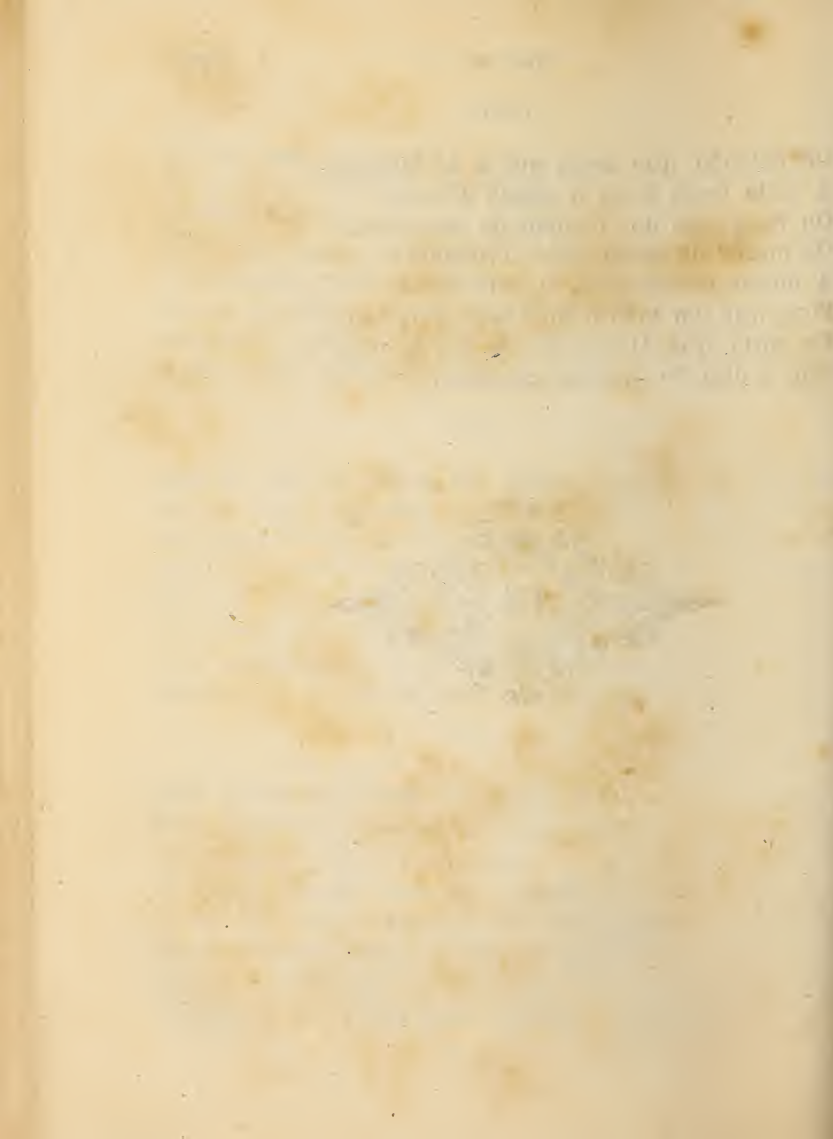
## CLV

Para servir-vos, braço ás armas feito :  
Para cantar-vos, mente ás Musas dada :  
Só me fallece ser a vós acceito,  
De quem virtude deve ser prezada.  
Se me isto o Ceo concede, e o vosso peito  
Digna empreza tomar de ser cantada,  
Como a presaga mente vaticina,  
Olhando a vossa inclinação divina :

## CLVI

Ou fazendo, que mais, que a de Medusa,  
A vista vossa tema o monte Atlante;  
Ou rompendo nos campos de Ampelusa  
Os muros de Marrocos, e Trudante:  
A minha já estimada, e leda Musa,  
Fico, que em todo o mundo de vós cante  
De sorte, que Alexandro em vós se veja,  
Sem á dita de Achilles ter inveja.





ACHA-SE Á VENDA NA MESMA CASA AS  
SEGUINTE OBRAS :

---

## ARTE DE AMAR DE OVIDIO.

Tradução em numero igual de versos, endereçada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das letras classicas. Por Antonio Feliciano de Castilho ; seguida pela Grinalda **da Arte de Amar**, por José Feliciano de Castilho. 3 vols. em 8° grande, brochados Rs. 6\$, encadernado Rs. 8\$000.

Esta admiravel producção da musa romana , tão famosa por seu autor, pelo genero, assim como pelas tradicções que a ella se ligão, foi vertida com tal esmero, que a lingua portugueza não conhece outro igual prodigio de versificação.

Nesta edicção apparecem conjunctamente e na mesma pagina o texto e a traducção, para que os estudiosos possam facilmente confrontar e reconhecer que raras vezes o latim avanta a portuguez, que muito mais numerosas o levou de vencida.

Accresce que, a traducção foi toda em verso alexandrino, e no 1° Canto constantemente alternada de graves e agudos: e não obstante, dá-se em todo esse poema , apezar de vertido distico a distico , sem suppressão de uma unica idéa do original, um tal ar de singeleza e naturalidade que ninguem supporia possivel ver traducção n'uma obra com todas as condicções da originalidade. Compõe-se o 1° Canto de 722 versos ; o 2° de 746 e o 3° de 812, e é exactamente esse o mesmo numero dos versos em portuguez.

Contém finalmente , esta obra *uma conversação preambular*, pelo Sr. Castilho Antonio, e uma memoria sobre este poema

pelo Sr. Castilho José, escriptos ambos de mui consideravel merito litterario.

Não pôde, portanto, uma livraria, de homem de saber e gosto, ser privada de contar esta obra nos raios das suas estantes.

## CARTAS CHILENAS

(Poema attribuido a Thomaz Antonio Gonzaga).

EM QUE O POETA CRITILLO CONTA A DOROTHEO OS FACTOS DE

### FANFARRÃO MINESIO,

governador do Chiie, copiadas de um antigo manuscrito de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, dadas á luz com uma introdução por

### LUIZ FRANCISCO DA VEIGA.

e acompanhadas de uma carta ácerca do presumido autor, escripta por F. A. de VARNHAGEN.

Um nitido volume broch. Rs. 2§000, encad. 2§500.

O livro que ora publicamos merece por certo alguma attenção dos litteratos e dos amadores da historia patria e da historia da liberdade brasileira; dos litteratos, porque sem duvida tem elle muitas bellezas de metrificacão, muita causticidade epigrammatica, pensamentos nobres e elevados, e é o primeiro poema satyrico escripto por um Brasileiro; dos amadores da historia patria e da historia da liberdade brasileira, porque esta producção litteraria é um documento precioso para os annaes do Imperio e thesouro fertilissimo de factos praticados por um governador *modelo*; que provocou uma memoravel mas abortada revolução, prodromo muito significativo do movimento liberal que 33 annos mais tarde nos outorgou a independencia e fundou a unica mo-

narchia americana, o terceiro imperio do mundo pela extensão do territorio e pela grandeza dos destinos que sua natureza uberrima diagnostica aos seus natraes, e áquelles que comnosco lanção os solidos fundamentos de seu auspicioso porvir.

---

## FLORILEGIO.

Da Poesia Brasileira ou Collecção das mais notaveis composições dos Poetas Brasileiros, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um Ensaio Historico sobre as letras no Brasil. ( Por F. A. de Varnhagem. ) 3 vols. em brochura Rs. 5\$000. Encad. Rs. 7\$000.

Esta collecção é um verdadeiro thesouro de preciosas poesias ineditas e raras, todas de autores brasileiros.

---

## CANTOS DA AURORA

### POESIAS

DE

## ROZENDO MUNIZ BARRETTO

NATURAL DA BAHIA

Um forte volume de 500 paginas, de luxuriosa impressão e papel com o retrato do autor. Broch. Rs. 5\$000. Encad. Rs. 6\$000.

Sob o titulo de *Cantos da Aurora* publicamos uma collecção de Poesias dignas da attenção de todos que aprecião as musas brasileiras e que procurão illustrar o espirito e cultivar o cora-

ção. O seu autor, já vantajosamente conhecido dos amadores das bellas producções poeticas, grangeou com justa razão, a lisongeira reputação, de que tambem gozava nas letras patrias seu recém-fallecido pai. O joven poeta deu-nos uma prova de seu grande talento litterario, cantando, como *testemunha ocular*, alguns feitos memoraveis da actual guerra.

Os Editores apresentando em uma nitida edição as poesias de tão distincto Brasileiro, têm convicta esperança de que todo o homem de saber e gosto não deixará de contar este livro nos raios das suas estantes, digno de figurar a par das obras de Alvares de Azêvedo, Junqueira Freire, Gonçalves Dias, e de tantos outros filhos da terra de Santa Cruz.

---

## POESIAS DE AMERICO ELYSIO

( JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA )

1 vol. adornado com mui parecido retrato do autor, aberto a buril, cartonado, Rs. 3\$000, encad. 4\$000.

Faltando ha muitos annos estas sublimes producções da musa brasileira, os Editores para corresponderem aos desejos de muitas pessoas, fizeram a presente edição, que tiverão a honra de apresentar á exposição nacional, e que a respeito da execução typographica, do papel, gravura e encadernação, nada deixa a invejar ás mais bellas edições de antores classicos impressas na Europa. Não tendo os Editores em vista uma especulação mercantil com esta edição, emprehendida só em gloria das letras patrias, imprimirão apenas um numero exiguu de exemplares.



DICCIONARIO ABREVIADO

DE

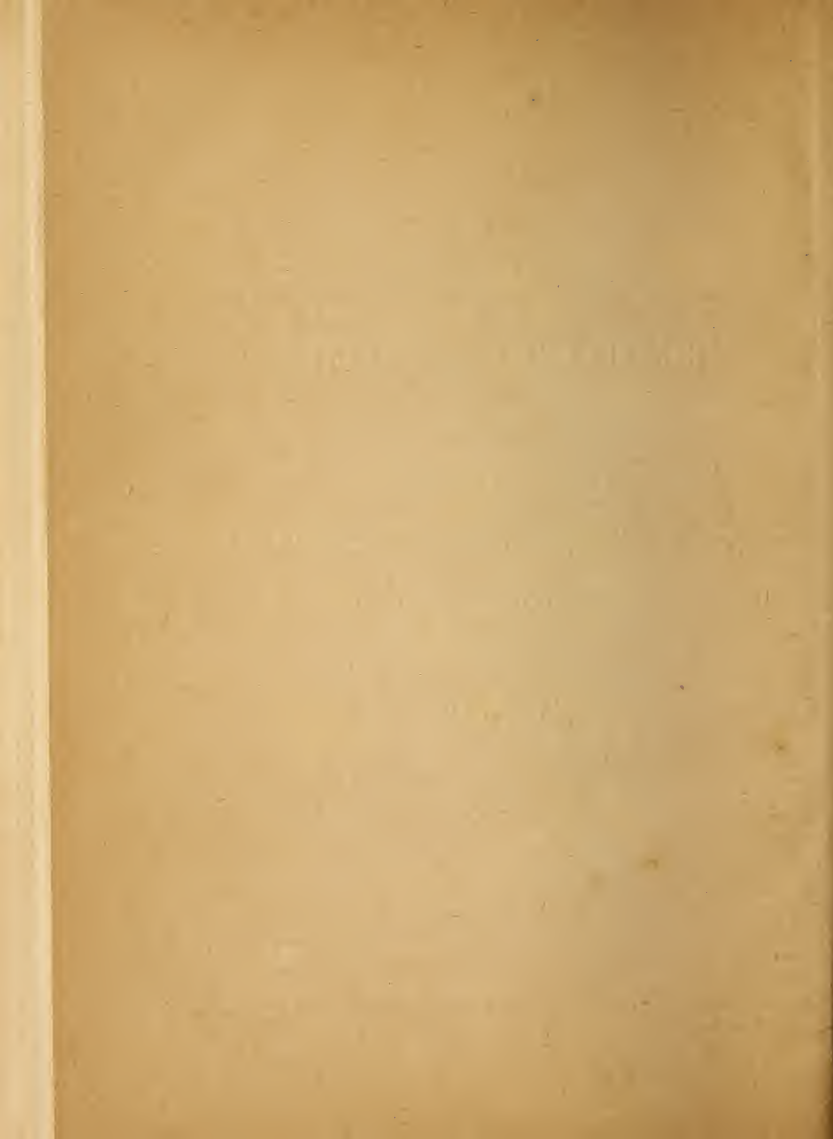
NOMES PROPRIOS

HISTORICOS, GEOGRAPHICOS, E MYTHOLOGICOS

QUE SE COMPREHENDEM

NOS

LUSIADAS





**ABASSIA** ou Abyssinia, parte da Africa, dividida da Arabia com as portas do Mar-Rôxo, cujos povos erão sujeitos ao potentado conhecido na Europa pelo nome de Preste João.

**ABRAHÃO**, primeiro patriarcha da raça Israelita; delle e de sua escrava Agar crêm os Mahometanos que descende o seu propheta.

**ABRANCHES**, logar e condado da França.

**ABRANTES**, villa de Portugal.

**ABYLA**, monte da Africa, em cujas fraldas está a cidade de Ceuta.

**ACCIAS** guerras, as que houve entre Augusto e Marco Antonio, no cabo Accio, hoje chamado Figalo.

**ACHERONTE**, rio do inferno, segundo as ficções mythologicas.

**ACHILLES**, principe grego, filho de Pelêo, rei da Thessalia e de Thetis; famoso na guerra de Troya, onde foi morto por Páris.

**ACHMENIA**, região da Persia, a'amada por suas alcatifas e tapeçaria.

**ACIDALIA**, sobrenome de Venus.

**ACRISIO**, rei dos Argivos; sua filha Danae, por elle recolhida em uma torre, foi ahi seduzida por Jupiter, transformado em chuva de ouro, de quem houve a Persêo.

**ACROCERAUNIOS**, montes do Epyro, hoje Albania, na Grecia. Erão chamados infames em razão dos muitos naufragios que ali acontecião.

**ACTEON**, celebre caçador, convertido em cervo por Diana, indignada de ser por elle vista no banho. Morreu despedaçado por seus proprios cães.

**ADAMASTOR** ou Damastor, um dos gigantes filhos da terra, que, pretendendo desthronar Jupiter, fôrão por este vencidos e sepultados sob diversos montes. A transformação de Adamastor no cabo da Boa-Esperança é uma sublime invenção poetica do cantor dos Lusíadas.

**ADÃO**, primeiro homem, e pai do genero humano, segundo as crenças biblicas.

- ADEM, cidade da Arabia Feliz, sita ao pé de uma serra, a que os naturaes chamão de Alzira.
- ADONIS, formoso mancebo, filho incestuoso de Cyniras e Myrrha, e muito amado por Venus, que depois de morto o converteu em anemona.
- ADRIATICA Veneza, chama-se assim esta cidade por estar fundada no mar Adriatico.
- AFFONSO, nome de seis reis portuguezes, a saber: D. Affonso Henriques, fundador da monarchia; D. Affonso II, filho de D. Sancho I; D. Affonso III, filho deste e irmão do desthronado Sancho II; D. Affonso IV, filho de D. Diniz; D. Affonso V, filho de D. Duarte. O ultimo D. Affonso VI, filho de D. João IV, é posterior á composição do poema.
- AFRICA, um dos continentes em que a terra se divide.
- AFRICO, é o vento oes-sudoeste.
- AGANIPPE, fonte da Beocia, dedicada ás musas.
- AGAR, escrava de Abrahão, da qual dizem que os Mouros procedem, pelo que se chamão Agarenos.
- AGRIPPINA, mãe de Nero, imperador romano.
- AIACE, filho de Thelamon, tido pelo mais valente e esforçado de todos os Gregos no cêrco de Trôya, á excepção de Achilles. Pretendendo por morte deste as suas armas, fôrão ellas adjudicadas a Ulysses. Enlouqueceu por isso de paixão, e afinal suicidou-se, nascendo do seu sangue, segundo contão os poetas, a flôr *hyacintho*.
- AINÃO, ilha sita no mar da China, em cuja enseada se pescão perolas e aljofar.
- ALBIS, hoje chamada Elba, rio da Al'emanha.
- ALBUQUERQUE, o grande Affonso de Albuquerque, successor de D. Francisco de Almeida no Governo da India.
- ALCACER DO SAL, villa do Alemtéjo em Portugal.
- ALCIDES, cognome de Hercules, derivado de Alcêo seu avô, ou de *Alcy*, que em grego significa *vigor* ou *força*.
- ALCINO, rei dos Pheaces, que na ilha Corcyra recebeu e hospedou benignamente a Ulysses e seus companheiros, trabalhados de longa e penosa viagem.
- ALCMENA, mãe de Hercules.
- ALCORÃO, ou *Koran*, o livro sagrado dos Mahometanos.
- ALECTO, uma das tres furias infernaes.
- ALEMQUER, villa de Portugal.

- ALENGASTRO**, duque em Inglaterra, pai de D. Filipa, que casou com el-rei D. João I de Portugal.
- ALEXANDRO**, cognominado o Magno, filho de Philippo, e rei de Macedonia, celebre por suas conquistas e liberalidades.
- ALGARVES**, reino annexo ao de Portugal.
- ALLEMANHA**, antigamente Germania, nome colectivo que abrange os reinos, estados e provincias da Europa central.
- ALMEIDAS**; de dous se faz menção no poema: D. Francisco, primeiro vice-rei da India, e o filho deste, D. Lourenço de Almeida.
- ALOE**, genero de pão muito pesado, semelhante ao de aquila.
- ALPHÊO**, hoje Roufi, rio que nasce na Arcadia, e correndo até Achaia, some-se na terra, e vai unir suas aguas com as da fonte de Arethusa na Sicilia.
- ALVARO**; a dous allude o poeta: o primeiro, D. Alvaro de Castro, filho do vice-rei D. João de Castro; o segundo, Alvaro de Braga, ou Alvaro Dias, que Vasco da Gama p'z em Calecut com Diogo Dias, ou Corrêa, por feitores.
- AMALTHEA**, ama de Jupiter, a qual possuia um corno, chamado communmente Cornucopia, no qual achavão tudo que desejavão.
- AMASIS**, rio da Allemanha.
- AMBROSIA**, herva semelhante ao opio, considerada pelos pagãos como manjar dos deuses.
- AMPAZA**, cidade da Persia, nos confins de Ormuz.
- AMPELUSA**, promontorio entre Ceuta e Tanger, chama-se hoje cabo Espartel.
- AMPHIÓNEA** Thebas, cidade da antiga Beocia. Segundo as ficções mythologicas foi fundada por Amphion, excellente musico, que tinha o dom de encantar até os objectos inanimados, conseguindo attrahir e juntar ao som da sua lyra todo o material necessario para a fundação.
- AMPHITRITE**, nome pelo qual os poetas designão muitas vezes o mar. Uma das esposas de Neptuno.
- ANCHISES**, principe troyano, e amado de Venus, da qual houve Enéas.
- ANDALUZIA**, provincia da Hespanha.
- ANDROMEDA**, filha de Cephêo, rei de Etiophia e de Cassiopéa; é ta bem o nome de uma constellação celeste.
- ANNIBAL**, valente e ousado general cartaginéz, e inimigo implacavel dos Romanos.
- ANTÃO** Vasques de Almada, valoroso portuguez, e um dos doze

- cavalleiros que fôrão á Inglaterra desaffrontar as damas. Veja-se *Magriço*.
- ANTARCTICO polo, o do sul.
- ANTENOR, um dos primeiros Troyanos, que entregárão Troya aos Gregos. Atribuem-lhe a fundação de Antenorica, cidade na Italia, agora chamada Padua.
- ANTHÊO, gigante filho da terra, fundou a cidade de Tinge, hoje Tanager. Foi morto por Hercules, em luta que tiveram.
- ANTONIO; um Antonio da Silveira, capitão de Dio, fortaleza que defendeu valorosamente no seu primeiro cerco; o outro, Marco Antonio, patricio romano, que, de parceria com Lepido e Augusto, governou por algum tempo o Imperio Romano. Foi tão afeiçoado á musica, que por ouvir trovinhas e chistes de Glyphyra abandonou sua esposa Fulvia.
- ANUBIS, divindade que os Egypticos adoravão em figura de cão, e julga-se ser o mesmo que o Mercurio dos Gregos.
- AONIA, parte montuosa da Beocia. Havia nella uma fonte, que tinha a virtude de tornar poetas os que bebião de suas aguas.
- APELLES, pintor eximio. Veja-se *Campaspe*.
- APENNINOS, cordilheira que se estende por toda a Italia de norte a sul.
- APOLLO o Sol, filho de Jupiter e de Latona, tido por deus da sabedoria, dos poetas e das musas.
- APPIO CLAUDIO, um dos decemviros que governárão Roma, o qual por querer tomar uma Virginia a seu pai, além de outras violencias, acabou a vida em rigorosa prisão.
- APULIA, região de Italia, vizinha do mar Adriatico.
- AQUILO, vento norte ou septentrional.
- ARA, constellação celeste.
- ARABIA, peninsula comprehendida entre Africa e Asia.
- ARABICA lingua, a dos Arabes, que se falla não só na Africa, mas na Persia, e em muitas partes da Asia.
- ARABIO, o natural da Arabia, donde dizem que era Mafamede.
- ARAGÃO, antigo reino e hoje provincia de Hespanha.
- ARASPES, um certo médo, a quem Cyro, rei dos Persas, deu a guardar Panthea, mulher de Abradatas, rei dos Susos, que captivára no arrayal dos Assyrios; mas teve de tirar-lh'a, porque ia abusando da confiança nelle depositada.
- ARCADIA, provincia da Moréa ou Peloponeso.
- ARCHETYPHO, é no poema tomado por Deus creador de todas as cousas.

- ARCTURO, é uma estrella ou constellação no hemispherio septentrional.
- ARETHUSA, fonte da Sicília, na qual foi convertida uma nymphã do mesmo nome, amada de Alphêo.
- ARGONAUTAS, celebres guerreiros Gregos, que fôrão á conquista do Vellocino de Colchos.
- ARGOS, cidade da Grecia, dedicada á deusa Juno.
- ARGOS, a náo em que Jason e seus companheiros fôrão a Colchos roubar o Vellocino. Houve tambem um pastor deste nome, que dizem tinha cem olhos, e foi morto por Mercurio, andando por mandado de Juno em guarda de Io, amada de Jupiter. Argos é ainda o nome de uma constellação celeste.
- ARIES, um dos doze signos ou constellações do Zodiaco.
- ARMENIA, região da Asia, entre os montes Tauro e Caucaso.
- ARMUSA, cidade antiga, vizinha de Ormuz, de que hoje não apparecem senão as ruínas.
- AROMATA, é o cabo Guardafú, que fica na entrada do Mar-Rôxo.
- ARQUICO, porto de Ethiopia.
- ARRAÇÃO, reino da antiga India, que confina com Bengala.
- ARRONCHES, villa no Alentêjo, em Portugal.
- ARSINARIO (cabo), é o que hoje chamamos Verde.
- ARSINOE, filha ou irmã de Ptolomêo, rei do Egypto. a qual fundou a cidade do seu nome, agora Suez, na costa do Mar-Rôxo.
- ARTABRO (monte) a que hoje chamamos cabo *Finis terræ*.
- ARZILLA, cidade marítima de Marrocos, conquistada pelos Portuguezes.
- ARZIRA, serra na Arabia Feliz, na qual não ha vegetação alguma.
- ASABORO ou Monçandão, cabo á entrada do golpho Persico.
- ASIA, na ordem numeral o segundo dos Continentes em que a terra se divide.
- ASSYRIA, região ou provincia da Asia.
- ASTRÊA, deusa da justiça, filha, segundo uns, do gigante Astrêo e da Aurora; ou, segundo outros, de Jupiter e Themis.
- ASTURIAS, provincia da Hespanha, onde se salvárão na invasão dos Arabes, aquelles poucos Godos que escapárão.
- ASTYANAX, filho unico de Heitor e de Andromacha, lançado por Ulyses de uma torre abaixo, quando os Gregos invadirão Troya.
- ATHAMANTE, deus marinho.
- ATHENAS, cidade da Grecia, afamada na antiguidade pela cultura das sciencias e artes.

- ATILA, rei dos Hunnos, cognominado o *Açoute de Deus*.
- ATLANTE, filho de Japeto e Clymene, foi rei da Mauritania, provincia antiga da Africa, do qual se diz que sustenta o mundo em os hombros. Foi convertido em um monte do seu nome.
- ATROPOS, uma das tres Parcas.
- AUGUSTO, significa lugar venerando e sacro; donde veio, que todos os successores de Cesar em o imperio, desde Octaviano (de quem falla o poeta) até estes tempos são chamados Augustos.
- AUREA Chersoneso, a peninsula de Malaca.
- AURORA, filha do Sol e da Terra, mulher de Titam, e mãe de Memnon, rei da Ethiopia. Diz-se propriamente aquella claridade, que precede a sahida do sol.
- AUSONIA, antiga parte da Italia, e hoje tomada pelo todo, em linguagem poetica.
- AUSTRO, o vento sul, chamado vulgarmente vendaval.
- AVÁS, povos do Oriente da Asia.
- AXIO, hoje Brade ou Veradi, rio que atravessa a Macedonia.
- AZENEGUES, povos africanos do Senegal, terra onde fallecem agua e mantimentos.

## B

- BABEL, o mesmo que Babylonia.
- BABYLONIA, cidade dita a grande, sobre o rio Euphrates; edificada, segundo alguns, por Semiramis, rainha da Assyria, com tão admiraveis edificios, que com razão foi contada entre as sete maravilhas do mundo.
- BACAÏM, fortaleza entre Dio e Chaul, conquistada pelos Portuguezes em 1533.
- BACANOR, cidade na costa do Malabar, em cujo porto os nossos destruirão uma grande armada de el-rei de Calecut.
- BACCHO, filho de Jupiter e de Semele, e deus do vinho; tido entre os antigos por primeiro conquistador da India.
- BACTRO, rio da Asia.
- BADAJOZ, cidade da Extremadura hespanhola, fronteira a Elvas.



- BALDUINO**, esforçado cavalleiro no tempo de Carlos II, imperador dos Romanos, a quem furtou uma filha, chamada Juditha; e o imperador, dissimulando a affronta, lhe deu a terra de Flandres, naquelle tempo deserta, que elle aproveitou e povoou.
- BANDA**, ilhas sitas entre Java e Molucas, habitadas de Mouros e gentios, ricas em producção de noz-moscada.
- BARBARIA** ou Berberia, terra da Africa, hoje Imperio de Marrocos e reinos confinantes.
- BARBORA**, logar na costa d'Africa.
- BAREM** ou Baharem, ilha proxima de Ormuz, onde se pesca o aljofar.
- BATICALÁ**, fortaleza na costa do Malabar, a trinta leguas de Gôa.
- BEADALA**, cidade junto ao Comori, destruida por Martim Affonso de Souza.
- BEATRIZ**, filha de el-rei D. Fernando de Portugal, casada com el-rei D. João de Castella.
- BEJA**, cidade de Portugal.
- BELEM**, refere-se o poeta á casa de Nossa Senhora de Belem, a que dera principio o infante D. Henrique, ennobrecida depois por el-rei D. Manoel, sita no logar chamado antigamente Restello.
- BELISARIO**, valoroso capitão romano em tempo de Justiniano imperador. Houve grandes victorias na Persia e em Italia. O ingrato soberano mandou em recompensa arrancar-lhe os olhos, e desterra-lo.
- BELLONA**, deusa das batalhas, irmã e cocheira de Marte.
- BENEMOTAPA**, ou Monomotapa, assim se denomina uma região ou imperio na Africa oriental.
- BENGALA**, reino oriental, situado de uma e outra parte do rio Ganges.
- BENJAMIN**, nome de uma tribu dos Hebrêos, que foi destruida e arrazada, porque alguns Benjanitas forçãrão uma mulher da tribu de Levi.
- BETHIS**, ou Guadalquivir, rio da Hespanha.
- BIBLIS**, fonte da Mesopotamia, em a qual foi convertida Biblis, filha de Mileto.
- BINTÃO**, reino da India.
- BIPUR**, reino na costa do Malabar.
- BISCAINHOS**, ou de Biscaia, provincia da Hespanha.

- BOHEMIOS, os de Bohemia, reino da Allemanha, hoje sujeito á Austria.
- BOLONHEZ, o conde de que o poeta faz menção foi D. Affonso III, irmão de el-rei D. Sincho II de Portugal.
- BOOTES, constellação celeste, por outro nome o Sete-estrello, vizinha ao polo do norte.
- BOREAS, o vento norte ou nordeste.
- BORNEO, grande ilha no mar das Indias, muito fertil e abundante principalmente de camphora.
- BRACHMANES, nome que os Malabares dão aos seus religiosos, os quaes seguem a seita de Pythagoras.
- BRAMÁS, povos sujeitos ao rei de Sião.
- BRAVA, cidade na costa de Melinde.
- BRAZIL ou terra de Santa Cruz, hoje Imperio; descoberto por Pedro Alvares Cabral em 1500.
- BRETANHA, toma-se no poema por Inglaterra.
- BRIAREO, o *Gentimano*, filho da terra, um dos gigantes rebellados contra Jupiter.
- BRIGO, rei de Hespanha nos tempos fabulosos.
- BRUSSIOS ou Barussios, povos de Brussia, na antiga Sarmacia; hoje Prussianos.
- BUSIRIS, tyranno do Egypto, que sacrificava os hospedes a seus idolos.
- BYSANCIO ou Constantinopla, hoje côrte do Imperio Ottomano.

## C

- CABO TORMENTORIO, o que foi depois chamado da Bôa-Esperança.
- CADIX, ou C ilis, cidade de Hespanha fundada pelos Phenicios, antigamente Gades.
- CADMO, filho de Agenor, rei dos Phenicios. Veja-se Ovidio, *Metam.* liv. IV.
- CAFRES, negros selvagens da Africa centril.
- CAIRO, grande e notabilissima cidade do Egypto, antigo emporio do commercio de todo o mundo.
- CALATRAVA, ordem religiosa e militar de Castella.
- CALAYATE, logar entre Socotorá e Ormuz.

- GALECUT, cidade de Malabar e capital dos estados do Samorim.
- CALLIOPE, a principal das nove musas; presidia á composiçãõ dos poemas heroicos.
- CALLISTO, filha de Licaon, rei da Arcadia, mudada em urso por Juno; foi depois por Jupiter convertida na constellação celeste do mesmo nome. Toma-se no poema pelas partes do norte.
- CALPE, chamado tambem Herculano pelo poeta é um dos montes de Gibraltar, denominados pelos antigos columnas de Hercules.
- CALYPSO, filha de Thetys e do Oceano; acolheu na ilha Ogygia a Ulysses, de quem se enamorou e o reteve junto a si por algum tempo.
- CAMBAIA, reino antigo e opulento da Asia.
- CAMBALO, ou Cambalão, pequena ilha junto a Coxim, onde Duarte Pacheco desbaratou tres vezes o Samorim.
- CAMBOLA, reino maritimo sujeito ao de Sião; por elle passa um grandissimo rio, chamado Mecom, isto é, *capitão das aguas*.
- CAMENAS, nome dado ás musas.
- CAMPASPE, concubina favorita de Alexandre Magno, o qual mandando-a retratar por Apelles, vio o pintor tão enamorado della, que lh'a concedeu por mulhier.
- CANACE, filha de Eolo, rei dos ventos, a qual teve amores incestuosos com seu irmão Macarêo. Para melhor intelligencia da allusão do poeta, veja-se Ovidio, *Heroid.* XI.
- CANANOR, reino da India, na costa do Malabar.
- CANARÁ, provincia da India.
- CANARIAS, as doze ilhas do mar Oceano, que os escriptores antigos chamarão Fortunadas.
- CANCRO, ou Cancer, um dos signos do Zodiaco.
- CANDACE, rainha da Ethiopia.
- CANNAS, logar de Apulia, junto ao qual Annibal desbaratou os consules Paulo Emilio e Terencio Varrão, com a morte de 40,000 Romanos.
- CANUSIO, logar vizinho de Cannas.
- CAPPADOCEs, os habitantes de Cappadocia, parte de Natolia, na Asia-Menor.
- CARLOS; de dous-faz o poeta menção, a saber: o primeiro, Carlos Magno, rei de França e imperador do Occidente; o outro Carlos II, tambem imperador, pai de Juditha, que casou com Balduino. Veja-se este nome.
- CARMANIA, região da India.

- CARPELLA**, o cabo Jasque á entrada do estreito Persico.
- CARTHAGO**, cidade celebre da Africa, infesta aos Romanos, e emfim por elles vencida; foi patria de Iopas, musico insigne, que, segundo Virgilio, tocou cithara no festim dado por Dido a Enéas.
- CASPIA SERRA**, Caspios montes e Caspios aposentos, tudo tem no poema a mesma significação, e refere-se á antiga Scythia.
- CASSIOPEÁ**, ou Cassiope, viuva de Cephêo, rei da Ethiopia. Pe sêo, libertador de sua filha Andromeda, o fez trasladar ao céo, onde figura como uma constellação de seu nome.
- CASSIO SCEVA**, valente capitão romano do tempo de Cesar; o qual nas guerras da Macedonia, estando crivado de feridas, preferio morrer a entregar-se ao inimigo.
- CASTELBRANCO**, D. Pedro de Castelbranco, capitão de Ormuz, em cujos mares houve grandes victorias dos Turcos.
- CASTELLA**, ha em Hespanha duas provincias com este nome, a saber: Velha e Nova; suas capitães são respectivamente Burgos e Toledo.
- CASTELLOS**: os sete que vêm nas armas de Portugal representão outras tantas povoações do Algarve, a saber: Estombar, Pademe, Aljezur, Albufeira, Cacella, Sagres e Castro-Marim.
- CASTRO**, D. João de Castro, vice-rei da India, famoso por suas victorias e pelos rasgos de heroicidade, que tornárão perduravel o seu nome.
- CATHARINA** (Santa) virgem e martyr, sepultada no monte Sinai.
- CATIGÃO**, cidade rica de Bengala na foz do Ganges.
- CATILINA**, Lucio Sergio Catilina, nobre romano, que, com outros de sua parcialidade, determinou apoderar-se de Roma. Mallograrão-se os seus projectos, e foi morto em combate.
- CAUCHICHINA**, reino da Asia Oriental, proximo de Cambaia.
- CAUDINAS FORCAS**, aquellas, por onde os Samnites obrigárão a passar sem armas os Romanos, capitaneados pelo consul Sp. Posthumo; affronta de que os Romanos tomárão completa vindicta.
- CEILÃO**, ilha que está para o sul do cabo de Comori; chamou-se antigamente Taprobana.
- CESAR**, Caio Julio Cesar, celebre general e dictador romano, apunhalado no senado por Cassio e Bruto.
- CEUTA** ou Ceita, cidade maritima fronteira a Gibraltar. Conquistada pelos Portuguezes, passou depois ao dominio da Hespanha.
- CEZIMBRA**, povoação maritima de Portugal.

- CHAUL, cidade do reino Adecão, que corruptamente chamamos a'Achem. Dista de Dio cincoenta leguas.
- CHERSONESO AUREA, ou Malaca, cabeça de todo o reino assim chamado, famoso emporio do commercio na antiga India.
- CHIAMAI, lago donde nasce o rio Menão, que atravessa todo o reino de Sião.
- CHIMERA, vulcão de Lycia, do qual os antigos fabulárão ser um monstro com tres cabeças, por cujas bocas sahia muito fogo.
- CHINA, riquissimo e dilatado Imperio do Oriente, chamado por autonomia de seus habitantes o *Celeste Imperio*.
- CHRISTOVÃO (D.), entende-se da Gama, o qual indo por mandado do governador da India, em favor do Preste João, contra el-rei de Zeilá, desbaratou duas vezes os Mouros.
- CICERO (M. Tulio), consul romano, e assás conhecido e louvado como orader, philosopho e politico.
- CICONES, povos da Thracia.
- CILICIOS, os de Cilicia, ou Carmania, região da Asia-Menor.
- CINGAPURA, cabo em frente da ilha Sumatra.
- CINTRA, villa de Portugal, na costa do mar Oceano, a cuja serra chama Varrão monte Tagro, e outros serra da Lua.
- CINYREA, é Myrrha, filha de Cinyras, a qual foi convertida na arvore do seu nome.
- CIRCES, as feiticeiras, porque Circe o foi tão famosa, que com seus encantos transformou (segundo a fabula) os companheiros de Ulysses em porcos.
- CLAUDINAS forcas, vide Caudinas forcas, que de um modo e outro se póde lêr este logar.
- CLEONEO leão, tambem chamado Nemêo, é o que Hercules matou junto a uma aldêa chamada Cleone, entre Argos e Corintho.
- CLICIE, nympha, predilecta de Apollo.
- CLORIS, nome dado a Flora, rainha das flôres, antes que se casasse com Zephyro.
- CLOTO, uma das tres Parcas.
- CLYMENE, filha de Thetys e do Oceano, e mãe de Phaetonte. Veja-se esta palavra.
- COCHIM, cabeça do reino assim chamado, na costa do Malabar, com cujos reis tiverão sempre os Portuguezes muita amizade.
- COCLES, Horacio Cocles, nobre romano, o qual se distinguio na guerra que Porsena, rei da Etruria, teve com os Romanos, para a restituição dos Tarquinios. Mereceu por isso uma estatua.

- COCYTO, rio do inferno, que fingião ser de lagrimas.
- CODRO, rei dos Athenienses, o qual por salvar a patria se entregou á morte.
- COELHO, Nicolau Coelho, companheiro de Vasco da Gama no descobrimento da India.
- COIMBRA, cidade de Portugal, situada á beira do Mondego, e ceiebre pela sua universidade.
- COLCHOS, hoje Mingrelia, região da Asia, sujeita ao grão-Kan dos Tartaros, na qual se dizia estar o velio de ouro, chamado communmente o *Vellofino*.
- COLOSSO, estatua de metal em Rhodes, dedicada ao Sol. Por sua grande altura e maravilhosa execução foi considerada uma das maravilhas do mundo.
- COLUMBO, principal porto da ilha de Ceilão.
- COMORIM, chamado tambem Cori, o cabo que fica defronte de Ceilão.
- CONCA, cidade na Castella-Velha, donde nasce o rio Tejo.
- CONGO, reino antiquissimo na costa occidental da Africa.
- CONSTANTINO, o primeiro por alcunha chamado Paleologo, o qual perdeu Constantinopla; o segundo Constantino Magno, filho de Santa Helena, que fez de Constantinopla capital do Imperio Romano.
- CONSTANTINOPLA. Veja-se *Bisancio*.
- CORDOVA, cidade da Hespanha Bethica, cabeça do reino do mesmo nome, e patria dos dous Senecas, e de Lucano.
- CORI, o mesmo que Comorim.
- CORIOIANO, illustre romano, que sendo em umas dissensões lançado fóra de Roma, por vingar esta affronta lhe fez depois cruel guerra.
- CORVINO, Valerio Messalla, tribuno romano; sahindo a desafio peito a peito com um gaulez, foi ajudado por um corvo, o qual, pondo-se-lhe em cima do capacete, fazia dahi feras investidas ao adversario, ferindo-o no rosto e olhos. Pelo que ao vencedor foi dado o appellido de Corvino.
- COULÃO, terra do Malabar.
- COULETE, logar na costa do Malabar, vizinho de Calecut.
- CRANGANOR, terra da mesma provincia.
- CROCODILLO, animal amphibio corpulento, da feição de lagarto e ferocissimo.
- GUAMA, rio que nasce na lagôa do Nilo.
- CUNHA, um é Nuno da Cunha, governador da India; o outro

Tristão da Cunha, que descobriu as ilhas que hoje se chamão de seu nome.

CUPIDO, filho de Venus, e deus do amor.

CURCIO, é Marco Curcio, tão afeiçoado á sua patria, que não recusou sacrificar a vida por amor della.

CUTIALE, um mouro que viera de Meca á India, capitaneando cento e trinta velas bem artilhadas, foi desbaratado por Lopo Vaz de Sampaio, que apenas tinha comsigo onze navios.

CYBELE, mãe dos deuses, e mulher de Saturno. Era-lhe consagrado o pinheiro.

CYCLOPES, filhos de Neptuno, fôrão tres, Erontes, Steropes, e Piramon; segundo a fabuia erão obreiros de Vulcano, em cujas forjas trabalhavão na ilha de Lipari.

CYLLENÊO, nome de Mercurio, chamado assim de Cyllene, monte da Arcadia, onde nascêra.

CYNIPHIO, rio da Africa.

CYNIRAS, rei de Chypre, o qual de sua filha Myrrha teve Adonis; por onde o poeta chama a este filho e neto de Cyniras.

CYNOSURA, constellação celeste, tambem chamada Ursa-maior.

CYPARISSO, filho de Telepho, matando involuntariamente um corvo, a quem era muito afeiçoado, tomou tal paixão, que Apollo, tendo piedade delle, o transformou em cypreste.

CYPHISIA flôr, o lyrio, em que Narciso, filho da nymphá Lyriope, e do rio Cyphiso, foi convertido.

CYPRIA deusa, Venus, chamada assim de Cypre, onde era venerada.

CYPRO ou Chypre, ilha no mar Mediterraneo, sujeita ao Grão-Turco.

CYRO, rei dos Persas. Veja-se Araspes, para entendimento do poeta.

CYTHÉRA, depois chamada Cetige, ilha do Peloponeso, dedicada a Venus.

CYTHERÉA, de Cythéra, nome dado a Venus.

## D

DABUL, povoação de Cambaia, entrada e arrazada por D. Francisco de Almeida, vice-rei da India.

- DALMATAS, os de Dalmacia, mais modernamente conhecida pelo nome de Esclavonia.
- DAMÃO, cidade no Guzarate, reino da India.
- DAMASCENO, de Damasco, em cujo campo se crê que Deus creára o primeiro homem.
- DANO, o natural de Dania, actualmente conhecida pelo nome de Dinamarca.
- DANUBIO, o maior, e mais celebrado rio de toda a Europa.
- DAPHNE, nympha, filha do rio Penêo, convertida em louro por Apollo.
- DARDANEA, assim se chamou Troya, de Dardano seu primeiro rei.
- DARIO, rei dos Persas, vencido por Alexandre Magno.
- DAVID, rei e propheta, cheio de espirito divino, de quem disse Deus, que achára um homem conforme o seu coração. Comtudo, namorado de Bethsabé mulher de Urias seu cavalleiro, veio a commetter um adulterio, um homicidio e uma traição, de que depois arrependido compôz o psalmo *Miserere*. Por filho de David entende-se Jesus-Christo na phrase hebraica, por ser da geração de David. Veja-se *Saul*.
- DECANIIS, os naturaes do reino de Hidalcão.
- DECIOS, guerreiros romanos, tão amantes de sua patria, que se sacrificáram por ella: o pai na guerra latina, o filho na Etrusca, e o neto na que Pyrrho fez para defender os Tarentinos.
- DEDALEA faculdade, obra e artificio de Dedalo, architecto famoso.
- DELIO, o mesmo que Apollo, ou o Sol.
- DELOS, ilha no mar Egêo, onde Latona pario Apollo e Diana. Cria-se que antes deste successo fôra ilha fluctuante.
- DELY, antigo e conhecido reino, hoje convertido em provincia da India ingleza.
- DEMODOCO, musico celebrado da ilha dos Pheaces, a que hoje chamamos Corfú, ou Corcyra.
- DIANA, filha de Jupiter, e de Latona, deusa da castidade, e da caça. É a mesma que Lua no céo, e Proserpina no inferno, e por isso a pintavão os antigos com tres rostos.
- DINA, filha de Jacob; foi raptada por Sichem, filho de Heior. Seus irmãos vingáram a affronta com a morte do raptor e de todos os seus, arrazando a povoação.
- DINIZ, D. Diniz, rei de Portugal, filho d'elrei D. Affonso III, e fundador da universidade.
- DIO, ou Diu, cidade maritima e outr'ora florescente no reino de Cambaia.



- DIOGO**, um dos dous feitores que Vasco da Gama em Calecut mandou á terra para vender as fazendas. João de Barros lhes dá os nomes de Alvaro Dias e Diogo Corrêa ; porém Damião de Góes troca estes nomes em Alvaro de Braga e Diogo Dias.
- DIOMEDES**, tyranno da Thracia. Sustentava os seus cavallos com a carne e sangue dos forasteiros, que hospedava.
- DIONE**, mãe de Venus, e filha do Oceano, e de Thetys. Tambem se toma pela propria Venus.
- DITE**, ou Plutão, irmão de Jupiter e Neptuno, deus dos infernos.
- DOFAR**, cidade na costa da Arabia Feliz, donde se exporta o melhor incenso.
- DORGADAS**, por outro nome Gorgonas, querem alguns que sejam as ilhas de S. Thomé e Príncipe.
- DORIS**, nympha do mar, filha do Oceano, e de Thetys, e mãe de todas as Nereidas. Toma-se algumas vezes pelo mesmo mar.
- DOTO**, uma das Nereidas.
- DOURO**, rio da Hespanha e Portugal, em cujas margens está situada a cidade do Porto.
- DUARTE**, unico do nome e undecimo rei de Portugal, filho de D. João I.

## E

- EBORENSES**, campos, os das immediações de Evora Cidade.
- EGAS**, foi Egas Moniz, alio de el-rei D. Affonso Henriques.
- EGÊO**, um dos gigantes, filhos de Titano e da Terra, que se revoltarão contra Jupiter.
- EGYPCIA** terra, é o Egypto, região junto da Africa, e parte da Asia, abundante pelas inundações do rio Nilo.
- EGYPCIA LINDA**, Cleopatra, ultima rainha do Egypto, não menos celebre pela formosura que por sua impudicicia.
- ELVAS**, cidade e praça de Portugal, fronteira a Badajoz.
- ELYSIOS**, os campos Elysios, onde os bemaventurados, depois de passar desta vida (conforme a opinião dos ethnicos) ião des-passar, e gozar de perpetua felicidade.

- EMATHIO**, campo de Emathia, região da Grecia, por outro nome Thessalia, onde Julio Cesar venceu Pompeu seu genro.
- ENÉLADO**, gigante potentissimo, filho de Titano e da Terra. Foi subterrado no Ethna.
- ENÉAS**, varão troyano, filho de Anchises e da deosa Venus, celebrado por Virgílio na sua *Eneida*.
- ENIICOS**, povos da Sarmacia asiatica, que hoje faz parte da Russia.
- ENODIO**, é um esgalho do monte Tauro, que serve de termino pela parte do norte á terra a que chamamos India, e os natu-  
raes Indostan.
- EOLO**, filho de Jupiter, rei das ilhas Eolias, senhor dos ventos e das tempestades.
- EOO**, um dos quatro corceis do Sol. Na phrase poetica significa o oriente, ou Aurora.
- EPHYRE**, nympha, filha do Oceano e de Thetys.
- EPICURIA** seita, a de Epicuro, philosopho atheniense, que negava a immortalidade da alma, e fazia consistir nos gozos desta vida o supremo bem.
- ERYCINA**, nome dado a Venus.
- ERYMANTHO**, rio da Arcadia, que tem a sua nascente em um monte do mesmo nome. O rei Eurysthêo mandou Hercules a este monte apanhar vivo um feroz javali, que assolava aquellas terras. Venceu o heróe a empreza, com muito pesar do rei, que esperava acabasse nella.
- ERYTHREAS** ondas, as do Mar-Rôxo ou Vermelho, que os Israelitas passárão a pé enxuto, fugindo de Pharaó, que, perseguindo-os, com toda a sua gente, se afogou nelle.
- ERYTHRÊO** solo, o Mar-Rôxo.
- ESCANDINAVIA**, península, hoje o reino da Suecia e Noruega.
- ESPAÑA**. Veja-se *Hespanha*.
- ESTEVIÃO**, é D. Estevão da Gama, que succedeu no Governo da India a D. Garcia de Noronha, e teve por successor Martim Afonso de Souza.
- ESTRABO** ou **STRABÃO**, philosopho e geographo insigne nos tempos de Augusto.
- ESTYGIO** lago, o que os poetas fingem haver no inferno, o qual dizem ter sido tão venerado dos proprios deuses que, quando juravão por elle, não ousavão quebrar o juramento.
- ETHIOPIA**, região da Africa, entre Arabia e Egypto.
- ETHNA**, volcão da Sicilia, tambem chamado hoje Mongibello.

**EUPHRATES**, rio celebre da Asia, que corre por um lado da Mesopotamia. Em suas margens estava edificada a famosa Babilonia. Suppõe-se ser um dos quatro, que nascião no paraizo terreal, e de que falla o *Genesis*, cap. 2º.

**EURIDICE**, esposa de Orphêo, musico e tangedor insigne, o qual com sua lyra attrahia a si os homens, as pedras, arvores e outras cousas insensiveis.

**EUROPA**, uma das partes da Terra.

**EURYSTHÊO**, rei da Grecia, que a instancias de Juno mandava Hercules a varias emprezas perigosas, afim de que em alguma percesse.

**EUXINO** mar, o que hoje chamão Mar-Maior ou Ponto Euxino, pelo qual navegárão os Argonautas.

**EVORA**, cidade celebre e antiquissima de Portugal.

## F

**FALERNO**, monte de Campania, nomeado pelos seus excellentes vinhos.

**FARTAQUE**, cidade e cabo na Arabia Feliz.

**FAVONIO** ou Zephyro ; vento brando e occidental.

**FERNANDO** ou **FERNÃO** ; de quatro individuos com este nome se trata no poema ; o primeiro, el-rei D. Fernando de Portugal, filho de el-rei D. Pedro ; outro rei D. Fernando, filho de el-rei D. João de Aragão ; outro Fernão Martins, marinheiro, interprete de Vasco da Gama para a lingua arabica ; e outro, finalmente, D. Fernando de Castro, filho de D. João de Castro, vice-rei da India.

**FLORA**, tida entre os antigos por deusa das flôres.

**FRANCISCO**, D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da India.

**FRANDES**, região ao norte da Europa, da qual hoje pertence uma parte á França e outra á Belgica.

**FUAS**, D. Fuas Roupinho, valente guerreiro, e capitão da armada de el-rei D. Affonso Henriques.

## G

- GABELLO, morador de Rages na Média. Indo Tobias por ordem de seu pai cobrar delle certa divida, e receiando no caminho algum desastre, valeu-lhe o Archanjo S. Raphael, que lhe appareceu e guiou-o ao seu destino.
- GADITANO mar, o Occidental, dito assim de Gades, hoje Cadix na Hespanha.
- GALATHÉA, nympha do mar, filha de Nerêo e Doris, muito amada do gigante Polyphemo.
- GALERNO vento, o mesmo que Favonio ou Zephyro.
- GALLEGOS, povos da Hespanha.
- GALLIA, hoje França.
- GALLO, o Francez.
- GAMBEA, rio da Africa.
- GANGES, rio da India, por outro nome Phison, um dos quatro que nascião no paraizo terreal, segundo o *Genesis*.
- GANGETICO, cousas do Ganges.
- GARUMNA ou Garona, rio da França.
- GATE ou Gates, montes do reino de Narsinga, que, servindo-lhe de muro, o separão do de Bisnagá.
- GEDROSIA, provincia da Africa, na costa de Guiné.
- GEORGIANOS, povos da Georgia, na Asia-Menor.
- GERMANO, Allemão.
- GERUM, ilha do golpho Persico, onde está edificada Ormuz.
- GIDÁ, a que outros chamavão Judá, hoje Gioddah, cidade na Arabia, perto da de Meca.
- GIGANTES, os filhos de Titano, e da Terra, que rebellados contra Jupiter, determinárão escalar o céu para dahi o expulsarem.
- GIL FERNANDES, appellidado de Elvas, foi preso á falsa fé por Paio Rodrigues Marinho, que era alcaide-mór de Campo-Maior, e tinha a voz de Castella; mas, resgatado, se encontrou depois com elle, e o venceu e matou.
- GIRALDO, cognominado *Sem pavor*, esforçado cavalleiro portuguez do tempo de D. Affonso Henriques, cujo perdão obteve dando-lhe traça para apossar-se de Evora.
- GLAPHYRA, coitezã romana, por quem Marco Antonio abandonára sua mulher Fulvia.

**GNIDO**, ou Cnido, ilha do mar Carpathio, na qual havia um templo dedicado a Venus.

**GÔA**, cidade principal da India portugueza.

**GOFREDO**, ou Godefredo de Buillon, duque de Lorena e rei christão de Jerusalém, posto pelos Cruzados em 1098.

**GOLIATH**, gigante philistêo morto a tiros de funda pelo pastor David, depois rei dos Hebrêos.

**GONÇALO**, o beato Gonçalo da Silveira, jesuita e missionario na Africa oriental, onde morreu.

**GONÇALO RIBEIRO**, ou melhor Gonçalo Rodrigues Ribeiro, aventureiro celebre e cavalleiro destemido, que com dous companheiros (Vasco Annes e Fernão Martins) viajando em França e Castella obrárão proezas em justas e torneios.

**GOTHICA** gente, os Godos, povos barbaros, vindos do norte da Europa e da Asia, que avassallárão o Imperio Romano.

**GRANADA**, antigo Reino da Hespanha, e hoje cidade na provincia de Andaluzia.

**GRANADIL**, o natural de Granada.

**GRECIA**, região da Europa, celebre pelo muito que nella florescêrão em tempo antigo as sciencias e as artes. Depois de estar por seculos sujeita aos Turcos, recobrou a sua liberdade.

**GREGO** sabio, é Ulysses, natural da Grecia e rei da ilha de Ithaca.

**GUADALQUIVIR** ou Bethis, rio da Hespanha que passa por Sevilha.

**GUADIANA**, rio da Hespanha que nasce junto á serra de Alcarraz, e em uma parte do seu curso divide Portugal da Hespanha.

**GUARDAFU'**, o cabo chamado pelos antigos Aromata, que fica á entrada do Mar-Rôxo.

**GUEOS**, povos sujeitos ao rei de Sião.

**GUIDO**, cognominado de Lusignan, o ultimo rei christão de Jerusalém.

**GUIMARÃES**, villa e hoje cidade fabril do Minho.

**GUZARATES**, os moradores do reino de Cambaia.

## H

**HALCIONEAS**, ou Alcyonas aves, os maçaricos em os quaes Alcyone, filha de Eolo, foi convertida.

- HAMMON** ou Ammon, sobrenome dado a Jupiter, adorado na Lybia em figura de carneiro.
- HARPIAS**, aves monstruosas, com rosto de mulher e corpo de abutre, muito sujas e gulosas.
- HEBREA** a mãe, quer dizer Emina, mãe de Mafoma, cujo pai Abdalá era pagão ou gentio.
- HECTOR**, a dous allude o poeta: um foi Heitor da Silveira, que desbaratou a Halixa, capitão da armada de Dio, e o outro, a quem o compara, Heitor troyano, filho de Priamo, o qual por vezes desbaratou os Gregos no cêrco de Troya.
- HELICON**, monte da Beocia, dedicado a Apollo e ás musas.
- HELIO-GABALO**, imperador romano, tido pelo mais vicioso e effeminado homem, que houve no mundo.
- HELLE**, filha de Athamante rei de Thebas e de Nepheles; a qual, fugindo com seu irmão Phrixo, aos rigores de sua madrastra Ino, e indo para passar o Ponto em o carneiro de ouro que seu pai lhes dera, cahio no mar; que do seu nome ficou sendo chamado Hellesponto.
- HELLESPONTO**, é hoje o estreito dos Dardanellos.
- HEMO**, monte altissimo da Thracia, consagrado ao deus Marte.
- HENRIQUE**; a quatro deste nome se refere o poema: o 1.º o Conde, pai de D. Afonso Henriques; o 2.º o Infante, filho de D. João I, que se achou com seu pai na tomada de Ceuta, e foi o primeiro motor dos nossos descobrimentos; o 3.º um cavalleiro allemão, morto pelos Mouros no cêrco de Lisboa; 4.º D. Henrique de Menezes, um dos successores de Vasco da Gama no governo da India, celebre por seu esforço e virtudes.
- HERCULES**, semi-deus famoso por suas grandes façanhas, sendo as principaes, conhecidas pelos *doze trabalhos*. A alguns destes se refere o poema em diversos logares.
- HERMO** e Pactolo, dous rios auriferos da Lydia.
- HERÔAS** e Heróes, chamavão os antigos aos varões illustres.
- HEROSTRATO**, um louco e perdido, o qual queimou o templo de Diana Ephesia, só por adquirir fama immortal no mundo.
- HESPAHNA** ou Espanha, reino da Europa.
- HESPERIA**, os antigos distinguem duas: a primeira ou maior, é a Italia; a segunda menor, a Hespanha.
- HESPERIDES**, são, conforme alguns, as ilhas do Cabo-Verde. Nellas havia um dragão, que defendia o pomar aurifero das filhas de Hespero, porém, matou o dragão, e roubou os pomos.

- HESPERIO**, o mesmo que Hespero, rei na Africa e pai das Hesperides.
- HIDALCÃO**, potentado poderoso na India, que em 1572 pôz cêrco a Gôa com grande exercito, sendo porém obrigado a retirar-se, vendo que não podia levar ávante o seu designio.
- HIEROSOLIMA** cidade, a de Jerusalém.
- HIERUSALEM** ou Jerusalém, cidade principal da Judéa, onde se obrou o mysterio da redempção do mundo.
- HIPPOCRENE**, fonte da Beocia, consagrada ás musas, e nascida, como os poetas dizem, de uma patada do cavallo Pegaso.
- HIPPOTADES**, o mesmo que Eolo, deus dos ventos.
- HOMERO**, proclamado principe dos poetas gregos. Varias cidades disputarão entre si a honra de have-lo por filho.
- HUNGRIA**, reino que hoje faz parte do Imperio Austriaco.
- HUNNO**; o Hunno fero, refere-se a Atila.
- HYACINTHINAS** flôres, de Hyacintho, mancebo amado de Apollo, o qual suicidou-se; e não podendo Apollo remediar sua morte, o converteu na flôr do seu nome.
- HYDASPE** ou Idaspe, rio da India.
- HYMENEO**, filho de Baccho e de Venus, honrado por deus das bodas.
- HYPERBOREOS** montes, os que ficão na parte septentrional da Europa.
- HYPERIONIO**, o mesmo que Sol. Por ficção mythologica se cria que, d'pois de ter dado luz ao mundo, descansava á noite, entre os braços de Thetys, dos trabalhos do dia.

## I

- IBERO** ou Ebro, rio da Hespanha; terras iberinas, as da Hespanha.
- IDALIO** monte, bosque e castello na ilha de Cypre, dedicada a Venus.
- IDASPE**, Veja-se *Hydaspe*.
- IDÉA** selva, uma do monte Ida, junto á Troya; ahi deu Páris o juizo entre tres deusas, Juno, Palas e Venus.

- IGNEZ**, D. Ignez de Castro, senhora nobre e formosa, cujos amores com el-rei D. Pedro I tiveram triste celebridade, e têm dado assumpto a innumeradas composições em prosa e verso.
- ILLYRICOS**, os de Illyria, região banhada pelo Adriatico.
- INDIA**, nome dado á extensa região, que comprehende todo o sul da Asia.
- INDIGETES**, os semi-deuses de um paiz, segundo as crenças mythologicas.
- INDO**, grande e notavel rio, que rega e dá nome á India.
- INGLATERRA**, ilha e cabeça do reino da Grã-Bretanha ao N. O. da Europa. Seus reis tomárão entre outros titulos o de reis de Jerusalém.
- IOPAS**, musico celebre. Veja-se *Carthago*.
- IOS** ou Chios. Veja-se *Chios*.
- ISAXEL**, nome que o Anjo pôz a Jacob.
- ISMAEL**, filho de Abrahão e de Agar, de cujo nome os Mouros são chamados Ismaelitas.
- ISMAR**, um dos cinco reis mouros, vencidos por el-rei D. Affonso Henrique nos campos de Ourique.
- ISTRO**, rio da Europa. Veja-se *Danubio*.
- ITALIA**, grande península e reino ao sul da Europa.
- ITHACO**, é Ulysses rei de Ithaca, ilha do mar Egêo.

## J

- JALOFFO**, região da Africa, fronteira a Cabo-Verde.
- JANO**, rei antiquissimo da Italia, ao qual pintavão com dous rostos.
- JAVOS**, os habitantes de Java ou Jaoa, ilha do Oriente.
- JAPÃO**, imperio composto de algumas ilhas sitas ao oriente da Asia, cujo conjuncto se diz contar para mais de 600 leguas de comprimento e 300 de largura.
- JAPETO**, gigante, filho de Titano e da Terra, e pai de Promethêo.
- JAQUETE**, lugar e enseada na costa de Cambaia, onde o mar bate e recúa, na enchente e vasante, com força extraordinaria.



**JASQUE**, ou Carpella, cabo no golpho de Ormuz.

**JOÃO** ou **JOANNE**; faz-se menção de tres, a saber: D. João I, chamado de bôa memoria, filho de D. Pedro I; outro, el-rei D. João II, filho de D. Affonso V; e o ultimo, el-rei D. João III, filho de D. Manoel.

**JORDÃO**, rio que nasce ao pé do monte Libano, e no qual foi baptisado Jesus-Christo.

**JUBA**, rei da Mauritania.

**JUDAICO** rei, entende-se Ezechias, o qual estando por Deus sentenciado á morte, foi milagrosamente salvo.

**JUDÉA**, região da Syria, na Asia-Menor, a qual é parte da Palestina, chamada na Escriptura terra da Promissão. Veja-se *Hierusalem*.

**JUDITHA**, Veja-se *Balduino*.

**JULIANA** manha, a do conde Julião, para perder Hespanha, deixando entrar nella os Mouros por Ceuta, cuja guarda lhe estava confiada.

**JUNO**, filha de Saturno e de Opis, irmã e mulher de Jupiter, deusa dos reinos, e riquezas; chamada tambem Pronuba e Lucina, por presidir ás nupcias e aos partos.

**JUPITER**, filho de Opis e de Saturno, venerado pelos pagãos como o maior de todos os deuses.

## L

**LACEDEMONIOS** ou **SPARTANOS**, povos da antiga Grecia; illustres por seu patriotismo e valor guerreiro.

**LACIO**, região da antiga Italia, onde é situada Roma.

**LACTEA** via, ou Lacteo caminho, larga faixa de estrellas, chamada vulgarmente estrada de Sant-Iago.

**LAGEIA**, é Cleopatra, rainha do Egypto.

**LAMO**, cidade na costa de Melinde.

**LAMPECIA** e **LAMPETHUSA**, irmãs de Phaetonte, e filhas do Sol.

**LANDROAL** ou **ALANDROAL**, povoação no Alemtéjo.

**LAOS**, povos sujeitos ao rei de Sião.

- LAPPIA, provincia da Europa septentrional, hoje chamada Laponia.
- LARA, cidade da Persia, nos confins de Ormuz.
- LARES ou PENATES, os deuses domesticos dos antigos.
- LARISSEA, entende-se Corinís, nympha filha de Leucippo, chamada por outro nome Arsinoe, a qual foi morta por Apollo em razão do adulterio que contra elle commettêra.
- LATONA, mãe de Apollo, ou o Sol, e de Diana, que é a Lua.
- LEÃO, reino hoje incorporado no de Hespanha.
- LEIRIA, cidade de Portugal.
- LEÕA serra, ou Serra-Leõa, fica na costa occidental da Africa.
- LEONARDO, chamava-se Leonardo Ribeiro, soldado que acompanhou Vasco da Gama, e do qual dizem ser muito gracioso e namorado.
- LEONOR, foi D. Leonor Telles de Menezes, mulher de João Lourenço da Cunha, a quem el-rei D. Fernando a tomou, casando-se com ella.
- LEPIDO, foi Marco Lepido, o qual com Cesar Octaviano e Marco Antonio, sendo consules, e inimigos entre si capitaes, vierão a dividir o Imperio Romano, que juntos governarão doze annos, e fizerão uma liga e concerto, em que cada um delles entregasse seus inimigos.
- LEUCATE, promontorio no Egypto, ou Albania, e perto do Cabo Accio.
- LEUCOTHOE, nympha, filha de Orchamo rei de Babylonia, amada por Apollo, o que lhe custou nada menos que a vida. O deus, porém, a converteu depois na arvore que dá o incenso.
- LEVANTE, entende-se o Oriente.
- LIBITINA, deusa dos sepulchros, ou da morte.
- LIBYA, nome antigo da Africa.
- LIPUSCUA, ou GUIPUZCOA, provincia da Biscaia na Hespanha.
- LISBOA, capital e cõrte do reino de Portugal.
- LIVONIOS, povos da Russia.
- LONDRES, cidade antiquissima de Inglaterra, capital da Grã-Bretanha.
- LOTHARINGIA, provincia da Europa, hoje chamada Lorena.
- LOTO, arvore em que foi convertida uma nympha deste nome. Fabulãrão os poetas que o seu delicioso fructo produzia nos que o comião o esquecimento da patria.
- LOURENÇO, é D. Lourenço de Almeida, que defronte de Cananor, com uma pequena frota, derrotou uma poderosa armada do Samori.

- LOURENÇO (S.), ilha formosa na costa oriental da Africa, mais conhecida pelo nome de Madagascar.
- LUIZ, entende-se S. Luiz, nono do nome e quadragésimo quinto rei de França, canonizado santo por Bonifacio VIII em 1197.
- LUSITANIA, antigo nome de Portugal.
- LUSO. Vide *Lysa*.
- LYCIA, região da Asia-Menor, celebre pelo oraculo de Apollo, e cujos moradores, segundo a fabula fôrão convertidos em rãs, por negarem agua a Latona, quando ali passou apertada de sêde.
- LYEO, um dos nomes dados a Baccho, que os antigos tinham por inventor do vinho.
- LYNCES, animaes de vista agudissima.
- LYRA, nome de uma constellação celeste.
- LYSA ou LUSO, companheiro ou filho de Baccho, de cujo nome Portugal se disse Lusitania.

## M

- MACEDONIA ou EMATHIA, provincia da Europa, célebre pelos seus dous reis Philippe e Alexandre.
- MAÇUÁ, cidade na ilha do mesmo nome, na costa d'Africa.
- MADAGASCAR. Veja-se S. *Lourenço*.
- MAFOMA ou MAFAMEDE, arabe, chefe e propheta da seita mahometana. Veja-se *Emina*.
- MAFRA, villa de Portugal.
- MAGALHÃES, Fernão de Magalhães, portuguez, que, aggravado de el-rei D. Manoel, se passou a Castella, donde partio com cinco velas para as ilhas de Maluco, em cuja viagem descobrio o estreito, hoje chamado do seu nome.
- MAGOS, em a lingua persica, mago é synonymo de sabio ou philosopho. Entre nós, porém, toma-se por feiticeiro, e daqui vem que *maga sciencia* significa feitiçaria.
- MAGRICO, alcunha de Alvaro Gonçaves Coutinho, esforçado cavalleiro da casa dos condes de Marialva, e um dos doze portuguezes que passarão á Inglaterra para desaffrontar as damas.

- MAHOMETA**, cousa de Mouros ou Mahometanos.
- MALABAR**, reino da antiga India, á cuja capital, que era Calecut, aportou Vasco da Gama.
- MALACA**, cidade de muito commercio na India, e península do mesmo nome, chamada também Aurea-Chersoneso.
- MALAIOS**, os moradores e naturaes de Malaca.
- MALDIVA**, uma das ilhas deste nome, sitas ao sul da Asia. Abunda principalmente em coqueiros.
- MALUCO**, uma das ilhas Molucas, abundantes em especiarias.
- MANDINGA**, região assim chamada na Africa occidental, banhada pelos rios Niger e Senegal, a qual é muito abundante de ouro.
- MANOEL (D.)**, primeiro do nome e decimo quinto dos reis de Portugal. Foi cognominado o *Venturoso*. No seu reinado se descobriu a India e o Brazil.
- MARATONIOS CAMPOS**, os da Attica na Grecia, onde Melciades, capitão dos Athenienses, desbaratou Date, general de Dario, rei dos Persas.
- MARCELLO**, Marco Marcello, esforçado capitão romano, que venceu Annibal, general dos Carthaginezes. Veja-se *Cannas*.
- MARCIO JOGO**, entende-se a guerra; derivado de Marte, a quem os antigos tinham por deus della.
- MARCOMANOS** ou **MORAVOS**, povos da Allemanha.
- MARIA**, a rainha D. Maria, filha do rei D. Affonso IV de Portugal, e que foi casada com D. Affonso XI de Castella.
- MARIO**, consul e valente capitão romano, mas cruel e deshumano, que afinal se matou por suas proprias mãos.
- MARROCOS**, cidade da Berberia, e cabeça do imperio do mesmo nome.
- MARTE**, filho de Jupiter e de Juno, tido por deus da guerra.
- MARTIM LOPES**, cavalleiro portuguez muito esforçado, o qual recuperou Abrantes, que D. Pedro Fernandes de Castro, hespanhol que andava lançado com os Mouros, conquistára pouco antes.
- MARTINHO**, Martim Affonso de Souza, excellente capitão e governador na India, de quem foi digno successor D. João de Castro.
- MASCARENHAS**; de dous se faz menção: um foi Pedro Mascarenhas, capitão de Malaca, fidalgo muito valoroso, que tomou a ilha Bintão, bem fortificada e defendida; o outro, D. João Mascarenhas, capitão de Dio, que defendeu aquella fortaleza contra o poder de Cambaia e dos Turcos, com menos de 600 portuguezes, até que foi soccorrido, ficando victorioso em batalha campal.

MASCATE, logar no caminho de Socotorá para Ormuz.

MASSILIA ou Mauritania, commummente chamada Berberia, região ao norte da Africa, banhada pelo Mediterraneo e pelo Atlantico.

MATHEUS (D.), bispo de Lisboa, deu batalha a quatro reis mouros, o de Cordova, o de Sevilha, o de Badajoz, e o de Jaen, que vinhão soccorrer Alcacer; com muito menos gente os venceu, ficando mortos todos os quatro reis.

MAVORTE, o mesmo que Marte.

MECA, cidade da Arabia, tida por santa entre os Musulmanos, que a ella fazem annualmente devotas romarias.

MECOM ou Kiou-Long, grande rio da Asia, que descendo da Tartaria atravessa a China, e os reinos de Lao e de Camboja, desaguando no mar da China. Foi ahi que naufragou o cantor dos *Lusiadas*.

MEDEA, filha de Eta, rei de Colchos, famosa feiticeira, que matou e esquarterjou seu irmão para agradar a Jason, praticando depois outras atrocidades.

MEDINA, cidade da Arabia, na qual se diz estar o Çancarrão, ou calcanhar de Mahomet.

MEDITERRANEO mar, o que divide a África da Europa.

MEDUSA, filha de Phorco, e de um monstro marinho; convertia em pedra a quem lhe fitava o rosto; como succedeu a Atlante, rei da Africa, que foi convertido no monte do mesmo nome.

MEGERA, uma das tres furias infernaes.

MELCIADES, capitão Atheniense. Veja-se *Marathonios campos*.

MELIAPOR, ou Mailaput, cidade no reino de Narsinga, em a qual se diz fôra martyrisado o aposto'o S. Thomé.

MELINDE, cidade na costa d'África, cujo rei foi seu pre amigo dos Portuguezes.

MELIQUE YAZ, mouro, que de captivo chegou a ser enhor de Dio. Veja-se *Dio*.

MEM MONIZ, esforçado cavalleiro, filho de Egas Moniz, aio e amo de el-rei D. Affonso Henriques.

MEM RODRIGUES DE VASCONCELLOS, fidalgo mui valoroso no tempo de el-rei D. João I.

MEMNON, ou Memnonio, filho de Titam, e da Aurora.

MEMPHIS, chê-se ser hoje a cidade do Cairo, no Egypto.

MEMPHITICO, quer dizer cousa do Egypto.

MENÃO, grande rio que divide de alto abaixo o reino de Sião.

MENEZES, o primeiro é D. Duarte de Menezes, filho de D. Joã

- de Menezes, conde de Tarouca, mordomo-mór da casa de el-rei D. Manoel, pessoa notavel por sangue e cavallaria ; o segundo D. Henrique de Menezes, de alcunha o Rôxo, de quem atraz se faz menção. Veja-se *Henrique*.
- MEOTIS, lagôa da Scythia na região septentrional. Hoje diz-se mar de Azoff.
- MERCURIO, filho de Jupiter e de Maia, mensageiro dos deuses.
- MEROE, ilha no curso do Nilo, na qual ha uma cidade do mesmo nome, que dizem foi edificada por Caribiz ; hoje se chama Neba.
- MINCIO, rio que passa junto a Mantua, patria do poeta Virgilio.
- MINERVA, filha de Jupiter, deusa da sabedoria e das artes.
- MINHO, rio que divide Portugal da Hespanha.
- MINIAS, povos da Thessalia, que passárão a Colchos na não *Argos*, em conquista do vello de ouro.
- MIRALMUMINIM, na lingua arabica quer dizer *Principe dos crentes*, e assim se intitulavão os imperadores de Marrocos.
- MIRHOCEM, um capitão do soldão do Egypto.
- MOÇAMBIQUE, possessão portugueza na costa d'Africa oriental. Por ella fazião escala as náos da India.
- MOÇANDÃO, ou Asaboro, cabo da Arabia á entrada do golpho Persico.
- MOGOR, ou Mogol, vasto imperio na Asia central.
- MOLOSO, é o lebrêo, chamado assim de Molosia, provincia do Epyro, donde vêm os melhores.
- MOMBAÇA, cidade na costa de Melinde.
- MONÇAIDE, mouro de Tunis, que estava em Calecut quando Vasco da Gama ali chegou, e se fez tão familiar dos Portuguezes, com quem havia communicado em Orão, que com elles veio para este reino, onde abraçou a fé de Christo, e se baptisou.
- MONDEGO, rio que nasce e morre em Portugal.
- MORPHÊO, o deus do somno.
- MOSCOS, os de Moscovia.
- MOSCOVIA, por outro nome a Russia, vastissimo imperio na Europa e Asia.
- MOURA, villa do A'emtéjo.
- MOYSÉS, primeiro legislador dos Hebrêos.
- MULUCA, rio do reino de Féz na Africa.
- MURICE, marisco do qual se tira uma tinta purpurea.
- MUSAS (as nove), filhas de Jupiter e de Mnemosyne ; presidião á composição dos versos, sendo por isso invocadas dos poetas.
- MYRRHA, filha de Cinyras, rei de Chypre, com o qual teve copula incestuosa, cujo fructo foi Adonis.

## N

- NABATHÊOS montes, ou Nabatheas serras, as terras do oriente da Arabia.
- NAIADES, ou Naides, nymphas dos rios e das fontes.
- NAIRES, sobrenome pelo qual se designão os nobres entre os Malabares
- NAPOLES, chamada pelos antigos Parthenope, de uma syrena deste nome, formosa cidade e cabeça do reino do mesmo nome, que hoje faz parte do da Italia.
- NARSINGA, reino do Oriente, chamado tambem Bisnagá.
- NAVARRA, antigo reino, e hoje provincia de Hespanha.
- NECTAR, hebida dos deuses.
- NEMÊO, animal, o leão que Hercules matou no bosque do mesmo nome em Achaia.
- NEMESIS, ou Rhamnusia, filha do Oceano e da Noite, e tida por deusa da justiça.
- NEPTUNO, filho de Saturno e de Opis, soberano deus do mar. Toma-se tambem algumas vezes pelo mesmo mar.
- NEREIDAS, nymphas filhas de Nerêo, e de Doris.
- NERÊO, deus marinho, filho do Oceano e Thetys, e pai das Nereidas; figuradamente se toma tambem pelo mesmo mar.
- NERO, cruelismo imperador dos Romanos.
- NHAIA (Pero da), castelhano, mas morador em Santarém, o qual construiu a fortaleza de Sofala, matando o rei da terra, que lh'o queria impedir.
- NICOLÁO (Sacro), o bemaventurado S. Nicoláo, advogado dos navegantes.
- NICOLÁO COELHO. Veja se *Coelho*.
- NILO, grande rio do Egypto, e um dos maiores do mundo, o qual divide a Africa da Asia, entrando no mar por sete bocas.
- NILOTICAS enchentes, as do Nilo.
- NINO, filho de Bello, rei da Assyria, e de Semiramis, a qual, dizem, fôra creada por pombas.
- NIOBE, filha de Tantaló, irmã de Pelope, e mulher de Amphion, rei de Thebas, convertida em pedra, por julgar-se superior a Latona.
- NISE, nympha do mar, filha de Nerêo.

**NOBA.** Veja-se *Meroe*.

**NOCTURNO** deus, é Erebo, que os poetas fazem casado com a Noite, porteiro do Sol.

**NOÉ,** pai de Sem, Cham, Japhet, e o primeiro patriarca da segunda idade; foi elle que depois do diluvio ensinou o modo de plantar as vinhas.

**NORONHA,** D. Garcia de Noronha, vice-rei da India.

**NORUEGA,** provincia da Europa septentrional, hoje reino unido ao da Suecia.

**NOTO,** o vento sul ou vendaval.

**NUNO ALVARES PEREIRA,** condestavel de Portugal, valente e destemido guerreiro, de cujas proezas estão cheias nossas historias.

**NYMPHAS,** as do mar chamão-se Naiades ou Nereidas; as dos montes Oreades; as dos bosques e arvores Driades, Hamadriades e Napéas.

**NYSA,** cidade, patria de Baccho, ao qual por isso chamavão Nyséo.



**OBI,** rio do Oriente.

**OBIDOS,** villa de Portugal.

**OCEANO,** filho de Celo e Vesta, rei do mar e pai de todos os rios e fontes. Toma-se pelo proprio mar em linguagem poetica.

**OCTAVIANO,** Cesar Octaviano, imperador de Roma, e mais conhecido pelo nome de Augusto.

**OCTAVIO,** o mesmo que Octaviano.

**OGYIA,** ilha no mar Jonio.

**OIA,** cidade na costa de Melinde.

**OLYMPICA** morada, o céo, morada dos deuses.

**OLYMPO,** monte da Macedonia, tido entre os Gregos pelo mais alto do mundo, e figuradamente se toma pelo céo.

**OMPHALE,** rainha da Lydia, por quem Hercules fez grandes extremos, até fiar e lavar como mulher.



- OPHIR, região celebre na Biblia, como abundantissima de ouro; alguns têm, para si, que é a ilha Sumatra, junto a Malaca.
- ORIÁS, povos das margens do Ganges.
- ORIENTE, um dos quatro pontos cardeaes; toma-se pela India e reinos asiaticos.
- ORIONTE ou Orion, constellação celeste junto ao signo de Tauro; os poetas o fazem filho de Neptuno e de Mercurio, gerado na ourina de ambos.
- ORITHYA, nympha do mar, amada do vento Boreas.
- ORIXÁ, reino do Indostão, no golpho de Bengala.
- ORLANDO, um dos antigos paladinos, de cujas proezas tomou Ariosto assumpto para o seu celebre poema.
- ORMUZ, cidade da India, fundada na ilha Gerum, á entrada do golpho Persico.
- ORPHÊO, filho de Apollo e da musa Calliope, poeta excellentissimo, e amante de Euridice.
- OTTOMANO, nome dos imperadores turcos.
- OURIQUE, villa de Portugal.

## P

- PACHECO, é Duarte Pacheco Pereira, que venceu sete vezes o Samorim, Imperador do Malabar. Tratado por el-rei D. Manoel com a maior ingratidão, viveu e morreu em um hospital.
- PACTOLO, rio da Lydia, que dizem levar arêas de ouro.
- PADO, também chamado Pó, e pelos Gregos Eridano, grande rio ao norte da Italia.
- PAIO, é D. Paio Corrêa, portuguez, mestre de Calatrava em Castella; obrou notaveis façanhas contra os Mouros.
- PALLAS, nome dado a Minerva.
- PALMELLA, villa de Portugal, e cabeça da Ordem de Sant-Iago neste reino.
- PAM, reino da Asia (não se confunda com Pan, deus dos pastores.)
- PANANE, uma das principaes povoações de Calecut.
- PANCHAIA, região da Arabia, celebre pela producção do incenso.
- PANONIOS, os de Panonia, agora dita Hungria.

PANOPEÁ, uma das Nereidas.

PANTHEA, mulher de Abradatas. Veja-se *Araspis*.

PAPHIA deusa, é Venus.

PAPHOS, cidade da ilha de Cypre, dedicada a Venus, donde foi chamada Paphia.

PARCAS, são tres: Cloto, Lachesis, e Atropos, filhas de Erebo e da Noite. Presidião aos destinos da vida humana, e se pintava Cloto com a roca, Lachesis fiando e Atropos cortando o fio.

PARES, ou Paladinos, nome dado aos doze cavalleiros que Carlos Magno escolheu entre os principaes do seu reino para o acompanharem na guerra.

PARNASO, monte da Phocida, dedicado ás musas. Junto delle estava a fonte Castalia, cujas aguas bebidas inspiravão aos mortaes o genio da poesia.

PARSEOS, o mesmo que Persas.

PARTHENOPE. Veja-se *Napoles*.

PATANES, povos da India, poderosos em gente, e terras.

PAULO, um foi o apóstolo S. Paulo, que sendo levado preso a Roma, padeceu no mar grandissima tormenta; o outro, Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama, e seu companheiro no descobrimento da India.

PEDRO; allude-se no poema a varios individuos deste nome: o 1º, o apóstolo S. Pedro; o 2º, D. Pedro, rei de Portugal, filho de el-rei D. Affonso IV; o 3º, o infante D. Pedro, filho de el-rei D. João I, duque de Coimbra e Governador do Reino na menoridade de el-rei D. Affonso V, seu sobrinho; viajou pela Allemanha, e por outros paizes: o 4º, o conde D. Pedro, filho de D. João Affonso de Menezes, conde de Vianna, foi o primeiro capitão e Governador de Ceuta, a qual defendeu valorosamente contra toda a Barberia; o 5º, D. Pedro de Souza, capitão de Ormuz, muito esforçado cavalleiro; e o 6º Pedro Rodrigues, chamado do Alandroal, por ser alcaide-mór desta villa, em tempo de el-rei D. João I.

PEGÚ, reino oriental, rico em ouro, e abundante de mantimentos.

PELÊO, rei da Thessalia, o qual foi casado com Thetis, deusa do mar.

PENATES. Veja-se *Lares*.

PENO asperrimo, é Annibal.

PERILLO, engenhoso, artista, natural de Athenas, o qual por prazer ao tyranno Phalaris, inventou um touro de metal para ser instrumento de martyrio. As victimas erão mettidas dentro,

- e accendendo-se fogo debaixo, a machina bramava como o animal por ella representado. Diz-se que fôra o proprio artifice o primeiro que, por ordem de Phalaris, padeceu esta cruel morte.
- PERISTHERA, nympha que Venus converteu em pomba.
- PERITHOO, filho de Ixion, amigo intimo de Thesêo.
- PERSAS, os naturaes da Persia.
- PERSIA, região da Asia.
- PHAETON, ou Phaetonte, filho do Sol e de Climene; querendo governar o carro de seu pai, abrazou o mundo, até ser por Jupiter fulminado com um raio.
- PHALARIS, rei da Sicilia e tão tyranno que não só roubava os vassallos, mas tinha grande prazer na variedade de supplicios que excogitava para os atormentar. Veja-se *Perillo*.
- PHARAÓ, rei do Egypto, castigado de Deus por mandar lhe levassem á casa Sara, mulher de Abrahão.
- PHASIS, rio grandissimo que nasce no monte Caucaso, e passa por Colchôs, chamada hoje Mingrelia, provincia da Asia.
- PHEACES, ilha, hoje Corfú, da qual era natural Demodoco, musico excellente.
- PHEBO e APOLLO, são nomes do Sol; tanto este como a Lua, segundo as ficções mythologicas, fôrão filhos de Jupiter e Latona, e nascidos na ilha de Delos.
- PHENIX, ave unica, e só no mundo, a qual, segundo as antigas crenças vivia na Arabia.
- PHILIPPE (D.), de Menezes, capitão de Ormuz, o qual houve grandes victorias na India.
- PHILIPPICOS campos, os da cidade Philippos, onde se travou a batalha entre Cesar e Pompeu, e depois outra de Octaviano e Marco Antonio contra Bruto e Cassio, ultimos mantenedores da republica.
- PHILIPPO, rei da Macedonia, pai de Alexandre, cognominado o Grande.
- PHILOMELA, o rouxinol em que foi convertida a filha de Pandion, rei de Athenas, assim chamada. Veja-se *Progne*.
- PHLEGON, um dos cavallos do Sol.
- PHOCAS, lobos marinhos.
- PHORMIÃO, philosopho da seita dos peripateticos. Indo um dia Annibal ouvi-lo á sua escola, fez-lhe um largo discurso sobre deveres do general e cousas de guerra, e fallou com tamanha eloquencia que todos os circumstantes ficárão admirados, com excepção de Annibal, que o tomou por louco.

- PHRYGIOS, os Troyanos.
- PINDO, monte da Macedonia, dedicado a Apollo e ás musas.
- PLINIO, Caio Plinio Segundo, natural de Verona, viveu no tempo de Vespasiano. Escreveu a mui notavel *Historia Natural*, e morreu em uma irrupção do Vesuvio, querendo examinar de perto aquelle phenomeno.
- PLUTÃO, rei dos Infernos, segundo a mythologia.
- POLEAS, casta de gente vil na India, e havida em tal desprezo, que o naire que com elles trata tem pena de morte.
- POLICENA, filha de Priamo, rei de Troya. Veja-se *Pyrrho*.
- POLIDORO, filho de Priamo, rei de Troya, morto por Polimnestor, rei de Thracia, para roubar-lhe os thesouros que comsigo levava.
- POLIMNESTOR, rei de Thracia.
- POLONIOS, os da Polonia.
- POLOS, os dous pontos astronomicos a que chamamos Norte e Sul; e de ordinario este nome se toma pelo céo.
- POLYPHEMO, cyclope, o qual dizem os poetas que tinha um só olho na testa. Era fero, cruel e anthropophago.
- POMONA, deusa dos fructos e dos jardins.
- POMPÊO, chamado Magno por suas victorias, mas afinal vencido por Julio Cesar.
- POMPILIO, Numa Pompilio, rei dos Romanos, o qual depois de fazer pazes com os inimigos, se entregou de todo ao culto dos deuses.
- POMPONIO, cognominado Mella, geographo, e autor dos livros *De Situ Orbis*.
- PONDÁ, fortaleza de Hidalcão, tres leguas de Gôa pelo sertão dentro.
- PORO, antigo rei de Guzarate, muito esforçado e bellicoso.
- PRASSO (promontorio), é o que commumente chamamos cabo das Correntes.
- PROMETHÊO, filho de Japeto; trouxe do céo o fogo, roubado ao carro do Sol, com que deu vida ás estatuas de homens que havia fabricado. Jupiter, para castigar tal atrevimento, o fez amarrar sobre o monte Caucasos, onde uma aguia lhe devorava o figado, que successivamente lhe renascia.
- PRONGNE, filha de Pandion, rei de Athenas, e irmã de Philomela; matou seu filho, e o deu a comer a Tereo, seu marido. Foi convertida depois em andorinha.
- PROTHÊO, deus marinho, e guardador das phocas de Neptuno.

Tinha o dom de predizer o futuro, e de transformar-se sob diversas fórmãs.

PTOLOMEU, astrólogo insigne, natural de Alexandria, no Egypto. Veja-se *Arsinoe*.

PYRENE, filha de el-rei Eebryce, a qual foi sepultada nos montes, que de seu nome se chamárão Pyreneos, e dividem a França da Hespanha.

PYRENEO. Veja-se *Pyrene*.

PYROES, um dos cavallos do Sol.

PYRRHO, filho de Achilles e de Deidamia; para vingar a morte de seu pai, sacrificou em seu sepulchro Policena, filha de Priamo, rei de Troya.

## Q

QUEDÁ, cidade do reino de Sião.

QUILMANCE, ou Quilmãne, cidade na costa oriental da Africa.

QUILOA, cidade na costa de Melinde.

QUINTO FABIO, cognominado Maximo, dictador romano, que conseguiu aniquilar Annibal, soccorrendo-se de estratagemas, e evitando batalhas campaes.

QUIRINO, é Romulo, fundador de Roma.

## R

REGULO (Marco Atilio), consul romano, que antepôz a propria morte á ruina da patria.

REPELIM, cidade no Malabar.

RHAMNUSIA, o mesmo que Nemesis, deusa da justiça.

RHAUDANO, rio que nasce nos Alpes.

RHENO, rio que marcava os limites das fronteiras entre França e Allemanha.

RHIPHEOS, montes septentrionaes da Scythia.

RHODAMONTE, famoso paladino. Veja-se *Pares*.

- RHODES, ilha no mar Carpathio, antigo assento dos cavalleiros de S. João, hoje chamados de Malta.
- RHODOPE, monte da Thracia.
- ROÇALGATE, cabo na Arabia Feliz, onde começa o reino de Ormuz.
- RODRIGO, chamado communmente o Cid Ruy Dias, famoso guerreiro hespanhol, que ganhou varias terras aos Mouros, e houve delles victorias.
- ROGEIRO, um dos Paladinos, companheiro de Orlando.
- ROMA, celebre em antigos e modernos tempos, a qual de humilde origem veio a ser centro do maior Imperio do mundo, e depois metropole do catholicismo.
- ROMANOS, os de Roma.
- ROMULO, o primeiro rei de Roma.
- RUMES, são os Turcos, chamados assim por virem (como o poeta suppoz) da casta dos Romanos.
- RUTHENOS, chamados por outro nome Roxolanos, os do reino da Polonia.
- RUY PEREIRA, cavalleiro esforçado, e leal portuguez no tempo de D. João I.

## S

- SABÁ, rainha da Ethiopia.
- SABEAS costas, as da Arabia, onde está a cidade Sabá, abundante de incenso e de especies odoriferas.
- SALACIA, ou Amphitrite, deusa do mar, mulher de Neptuno.
- SALADINO, soldão do Egypto, e conquistador de Jerusalém em 1187.
- SALAMINA, ilha no mar Egêo, onde Xerxes, rei da Persia, foi derrotado por Themistocles. Querem os seus naturaes que nella nascesse o poeta Homero.
- SAMARIA, cidade da Syria, entre Judéa e Galiléa.
- SAMNITICO jugo. Veja-se *Caudinas forcas*.
- SAMORI, nome appellativo do senhor de Calecut, vale tanto como Imperador.
- SAMPAIO, Lopo Vaz de Sampaio, Governador na India, onde fez cousas notaveis.

- SANAGÁ, rio que divide a terra dos Azenegues na Africa, dos primeiros negros de Guiné, chamados Gelofoos ou Jalofos.
- SANCHO, trata-se de dous : um el-rei D. Sancho I, filho de D. Affonso Henriques, esforçado e valeroso ; o outro el-rei D. Sancho, filho de D. Affonso II, remisso e descuidado, pelo que perdeu o reino.
- SANSÃO, hebrêo, ou israelita, da tribu de Dan ; dotado de forças extraordinarias, com que muitas vezes venceu os Philistêos ; porém o segredo dessas forças estava nos cabellos, que Dalila lhe cortou quando dormia.
- SANTARÉM, villa (hoje cidade) de Portugal, proxima do Tejo, a quatorze leguas ou setenta kilometros de Lisboa.
- SANT-IAGO, o apostolo padroeiro da Hespanha.
- SARA, mulher de Abrahão. Veja-se *Pharabó*.
- SARAMA. Veja-se *Perimal*.
- SARDANAPALO, ultimo rei dos Assyrios, tido por monstro de sensualidade e luxuria.
- SARMACIO oceano, mar de Sarmacia.
- SARMATAS, os de Sarmacia, provincia antiga, hoje Livonia.
- SARRACENOS, nome de que os Musulmanos se jactão, dizendo-se procedentes de Sara, mulher de Abrahão.
- SATURNO, filho de Delo e de Vesta, do qual se diz que devorava todos os filhos que Opis sua mulher dava á luz ; pelo que se toma por figura do tempo, que tudo gasta.
- SAUL, primeiro rei de Israel, em cujo tempo David matou o soberbo gigante Goliath ou Golias.
- SAXONES, povos da Allemanha.
- SCABELICASTRO, é Santarem.
- SCEVA ; Cassio Sceva, capitão romano valorosissimo no exercito de Cesar.
- SCINIS ou Sinnis, ladrão mui esforçado, costumava matar es seus hospedes com diversos generos de tormentos.
- SCIPIÃO, Publio Cornelio Scipião, por antonomasia o *Africano*, em razão das victorias que alcançou em Africa, e da destruição de Carthago.
- SCYLLA ; de duas se faz menção : uma a filha de Phorco, e amante de Glauco, convertida por Circe em um cachopo que está no estreito de Messina ; outra a filha de Niso, rei de Meçara, que fez morrer de dôr seu pai, por amar o rei Minos.
- SCYTHAS, os de Scythia, antiga região do norte.
- SEMELE, mãe de Baccho.

- SEMICAPRO peixe, o signo de Capricornio, que se pinta meio peixe meio cabra.
- SEMIRAMIS, rainha dos Assyrios e mãe de Nino; celebre não menos por sua luxuria, que por seu esforço e formosura. Veja-se *Nina*.
- SÉQUANA ou Sena, o rio que atravessa a cidade de Pariz.
- SERPA, villa de Portugal.
- SEPTENTRIONAL meta, o polo norte
- SERTORIO, natural de Nursia, cidade da Italia, o qual reco'hendose á Hespanha, guerreou dahi os Romanos, com vantagem, obtendo delles victorias. Fez seu assento em Evora, que ennobrecceu com edificios e um aqueducto.
- SEVILHA, cidade da Hespanha, pela qual passa o rio Betis.
- SIÃO, reino poderoso no oriente da Asia.
- SICHEM, filho de Hemor; havendo raptado Dina, filha de Jacob, foi morto pelos irmaões desta, com todos os seus, e a sua terra destruida.
- SICILIA, ilha celebre do Mediterraneo, separada da Italia pelo estreito de Messina.
- SICULO (mar), o da Sicilia.
- SIENE, cidade do Egypto, collocada quasi debaixo da linha equinocial.
- SINAI, monte da Arabia, onde Deus deu a lei a Moysés. Ha nelle um mosteiro dedicado á Santa Catharina, que ahi tem a sua sepultura.
- SINON, grego traidor, celebrado por Virgilio quando trata da destruição de Troya.
- SINTRA ou Cintra, villa de Portugal, celebre pela amenidade do seu clima no estio, e por outras bellezas dignas de attenção.
- SIQUEIRA (Diogo Lopes), succedeu na governança da India a Lopo Soares de Albergaria; e foi o primeiro que entrou pelo estreito do Mar-Rôxo com uma armada.
- SIRACUSA, o mesmo que Sicilia.
- SIRENAS ou Serêas, monstros com meio corpo de mulher, e cauda de peixe ou ave.
- SMIRNA, cidade da Asia-Menor; a qual, segundo a mais corrente opinião, é tida por patria de Homero.
- SOARES, Lopo Soares de Albergaria, successor de Affonso de Albuquerque no Governo da India.
- SOCOTORÁ, ilha entre o cabo de Fartaque e o de Guardafú.
- SOFALA, reino na costa oriental da Africa.



- SOLDÃO, titulo dado aos soberanos musulmanos do Egypto.
- SOPHENOS, os de Sopheno, provincia de Suria, gente molle e effeminada.
- STRABO. Veja-se *Estrabo*.
- SUÁQUEM, cidade e ponto importante do Mar-Rôxo, cercada do mar á maneira de ilha.
- SUECIOS, os da Suecia, ou Escandinavia.
- SUEZ, logar notavel na costa do Mar-Rôxo, antigamente dito Arsione, do nome de sua fundadora.
- SUMANO, o mesmo que Plutão, deus dos infernos.
- SUMATRA, ilha grandissima, no Oriente.
- SUNDA, ilha do Oriente, além de Sumatra, celebre pela sua pimenta.
- SYLLA, nobre romano, da familia dos Scipiões, mas cruel e facinoroso. Depois de ser dictador, veio a morrer miseravelmente.
- SYLVES, cidade do Algarve.

## T

- TAGIDES, as nymphas do rio Tejo, ou Tago.
- TANAIS, rio que divide a Asia da Europa; é hoje chamado Don.
- TANGER, cidade de Marrocos, conquistada pelos Portuguezes.
- TANOR, logar na costa de Melinde.
- TAPROBANA. Veja-se *Ceilão*.
- TARIFA, antigamente Tarteso, cidade de Andaluzia.
- TARPEIA, filha de Tarpeio Romano, Governador da fortaleza de Roma; cubiçosa de umas manilhas, que os Sabinos, inimigos dos Romanos, lhe promettêrão, facilitou-lhes a entrada no castello, mas em logar das manilhas recebeu a morte como premio da traição.
- TARQUINO (Sexto) filho de Tarquino, o *Soberbo*. Violentou Lucrecia, mulher de Collatino, e foi por isso expulso de Roma, com todos os seus, sendo a monarchia substituida por republica.
- TARRAGONEZ, o da provincia Tarragonense, em Hespanha.
- TARTESIOS, os Andaluzes. Veja-se *Tarifa*.
- TAURO, grande cordil eira de Montes, que atravessa a Asia.
- TAVAI, cidade do reino de Pegú.

- TAVILA ou Tavira, cidade do Algarve.
- TEJO, rio celebrado dos antigos por suas arêas de ouro. Nasce nas serras de Conca, na Castella a Velha, e entra no oceano a quatro leguas de Lisboa.
- TEMITISTÃO, cidade do Mexico.
- TENESSARI, cidade de Sião, da qual, e de Quedá, se exporta muita e excellente pimenta.
- TERESA, mulher do Conde D. Henrique, pai de el-rei D. Affonso Henriques; foi filha de D. Affonso VI, cognominado Imperador da Hespanha.
- TERNATE, ilha volcanica, uma das chamadas Molucas.
- TETHYS, filha de Celo e de Vesta, deusa do mar; e de ordinario se toma pelo mesmo mar. Segundo a mythologia, é diferente de Thetis, esposa de Pelêo e mãe de Achilles.
- THAUMANTE, pai de Iris, mensageira dos deuses; toma-se tambem pelo arco-iris.
- THEBANO, é Baccho, porque sua mãe Semele foi natural de Thebas.
- THEMISTOCLES, famoso general atheniense.
- THEOTONIO, D. Theotónio, prior de Santa Cruz de Coimbra, depois canonisado santo.
- THERMODOONTE, rio de Themyscira, região vizinha da Cappadocia, onde vivião antigamente as Amazonas.
- THERMOPYLAS, passo aspero e estreito na Grecia, o qual Leonidas, rei de Esparta, com pouca gente defendeu contra o poder de Xerxes, rei dos Persas.
- THESÊO, filho de Egêo, rei de Athenas, herôe emulo de Hercules, e amigo de Perithoo.
- THESIPHONIO ou Ctesiphonio, architecto famoso, que construiu o templo de Diana em Epheso.
- THOMÉ, S. Thomé Apostolo, que padeceu martyrio na cidade de Meliapor, onde está sepultado seu corpo.
- THRACES, os de Thracia, hoje Romania, na Grecia.
- THYONEO, sobrenome dado a Baccho.
- TIBRE, rio mui nomeado da Italia, o qual separa o Janiculo de Roma.
- TIDORE, uma das ilhas Molucas.
- TIGRIS, rio da Armenia-Menor.
- TIMAVO, rio de Veneza, que entra no mar Adriatico.
- TIMOR, uma das Molucas, na Oceania.
- TINGE, hoje Tanager, cidade da Mauritania, edificada por Anthêo.

- TINGITANA (terra), quer dizer a Berberia.
- TITAM, pai ou esposo da Aurora, segundo a mythologia.
- TITO, Imperador Romano, filho de Vespasiano, o qual tomou Jerusalém, devastando-a, e incendiando-a.
- TOBIAS, nome celebrado na sagrada Biblia. Por seu guiador se entende o Archanjo S. Raphael. Veja-se *Gabello*.
- TOLEDO, antigo reino, hoje provincia e cidade da Hespanha.
- TONANTE, sobrenome dado a Jupiter.
- TORMENTORIO (cabo), o de Bôa-Esperança.
- TORO, cidade da Arabia, distante 18 leguas do monte Sinal. É muito falta d'aguas.
- TORQUATO (Tito Manlio), general romano tão observador da disciplina militar, que fez morrer seu proprio filho, ainda que vencedor, por haver combatido contra sua ordem.
- TORRES-VEDRAS, villa de Portugal.
- TRAJANO, Imperador Romano, hespanhol de nação; sujeitou varias nações por mar e por terra, conquistando até a India.
- TRANCOSO, villa de Portugal.
- TRITÃO, filho de Neptuno e de Salacia, tido por trombeteiro e correio dos deusos maritimos.
- TROPICOS; são dous: um chamado de Cancro, á parte do norte; outro de Capricornio, da banda do sul.
- TROYA, cidade celebre da Phrygia, na Asia-Menor, junto do Hellesponto. Foi destruida pelos Gregos, depois de dez annos de cêrco.
- TRUDANTE, cidade populosa da Berberia.
- TURCOS, os da Turquia.
- TURQUIA, é hoje o grande Imperio Ottomano, e divide-se em europêa e asiatica.
- TUSCOS ou Toscanos, os de Toscana, região da Italia.
- TUTUÃO ou Tetuão, cidade de Marrocos.
- TUY, cidade da Galliza.
- TYPHEAS armas, os raios de Jupiter.
- TYPHÊO, gigante, filho de Titan e da Terra, inimigo de Jupiter e dos outros deuses, a quem pretendeu desthronar, escalando para isso o céu.
- TYRIA côr, a grã, chamada assim de Tyro, cidade da Phenicia, onde se fabricava a mais estimada.
- TYRINTHIO, é Hercules, chamado assim de Tyrinthia, sua patria.
- TYRIOS, os de Tyro, havidos por fundadores de Cadiz.
- TYTIRO, pastor celebrado de Virgilio.

## U

ULCINDE, reino da Asia, entre Persia e Cambaia.

ULYSSEÁ, nome dado a Lisboa.

ULYSSES, o mais astuto e sabio dos principes gregos, que fôrão á guerra troyana ; foi filho de Laertes, rei de Ithaca, e passa por haver sido fundador de Lisboa.

UNGARO ou Hungaro, o de Hungria, donde alguns pretendêrão que fôsse originario o conde D. Henriques.

URSAS, são as constellações celestes, que chamamos guardas do norte.

## V

VANDALIA, a Andaluzia, chamada assim dos Vandalos, povos do norte, que invadirão a Hespanha.

VASCO DA GAMA, o celebre navegador portuguez, que conseguiu descobrir o caminho do mar para a India.

VENEREO, cousa de Venus.

VENEZA, cidade formosa e rica, edificada no mar Adriatico pelo qual está cercada ; antiga republica, e emporio do commercio do Oriente antes da descoberta de Vasco da Gama.

VENUS, tida por deusa da formosura e dos amores lascivos.

VESPERO, ou Hespero. é o planeta Venus, que todos os dias se vê ao nascer e ao pôr do Sol.

VESTA, filha de Saturno e de Opis, mãe de Thetys, senhora do mar.

VIRIATO, valente guerreiro lusitano, que durante 14 annos lutou com o poder de Roma, que pretendia senhorear a Lusitania, até ser atraçoado e morto pelos seus.

VULCANO, filho de Jupiter e de Juno, venerado por deus do fogo, e se toma pelo mesmo fogo ; cria-se que elle com os Cyclopes fabricava os raios para Jupiter seu pai. Foi casado com Venus, e fez tambem as armas a Eneas, seu enteado.

## X

XEQUE, voz arabica, quer dizer governador.

XEREZ, cidade da Hespanha.

XERXES, filho de Dario, poderosissimo rei dos Persas, celebre por sua ambição e soberba.

## Z

ZAIRE, grande rio da Africa occidental.

ZEBELLINOS (animaes), são os arminhos.

ZEILA, logar na costa da Africa oriental.

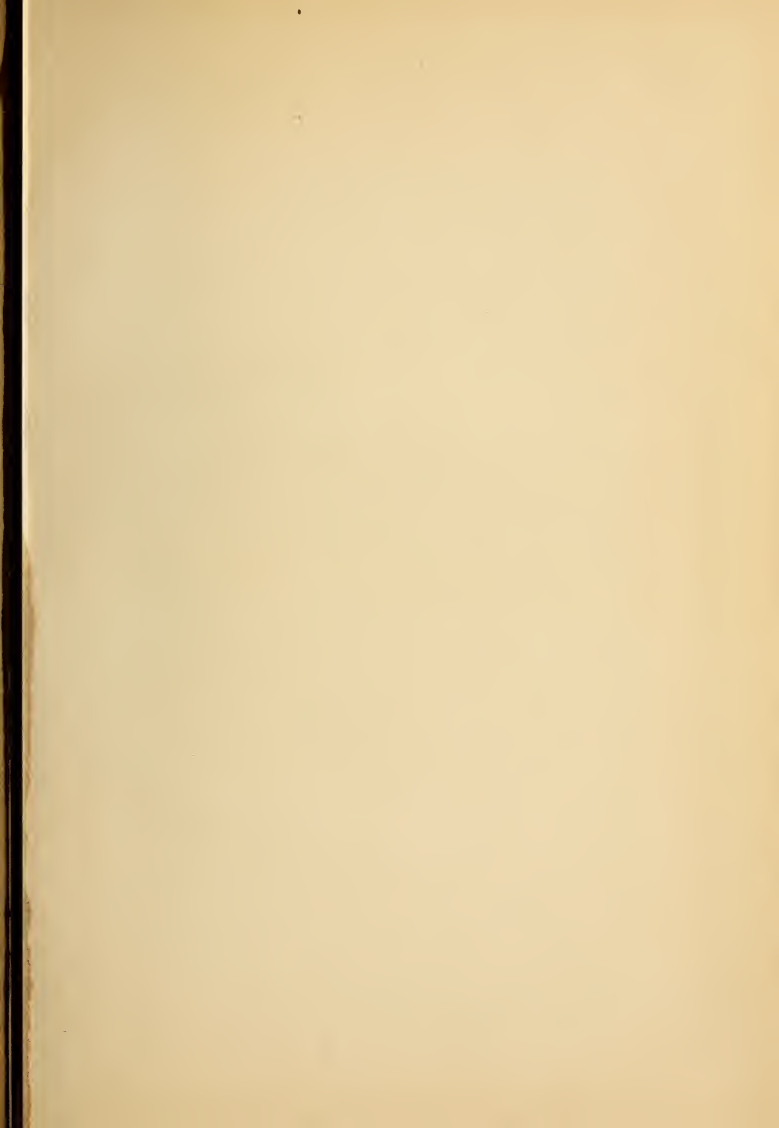
ZELANDA, terra do norte.

ZÉPHIRO, vento suave que por outro nome chamamos Favonio ; os poetas o fazem casado com Flora, deusa das flôres.

ZOPYRO, vassallo de Dario, rei dos Persas, que por astucia conseguiu a tomada de Babilonia.

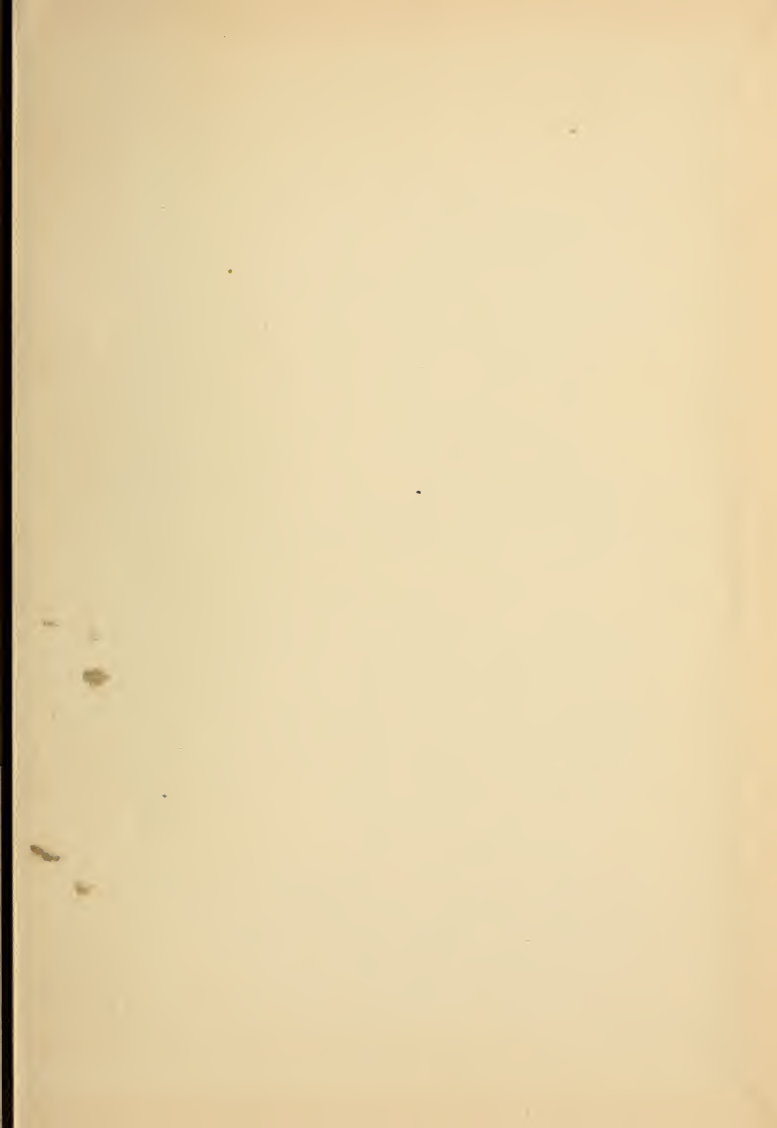


DEC -1 1934









LIBRARY OF CONGRESS



0 027 250 855 0